



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE HUMANIDADES, ARTES E CIÊNCIAS
PROGRAMA MULTIDISCIPLINAR DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
CULTURA E SOCIEDADE

***A HETERONORMATIVIDADE ENSINADA “TINTIM POR TINTIM”: UMA ANÁLISE
DAS REVISTAS ATREVIDA E CAPRICHOS***

por

PATRÍCIA CONCEIÇÃO DA SILVA

Orientador: Prof. Dr. LEANDRO COLLING

SALVADOR, 2010

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE HUMANIDADES, ARTES E CIÊNCIAS
PROGRAMA MULTIDISCIPLINAR DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
CULTURA E SOCIEDADE**

***A HETERONORMATIVIDADE ENSINADA “TINTIM POR TINTIM”: UMA ANÁLISE
DAS REVISTAS ATREVIDA E CAPRICHIO***

por

PATRÍCIA CONCEIÇÃO DA SILVA

Orientador(a): Prof. Dr. Leandro Colling

Dissertação apresentada ao Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre.

**SALVADOR
2010**

AGRADECIMENTOS

São muitos e especiais...

Ao Programa Multidisciplinar de Pós-graduação em Cultura e Sociedade e seus professores, pelos conhecimentos que levarei pelo resto da minha jornada.

A Leandro Colling, orientador fechativo e de atento olhar queer.

À minha família, pelo apoio incondicional.

A Elton Linton, namorado e companheiro de todas as horas, por tornar essa árdua trajetória mais leve e cheia de graça.

Aos colegas do CuS, especialmente a antiga geração (Matheus, Maycon, Cíntia, Marcelo, Helder e João) pelas discussões teóricas, reflexões e, é claro, diversão.

A Tess Chamusca, amiga de sempre com quem compartilhei dúvidas e angústias.

Aos meus amigos, especialmente Priscilla, Tubias e Carol, pelos bons momentos de descontração.

A toda equipe do ELSA Brasil pela força e compreensão.

A Dani Feitosa, pelo help providencial aos 45 do segundo tempo.

A todos/as aqueles que me ajudaram nesse caminho, por suas contribuições teóricas e/ou afetivas.

RESUMO

Este trabalho analisa textos publicados por duas revistas brasileiras voltadas para adolescentes – *Atrevida* e *Capricho* - que tratam de temas relacionados a gênero e sexualidade. O intuito é compreender de que forma as revistas constroem as identidades sexuais de suas leitoras e, ainda, quais normas regulatórias dos corpos, desejos e comportamentos sexuais estão presentes nessas publicações. Para refletir até que ponto as abordagens sobre gênero e sexualidade estão inscritas numa perspectiva heteronormativa, as edições do ano de 2008 das duas revistas foram analisadas a partir de algumas reflexões fundamentais na Teoria Queer e de demais trabalhos inscritos nos chamados Estudos Gays e Lésbicos. Por meio da análise de quatro aspectos principais - as concepções de sexo, gênero, desejo e prática sexual nas revistas; a trajetória de vida construída para as adolescentes nas publicações; a construção e a legitimação do casal heterossexual em suas páginas; os ideais de corpo, aparência e vestuário – foi possível refletir sobre como a heterossexualidade atua como norma pela qual passa a própria constituição do “ser menina”. Os resultados da análise apontam os caminhos pelos quais as diversas normas regulatórias são abordadas e reforçadas nas publicações e, ainda, problematizam se a atuação dessas normas permite o surgimento de lacunas que funcionam como espaços de fuga do padrão heterossexual.

Palavras-chave: adolescência; revista; sexualidade; gênero; teoria queer.

ABSTRACT

This work analyzes some texts published in two magazines for Brazilian teenagers - *Atrevida* and *Capricho* - that address issues related to gender and sexuality. The intent is to understand how the magazines build the sexual identities of its readers and also which regulatory norms of bodies, desires and sexual behaviors are presented in these publications. In order to speculate the extent to which the approaches about gender and sexuality are inscribed within a heteronormative perspective, editions of 2008 from both magazines were analyzed from some fundamental reflections on Queer Theory and Lesbian and Gay Studies. Through the analysis of four major aspects - the concepts of sex, gender, desire and sexual practice in the magazines; the life course built for adolescents in the publications; the construction and legitimization of the heterosexual couple in their pages; the ideals of body, appearance and clothing - it was possible to reflect on how heterosexuality acts as a norm by which operates the very existence of "being a girl." Results show the ways in which the various regulatory norms are approached and reinforced in publications and also reflect if these norms allow the arise of gaps that act as escape places from the heterosexual pattern.

Keywords: teenager; magazine, sexuality, gender; queer theory.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
1.0 AS REVISTAS ADOLESCENTES “FEMININAS” E SEU PÚBLICO	11
1.1 Revistas femininas: breve histórico e conceituação	11
1.2 Adolescência: o público “em revista”	16
1.3 Panorama de estudos sobre a imprensa “feminina”	26
2.0 REFERENCIAL TEÓRICO	38
2.1 Reflexões sobre o conceito de identidade.....	38
2.2 Sexualidade: essencialismo X construcionismo	47
2.3 Gêneros: que debates e problemas essa concepção traz	57
2.4 A Teoria Queer e a heteronormatividade em xeque	73
3.0 REVISTAS ADOLESCENTES E HETERONORMATIVIDADE: ENTRE O “SER MENINA” E OS ESPAÇOS DE FUGA	84
3.1 O corpus de análise, a abordagem metodológica e suas limitações	84
3.1.1 Atrevida.....	86
3.1.2 Capricho	90
3.2 Sexo, gênero, desejo e prática sexual	95
3.3 Trajetória de vida ideal para uma garota	118
3.4 Meninas e meninos: o casal heterossexual	138
3.5 Ideais de corpo, aparência e vestuário.....	153
CONSIDERAÇÕES FINAIS	165
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	173
ANEXOS	180

INTRODUÇÃO

“Atire a primeira pedra quem não tem dó de jogar revistas fora, quem nunca guardou uma publicação, quem nunca pensou em colecionar um título. É isso: em primeiro lugar, revistas são objetos queridos, fáceis de carregar e de colecionar. São também boas de recortar, copiar: vestidos, decorações, arrumações de mesa, receitas de bolo, cortes de cabelo, aulas, pesquisas de escola, opiniões, explicações...” (SCALZO: 2004, p. 12).

Segundo dados do censo demográfico realizado pelo IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, no ano de 2000, de um total de 169.872.856 de habitantes no Brasil, 20,7 milhões tem idade entre 12 e 17 anos¹. De acordo com informações da Unicef - Fundo das Nações Unidas para a Infância², o Brasil possui quase 60 milhões de habitantes com menos de 18 anos de idade, o que equivale a quase um terço de toda a população de crianças e adolescentes da América Latina e do Caribe.

Para conhecer melhor essa parcela da população brasileira, muitos estudos são realizados por pesquisadores e instituições. Um deles, iniciativa do Projeto Juventude, do Instituto Cidadania³, entrevistou 3.500 jovens brasileiros de 15 a 24 anos, de ambos os sexos, para conhecer seus principais interesses e preocupações. Quando questionados sobre quais atividades costumavam realizar com frequência em seus cotidianos, 91% dos jovens entrevistados responderam que assistem televisão, 82% gostam de encontrar os amigos, 57% preferem namorar, 44% lêem livros (fora das atividades escolares obrigatórias), 35% lêem jornais e 55% dos jovens entrevistados disseram ler revistas. Segundo a pesquisa, o hábito de ler revistas está mais presente entre as meninas: 77% delas lêem esse tipo de publicação. Entre os títulos preferidos estão as publicações direcionadas ao público adolescente.

Segundo pesquisa da Andi - Agência de Notícias dos Direitos da Infância (2007), os veículos de comunicação dirigidos aos adolescentes têm contribuído para o processo de formação

¹ Estimativas da *Revisão 2004 da Projeção da População*, realizada pelo IBGE, indicaram que a população brasileira ultrapassou os 180 milhões de habitantes em janeiro de 2004. De acordo com a contagem da população realizada pelo IBGE em 2007, a população brasileira recenseada e estimada, segundo as grandes regiões e as unidades da federação, corresponde a 183 987 291 de habitantes.

² Informações retiradas da *homepage* da Unicef no Brasil – www.unicef.org.br.

³ PROJETO JUVENTUDE. *Perfil da Juventude Brasileira*. Fundação Perseu Abramo: São Paulo, 2004. Disponível em http://devel.fpabramo.org.br/uploads/perfil_juventude_brasileira.pdf. Acesso em 10 de junho de 2009.

cidadã de seu público. Ainda assim, as revistas adolescentes são muitas vezes acusadas de tratar os leitores somente na perspectiva de consumidores e produzir textos inconsistentes sob o ponto de vista do conteúdo. Esse paradoxo pode ser explicado pela visão estereotipada que a própria sociedade tem dos adolescentes, já que, se eles são irresponsáveis e alienados, os produtos dirigidos a eles também apresentariam conteúdos superficiais e inconsistentes. Acreditar nisso, entretanto, significa ignorar o fato de que as publicações adolescentes exercem um papel importante na construção e propagação de conceitos, comportamentos e valores, podendo estimular (ou não) uma visão crítica e uma postura participativa em seu público.

Quando era adolescente, eu costumava ler e colecionar revistas. Possuía muitos títulos em casa e a cada mês comprava novos. Andava com as revistas na mochila, levava para a escola para ler nos intervalos e comentava os temas de cada nova edição com as amigas. Eram as revistas que me diziam o que estava acontecendo com os artistas, qual a moda da estação e como eu deveria agir para conquistar o colega de turma. Além de companheiras, as revistas funcionavam como fonte de informações que eu não encontraria em outros lugares.

O tempo passou e as revistas expostas nas bancas já não me atraíam, suas reportagens pareciam bobas e superficiais. No entanto, a sensação de que elas exerceram um papel importante em certa época da minha vida permanece ainda hoje. Por acreditar nisso e enxergar nessas publicações um grande potencial de análise, transformei as antigas companheiras da adolescência em objetos de estudo. Às revistas adolescentes, juntou-se um outro tema cujo interesse datava de muito tempo: a sexualidade.

Durante a graduação, analisei revistas adolescentes femininas, buscando entender como a sexualidade era discursivamente construída em suas páginas e como eram firmados os laços de cumplicidade entre as revistas e seus públicos⁴. A partir desse trabalho surgiram questões que ali não cabiam ser respondidas, mas que mereciam uma investigação posterior: Por que a impressão de que havia um manual cheio de normas a serem seguidas pelas leitoras? Por que os garotos são os centros das atenções em tantas reportagens? Por que a sexualidade era um tema tão presente, desde que a sexualidade em questão fosse a heterossexual? Por que os

⁴ A monografia com o título “A sexualidade construída nas páginas das revistas adolescentes: um estudo de caso de *Atrevida*, *Capricho* e *Todateen*” foi apresentada em dezembro de 2006, como requisito final para obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social, na Universidade Federal da Bahia (UFBA).

espaços para abordar a homossexualidade eram tão raros? O que significava exatamente “ser menina” para essas publicações? Seria essa uma identidade fixa e baseada apenas em pressupostos biológicos?

Foi com o intuito de responder essas perguntas e ampliar as reflexões acerca de gênero e sexualidade nas revistas adolescentes que esse trabalho teve início. Para dar conta da proposta, me debrucei sobre algumas reflexões inscritas nos chamados Estudos Gays e Lésbicos, especialmente a Teoria *Queer*. Este quadro teórico tornou possível pensar em que medida os conhecimentos acerca da sexualidade estão fundados num ponto de vista biológico e naturalizante, e o que fazer para sair dessa idéia sem cair em um determinismo construtivista. Permitiu também problematizar as identidades sexuais e de gênero enquanto construções, processos e *performances*. E, ainda, questionar que normas sexuais e de gênero regulam nossos corpos, desejos e comportamentos sexuais.

Assim, com o objetivo de investigar a hipótese de que as identidades sexuais construídas nas revistas, bem como as abordagens sobre gênero e sexualidade, estariam inscritas numa perspectiva heteronormativa, duas revistas brasileiras direcionadas a adolescentes do sexo feminino – *Atrevida* e *Capricho* - foram selecionadas como objetos de estudo. Os critérios de escolha levaram em consideração a tiragem dessas publicações, a tradição e participação delas no mercado⁵, e a existência de conteúdo abundante e regular sobre gênero e sexualidade. As duas revistas foram analisadas pelo período de 1 ano (2008), recorte definido pelo desejo de obter uma visão atual do fenômeno.

Mas o que significa discutir de que forma essas publicações seguem uma perspectiva heteronormativa? A heteronormatividade pode ser entendida como a legitimação do modelo heterossexual como norma regulatória das relações sexuais e de gênero na sociedade ocidental contemporânea. Seu principal argumento de legitimação é que a sexualidade seguiria um curso natural, assim como seria natural a associação entre heterossexualidade e reprodução. Ao analisar esses temas, surge uma questão: se a própria sociedade em que vivemos segue o

⁵ Segundo levantamento realizado no ano de 2008 pelo Instituto de Pesquisa Ipsos Marplan, disponível nos endereços eletrônicos <http://publicidade.abril.com.br/homes.php?MARCA=9> e http://www.anatec.org.br/ficha_publica.asp?ID=2052, a revista *Atrevida*, publicação da Editora Escala, conta com uma tiragem mensal de 163 mil exemplares e projeção de 1.400.000 leitores. Já a revista *Capricho*, publicação da Editora Abril, apresenta tiragem de 182.470 exemplares e projeção de 1.588.000 leitores em território nacional.

padrão heterossexual como o único correto e saudável, por que a construção seria diferente nessas publicações?

Como não assumem publicamente o papel de problematizar questões e normas que regulam a sexualidade, não se poderia esperar que as revistas fugissem dos padrões heteronormativos ou os contestassem. Portanto, o que interessa aqui não é propriamente saber se as revistas estão inscritas ou não na heteronormatividade, mas refletir sobre como a heterossexualidade atua como norma pela qual passa a própria constituição do “ser menina” ou “ser mulher”; entender através de quais caminhos essas normas são abordadas e reforçadas nas publicações e, ainda, se é possível tratar esses temas fora de uma perspectiva heteronormativa. Por fim, o intuito é compreender quais normas regulatórias dos corpos, desejos e comportamentos sexuais estão presentes nessas publicações, mas também se a atuação dessas normas permite o surgimento de lacunas que funcionam como espaços de fuga do padrão heterossexual.

Para cumprir essa trajetória, o trabalho inicia-se com algumas considerações sobre as revistas adolescentes femininas, suas características comuns, especificidades e história. Um panorama com estudos já realizados sobre o tema abordará o papel dessas publicações na construção de identidades sexuais e socialização de gêneros entre as adolescentes, bem como a forma como criam e reproduzem conhecimentos sobre a sexualidade. Ainda nesse capítulo faremos algumas discussões sobre o conceito de adolescência e como entendê-lo nesse trabalho.

No capítulo seguinte serão discutidos conceitos e teorias que embasarão a análise. Entre as questões que serão problematizadas estão o conceito de identidade, as perspectivas essencialista e construcionista na abordagem da sexualidade, a trajetória do conceito de gênero e as diversas formas de pensá-lo, a Teoria *Queer* e a heteronormatividade. A discussão desses temas e conceitos será responsável por fornecer as ferramentas teóricas que embasarão a análise das revistas *Atrevida* e *Capricho*.

Essa análise será feita no terceiro capítulo, quando buscaremos, com base no referencial teórico exposto anteriormente, compreender e problematizar as formas como as identidades sexuais e de gênero são construídas nas páginas das publicações. Para isso, analisaremos as concepções de sexo, gênero, desejo e prática sexual nas revistas; a trajetória de vida construída para as adolescentes nas publicações; a construção e a legitimação do casal heterossexual em suas páginas; os ideais de corpo, aparência e vestuário presente nas revistas;

e, ainda, as brechas ou espaços de fuga existentes. Ainda nesse capítulo serão explicitados o *corpus* de análise, a abordagem metodológica e limitações do método.

Por fim, serão comentados criticamente os resultados e conclusões da análise, e também serão pensadas abordagens alternativas dos temas relativos à sexualidade e gênero nas publicações, buscando ainda fornecer pistas para a seguinte questão: é possível tratar estes temas fora de uma perspectiva heteronormativa?

1.0 AS REVISTAS ADOLESCENTES “FEMININAS” E SEU PÚBLICO

“Misto atraente de manual de etiqueta, literatura de auto-ajuda e catálogo de compras, as revistas femininas juvenis – uma vasta terra incógnita, do ponto de vista acadêmico – se apresentam como mapas cognitivos e anteparos emocionais que possibilitam às leitoras navegar, sem maiores sobressaltos, pelo mar das oportunidades e dos riscos associados à experiência da adolescência feminina” (FREIRE FILHO: 2006, p.3).

1.1 REVISTAS FEMININAS: BREVE HISTÓRICO E CONCEITUAÇÃO

Nesse primeiro capítulo do trabalho, faremos uma imersão no universo das revistas dirigidas para as adolescentes do sexo feminino. Para melhor conhecer o universo em questão, apresentaremos inicialmente alguns conceitos, histórico, características comuns e especificidades das revistas voltadas aos adolescentes. Em seguida, serão tecidas algumas considerações sobre o conceito de adolescência e como o tema costuma ser abordado pela mídia impressa brasileira. Por fim, traçaremos um panorama de estudos realizados anteriormente que trazem as revistas como objeto central, que discutem o seu papel na construção de identidades sexuais, na socialização de gêneros, e na produção e reprodução de conhecimentos sobre a sexualidade.

Inicialmente, falaremos sobre a conceituação do termo “revista”. No passado, o termo estava mais relacionado à especificidade de seu conteúdo do que ao seu formato, isso porque, na prática, era difícil diferenciá-la dos jornais pelo aspecto visual ou gráfico. Segundo Buitoni (1990), era chamada de revista a publicação que, mesmo tendo a aparência de jornal, apresentava uma maior variedade de conteúdos, trazendo, por exemplo, ficção, poesias e relatos de viagem: “a palavra inglesa *magazine*, derivada da francesa *magasin*, de mesma origem árabe de armazém, designava as publicações de conteúdo diversificado, correspondendo ao que se chamava revista em português” (BUITONI: 1990, p.17).

Nesse período, o conteúdo dos jornais era composto, predominantemente, por textos opinativos e cartas dos leitores. As notícias ganharam espaço somente no fim do século XIX. Com o progresso da indústria gráfica, as revistas passaram a desenvolver o aspecto visual e a incorporar gravuras, ilustrações e, por último, fotografias. De acordo com Scalzo (2004), as revistas cumprem funções culturais mais complexas que a simples transmissão de notícias, pois entretêm, trazem análises, reflexão, concentração e experiência de leitura. Ao estudar a

história das revistas, a autora destaca não a vocação noticiosa do meio, mas a afirmação de dois caminhos bem demarcados - educação e entretenimento.

As revistas nasceram, por um lado, sob o signo da mais pura diversão – quando traziam gravuras e fotos que serviam para distrair seus leitores e transportá-los a lugares onde jamais iriam, por exemplo. Por outro, ajudaram na formação e na educação de grandes fatias da população que precisavam de informações específicas, mas que não queriam – ou não podiam – dedicar-se aos livros (SCALZO: 2004, p.13-14).

No período de seu surgimento, as revistas uniam educação, entretenimento, serviços e interpretação dos acontecimentos. Traziam novidades da moda, conselhos culinários, ilustrações, notícias curtas e anedotas. Esse modelo foi reproduzido, com algumas diferenças, durante o século XIX e a primeira metade do século XX. Assim, enquanto cabia aos jornais o papel de levar informação no sentido clássico – notícias e reportagens sobre fatos atuais – para um público heterogêneo, muitas vezes sem rosto, as revistas transitavam no espaço privado, na intimidade de seus leitores. O formato das revistas contribui para essa relação mais estreita com o público: por ser fácil de carregar, guardar e colecionar, a revista acaba se tornando um objeto querido. Para Scalzo, é esta relação afetiva entre público e revista a característica marcante do produto.

Revista é também um encontro entre um editor e um leitor, um contato que se estabelece, um fio invisível que une um grupo de pessoas e, nesse sentido, ajuda a construir identidade, ou seja, cria identificações, dá sensação de pertencer a um determinado grupo. Entre garotas, por exemplo, sabe-se que quem lê *Capricho* é diferente de quem não lê. O fato de ler a revista transforma as meninas num grupo que tem interesses em comum e que, por isso, comporta-se de determinada forma. Não é à toa que leitores gostam de andar abraçados às suas revistas – ou de andar com elas à mostra – para que todos vejam que eles pertencem a este ou àquele grupo. Por isso, não se pode nunca esquecer: quem define o que é uma revista, antes de tudo, é o seu leitor (SCALZO: 2004, p. 12).

Com o passar do tempo, as revistas passaram a ser o veículo, por excelência, da imprensa chamada feminina, seja no aspecto de apresentação gráfica, seja nas correspondentes maneiras de estruturar seu conteúdo (BUITONI: 1990, p.57). Segundo Buitoni, é comum contrapor a imprensa em geral (que visa o conjunto do público) e a imprensa dita feminina, como se apenas a primeira constituísse o verdadeiro jornalismo, espaço onde se lida verdadeiramente com o fato, a notícia. Para muitos, a imprensa considerada feminina pode ser resumida a revistas de moda, culinária, fotonovelas, ou seja, apenas distração, lazer e consumo.

No entanto, contrariando essa idéia, Buitoni argumenta que uma imprensa com mais de duzentos anos e que atinge milhões de leitoras pelo mundo precisa ser levada a sério. Assim, mais do que caracterizá-la como jornalística ou não, seria importante refletir sobre as funções sociais e culturais cumpridas por esse tipo de imprensa. Para isso, a autora traça um panorama histórico da imprensa dirigida para as mulheres, em várias partes do mundo, a começar pelo surgimento, em 1693, na Inglaterra, do primeiro periódico dirigido a esse público, chamado *Lady's Mercury*.

Na Europa, a imprensa voltada para as mulheres desenvolveu-se principalmente na França, país que exportou o modelo para a imprensa feminina brasileira. O primeiro veículo francês chamava-se foi *Courrier de la Nouveauté* e surgiu em 1758. Até a metade do século XIX a imprensa feminina poderia ser considerada um produto para a elite, pois suas leitoras eram mulheres da aristocracia e da elite burguesa que tinham tempo livre e sabiam ler.

Esse quadro começou a mudar a partir de 1869, com o surgimento da venda desvinculada das assinaturas, quando as revistas deixaram de ser entregues apenas via correio e começaram a ser vendidas em lojas e livrarias. Soma-se à maior facilidade de aquisição proporcionada pela venda avulsa, a criação de moldes de roupas como encartes das publicações, o oferecimento de brindes e o avanço da indústria de cosméticos como fatores que impulsionaram as tiragens das publicações no final do século XIX.

Enquanto no século XVIII, a imprensa voltada para as mulheres desempenhava um importante papel na Europa, no Brasil ainda nem existia imprensa. Na época, era pequeno o número de homens alfabetizados e menor ainda o de mulheres⁶. O primeiro periódico dirigido para o público feminino brasileiro foi *O Espelho Diamantino*, lançado em 1827, mas a primeira revista feminina surgiu apenas em 1914 e chamava-se *Revista Feminina*. Fundada por Virgilina de Souza Salles, a revista é considerada a precursora das modernas revistas brasileiras dedicadas às mulheres, tendo circulado por 22 anos e chegado ao fim em 1936⁷.

⁶ O hábito de enviar as filhas à escola só foi absorvido pelas famílias ricas brasileiras em meados do século XVIII.

⁷ A *Revista Feminina* funcionava principalmente à base de assinatura, estimulando as leitoras com campanhas e concursos. Lançou-se no mercado com 30 mil exemplares, em 1915 estabilizou com 15 mil, e vendeu entre 20 e

Entre os temas abarcados pelas revistas estavam amor, vida prática, saúde, receitas de culinária, trabalhos manuais, moda e literatura. Na década de 1950 as revistas para elas traziam em suas páginas fotonovelas recheadas de histórias românticas e o sucesso comercial das fotonovelas contribuiu para que as mulheres passassem a ser identificadas como mercado consumidor com grande potencial. O eixo literatura-moda foi, por muito tempo, o grande incentivador desse tipo de imprensa, fato que, para Buitoni, reflete a linha conservadora adotada por essas publicações em relação à imagem da mulher: “ênfatizando suas virtudes domésticas, tais veículos desaprovavam qualquer idéia mais progressista; no máximo diziam que a educação beneficiava a mulher” (BUITONI: 1990, p.41).

Poesias, receitas de bolo, reportagens, figurinos, consultório sentimental, artigos de psicologia, entrevistas, testes, horóscopo, contos, fofocas, maquilagem, plantas de arquitetura, moldes, saúde, educação infantil, tudo parece caber dentro da imprensa feminina. Sua área de abrangência parece infinita: embora frequentemente ligados ao âmbito doméstico, seus assuntos podem ir da dor de dente no filho de sete anos à discussão da política de controle da natalidade, passando pelos quase inevitáveis modelos de roupa e pelas receitas que prometem delícias” (BUITONI: 1990, p.8).

A autora questiona a conceituação de assuntos especializados para mulheres, mas crê na existência de temas de interesse do público feminino como, por exemplo, amor e beleza. A eles, acrescentam-se elementos presentes em quase todas as publicações para o público feminino: cartas das leitoras, testes e horóscopo. Sobre as cartas, “seja no consultório sentimental, seja solicitando as mais diversas informações e serviços, elogiando ou criticando – funcionam como realimentadores indispensáveis ao processo de produção da imprensa feminina” (BUITONI: 1990, p.23).

As colunas de conselho estão presentes na maioria das publicações femininas desde seu surgimento. As revistas contam com colaboradores que respondem as cartas enviadas por leitoras, sejam elas publicadas ou não. Ao publicar casos-chave com problemas específicos - que podem ser aproveitados não apenas pela leitora que escreve, mas por todas que lêem - as colunas de conselho prestam um serviço às leitoras e, ao mesmo tempo, fortalecem o prestígio e a credibilidade da revista. O tema principal das colunas de conselho – o amor – está presente desde o surgimento das primeiras revistas destinadas às mulheres.

25 mil em 1918. Essas tiragens são muito significativas, quando levamos em conta o mercado editorial da época, onde as grandes revistas possuíam tiragens de 10 mil exemplares (Buitoni: 1990).

Desde seu surgimento, as revistas para elas exploraram a união entre mulher e amor através da potencialidade dos consultórios sentimentais, seja de forma sensacionalista (como nas francesas *Confidences* e *Nous Deux*, e na brasileira *Grande Hotel*) ou utilizando conceitos psicológicos (como em *Elle* e *Marie-Claire*). Ainda que assuntos e linguagem sejam escolhidos de acordo com o público, a chave das seções é sempre a relação amorosa (BUITONI: 1990).

Enquanto o amor era tema constante, o sexo foi se insinuando lentamente nas revistas brasileiras. Até a década de 1960 pouco do assunto era mencionado nas reportagens, surgindo geralmente nos momentos em que se falava de métodos de controle de natalidade. Segundo Scalzo (2004), foi a jornalista e psicóloga Carmen da Silva a responsável por inserir o tema de forma mais profunda na pauta das revistas, através de sua coluna de conselhos “A arte de ser mulher”, publicada entre as décadas de 1960 e 1980 pela revista *Cláudia*. Na época, a censura no país – tanto governamental quanto nas próprias redações – impedia grandes avanços na abordagem da sexualidade. A publicação de fotos e ilustrações sobre o assunto, por exemplo, era proibida na maioria das vezes; da mesma forma, os textos não poderiam nomear ou descrever as partes do aparelho genital feminino, mesmo usando termos científicos.

Considerada a precursora na abordagem da questão sexual nas publicações brasileiras, Carmen da Silva quebrou tabus ao abordar temas até então inéditos como o machismo, o trabalho feminino e os problemas sexuais das mulheres. Pela primeira vez também aspectos relacionados aos papéis sexuais femininos e masculinos foram tratados numa linguagem clara e o sexo, até então abordado de forma didática, passou a ser discutido com mais profundidade. As discussões da coluna, entretanto, não extrapolavam para as outras páginas de *Cláudia*, que continuava dedicando-se à tríade casa/mãe/esposa, ao sexo ligado ao matrimônio e ao trabalho em segundo plano (ULIANA: 2006).

Assim, Carmen foi fundamental para a criação de um cenário propício ao surgimento de periódicos que traziam o sexo como grande chamariz, entre eles a *Nova*, publicação da Editora Abril lançada em outubro de 1973. Enquanto as grandes revistas da época - *Cláudia*, *Capricho* e *Elle* – tratavam o tema com cautela, *Nova* aparece como a maior representante do segmento preocupada com a temática sexual. De acordo com Mira (2001), a revista surgiu para atender a um público formado por mulheres solteiras com ambições profissionais e certa

liberação sexual. Adotando uma postura considerada vanguardista para o período, *Nova* foi a primeira revista no Brasil a publicar a palavra “orgasmo”, logo na capa de sua primeira edição.

Enquanto as revistas voltadas para as mulheres passavam a tratar a sexualidade de forma mais explícita, o mercado editorial vivia um contexto de segmentação, no qual se consolida a idéia de que as revistas não deveriam mais almejar um amplo leque de preferências, mas centrar-se em gostos e peculiaridades de um público específico, seja ele de consumidores ou de anunciantes (LIMA: 2003). Nessa nova configuração, o mercado editorial descobriu o potencial consumidor de uma faixa etária intermediária entre as crianças e os adultos até então pouco explorada – os adolescentes.

De acordo com Louro (2000), nesse período que abrange as décadas de 1950 e 1960 a adolescência passa a construir um estatuto próprio, que inclui modos de vestir, linguagem, comportamento e música diferenciados em relação ao universo infantil e adulto. Seguindo essa tendência, surgem a partir da década de 1960 publicações direcionadas ao público adolescente, tendo como temas principais cultura, música, comportamento, moda e consumo.

1.2 ADOLESCÊNCIA: O PÚBLICO “EM REVISTA”

O relatório do Unicef - Fundo das Nações Unidas para a Infância, intitulado *Situação da Adolescência Brasileira*, aponta um crescimento nos últimos anos da presença dos adolescentes como um tema abordado pela mídia impressa brasileira. Ao analisar reportagens publicadas em cinquenta jornais e oito revistas semanais de diversas partes do país, foi observado um crescimento quantitativo de 10.700 inserções sobre o tema no ano de 1996 para 64.396 em 2000.

Segundo o relatório, ainda que os números apontem uma maior preocupação da mídia em falar sobre os adolescentes, o aumento de reportagens sobre o tema não é acompanhado, em parte dos casos, por uma melhoria na abordagem deste. Entre os principais problemas encontrados pelos veículos, de acordo com o relatório, estão: “a dificuldade em contextualizar as questões abordadas; a imprecisão na terminologia; a confusão no uso de dados estatísticos e uma ausência da opinião do próprio adolescente” (UNICEF: 2002, p.54). Considerando as

dificuldades geradas pela falta de precisão do termo, é fundamental nesse ponto discutirmos que público é esse e o que queremos dizer exatamente quando falamos em adolescência.

A adolescência, do latim *adolescere* (crescer), é uma fase da vida que pode ser definida em múltiplas dimensões: biológica, psicológica, social, histórica, política, econômica e cultural. Enquanto período de transição da infância para a vida adulta, é considerada um fato biológico reconhecido em todas as sociedades ocidentais. Entretanto, o conceito de adolescência, bem como a própria terminologia em si, é um traço da cultura ocidental contemporânea⁸. Nas sociedades ocidentais, a classificação etária de crianças e adolescentes, bem como a demarcação de limites entre um e outro, é uma complicada operação para a qual não há consenso entre os diversos autores e instituições.

Em âmbito nacional, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) situa a adolescência na faixa dos 12 aos 18 anos incompletos (ECA: 1996). Em uma tentativa de conceituação que ultrapasse as demarcações etárias, o Unicef – Fundo das Nações Unidas para a Infância caracteriza os adolescentes como desbravadores do mundo, curiosos por natureza e sedentos por novas experiências que ampliem seu universo familiar e escolar:

A adolescência implica exatamente sair do círculo restrito familiar para participar da sociedade que lhe acolhe como cidadão de direitos e deveres, a partir da transmissão dos valores de sua cultura. Em muitas sociedades, essa passagem é comemorada por rituais de reconhecimento do jovem em sua nova condição (UNICEF: 2002, p.42).

Em âmbito internacional, a Organização Mundial da Saúde (OMS) afirma que a adolescência compreende a faixa etária que vai dos 10 aos 19 anos, mas reconhece uma margem de variação considerável por acreditar ser impossível impor limites rígidos ao conceito, já que este corresponde a uma classificação social variável, tanto no que diz respeito à sua composição quanto a suas implicações. Para a OMS, a adolescência é o período no qual:

O indivíduo passa do surgimento das primeiras características sexuais secundárias à maturidade sexual; os processos psicológicos do indivíduo e as formas de identificação evoluem da fase infantil para a fase adulta; há a transição de um estado de total dependência sócio-econômica para outro de relativa independência (OMS: 1975, p.10).

⁸ Relativamente recente, o conceito de adolescente surgiu por volta da segunda metade do século XX.

O critério cronológico não é, portanto, suficiente para caracterizar a adolescência. Embora esta seja representada na maioria das vezes como uma fase de transição entre a criança e o adulto, não podemos afirmar que se limita a uma faixa etária ou a um jeito universal de ser. Enquanto fenômeno heterogêneo, a adolescência não é vivida do mesmo modo por todas as pessoas, sendo influenciada por fatores que podem variar não apenas de uma sociedade para outra, como também no interior de uma mesma sociedade.

Para Steinberg (1999), a adolescência é uma época da vida humana marcada por profundas transformações fisiológicas, psicológicas, afetivas e sociais, na qual o indivíduo se vê obrigado a desempenhar uma série de tarefas para executar a passagem da infância à idade adulta. Uma das tarefas principais, segundo o autor, seria a busca pela identidade sexual, social e psíquica.

Ao explorar as dimensões biológica e psicológica, Zagury (1996) define a adolescência enquanto uma fase de transição entre a infância e a juventude, caracterizada por alterações físicas, período de conflitos e críticas, necessidade de afirmação e mudanças psicológicas associadas à falta de responsabilidade e impaciência. Para Beretta (1995), a adolescência não deve ser reconhecida apenas como fenômeno biológico, mas sim como um período com caráter social e histórico, assumindo uma conotação diferente dentro do contexto onde o jovem se encontra.

Embora a literatura aponte para discrepâncias no que se refere à cronologia, alguns pontos parecem ser comuns a estudiosos e autores que trabalham com adolescentes. Dentre eles, podem-se citar a curiosidade, a inquietude, o dilema de não estar mais criança e não ainda adulto, as tarefas do desenvolvimento, a questão da afirmação e, principalmente, as descobertas (BERETTA: 1995, p.182).

A adolescência, segundo Beiras (2008), é um fenômeno polissêmico: algumas vezes considerado sob o ponto de vista dos conflitos existenciais e crises identitárias, outras concebido em seus aspectos de continuidade entre a infância e a vida adulta. Para o autor, os limites cronológicos da adolescência não são consensuais, entretanto, ele afirma que

seu início é comumente marcado pelo fenômeno da puberdade – de conotações claramente biológicas – e seu término pela maturidade psicossocial e a aquisição de relativa independência do sujeito jovem; independência que, pelas características socioeconômico-culturais das sociedades urbanas atuais, torna-se cada vez mais difícil de atingir, se

falarmos das populações urbanas de camadas médias, já que as questões de classe marcam todas as posições dos sujeitos em nossas sociedades (BEIRAS: 2008, p.103).

Monteiro (1999) chama a atenção para o risco de determinar características comuns que demarcariam a adolescência, pois não deveríamos pensá-la como um conceito rígido, singular ou fechado. Por ser construído socialmente, este é um fenômeno de múltiplas facetas, que possui estreita ligação com as condições materiais e simbólicas do contexto no qual está imerso. Segundo Serra (2003), por tratar-se de uma construção social moderna, a discussão acerca do conceito de adolescência possibilita a emergência de subjetividades, novas referências e padrões identitários.

Para Watari (2005), as etapas do ciclo de vida são organizadas culturalmente e discursivamente de modo distinto em cada sociedade, que atribui posições sociais, responsabilidades, direitos e deveres específicos aos integrantes das diferentes faixas etárias. Assim, o contexto no qual ocorre a construção discursiva da adolescência abarca um amplo leque de experiências que inclui a escolarização, os meios de comunicação de massa, os espaços de sociabilidade, a música, a literatura, entre outros.

Freire Filho (2006) argumenta que, por ser definido e representado dentro de distintas formações discursivas, que circulam, articulam-se e colidem em um determinado tempo e espaço, o conceito de adolescência é complexo e historicamente instável. Logo, diversos discursos - sejam eles legitimados, naturalizados ou emergentes – produzem conhecimentos sobre o que vem a ser a adolescência e como devemos compreender e interpelar os adolescentes. No caso dos discursos produzidos pela mídia de massa, o autor acredita que esses têm buscado associar ao conceito de adolescência a preocupação com a aparência, o consumismo e o individualismo. Especificamente sobre as garotas, diz:

Presume-se que, neste período formativo fundamental da identidade e da subjetividade, época de experimentação e auto-afirmação, certos traços congênios da condição feminina (insegurança, suscetibilidade, volubilidade) tendam a estar exacerbados. A conquista de maior autonomia decisória relativa ao campo do consumo, incrementada nas duas últimas décadas, converte este segmento da população num terreno ainda mais fértil para os discursos e a ação de expertos midiáticos e de agentes do mercado (FREIRE FILHO: 2006, p.3).

Soares e Meyer (2003) chamam a atenção para a centralidade de conceitos como adolescência e juventude na cultura ocidental contemporânea, afirmando, entretanto, que essa relação é ambivalente. Ao mesmo tempo em que existiria uma supervalorização da juventude - pois manter-se jovem é um ideal em nossa sociedade - existiria também, por parte dessa mesma sociedade, um sentimento de desconfiança, medo e repressão preventiva com relação aos adolescentes.

Ao mesmo tempo em que a juventude é exaltada, ela é também demonizada, sendo que ambos os movimentos parecem muitas vezes se relacionar com a forma como os(as) jovens vivem ou devem viver sua sexualidade. A idade parece ter um papel definidor na importância que a sexualidade ocupa na vida dos indivíduos. Vertentes da psicologia e da biologia defendem que é na juventude que a direção (ou a identidade) sexual vai se consolidar e fixar; além disso, a heterossexualidade é posicionada nessas vertentes como o desenlace não só desejado, mas normal (SOARES; MEYER: 2003, p.143).

Em oposição às vertentes das quais falam Soares e Meyer, não queremos aqui conceber a heterossexualidade como uma identidade pronta e fechada à espera de ser incorporada por garotos e garotas, de acordo com o sexo “biológico”, na transição entre a infância e a vida adulta. Da mesma forma, não acreditamos que a adolescência seja o momento da vida no qual a identidade sexual é descoberta ou consolidada.

Ainda que não haja um consenso quanto às características que definiriam a adolescência, bem como o período que esta abrange, é preciso esclarecer que, de acordo com o campo de estudos no qual este trabalho está inserido, não podemos falar em um conceito de adolescência fechado ou uma identidade adolescente fixa, pois esta pode ser criada e representada de diversas maneiras, a depender, por exemplo, dos diferentes aspectos sociais, culturais, étnicos ou religiosos que levamos em consideração. Entre os diversos aspectos associados ao conceito de adolescência, um em especial receberá mais atenção nesse trabalho: a sexualidade.

Para Soares e Meyer (2003), uma das primeiras afirmações possíveis sobre adolescência e sexualidade é a centralidade de ambas na cultura contemporânea ocidental. Segundo as autoras, adolescência e sexualidade foram construídas por uma série de discursos elaborados por distintos campos disciplinares, que propuseram formas de olhar, pensar e viver e intervir na sexualidade juvenil. Sobre esse processo de construção, afirmam:

A tal processo, controvérsias, discussões e preocupações não faltaram. Houve discordâncias e, algumas vezes, sobreposições, na nossa cultura, entre os campos disciplinares que se propuseram a dizer, afinal, o que é ser jovem na cultura ocidental e como os(as) jovens devem viver a sexualidade (SOARES; MEYER: 2003, p.142).

Apesar de a sexualidade ser apontada como dimensão fundamental na adolescência, a pesquisa *A voz dos adolescentes*⁹ - iniciativa do Unicef que entrevistou 5280 adolescentes brasileiros com idade entre 12 e 17 anos (sendo 51% destes do sexo masculino e 49% do sexo feminino) - indica que falar sobre a própria sexualidade não é uma atitude comum para a maioria dos adolescentes brasileiros: apenas 32% dos entrevistados revelaram ter conversado sobre sua sexualidade no mês anterior à entrevista e 64% nada comentaram sobre o assunto.

Entre os entrevistados que afirmaram ter discutido o tema recentemente, os principais interlocutores são os amigos (56%), seguidos dos familiares (10%), namorados/as (6%) e professores (6%). Entre os que não discutiram, as justificativas são falta de vontade (38%) e não ter com quem discutir (16%). Quando o assunto é a busca por orientação sexual, 54% dos adolescentes afirmam que é na família que eles encontram informações mais esclarecedoras¹⁰. Em seguida foram apontados a escola (48%), os amigos (46%) e a mídia (46%).

Ao focar a relação dos adolescentes com os meios de comunicação (considerando os meios impressos, a televisão, o rádio e a internet), o estudo mostra que 46% dos entrevistados acreditam que as informações veiculadas pela mídia são qualificadas e esclarecedoras, 26% consideram as informações confusas e 24% disseram não receber nenhum tipo de esclarecimento sobre sexualidade dos meios de comunicação.

Enquanto a leitura de livros não surge na pesquisa como um hábito freqüente entre os adolescentes¹¹, os jornais diários e as revistas informativas são citados como leituras

⁹ Para mais, ver UNICEF – Fundo das Nações Unidas para a Infância. *A voz dos adolescentes*. Relatório 2002. Disponível em: <http://www.unicef.org/brazil/pesquisa.pdf>. Acesso em 30 de maio de 2009.

¹⁰ Na pesquisa, a família foi considerada a instituição de referência para os adolescentes, aparecendo como um fator estratégico e decisivo na formação de conceitos e na proteção de direitos (UNICEF: 2002, p.114). Prova disso é que 95% dos adolescentes entrevistados classificam a família como uma “instituição importante”. Entretanto, a mesma pesquisa indica que, embora ainda ocupe espaço importante no imaginário das diferentes classes sociais brasileiras, o padrão de família idealizada (composta por pai, mãe e filhos) confronta-se no cotidiano dos adolescentes com o perfil da família real, que apresenta arranjos bem diferenciados (UNICEF: 2002, p.19).

¹¹ Em âmbito nacional, apenas 17% dos adolescentes lêem livros com freqüência, enquanto 37% têm hábito de leitura ocasional, 23% não lêem e 17% só o fazem como parte das atividades escolares obrigatórias. A pesquisa

prediletas. As garotas são apontadas como as maiores leitoras desse tipo de publicação: entre elas, 15,8% lêem jornais ou revistas sempre, contra 12,4% dos meninos. Além disso, 28,1% dos garotos afirmaram não ler nunca, contra 20% das garotas. Entre os garotos e garotas entrevistados, 11% citaram espontaneamente as revistas específicas para o público adolescente, como *Atrevida*, *Capricho* e *Todateen*.

Para eles [os adolescentes], as revistas são os veículos de informação mais instrutivos, uma vez que trazem orientações de saúde, comportamento e formação. A opinião de meninos e meninas sobre a mídia é, muitas vezes, contraditória. Eles não acreditam em seu papel dominante sobre o comportamento das pessoas, dizem ter apenas função de informar. Porém, reconhecem que os meios de comunicação são capazes de influenciar comportamento, mas que isso depende de cada pessoa e que é importante desenvolver um pensamento crítico (UNICEF: 2002, p.71).

Ainda que seja incorreto afirmar que os leitores se limitam simplesmente a copiar suas opiniões das páginas de jornais e revistas, é fato que parte do nosso conhecimento e crenças sobre o mundo são construídos a partir de informações que retiramos da mídia. De acordo com Figueira (2003), no caso dos adolescentes essa influência é mais acentuada, pois a mídia não apenas confere diferentes denominações aos adolescentes “como também as cria [...] cria também um público consumidor para o qual são direcionados diferentes produtos, serviços, atitudes, ensinado certos saberes e sensações” (FIGUEIRA: 2003, p. 129). Quando o tema é a sexualidade dos adolescentes, o quadro pode ganhar contornos mais fortes.

O papel da mídia no tratamento de questões relacionadas à sexualidade dos adolescentes foi tema de um levantamento realizado pela Andi - Agência de Notícias dos Direitos da Infância, intitulado *A Mídia dos Jovens*. A pesquisa reúne dados coletados durante dez anos (1997-2006), período em que a Coordenação de Mídia Jovem da Andi acompanhou sistematicamente os conteúdos veiculados por revistas e suplementos de jornais voltados para adolescentes¹².

indica também que o hábito da leitura de livros está mais presente entre as meninas - 20,7% das meninas lêem com frequência, contra 13,2% dos meninos.

¹² A metodologia desenvolvida pela Andi inclui a leitura, coleta e classificação de conteúdos extraídos de revistas e suplementos direcionados para adolescentes. O material coletado é classificado em 22 temas, sendo 19 deles considerados de “relevância social”, por contribuírem diretamente para a formação cidadã dos leitores. Os outros três temas - comportamento, moda e beleza, lazer e entretenimento - são vistos como complementares. Depois de classificado, o material passa por uma leitura analítica e é inserido em um banco de dados que gera informações estatísticas sobre os conteúdos da mídia juvenil. Para mais informações sobre a metodologia

Entre as revistas que fizeram parte do levantamento da Andi estão os dois objetos de análise desse trabalho – *Atrevida* e *Capricho*¹³. A pesquisa chama atenção para o fato de que as revistas voltadas ao público adolescente enfrentam uma acirrada competição de mercado na busca por um número maior de leitores, realidade que muitas vezes tem reflexos na preferência pela veiculação de conteúdos menos densos e diretamente associados ao consumo.

É necessário levar em conta que, via de regra, elas [as revistas] sobrevivem a partir das vendas realizadas em bancas e de anúncios relacionados aos segmentos de moda, beleza e entretenimento. Se por um lado o foco nesses temas é uma tendência que atende aos interesses comerciais das empresas que editam os veículos, por outro, é também reflexo de demandas manifestadas pelo próprio público leitor – em sua maioria formado por garotas da classe A, B e C (ANDI: 2007, p.52-53).

Segundo Freire Filho (2006), as revistas adolescentes dirigidas para as meninas devem ser interpretadas simultaneamente como produtos culturais e mercadorias. Enquanto produtos culturais, fornecem receitas, padrões, narrativas, representações, critérios e referenciais significativos para a condução da vida diária das leitoras e sua capacidade de situar-se no mundo moderno; enquanto mercadorias, “constituem bens comerciáveis de empresas jornalísticas cujo lucro é gerado menos pelo seu preço de capa, do que pelo aporte financeiro trazido pelos anunciantes” (FREIRE FILHO: 2006, p. 5).

Nos últimos anos, no entanto, a pesquisa revelou um crescimento no volume de textos voltados ao debate de questões que contribuem, de alguma forma, para uma formação mais plural dos leitores. Em 2006, a média geral do Índice de Relevância Social - que mensura o volume de conteúdos publicados sobre temas considerados fundamentais para a formação cidadã dos leitores, tais como questões de raça, orientação sexual e desigualdade sócio-econômica - apresentado pelas revistas analisadas foi de 33,19%. Nos anos anteriores esse índice esteve em torno de 21%.

Os resultados apontam um aumento também no volume de textos que abordam questões relacionadas a gênero e sexualidade publicados nesses veículos, principalmente nos anos de 2005 e 2006. Apenas entre as revistas, a publicação de conteúdos relacionados à sexualidade cresceu 83%. A revista *Capricho*, por exemplo, respondeu por 13% da cobertura sobre gênero

utilizada pela Andi, ver p. 6 e 17 do relatório disponível em http://www.andi.org.br/_pdfs/midia_jovens_10anos.pdf.

¹³ Além de *Atrevida* e *Capricho*, integram o estudo da Andi as revistas *Todateen* e *MTV*.

no ano de 2006, número alcançado, em grande parte, devido à criação de uma coluna dedicada exclusivamente ao universo masculino, chamada *Papo Cueca*, que frequentemente aborda assuntos referentes às diferenças de gênero.

Embora esse crescimento quantitativo nem sempre esteja associado a um aumento na qualidade dos conteúdos publicados, os resultados vão de encontro a uma visão muito comum a respeito dessas publicações - presente entre estudiosos dos meios de comunicação e mesmo na sociedade em geral - de que revistas voltadas para adolescentes são produtos descartáveis, que veiculam conteúdos superficiais e sem função social relevante.

Segundo conclusões da pesquisa da Andi (2007), ainda que não sejam responsáveis por definir os papéis de gênero, as revistas e os suplementos voltados para adolescentes podem contribuir para reforçá-los ou desmistificá-los. Assim, inserir na cobertura dos veículos textos que abordem as diferenças de gênero, fora de uma perspectiva biológica, é uma estratégia apontada pelo estudo para fomentar discussões entre os leitores. Esse enfoque foi utilizado por um terço dos textos sobre sexualidade publicados no ano de 2006.

Embora a sexualidade seja apontada como temática recorrente nas revistas adolescentes nos últimos anos, questões ligadas à homossexualidade, bissexualidade e transexualidade ocuparam um espaço bastante reduzido nos jornais e revistas no período analisado: em 2005 foram contabilizadas trinta inserções sobre o assunto e apenas onze em 2006. Entre as hipóteses levantadas pela pesquisa para justificar essa redução está o fato de que, no ano de 2005, houve um forte debate sobre homossexualidade na televisão brasileira incitado pela novela *América*, exibida pela Rede Globo em horário nobre. A novela apresentou os conflitos do personagem Júnior - vivido pelo ator Bruno Gagliasso, muito popular entre as adolescentes - que “descobria” sua homossexualidade ao longo da trama¹⁴.

Segundo a pesquisa, o fato de pouco aparecer na mídia - ator fundamental para a definição das prioridades da agenda pública - contribui para que o tema continue cercado por preconceitos. O estudo *Juventudes e Sexualidades*, realizado pela Unesco - Organização das Nações Unidas

¹⁴ A construção do personagem Júnior na novela *América* foi objeto de análise do Grupo Cultura e Sexualidade (CuS), do CULT (Centro de Estudos Multidisciplinares em Cultura), sediado na Universidade Federal da Bahia (UFBA), sob coordenação do Prof. Dr. Leandro Colling. O grupo desenvolve pesquisa sobre a representação de personagens homossexuais nas telenovelas da Rede Globo. Para saber mais, ver BARBOSA, Caio; COLLING,

para a Educação, a Ciência e a Cultura¹⁵, indica que a discriminação em relação à orientação sexual é grande no Brasil. Um quarto dos estudantes entrevistados pela pesquisa afirmaram que não gostariam de ter um homossexual como colega de classe.

São diversos os preconceitos, discriminações que em nome da sexualidade, desrespeitam, ferem a dignidade do outro, constituindo, muitas vezes, para quem é o objeto desses, sofrimentos e revoltas. São legitimados por padrões culturais que cultivam simbólica e explicitamente hierarquias e moralismos em nome da virilidade, da masculinidade e da rigidez que codifica uma determinada vivência da sexualidade como a normal, a consentida. Muitas expressões de preconceitos e discriminações em torno do sexual tendem a ser naturalizadas, até prestigiadas e não entendidas necessariamente como violências (UNESCO: 2004, p.278).

A discriminação contra homossexuais não apenas é abertamente assumida pelos adolescentes, como é naturalizada e até valorizada entre eles, o que, segundo o estudo, sugere a existência de um padrão de masculinidade construído por estereótipos e medo do que é considerado diferente. Os casos de homossexualidade feminina foram menos citados pelos adolescentes ouvidos, mas tão estigmatizados nos discursos quanto a homossexualidade masculina. Em ambos os casos, a pesquisa indica que o comportamento preconceituoso é mais freqüente entre os jovens do sexo masculino.

Muitos dizem que não têm preconceito, desde que o homossexual permaneça longe, não se aproxime e, principalmente, que não insinue que eles possam ser um igual ou um parceiro da relação. Os rapazes têm aversão às “cantadas” vindas de homossexuais, sentindo-se ameaçados em sua masculinidade e, muitas vezes, reagindo com violência (UNESCO: 2004, p.280).

Além da intolerância e da rejeição ao homossexual, os depoimentos dos adolescentes indicam idéias pré-concebidas e estereótipos sobre as vivências não-heterossexuais. Como resultado, não são raros os atos de violência verbal (e até mesmo violência física, em alguns casos) relatados pelos adolescentes ouvidos. *Boiola, bicha, viado e sapatão* foram alguns dos apelidos atribuídos pelos adolescentes àqueles considerados homossexuais. É importante chamar a atenção para o caso específico dos trans (transexuais, travestis e transgêneros), grupo que raramente é retratado nas publicações voltadas para adolescentes, sendo comumente alvo de discriminação e exclusão.

Leandro. *E quem disse que peão também não é gay? – a representação da homossexualidade na telenovela América*. Salvador/CULT, 2009.

¹⁵ O estudo, publicado no ano de 2004, ouviu pais, professores e alunos das quatro últimas séries do ensino fundamental e do ensino médio, tanto da rede pública como da particular, de 14 capitais brasileiras.

A recorrência à linguagem pejorativa é comum nas violências contra homossexuais. É importante destacar a linguagem porque por ela se apresenta visões de mundo, representações e também a nomeação do outro por formas negativas ou contrárias à sua vontade, com o intuito de humilhar, discriminar, ofender, ignorar, isolar, tyrannizar e ameaçar (UNESCO: 2004, p.286).

Considerando a importância da linguagem na nomeação e demarcação dos sujeitos, é fundamental pensar o papel das revistas e suplementos voltados para adolescentes na busca pela quebra de preconceitos. Segundo a pesquisa da Andi (2007), a limitada presença desse debate na imprensa favorece a exclusão de garotos e garotas não-heterossexuais, que acabam não se sentindo representados na mídia de massa. Assim, como contribuição para as reflexões acerca do papel da mídia no tratamento de questões relacionadas a gênero, sexualidade e normas sexuais - e também como passo inicial para análise da abordagem das revistas adolescentes dirigidas ao público feminino sobre o tema - apresentaremos a seguir um panorama de trabalhos anteriores que abordaram essa temática.

1.3 PANORAMA DE ESTUDOS SOBRE A IMPRENSA “FEMININA”

Nessa parte da dissertação, faremos uma revisão bibliográfica dos trabalhos que abordam temas próximos àqueles que serão analisados aqui – questões de gênero, identidades sexuais e sexualidade em revistas dirigidas ao público feminino, especialmente aquelas direcionadas a adolescentes. Inicialmente, apresentaremos estudos voltados para os periódicos considerados “femininos”, de forma geral, e, em seguida, nos concentraremos nas revistas para as adolescentes, especificamente. A intenção é mostrar onde essa pesquisa está situada no campo de bibliografias já produzidas sobre a temática e, ainda, reafirmar a importância dessas publicações enquanto objetos de estudo.

Em primeiro lugar, é preciso esclarecer o que as pesquisadoras entendem por revistas femininas e revistas femininas adolescentes. Em amplo panorama realizado sobre a imprensa feminina no Brasil, Buitoni (1990) explica que esta surgiu como uma forma de especialização da imprensa geral, sendo comumente definida em função do sexo biológico de suas escritoras e de seu público. No entanto, a pesquisadora defende que o sexo das produtoras não é suficiente para designar uma imprensa como feminina. Da mesma forma, o que caracterizaria

uma revista enquanto tal seria o sexo biológico do seu público: “o grande elemento definidor ainda é o sexo de suas consumidoras” (BUITONI: 1990, p. 18).

De acordo com a autora, as revistas femininas constituem um segmento do mercado editorial que investe em temas variados, dirigidos e pensados para as mulheres; os periódicos “se proclamam destinados à clientela feminina e foram concebidos objetivando um público feminino” (BUITONI, op.cit). Nesse sentido, as revistas femininas adolescentes apresentam-se como um segmento desse mercado, direcionado a uma faixa etária intermediária entre as crianças e os adultos, que passou a ser explorado na década de 1980 e tornou-se um dos maiores filões do mercado editorial em todo o mundo (SCALZO: 2004).

Essa faixa de público tem algumas características que fazem com que o trabalho com ele e para ele seja muito diferenciado. As adolescentes escrevem e se comunicam muito mais com suas revistas do que as mulheres adultas. Cada promoção que envolve as leitoras recebe milhares de cartas. Cada vez que uma pergunta é dirigida a elas, centenas de respostas chegam à redação. As meninas pedem conselhos, ajuda, recorrem ao atendimento ao leitor para pedir informações que vão desde dicas para trabalhos escolares até a maneira adequada de se comportar em determinado ambiente (SCALZO: 2004, p. 88-89).

Seja o público constituído por mulheres ou garotas, Buitoni (1990) aponta que as publicações costumam tratar temas importantes de forma superficial. A autora explica que, ao realizar um levantamento nas trajetórias das grandes publicações nacionais, encontraremos temáticas de grande interesse e repercussão dentro da sociedade - como exemplos, ela cita a educação em escolas públicas, o problema das drogas e o controle de natalidade. Entretanto, esses assuntos são frequentemente abordados de forma descritiva e pouco reivindicatória, o que, ainda segundo a autora, justificaria algumas das fortes críticas feitas às revistas, muitas vezes taxadas de conservadoras, alienantes, estereotipadas e despolitizadas. Ao evitar polêmicas e controvérsias, as publicações acabariam criando uma visão mítica da realidade.

A imprensa feminina não mostra a negra, a índia, a japonesa; não mostra a pobre nem a velha – apresenta como ideal a mulher branca, classe média para cima e jovem. A juventude é outro dos mitos modernos que foi totalmente adotado pelos veículos femininos, servindo para estimular o mercado ao exigir eterna renovação (BUITONI: 1990, p.78).

Numa tentativa de inserir a revista *Você, Mulher* no campo de estudos das publicações femininas, apontando o papel de vanguarda que esta teria ocupado no mercado brasileiro do

início dos anos de 1970, Lima (2003) afirma que nesse período as revistas começaram a ocupar “um papel central na ordem da sociedade moderna como uma das responsáveis pelo controle do comportamento feminino - acompanhando seus ‘avanços’ e tolhendo-os - principalmente depois que a mulher passou a ampliar seu lugar de fala para além do mundo doméstico” (LIMA: 2003, p.6).

Segundo a autora, as publicações ganharam força ao aderir e reiterar o novo modelo que surgia, baseado num ideal de beleza feminina e em interesses dos anunciantes: “a hipótese é que o sexo foi ganhando cores fortes – e se revestindo do mito da beleza – à medida que o trabalho feminino vai se tornando cada vez mais comum, desembocando na explosão de erotismo” (LIMA: 2003, p.7) que tomou essas publicações nos anos 90.

Miranda (2006), autor que investiga a construção discursiva da identidade amorosa da mulher em revistas dirigidas para elas, sugere que o discurso das publicações se configura como um padronizador de comportamentos. Para ele, os conteúdos presentes nas revistas “assumem um posicionamento diante da realidade e constroem formas de negociação discursiva que tentam ocultar a heterogeneidade presente no discurso no intuito de torná-lo homogêneo” (MIRANDA: 2006, p.65). Ao trazer informações sobre beleza, moda, sexo e comportamento para suas leitoras, as publicações são marcadas por:

textos que mostram a mulher como aquela que deve agradar ao homem, revelados pelo percurso semântico do agrado. O que se detecta é que as receitas de bolo foram substituídas por receitas de vida: o que a mulher deve fazer, sobretudo para agradar seu parceiro, se o tem, ou conquistá-lo, se não o possui (MIRANDA: 2006, p.77).

Por sua tendência em propor conjuntos de dicas e regras que deveriam orientar a prática cotidiana de suas leitoras, as revistas femininas, segundo Hollenbach (2005), se aproximam da literatura de auto-ajuda, muito característica do século XX. De acordo com a autora, desde seu surgimento essas publicações configuram-se como manuais: se inicialmente ensinavam pontos de crochê, receitas de bolo ou dicas de leitura, hoje, num “tempo de relativização dos papéis sociais, elas trazem respostas aos problemas de identidade característicos de uma cultura globalizada e fragmentada” (HOLLENBACH: 2005, p.43).

Ao disponibilizar regras de conduta a serem seguidas pela leitora em sua vida cotidiana, as revistas legitimam um determinado modo de ser e, ao lado

de outras instituições sociais como a família, a escola, a Igreja e outros meios de comunicação, contribuem para dar inteligibilidade ao que significa ser mulher numa determinada sociedade e tempo: ajudam a formar o modo através do qual as mulheres olham para si mesmas e o modo como a sociedade olha para elas (HOLLENBACH: 2005, p.48).

Uliana (2006) chama a atenção para o fato de que as revistas femininas não apenas impõem valores ou comportamentos, bem como suas leitoras não são meros fantoches. Ela argumenta que existe, de fato, uma articulação, isto é, uma espécie de encontro que une a expectativa de prazer das leitoras e a expectativa de lucro das editoras. Para Gauntlett (2002), as revistas femininas sugerem às suas leitoras determinados estilos de vida e formas de pensar sobre elas mesmas, sugestões estas que são processadas ativamente, de acordo com suas experiências pessoais.

Em trabalho anterior ao mencionado acima, Buitoni (1981) explica que, no Brasil, os estudos sobre revistas femininas passaram a incorporar temas como sexo, gênero e feminilidade a partir da década de 1980. Segundo a autora, o tratamento dado a esses temas ajuda a manter os padrões e os papéis femininos estabelecidos em sociedade, já que as publicações constroem toda uma representação da imagem da mulher, em geral, conservadora, que poda suas possibilidades de realização como pessoa. Buitoni critica a representação da mulher nas revistas e a excessiva vinculação dessas ao mercado: “representação que, nesta civilização de consumo, lhe diz que é preciso ter para ser. Representação que continua a lhe ditar receitas sobre seu comportamento” (BUITONI: 1990, p.70).

Grande parte dos estudos já realizados sobre as publicações voltadas para as mulheres reforça a percepção de que estas contribuem para a perpetuação da tradicional visão dicotômica de gênero e de uma construção estrita do “feminino”. Ferguson (1983), em estudo sobre o culto da feminilidade em revistas femininas, conclui que estas não só refletem o papel feminino na sociedade, mas também contribuem para defini-lo culturalmente e socializá-lo entre as suas leitoras. Ao analisar o conteúdo das revistas *Cláudia*, *Nova* e *Carícia*, Sarti e Moraes (1980) consideram que as publicações reafirmam tradicionais papéis de gênero ao sugerir a relevância social da maternidade e colocar o trabalho em segundo plano na vida das mulheres.

Em acordo com essa idéia, Simon e Gagnon (1987) apontam as mensagens das revistas femininas como elementos que guiam o comportamento sexual das leitoras e perpetuam a desigualdade de gênero. Um exemplo dessa normatização de comportamentos é apontado por

Xavier Filha (2007), que analisa os testes publicados pelas revistas *Capricho* e *Cláudia* enquanto condutores dos comportamentos de suas leitoras. Por seus enunciados prescritivos e normalizadores, os testes se mostraram “instrumentos pedagógicos com o objetivo de conduzir as condutas femininas desde que fossem capazes de instigar o exame e a confissão, tornando o discurso da intimidade mais visível e verbalizado” (XAVIER FILHA: 2007, p.358). Segundo a autora, os testes sugerem conceitos de verdade, apoiados em códigos e preceitos morais sobre como as leitoras devem se comportar.

Os testes são constituídos de enunciados que instigam a reflexão, ou seja, um tipo de exame e, também, de confissão, na medida em que a leitora é induzida a produzir discursos sobre si própria a partir das categorias questionadas e normalizadas por aqueles instrumentos. Além de estimular o trabalho pessoal de quem se habilita a participar desse jogo, os testes expressam discursos de saber e poder sobre conceitos quase sempre fundamentados nas ciências psicológicas, favorecendo a normalização de condutas (XAVIER FILHA: 2007, p. 342).

A normalização de condutas a qual Xavier se refere implica, no campo da sexualidade, na prescrição da heterossexualidade como padrão. Em uma análise comparativa entre as revistas brasileiras *Nova* e *Marie Claire*, e as publicações *Elle-Québec* e *La Chatelaine* (Québec-Canadá), com o intuito de observar como as representações de gênero constroem os corpos sexuados e homogeneizam as práticas das mulheres, Swain (2001) chama a atenção para a importância que as capas ocupam nas publicações brasileiras, por apresentarem “chamadas que indicam as matrizes de sentido sobre as quais se apóiam o corpo e seus contornos, a sexualidade heterossexual, a sedução, o casamento e a maternidade” (SWAIN: 2001, p.71). De acordo com a autora, as representações veiculadas pelas revistas reforçam a convicção das mulheres de que o casamento e a orientação sexual são componentes indispensáveis para a sua própria existência.

As matrizes de inteligibilidade que constroem o corpo naturalizado em sexo feminino podem ser identificadas em torno da família heterossexual e de atributos essencializados na “verdadeira mulher”: sedução, maternidade, submissão, altruísmo, abnegação [...] No discurso da mídia vemos em funcionamento uma das tecnologias de produção do corpo sexuado, o aparato da produção do corpo feminino útil e dócil dentro das normas heterossexuais, que instituem o binário inquestionável do sexo biológico no social fazendo funcionar, no jogo da linguagem e da imagem, os mecanismos de assujeitamento à norma (SWAIN: 2001, p.80).

A essencialização de atributos e comportamentos como intrinsecamente femininos é uma das críticas mais recorrentes feitas às revistas nas análises consultadas para esse trabalho. Ao problematizar a veiculação de reportagens que essencializam as diferenças entre as características masculinas e femininas em revistas brasileiras (tanto aquelas direcionadas ao público em geral quanto aquelas voltadas para segmentos específicos), Beiras (2008) sugere que as publicações priorizam as explicações biológicas acerca da questão das diferenças entre homens e mulheres. Por meio da análise discursiva dessas revistas, os autores concluem que as concepções presentes em suas páginas constroem a heterossexualidade como normativa e compulsória.

Ao explorar o campo de estudos sobre as revistas adolescentes e suas leitoras, Currie (1990) argumenta que as publicações são textos sociais que participam da construção da percepção sobre o que significa ser menina ou mulher. Seus discursos têm o poder de influenciar as leitoras e, por não oferecerem uma representação completa de todas as possibilidades de desejos e comportamentos, acabam por reforçar as representações dominantes. Segundo o autor, a importância das revistas para as leitoras adolescentes é maior do que a importância das revistas para as mulheres, pois estas têm à disposição outras fontes de informação e experiências.

Stelle e Brown (1995) compactuam com essa idéia ao reforçar a importância das revistas como fontes às quais as adolescentes podem recorrer para aprender a agir de acordo com as expectativas e normas sociais. Para as autoras, isso aumenta o valor das revistas, pois elas estariam preenchendo lacunas de conhecimentos deixadas pelos pais e pelas escolas na vida das adolescentes.

Exemplos da importância dessas revistas como fontes de informação podem ser observados entre os resultados do estudo GRAVAD – Gravidez na Adolescência: Estudo Multicêntrico sobre Jovens, Sexualidade e Reprodução no Brasil¹⁶, que pesquisou quase cinco mil jovens com idades entre 18 e 24 anos em três capitais brasileiras. A pesquisa aponta que o uso de contraceptivos está associado, entre outras coisas, à utilização das revistas voltadas a esse público como fontes de informação sobre gravidez e contracepção. Para as pesquisadoras:

¹⁶ Para outras informações ver HEILBORN, Maria Luisa; AQUINO, Estela M.L.; BOZON, Michel; KNAUTH, Daniela. *O Aprendizado da Sexualidade: Reprodução e Trajetórias Sociais de Jovens Brasileiros*. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2006.

a constatação de que as revistas femininas como fonte de informações sobre meios para evitar gravidez está associada ao maior uso de contraceptivos merece mais atenção. A diversidade dos temas tratados, bem como a inclusão de matérias ou correspondências que retratam dúvidas e relatos de outras jovens em seus relacionamentos, pode preencher lacunas importantes relativas à falta de comunicação familiar e à inadequação dos conteúdos dos textos educativos que, em geral, enfatizam as dimensões científicas e técnicas e desconsideram os aspectos subjetivos e relacionais (MARINHO; AQUINO; ALMEIDA: 2009).

Hall (1990) também cita as revistas como um dos elementos absorvidos e assimilados pelas adolescentes no processo de construção de sua identidade. Segundo Mccracken (1993), as publicações são eficazes na transmissão de cultura por se apresentarem como uma parte dela que fala diretamente com as leitoras, utilizando a linguagem delas.

Para Johnson (2004), as revistas adolescentes se apropriam e representam elementos das culturas privadas da feminilidade, por meio das quais as adolescentes supostamente viveriam as suas vidas. No movimento de apropriação, as revistas tornam esses elementos abertos à avaliação pública, passíveis de serem taxados, por exemplo, de “coisas de garotas”. Ainda segundo o autor, as publicações generalizam esses elementos no âmbito de um conjunto particular de leitoras e criam assim seus próprios públicos: “A revista é, pois, um material bruto para milhares de leitoras – garotas que produzem suas próprias re-apropriações dos elementos que foram, anteriormente, tomados de empréstimo de sua cultura vivida e de suas formas de subjetividade” (JOHNSON: 2004, p.48).

De acordo com estudos de Miranda-Ribeiro e Moore (2002) sobre a saúde reprodutiva das adolescentes nas revistas, estas funcionam não apenas como fonte de informação, mas também como balizador daquilo que é considerado comportamento normal na adolescência. Entretanto, as autoras sugerem que as informações veiculadas pelas revistas sobre o tema são superficiais e incompletas. Exemplo disso são os focos na camisinha como método contraceptivo, deixando de lado explicações sobre outros métodos disponíveis, e na Aids como o principal risco ao qual as adolescentes estão sujeitas, não mencionando tantas outras doenças sexualmente transmissíveis.

A análise conduzida por Ostermann e Keller-Cohen (1998) com revistas adolescentes norte-americanas e brasileiras (*Teen*, *Seventeen*, *Sassy* e *Capricho*) indica que as mensagens das

publicações são contraditórias. Isso porque, ao mesmo tempo em que incentivam as garotas a serem elas mesmas, também ensinam como se comportar para satisfazer os garotos. Da mesma forma, as revistas estimulam a leitora a respeitar o próprio corpo, seus desejos e vontades, mas sugerem que ela não deve romper com as normas estabelecidas socialmente.

A contradição nos discursos das revistas é apontada também por Santos e Silva (2008), que analisaram reportagens das revistas *Capricho* e *Todateen*, pondo em foco os ideais de feminilidade, ou seja, as formas previstas de ser mulher (explicitadas ou subentendidas) que são veiculadas pelas publicações. Considerando aspectos ligados à sexualidade, saúde sexual e gênero, as autoras concluem que as revistas apresentam ideais de relações e papéis de gêneros que perpetuam o tradicional padrão dicotômico entre as adolescentes, ao exibir em suas páginas condutas e atributos femininos em conformidade com as normas de gênero. Uma constatação que, como visto acima, surge também nas análises sobre as revistas femininas.

Nesse padrão observado de relação entre gêneros, há a valorização da heterossexualidade, de relacionamentos duradouros e monogâmicos, com a valorização do amor romântico para mulheres. [...] Mesmo num mundo que parece estar em constante mudança, as matérias prescrevem atitudes e comportamentos femininos que, apesar de parecerem diferentes e avançados, visam à manutenção de um padrão dicotômico de gênero, no qual a iniciativa feminina é bem vinda quando bem disfarçada (SANTOS; SILVA: 2008, p.31).

Entendendo as revistas como um manual de comportamento e como um dos signos do conceito vigente de adolescência, Bronstein (2008) afirma que estas se constituem, hoje, em uma instância normativa de certo estilo de vida estruturado através de um modo de pensamento e construção de identidade, e também de consumo de produtos e serviços. Para a autora, as revistas adolescentes informam pouco e formam muito, funcionando como manuais do jogo social juvenil, que universalizam e ditam regras comportamentais. Para atingir os seus objetivos, as publicações utilizam linguagem coloquial e imperativa, posicionando-se diante da leitora “como uma espécie de melhor amiga, mais experiente ou simplesmente como uma desconhecida que ‘coincidentalmente’ está vivenciando questões semelhantes às vividas pela leitora” (BRONSTEIN: 2008, p.47).

As publicações voltadas para o público feminino juvenil são ao mesmo tempo bens que participam dos rituais de feminilidade adolescente e instâncias consagradoras de outros bens que fazem ou farão parte do mundo social deste público. Percebemos que as revistas apresentam referenciais

para a formação do padrão de gosto da adolescente que se expressam nas diversas relações de consumo de bens que, nessa perspectiva, tornam-se acessórios rituais que dão sentido à vida da menina em sociedade. Nestes referenciais estão presentes certos modelos de feminilidade anunciados por vedetes da mídia e por jovens com o mesmo perfil das leitoras, que dão sentido ao mundo social adolescente (BRONSTEIN: 2008, p.45).

Inserida nesse contexto está a revista *Capricho* que, por sua tradição no mercado, foi objeto de estudo de muitos pesquisadores. Ao empreender uma análise crítica do discurso da revista, Ostermann (1995) afirma que esta se comunica com suas leitoras de forma imperativa, ou seja, os textos dizem o que elas devem ou não fazer, de forma a não deixar espaço para agir ou pensar de maneira diferente. Em outro trabalho, no qual também analisa a *Capricho*, mais especificamente sua seção de testes (OSTERMANN; KELLER-COHEN, 1998), a autora chega à conclusão de que estes julgam, avaliam e classificam as garotas em duas categorias – “boas” ou “más” – recomendando ainda o comportamento heterossexual como norma para todas elas.

A força que a prescrição desses comportamentos possui na vida das adolescentes pode ser notada em um trabalho de Miguel (2007), com mulheres que foram leitoras da *Capricho* durante a adolescência. A pesquisadora analisa a revista como um lugar de memória, tomando a publicação como “dispositivo de constituição de subjetividades” das adolescentes. Ela procura, através das narrativas de ex-leitoras da revista, lembranças e memórias suscitadas pela releitura de *Capricho*, tendo assim “acesso a aspectos relacionados à constituição delas como mulheres e articulando-se à história das mulheres, ao lugar da sexualidade feminina e às relações de gênero” (MIGUEL: 2007, p.2).

Ao estudar a publicação, Couto e Meandro (2003) identificam e analisam interesses, comportamentos e valores retratados nas seções temáticas da revista com o objetivo de construir um panorama das imagens utilizadas para representar a adolescência feminina. A análise revelou uma espécie de modelo ideal de adolescente presente na publicação que deveria conjugar autonomia e liberdade com respeito aos limites; valores e convicções com diálogos; autovalorização com respeito às diferenças; e prazeres e lazeres com responsabilidade e cuidado em relação a doenças, violência e vulgaridade.

Em estudo que teve como objeto a seção “Pense Nisso”, Brandão (1996) conclui que, por falar diretamente com as leitoras sobre assuntos que são de seu interesse, a *Capricho*

constitui-se num espaço de socialização. Para Miranda-Ribeiro e Moore (2003), uma revisão dos estudos sobre revistas adolescentes já realizados até então indica que as reportagens estimulam e reafirmam a subordinação da identidade feminina em favor da dominação masculina:

estes textos contribuem para o controle patriarcal das vidas femininas. Quanto às relações de gênero, a mídia reforça as condições que legitimam as estruturas de poder existentes. A construção do papel feminino através das revistas coloca as adolescentes em uma posição contraditória na medida em que elas precisam encantar os homens e, ao mesmo tempo, assumem a culpa se elas fracassam na manutenção desta construção patriarcal. Esta contradição tem conseqüências negativas para as meninas que tentam viver através destes valores (MIRANDA-RIBEIRO; MOORE: 2003, p. 9).

Alguns autores brasileiros se debruçaram sobre a *Capricho* com o intuito de analisar a construção da representação do corpo adolescente na revista. Entre eles, Figueira (2003) sugere que os textos e as imagens presentes nas revistas, bem como aqueles que não aparecem em suas páginas, legitimam e ensinam às adolescentes “verdades” sobre como seus corpos devem ou não devem ser. Em outro trabalho, Figueira (2003) aponta uma série de exigências conferidas ao feminino, especialmente à beleza como um atributo aparentemente inerente. Para a autora, os discursos da revista sobre o que/quem é uma mulher bonita ensinam as leitoras a compreender a construção da identidade feminina como algo que passa, necessariamente, pelo investimento corporal, traduzido nos diferentes cuidados indispensáveis para conquistar a beleza. Essas afirmações possibilitam

identificar a *Capricho* como uma instância pedagógica produtora de conhecimento e de saberes sobre o corpo, a moda, a atividade física, a beleza, a saúde e a sexualidade pois figuram nas suas páginas diversas representações de corpo, vários discursos que apontam caminhos e atitudes a serem seguidos, depoimentos de personalidades tomadas como exemplos, anúncios que vendem distintos produtos específicos... enfim, nas páginas da *Capricho* ensina-se como ser uma adolescente bonita, atraente e moderna (FIGUEIRA: 2003, p. 127-128).

Voltando-se para o papel da *Capricho* na busca das adolescentes pelo “corpo perfeito”, Serra (2001) analisou as estratégias discursivas adotadas pela revista quanto às práticas alimentares de emagrecimento, concluindo que esta se apropria do discurso técnico-científico de forma a legitimar-se e utiliza estratégias de convencimento, persuasão e sedução para influenciar as leitoras quanto às decisões, atitudes e comportamentos ligados à prática alimentar. Segundo a

autora, o adolescente “necessita ser desejado, querido e aceito, manter o corpo bonito, esbelto, esguio, pois isto representa a expressão maior do erotismo/desejo” (SERRA: 2001, p.51).

Vemos o corpo da menina/adolescente como fetiche a serviço da lei de mercado. A menina/adolescente passa a ser treinada para reproduzir o *modus vivendi* contemporâneo. Ela deve comer o que todos comem, usar as roupas que todos usam, ter o mesmo corpo que todos possuem (SERRA: 2001, p.55).

Em outro estudo, Serra e Santos (2003) afirmam que a *Capricho* divulga um padrão estético corporal determinado, que surge nos textos como uma “quase imposição”. Nas publicações, o corpo não é pensado em suas múltiplas dimensões, ele “se restringe a padrões modulares estéticos” (SERRA: 2003, p.701). Ainda abordando o modo como a revista produz representações sobre os corpos adolescentes, Figueira e Goellner (2005) sugerem que a *Capricho* busca, de maneira implícita e também explícita, formar a adolescente feminina ao “incentivá-la a investir em si mesma para que possa produzir um corpo consoante às representações de saúde e beleza que a revista cria e reproduz nas suas páginas” (FIGUEIRA; GOELLNER: 2005, p.89).

Ter um corpo perfeito, trabalhado, esculpido à imagem e semelhança do desejo de cada um é uma tendência que vem se firmando, fazendo parecer serem normais, inerentes, essenciais, portanto, “naturais” do viver a identidade contemporânea. Já não basta apenas ser saudável: há que ser belo, jovem, estar na moda e ser ativo (FIGUEIRA; GOELLNER: 2005, p.88).

Ao revisitar análises que trazem como tema as revistas femininas, em geral, e aquelas direcionadas ao público adolescente, especificamente, é possível perceber que a maioria das conclusões aponta para a importância dessas publicações como fontes de informação para suas leitoras, principalmente no que diz respeito ao campo da sexualidade. Os discursos das revistas sobre relações de gênero, ideais de feminilidade e construção do “feminino” foram apontados, na maioria das análises, como colaboradores para a perpetuação do tradicional padrão dicotômico de gênero e também das desigualdades entre homens e mulheres.

Ainda segundo esses estudos, as páginas das revistas estão repletas de orientações e regras de conduta para as leitoras. Entre elas, como sugerido por alguns autores, está a heterossexualidade como norma pela qual passa a própria constituição do “ser menina” ou “ser mulher”. Essa hipótese será investigada mais a fundo nesse trabalho ao discutir até que

ponto as identidades sexuais construídas nas revistas, bem como as abordagens sobre gênero e sexualidade, estão inscritas numa perspectiva heteronormativa.

Essa questão será analisada mais profundamente ao longo desse trabalho e, para pensar esse e outros temas, faremos uso de conceitos fundamentais, tais como gênero, sexualidade e identidade, que serão discutidos ao longo do próximo capítulo. A discussão a seguir será responsável por fornecer as ferramentas teóricas que embasarão a análise das revistas feita mais adiante.

2.0 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 REFLEXÕES SOBRE O CONCEITO DE IDENTIDADE

O primeiro conceito a ser discutido nesse capítulo é o de “identidade”: partiremos do seu surgimento, quando ainda era pensado no plano individual, para chegar aos dias atuais, quando os debates acerca do tema apontam para uma visão múltipla e fragmentada do conceito. As discussões sobre as diferentes maneiras de pensar o conceito - enquanto essência, unidade coerente, ou algo múltiplo e provisional – serão de extrema importância para compreender o modo como as identidades sexuais são construídas nas revistas adolescentes.

Os conceitos de cultura e identidade nem sempre foram tão próximos como se apresentam atualmente. Inicialmente ligado ao campo da subjetividade, o conceito de identidade desenvolveu-se a partir das idéias de sujeito, indivíduo e interioridade. O primeiro passo para pensá-lo no plano coletivo, atrelando-o à noção de cultura, foi a constituição dos Estados nacionais (HALL: 2003). Em seu processo de formação, os Estados precisaram “nacionalizar” a população, inculcando nessa o sentimento de pertencimento. Ao produzir sentidos sobre a nação com os quais pudéssemos nos identificar, as culturas nacionais foram construindo identidades, fazendo para isso o uso de uma série de símbolos, valores e ideais.

Segundo Hall, as culturas nacionais são compostas não apenas por instituições culturais, mas também por símbolos e representações. Para o autor, a cultura nacional é um discurso, ou seja, um modo de construir sentidos que influencia e organiza as nossas ações e concepções de nós mesmos. Esses sentidos estão contidos nas histórias que são contadas sobre a nação, nas memórias que conectam seu presente com seu passado e nas imagens que dela são construídas.

Como argumentou Benedict Anderson, a identidade nacional é uma comunidade imaginada. [...] Devemos ter em mente três conceitos, ressonantes daquilo que constitui uma cultura nacional com uma comunidade imaginada: as memórias do passado; o desejo por viver em conjunto; a perpetuação da herança (HALL: 2003, p. 58).

Na construção dessa “comunidade imaginada”, diferenças de classe, gênero e etnia são anuladas e subordinadas para a constituição de uma identidade cultural unificadora. No mundo contemporâneo, no entanto, essas “comunidades” são cada vez mais contestadas e reconstituídas e, nessa perspectiva, o conceito de identidade surge em oposição ao conceito de identidade nacional enquanto apagamento de separações e diferenças.

Essa idéia de identidade nacional é, segundo Bauman (2005), uma ficção fundamental para o estabelecimento dos alicerces da legitimidade do Estado moderno. Longe de emergir da experiência humana como um fato auto-evidente, a identidade surgiria como uma tarefa incompleta, um dever e um ímpeto à ação. A existência da identidade nacional, bem como de uma comunidade nacional coesa, é para o autor um projeto eternamente precário, que demanda vigilância contínua, grande esforço e emprego de força.

Nascida como uma ficção, a identidade precisou de muita coerção e convencimento para consolidar-se e tornar-se “realidade”. Esses ingredientes permearam a história do nascimento e da maturação do Estado moderno, cujo projeto de legitimação está ancorado no poder de exclusão, já que pretende monopolizar o direito de traçar e policiar a fronteira entre um “nós” e um “eles”. No entanto, o próprio Bauman defende que a questão da identidade não pode mais ser tratada por esses tradicionais instrumentos de entendimento, sendo necessário pensá-la de acordo com a dinâmica do transitório, característica marcante daquilo que ele chama de “era líquido-moderna”.

Caracterizada por oportunidades fugazes, seguranças frágeis e fragmentação de vínculos, a era líquido-moderna evidencia a condição precária e eternamente inconclusa da identidade. Para Bauman (2005), uma identidade firmemente fixada e solidamente construída seria um fardo para o sujeito, uma limitação de sua liberdade de escolha numa sociedade marcada pela fluidez. Assim, a construção identitária constitui-se numa espécie de experimentação infundável, marcada simultaneamente por atração e apreensão, desejo e medo, uma ambigüidade sem fim.

Como um assunto individual conduzido com poucos pontos de orientação (e que mudam constantemente), a tarefa de construir uma identidade própria, torná-la coerente e submetê-la à aprovação pública exige atenção vitalícia, vigilância constante, um enorme e crescente volume de recursos e um esforço incessante sem esperança de descanso (BAUMAN: 2005, p. 89).

Assim, o sujeito - anteriormente pensado como possuidor de uma identidade unificada, estável e coerente - vai se tornando cada vez mais fragmentado, composto não apenas por uma identidade única, mas por várias identidades, algumas delas contraditórias ou não-resolvidas. O próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático.

A abordagem discursiva vê a identificação como uma construção, como um processo nunca completado – como algo sempre “em processo”. Ela não é, nunca, completamente determinada – no sentido de que ela pode ser, sempre, sustentada ou abandonada. [...] A identificação é, ao fim e ao cabo, condicional; ela está, ao fim e ao cabo, alojada na contingência. [...] A identificação é, pois, um processo de articulação, uma suturação, uma sobredeterminação, e não uma subsunção (HALL: 2000, p.106).

Esse processo de articulação envolve forças includentes e segregacionistas, que simultaneamente unem e dividem os indivíduos. Para Bhabha (1998), a identificação é um processo problemático de acesso a uma imagem de totalidade, no qual a identidade nunca é um produto acabado e a marca da fissura entre um “eu” e um “outro” sempre está presente. A questão da identificação “nunca é a afirmação de uma identidade pré-dada, nunca uma profecia autocumpridora – é sempre a produção de uma imagem de identidade e a transformação do sujeito ao assumir aquela imagem” (BHABHA: 1998, p. 76).

Dessa forma, a identidade pode ser concebida como uma invenção e as possibilidades múltiplas de construções identitárias são um grande desafio na sociedade contemporânea (MOURA: 2005). Não podemos falar em identidade como uma coisa dada ou unificada. Da mesma forma, também não podemos afirmar a existência de uma identidade verdadeira ou autêntica, que pode ser encontrada invocando algo inerente ao indivíduo ou apelando a alguma qualidade essencial.

É freqüente dizer identidade cultural, identidade política, identidade religiosa... Entretanto, a emersão, insinuação, estabelecimento ou consolidação de uma identidade é um processo consideravelmente complexo, que pode ser observado tanto no âmbito macropolítico, historiográfico, quanto no âmbito existencial, íntimo (MOURA: 2005, p. 78).

Para Moura, a saída seria pensar a construção da identidade enquanto um texto que pode ser compreendido em três dimensões: a) *dimensão do tecimento*, ou perspectiva segundo a qual se deseja conhecer o processo de construção da identidade; b) *dimensão do tecido*, evidenciada

pela percepção da identidade a partir de uma obra que oferece uma versão de sociedade ou indivíduo; c) *dimensão da contextura*, concepção que realça a estrutura do texto identitário.

Nesse caso, o que se propõe não é um recorte de apenas um lado da realidade. Cada uma dessas dimensões representa um olhar diferente acerca da construção da identidade, e cada uma delas é complementar em relação à outra. Assim, o processo de construção de identidades se mostra um complicado drama que exige que nós priorizemos um aspecto de cada vez - seja ele cultural, econômico ou político – e que exige ainda o enfrentamento de instâncias de dominação.

Em acordo com essa idéia, Woodward (2007) defende que a identidade deve ser vista como contingente, ou seja, como produto de uma intersecção de distintos componentes, de discursos políticos e culturais, e de histórias particulares. Dentro dessa perspectiva, a identidade é relacional e marcada por diferenças estabelecidas simbolicamente diante de outras identidades. Sua construção é tanto um processo simbólico quanto social, vinculado a condições sociais e materiais.

O social e o simbólico referem-se a dois processos diferentes, mas cada um deles é necessário para a construção e a manutenção das identidades. A marcação simbólica é o meio pelo qual damos sentido a práticas e a relações sociais, definindo, por exemplo, quem é excluído e quem é incluído. É por meio da diferenciação social que essas classificações da diferença são vividas nas relações sociais (WOODWARD: 2007, p. 14).

Isso significa dizer que sempre há contradições no interior das identidades que precisam ser negociadas, mesmo porque o que experimentamos, na realidade, são identidades em interação, seja numa dinâmica de consenso ou numa dinâmica de conflito. Nesta perspectiva, identidades sexuais, étnicas e de classe surgem como um confronto ao “todo homogêneo” que a nacionalidade representaria, estabelecendo assim um embate entre a identidade nacional e as identidades segmentadas.

Essa dinâmica contraditória é evidenciada por Tadeu da Silva (2007) ao problematizar a estreita relação de dependência mútua entre os conceitos de identidade e diferença. Para o autor, ambos são inseparáveis, interdependentes e compartilham uma característica fundamental – são o resultado de atos de criação lingüística. Isso significa dizer que identidade e diferença são criações sociais e culturais fabricadas por meio de atos de

linguagem, não podendo ser compreendidas fora dos sistemas de significação nos quais adquirem sentido. Por outro lado, isso não quer dizer que elas sejam fatalmente determinadas pelos sistemas simbólicos e discursivos que lhes definem. Tadeu da Silva chama a atenção para o fato de que não se pode esquecer que a própria linguagem é uma estrutura instável:

Essa característica da linguagem tem conseqüências importantes para a questão da diferença e da identidade culturais. Na medida em que são definidas, em parte, por meio da linguagem, a identidade e a diferença não podem deixar de ser marcadas, também, pela indeterminação e pela instabilidade [...] A identidade, tal como a diferença, é uma relação social. Isso significa que sua definição – discursiva e lingüística – está sujeita a vetores de força, a relações de poder (TADEU DA SILVA: 2007, p.80-81).

Afirmar uma identidade e marcar uma diferença implica, inevitavelmente, em operações de inclusão e exclusão, de demarcação de fronteiras, de separação e distinção. Em conexão com as relações de poder, identidade e diferença constituem-se em objetos de disputa. Nesse ponto, o conceito de representação adquire grande importância. Para Tadeu da Silva, é por meio também da representação que a identidade e a diferença se ligam a sistemas de poder. Ou seja, quem tem o poder de representar tem o poder de definir e determinar as identidades e assim, questioná-las significa também questionar os sistemas de representação que lhes dão sustentação.

Por representação, o autor entende um sistema lingüístico e cultural que se caracteriza por ser arbitrário, indeterminado e estreitamente ligado a relações de poder. Assumindo uma concepção pós-estruturalista, ele questiona a perspectiva clássica que atribui pretensões miméticas e especulares à representação. Para ele, a representação não aloja a presença do “real” ou do significado, nem é simplesmente um meio transparente de expressar um suposto referente. Em vez disso, “a representação é, como qualquer sistema de significação, uma forma de atribuição de sentido” (TADEU DA SILVA: 2007, p. 91). Ao rejeitar uma compreensão puramente descritiva da representação, o autor desloca a ênfase na identidade como descrição para a identidade como movimento e transformação.

Podemos dizer que a identidade é uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo. A identidade é instável, contraditória, fragmentada, inconsistente, inacabada. A identidade está ligada a estruturas discursivas e narrativas. A identidade está ligada a sistemas de representação. A identidade tem estreitas conexões com relações de poder (TADEU DA SILVA: 2007, p. 96).

Em acordo com a idéia de que não há atributos universais ou fixos na identidade humana, e que a diferenciação e o movimento entre as identidades são característicos das sociedades modernas, Bondi (1999, p. 263) propõe pensar a identidade “como processo, como *performance* e como algo provisional”. Ao expor esse caráter externamente múltiplo e, ao mesmo tempo, internamente fraturado, defende que a identidade deve ser continuamente assumida e imediatamente questionada.

Essa conceitualização procura evitar o essencialismo implícito em exortações a identidades autênticas, ao mesmo tempo em que reconhece que não podemos prescindir totalmente da identidade. Define a identidade não no âmbito de uma essência real, não no âmbito de uma mitologia dada, mas no âmbito de uma criação dependente do contexto (BONDI: 1999, p.262).

Como alternativa para pensar a identidade, Bondi propõe uma “metáfora espacial”, útil para captar tanto a multiplicidade como a fratura interna das identidades, sem esquecer do conceito de sujeito e de que operamos o tempo todo com narrativas de nossa integridade pessoal. Como consequência dessa metáfora, a pergunta “quem sou?” se transforma em “onde estou?” e categorias familiares de identidade, como classe, nacionalidade, etnicismo e gênero, são tratadas não como essências irreduzíveis, mas como posições que assumimos ou que nos são designadas.

Dessa maneira, o lugar ocupa o papel da essência sem, no entanto, cancelar com isso o essencialismo. Bondi desconstrói a oposição entre essencialismo e construcionismo, e sugere que “o essencialismo do anti-essencialismo é inerente à idéia de lugar ou posicionalidade” (1999, p. 264). Afirma que a noção de posição ou lugar pode ser pensada como um depósito do conceito de essência, sem perder de vista, entretanto, que estas posições são continuamente criadas e produzidas.

Simpática à idéia de posições de identidade, Chantal (1999) coloca que estas nunca estão totalmente fixadas em um sistema fechado de diferenças. O sujeito, para ela, é constituído por uma diversidade de discursos entre os quais não tem que haver necessariamente relação, mas um movimento constante de superdeterminação e deslocamento. A identidade desse sujeito múltiplo e contraditório é vista como “contingente e precária, fixada temporalmente na interseção das posições de sujeito e dependente de formas específicas de identificação” (CHANTAL: 1999, p.31-32).

Para a autora, não há nenhuma posição de sujeito cujos vínculos com outras estejam assegurados de maneira definitiva e, conseqüentemente, não há identidade social que possa ser completa e permanentemente adquirida. Isso não significa dizer que é preciso abolir categorias coletivas, como mulheres ou negros, mas que, tendo descartado a existência de uma essência comum, seu status deve ser concebido em termos de “semelhanças familiares e sua unidade deve ser vista como resultado de uma fixação parcial de identidades mediante a criação de pontos nodais” (CHANTAL: 1999, p. 34).

Ao refutar a presumida unidade de categorias, como negros, gays ou mulheres, evidencia-se a pluralidade de entrelaçamentos sociais, culturais e políticos sobre os quais essas identidades são construídas e, ainda, a pluralidade interna presente nessas categorias. Isso leva a pensar até que ponto a unidade e a coerência são mesmo necessárias e, ainda, por que contradições, divergências e rupturas surgem frequentemente como ameaças na seara das identidades. A esse respeito, Butler diz:

Não implica a unidade uma norma excludente de solidariedade no âmbito da identidade, excluindo a possibilidade de um conjunto de ações que rompam as próprias fronteiras dos conceitos de identidade, ou que busquem precisamente efetuar essa ruptura como um objetivo político explícito? Sem a pressuposição ou o objetivo da unidade, sempre instituído no nível conceitual, unidades provisórias podem emergir no contexto de ações concretas que tenham outras propostas que não a articulação da identidade (BUTLER: 2003, p. 36).

Para Butler, a produção da identidade deve ser vista como uma questão de performatividade, conceito que ela vai buscar, ainda em suas formulações iniciais, no trabalho de J. A. Austin. Para Austin (*apud* Butler: 2003), a linguagem não se limita a proposições descritivas de fatos, ações ou situações. Há proposições que não simplesmente descrevem coisas, como também, ao serem pronunciadas, em especial as pronunciadas repetidamente, fazem com que essas coisas aconteçam. Austin argumenta que a repetida enunciação de determinada sentença pode produzir o fato que teoricamente deveria apenas descrever. É nesse sentido que Butler se apropria do conceito de atos performativos e amplia as reflexões sobre este para pensar a questão da identidade. Para ela, aquilo que é dito faz parte de uma rede ampla de atos lingüísticos que contribui para definir ou reiterar a identidade que supostamente é simplesmente descrita.

No entanto, a eficácia dos enunciados performativos na produção da identidade depende de sua constante repetição: “A performatividade não é, assim, um ‘ato singular’. [...] E na medida em que ela adquire o status de ato no presente, ela oculta e dissimula as convenções das quais ela é uma repetição” (BUTLER: 2001, p. 167). Assim, a possibilidade de repetição é capaz tanto de garantir a eficácia dos atos performativos que reforçam identidades existentes, quanto de romper a supremacia de identidades hegemônicas.

Para problematizar a noção de identidade, Butler põe em ação, além da lingüística, algumas categorias e perspectivas psicanalíticas, que serão discutidas mais adiante ao tratarmos questões de sexo e gênero. Já o sociólogo Anthony Giddens não recorreu a teorias psicanalíticas para desenvolver sua concepção de identidade enquanto uma “narrativa reflexiva do eu”: uma articulação construída pelo sujeito entre a experiência subjetiva e os modos de organização social com a função de dar conta de sua integridade e permanência ao longo do tempo e, ainda, de garantir sua adequação às exigências da realidade (GIDDENS: 2002). A idéia de narrativa do eu é construída por Giddens com base na noção de consciência, não estabelecendo um diálogo próximo com a psicanálise.

Essa narrativa busca estabelecer a continuidade entre passado, presente e futuro no campo da subjetividade e, ainda, certificar integridade psicológica, permanência e segurança ontológica para enfrentar as situações de risco e insegurança que caracterizam o impacto da modernidade na experiência individual. A narrativa do eu pode ser caracterizada como uma espécie de “narrativa de si” construída a partir da consciência e fundada numa suposta linearidade entre passado, presente e futuro. Em outras palavras, parte do princípio de que o sujeito seria capaz de ordenar progressivamente as informações sobre si próprio, com base em experiências passadas e na busca da previsibilidade e do controle dos eventos futuros.

Para Cunha (2007), entretanto, pensar a identidade enquanto narrativa do eu implica, do ponto de vista psicanalítico, desconsiderar os debates freudianos em torno da noção do eu e reduzir a experiência subjetiva à dimensão da consciência e da representação. Esse tipo de formulação tornou-se inadequado desde a descoberta do inconsciente – campo de produção de sentido fora dos domínios do eu e da consciência, capaz de gerar efeitos sobre o corpo – e as teorizações de Freud acerca de uma realidade psíquica, na qual afetos e fantasias têm conseqüências concretas sobre a subjetividade.

O modelo de relação eu-e-mundo que sustenta a perspectiva identitária tal como Giddens a explicita, ao mesmo tempo em que se mantém tributário da filosofia do sujeito e do primado de uma razão instrumental fundada na consciência, simplifica a compreensão psicanalítica da vida emocional e desconsidera a radicalidade da invenção freudiana e toda a gramática inconsciente fundada no jogo mortífero das intensidades que invadem e constituem o aparelho psíquico (CUNHA: 2007, p. 185).

Esse tipo de narrativa seria viável somente a partir de constantes operações de exclusão de conteúdos rejeitados pelo eu, supressão de afetos, recalque de fantasias e produção de angústia. Ou seja, uma tarefa irrealizável do ponto de vista psicanalítico. Além disso, um outro problema no pensamento de Giddens, segundo Cunha, é o fato de ele não conseguir se libertar da percepção do eu-sujeito íntegro, unívoco e permanente.

Com tantas críticas às teorizações acerca da identidade, muitas vezes temos a impressão de que este é um conceito superado. No entanto, ainda que seja inadequado pensar o conceito da forma tradicional, ele continua sendo de extrema utilidade para discutir importantes questões contemporâneas. Por um lado, não cabe mais pensar o conceito de identidade em sua forma originária, mas, por outro, ele ainda não foi substituído. A saída para esse dilema, segundo Hall (1995), é colocar o conceito de identidade sob rasura. Em outras palavras, continuar utilizando-o, mas de maneira desconstruída, deslocada e destotalizada.

A identidade é um desses conceitos que operam “sob rasura”, no intervalo entre a inversão e a emergência: uma idéia que não pode ser pensada da forma antiga, mas sem a qual certas questões-chave não podem nem sequer ser pensadas (HALL: 2007, p.104).

Nessa perspectiva, a identidade é tomada como um conceito estratégico e posicional: intersecção de pontos de apego temporários a posições de sujeitos construídas pelo discurso. Não se pode esquecer, porém, que as identidades não são constituídas simplesmente através do acúmulo de posicionamentos; elas funcionam sempre por meio da exclusão, da construção discursiva de um exterior constitutivo e da produção de sujeitos marginalizados, que se encontram fora do campo do representável. Sua capacidade de transformar o diferente em abjeto é inegável¹⁷.

¹⁷ O conceito de “abjeto”, tomado aqui na perspectiva da teórica Judith Butler, será discutido mais a frente, ainda neste capítulo da dissertação.

Portanto, a identidade surge no mundo contemporâneo como o modelo preponderante de solução para a questão da construção de si e do posicionamento diante do outro e do mundo a sua volta. O modelo dominante, mas não o único possível. Dessa forma, ainda que não haja unanimidade entre os teóricos quanto ao significado e utilidade do conceito, faz-se necessário explicitar a definição de identidade aqui tomada.

Tomamos aqui a concepção de Hall (2007), para quem a identidade é um conceito estratégico e posicional, que não assinala a existência de um “eu coletivo” capaz de garantir o pertencimento cultural, uma unidade imutável ou coerência interna. Para o autor, tal como assumimos nesse trabalho, as identidades não são nunca unificadas, mas “são, na modernidade tardia, cada vez mais fragmentadas e fraturadas; elas não são, nunca, singulares, mas multiplamente construídas ao longo de discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicos” (HALL: 2007, p.108).

A partir desse conceito, será possível analisar a construção das identidades, mais especificamente as identidades sexuais e de gênero, nas páginas das revistas adolescentes, buscando compreender se essas identidades são pensadas em termos de uma unidade coerente ou essência interior ou, por outro lado, se são tomadas como algo em permanente construção. Para uma melhor compreensão do significado de “identidades sexuais” nesse trabalho, faremos algumas reflexões sobre o conceito de sexualidade no ponto seguinte do capítulo.

2.2 SEXUALIDADE: ESSENCIALISMO X CONSTRUCIONISMO

A partir de agora, dedicaremos espaço para conceituar o que entendemos por sexualidade, discussão que passa obrigatoriamente pela problematização das perspectivas essencialista e construcionista de abordagem do tema, bem como pelos debates sobre a construção da categoria “sexo” e sobre os diferentes modos de pensar os conceitos de natureza e cultura. Essa discussão é fundamental para compreender o que levamos em conta ao falar em sexualidade ou identidades sexuais nas revistas a serem analisadas mais adiante.

A legitimação e organização política dos Estados modernos trouxeram uma preocupação crescente com o controle de sua população, que incluía providências para garantir a vida e a produtividade dos cidadãos. Essa preocupação fomentou o desejo, em atores sociais como o Estado, a Igreja e a então “Ciência”, de disciplinar e regular a família, os corpos, a reprodução

e as práticas sexuais. Assim, o final do século XIX trouxe uma série de “descobertas” e definições sobre os corpos dos homens e mulheres. Essas classificações, fruto do trabalho de médicos, filósofos, religiosos e moralistas, ganharam persistente *status* de verdade.

Dessa forma, a incipiente sexologia nasceu marcada por tipologias e definições hierarquizadas que buscavam explicar, identificar e disciplinar a sexualidade, produzindo discursos carregados de autoridade. Esses discursos hegemônicos presumem uma continuidade entre sexo, gênero e sexualidade, instituindo uma lógica binária na qual um sexo – caracterizado em termos biológicos – determina um dos dois gêneros possíveis – masculino e feminino – e ainda uma única forma de desejo – direcionado ao sexo/gênero oposto.

Essa seqüência supostamente coerente, pela qual um corpo desenvolveria sua sexualidade apenas numa única direção, encontra-se fortemente enraizada na biologia e no questionável pressuposto de que o sexo estaria inscrito no domínio universal e estável da natureza. Por outro lado, não se pode afirmar a existência de um sexo fora da cultura ou de um sexo pré-discursivo. É nesse ponto que se instaura o clássico embate entre natureza e cultura nas tentativas teóricas de conceituar e entender a sexualidade. Essas são questões centrais para Butler, em especial no livro *Problemas de gênero* (2003).

Ao revisitar as origens da sexologia enquanto disciplina, Weeks aponta o momento de sua formação como fundamental para compreender o modo como a sexualidade é pensada na atualidade. Segundo o autor, a descrição do sexo enquanto instinto natural ou energia avassaladora, essencial para a constituição da identidade e personalidade de uma pessoa, tem origem na percepção de sexólogos pioneiros, para os quais a sexualidade estaria no centro da existência humana. Além disso, o modelo predominantemente masculino de conceber a sexualidade - segundo o qual o homem é o agente sexual ativo e a mulher é dotada de um corpo saturado de sexualidade – também teria se fortalecido nessa época. Weeks afirma:

Nossas definições, convenções, crenças, identidades e comportamentos sexuais não são o resultado de uma simples evolução, como se tivessem sido causados por algum fenômeno natural: eles têm sido modelados no interior de relações definidas de poder (WEEKS: 2001, p. 42).

Portanto, o poder configura-se como um elemento central na constituição daquilo que chamamos de sexualidade. Exemplos dessa constatação podem ser encontrados nas relações

entre homens e mulheres, nas quais a sexualidade feminina é historicamente conceituada em relação à masculina; e também no interesse de instituições como o Estado e a Igreja em conceituar e intervir nas práticas e comportamentos sexuais da população.

O poder é ainda um elemento complicador na árdua tarefa de conceitualização da sexualidade. Diversos autores apontam para a dificuldade de se obter uma visão unívoca do tema e essa dificuldade se deve, em parte, ao fato de que esta pode ser abordada por diferentes ângulos e sua conceituação variar de acordo com os esquemas conceituais utilizados em cada caso. Sendo assim, não existe abordagem unitária acerca da sexualidade:

A sexualidade não é fixa, seus significados e os conteúdos a ela atribuídos podem variar, não somente ao longo da história, de uma sociedade para outra e entre os diferentes grupos sociais dentro de uma mesma sociedade, mas também ao longo da vida dos indivíduos (LOYOLA: 1998, p.14).

O debate teórico em torno do tema é marcado, em geral, por duas posições distintas: o essencialismo e o construcionismo social. Para o primeiro, as ações nesse sentido seriam guiadas por algo intrínseco à natureza humana, que se encontra inscrito nos corpos sob a forma de instinto ou energia sexual. Para o essencialismo, a sexualidade restringe-se ou a mecanismos fisiológicos, destinados à reprodução da espécie, ou, no máximo, a manifestação de uma pulsão¹⁸ de origem psíquica.

Já o construcionismo procura negar e, ao mesmo tempo, problematizar a universalidade desse instinto ou energia sexual. Para os construtivistas, as noções de comportamento e significados sexuais não seriam passíveis de generalização já que se encontram inseridas numa grande teia que articula fatores como classificação etária, sistema de parentesco e gênero. Os desdobramentos da postura construcionista, aplicada à sexualidade, apontam ainda para duas abordagens ou modelos distintos.

O primeiro, denominado modelo de influência cultural, parte da premissa de que há uma partilha fundamental entre corpo e razão, na qual o corpo permanece como uma espécie de substrato ao qual a cultura se superpõe,

¹⁸ Em “As pulsões e seus destinos”, Birman (2009) chama a atenção para o uso equivocado do conceito de pulsão por alguns representantes da perspectiva essencialista. Segundo o autor, pulsão e instinto não são sinônimos, ainda que estejam inscritos na mesma matriz teórica – a da força vital. Concebido como aquilo que dá fundamento ao inconsciente e às suas formações, o conceito de pulsão não estaria situado exclusivamente no plano biológico e se diferenciaria por características como a inespecificidade do seu objeto e sua multiplicidade. Para saber mais sobre o assunto, ver BIRMAN, Joel. *As pulsões e seus destinos: do corporal ao psíquico*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

alterando/modelando os comportamentos, as experiências e as significações relativas ao que chamamos de experiência sexual. [...] O segundo modelo postula que o domínio do sexual, do erótico ou das sensações do corpo é puro efeito de construções culturais. Nesse sentido, é necessário identificar as mediações, os vínculos que, em cada momento histórico, definem o que seja sexual (HEILBORN: 1999, p. 9).

Dentro da perspectiva do segundo modelo, não cabe mais pensar as dimensões da sexualidade, gênero e identidade sexual como “dadas” nos corpos; é mais prudente pensá-las como discursivamente inscritas nos corpos. Ou seja, pensar essas dimensões enquanto inseridas num processo de fazer-se e transformar-se histórica e culturalmente. Assim, a noção de sexualidade não existe fora da cultura e nem pertence ao domínio exclusivo do natural/biológico, mesmo porque não há um acesso a este domínio que não passe pela cultura e pela linguagem.

É importante evidenciar, no entanto, que não existe um alinhamento teórico necessário entre os autores que se auto-intitulam construcionistas, ainda que o uso generalizado da expressão “construção social” possa indicar o contrário. Entre os pontos em comum está o fato de que todos os teóricos aqui citados acreditam que os atos sexuais não possuem um sentido social universal, podendo assumir diferentes significações a partir das variadas culturas e períodos históricos nos quais estão inseridos. Como corolário disso, as relações entre práticas, identidades e comunidades sexuais são amplamente variáveis e complexas. Vance (1989), entretanto, chama a atenção para as divergências no pensamento construcionista:

É verdade que todos rejeitam definições transhistóricas e transculturais da sexualidade e sugerem, em vez disso, que a sexualidade é mediada por fatores históricos e culturais. Mas uma leitura mais cuidadosa dos textos construcionistas mostra que a construção social abrange um campo teórico bastante diversificado das coisas que podem ser construídas, indo desde os atos sexuais, as identidades sexuais, as comunidades sexuais e a direção do desejo sexual (a escolha do objeto) até ao impulso sexual ou à própria sexualidade (VANCE: 1989, p.18).

A vertente mais radical do construcionismo, segundo Vance, defende que nenhum impulso, energia ou desejo sexual que habita os corpos pode ser atribuído simplesmente a aspectos fisiológicos deste. Assim, o próprio impulso sexual não seria natural ou intrínseco do ser humano, mas construído pela cultura e pela história. Já teóricos construcionistas mais moderados aceitariam – ainda que implicitamente – um impulso sexual inerente, constituído em termos de atos, identidades, comunidades e objetos de desejo.

Posicionando-se contra o essencialismo - que tenta explicar as propriedades e variáveis de um todo complexo por meio de uma suposta verdade ou essência interior – Weeks articula-se à perspectiva construcionista ao defender que os significados atribuídos à sexualidade e ao corpo são “socialmente organizados, sendo sustentados por uma variedade de linguagens que buscam nos dizer o que o sexo é, o que ele deve ser e o que ele pode ser” (WEEKS: 2001, p. 43). O autor propõe compreender a sexualidade enquanto um construto histórico e afirma que esta é, além de uma preocupação individual, uma questão crítica e política que merece ser investigada sob o ponto de vista histórico e sociológico.

Embora o corpo biológico seja o local da sexualidade, estabelecendo os limites daquilo que é sexualmente possível, a sexualidade é mais do que simplesmente o corpo [...] A sexualidade tem tanto a ver com nossas crenças, ideologias e imaginações quanto com nosso corpo físico (WEEKS: 2001, p. 38).

O autor argumenta que a sexualidade enquanto construção social é uma invenção histórica com base nas possibilidades do corpo e, além disso, o peso e o sentido atribuídos a este são moldados em situações sociais concretas. Nesse sentido, as atitudes relacionadas ao corpo e à sexualidade só podem ser entendidas num contexto histórico específico, levando em conta as condições historicamente variáveis que produzem a importância conferida à sexualidade num momento particular e também as relações de poder que definem o que é visto como normal/aceitável ou anormal/inaceitável nesse campo.

Embora argumente que os corpos não têm sentido extrínseco e que a melhor maneira de compreender a sexualidade é como um construto histórico, Weeks sugere que o corpo biológico estabelece limites para o sexualmente possível. Ele reconhece a existência de distinções anatômicas entre os corpos masculinos e femininos - geralmente dadas no momento do nascimento - e afirma que essas diferenças biológicas são fontes de experiências distintas: “é através do corpo que experimentamos tanto o prazer quanto a dor. Além disso, há corpos masculinos e corpos femininos e isso dá lugar a experiências bastante diferentes, como, por exemplo, o parto” (WEEKS: 2001, p.48).

Em acordo com a concepção de sexualidade enquanto construto histórico e cultural, Butler se opõe à naturalização das superfícies corporais e também às convenções que consideram os corpos (especialmente suas partes sexuais) como “signos” definitivos do sexo, argumentando

que as características físicas somente ganham sentido social por meio de sua articulação na categoria do sexo. Para ela, o “sexo” é discursivo e perceptivo, na medida em que impõe uma unidade artificial a um conjunto de elementos descontínuos, moldando à força as relações pelas quais os corpos físicos são percebidos.

O fato de o pênis, de a vagina, de os seios e assim por diante serem denominados partes sexuais corresponde tanto a uma restrição do corpo erógeno a essas partes quanto a uma fragmentação do corpo como um todo. Com efeito, a “unidade” imposta pela categoria do sexo é uma “desunidade”, uma fragmentação e compartimentação, uma redução da erotogenia (BUTLER: 2003, p. 167).

Para Butler, ainda que possamos falar em prazeres que emanam do pênis ou da vagina, essas sensações/descrições dizem respeito a um corpo que já foi construído e naturalizado enquanto portador de traços específicos de determinado gênero. Isto é, certas partes de nossos corpos são concebidos como fontes de prazer porque correspondem ao ideal normatizador de um corpo que já é portador de um gênero. Tal fato não significa que Butler negue a natureza ou a existência de aspectos biológicos. O que ela propõe é uma reformulação do modo de pensar o conceito de natureza, argumentando que a possibilidade de delimitar fronteiras precisas entre esta e a cultura é fantasística.

Isso porque quando falamos em construção social é comum remeter-nos a uma concepção de natureza enquanto superfície passiva ou página em branco a ser preenchida de significação pelo social. Essa descrição, contudo, não considera que o conceito tem uma história e presume uma agência unilateral sobre o natural, degradando-o como algo que existe antes da inteligibilidade e que precisa do social para significar e adquirir valor. Em outras palavras, é como se o natural precisasse renunciar a si próprio e assumir seu caráter social para só então ter seu valor reconhecido.

Paralelamente, Butler estabelece uma relação entre os binarismos natureza/cultura e sexo/gênero, como se o sexo estivesse para a natureza como o gênero para a cultura. Ela argumenta que quando o gênero é tomado como o significado social que o sexo assume dentro de uma determinada cultura, o sexo parece desaparecer, constituindo-se numa ficção ou fantasia. Substituído pelos significados sociais que adota, o sexo abandona-se nesse processo de assunção. Enquanto isso, o gênero surge como o termo que absorve e desloca o sexo. Por outro lado, se o sexo é anterior ao gênero e este é sua construção social, então o sexo emerge

como uma postulação anterior à linguagem, uma construção pré-discursiva cujo acesso seria possível apenas por meio de sua própria construção.

No lugar dessas concepções que recaem em perspectivas deterministas, pensando a construção em termos de atos isolados ou usurpando a agência do sujeito, Butler propõe um retorno à noção de matéria como “um processo de materialização que se estabiliza ao longo do tempo para produzir o efeito de fronteira, de fixidez e de superfície” (BUTLER: 2001, p. 163). A materialização é pensada em relação aos efeitos que produz, não como um marco singular ou um processo iniciado por um sujeito. Desse ponto de vista, a construção surge como um processo temporal que atua por meio da reiteração de normas regulatórias.

Essa maneira de pensar a construção não liquida – propositalmente - algumas das questões recorrentes nessa seara, como, por exemplo, se existem atividades e capacidades sexualmente diferenciadas que podem ser admitidas sem referir-se ao processo de construção, ou ainda se esse processo não refutaria a realidade dos corpos e fatos indeléveis da vida como o nascimento e a velhice. Para Butler, traçar a linha entre o que é ou não construído significa precisamente limitar o “não-construído” por meio de uma prática de significação. Ou seja, ao assumir a existência inegável de algo estamos, desde sempre, admitindo alguma versão ou formação de sua materialidade. Dessa forma, o discurso pelo qual essa assunção ocorre é também formativo do próprio fenômeno que admite.

Afirmar que o discurso é formativo não significa afirmar que ele origina, causa ou exaustivamente compõe aquilo que ele admite; em vez disso, significa afirmar que não existe nenhuma referência a um corpo puro que não seja, ao mesmo tempo, uma formação adicional daquele corpo (BUTLER: 2001, p. 164).

Referir-se a um objeto extra-discursivo exige sempre uma demarcação prévia do que seria esse extra-discursivo que, ao ser delimitado, é também formado pelo próprio discurso do qual deseja escapar. Por sua vez, esse processo de delimitação tem sempre alguma força normativa já que opera por meio de apagamentos, imposições de critérios e princípios de seletividade. Dessa forma, Butler não nega a natureza, nem tampouco reduz todas as questões à cultura e ao discurso. Ela chama a atenção para o fato de que quando compreendemos a cultura que constrói a sexualidade em termos de uma lei inexorável, que atua sem brechas, corremos o risco de conceber a sexualidade como algo tão fixo e determinado quanto na concepção essencialista, para quem a biologia é o destino inevitável.

Essas questões, segundo a autora, têm influência direta no campo político, já que a antiga (porém não extinta) forma de se fazer política identitária costuma concentrar-se na afirmação do conceito em si e da identidade cultural de pessoas ou grupos marginalizados. Configurando-se como importante fator de mobilização política, o apelo à identidade recai, em grande parte das vezes, numa perspectiva essencialista, que ignora a fluidez das identidades e insiste em legitimá-las buscando uma qualidade essencial ou uma suposta autenticidade.

Butler, portanto, opõe-se ao raciocínio fundacionista da política de identidade, baseado na suposição de que, em primeiro lugar, é preciso haver uma identidade para que os interesses políticos possam ser elaborados e, conseqüentemente, as ações políticas possam ser colocadas em prática. Para a autora, não podemos presumir as categorias identitárias como fundantes da política, bem como não podemos considerar imprescindível a existência de um agente por trás da ação.

Meu argumento é que não há necessidade de existir “um agente por trás do ato”, mas que o “agente” é diversamente construído no e através do ato. Não se trata de um retorno a uma teoria existencialista do eu construído por seus atos, pois a teoria existencialista afirma uma estrutura pré-discursiva do eu e de seus atos. É exatamente a construção discursiva variável de cada um deles, no e através do outro, que me interessa (BUTLER: 2003, p.205).

Quando partimos do pressuposto de que as políticas identitárias não precisam basear-se numa unidade ou estabilidade prévias, torna-se possível colocar em prática ações políticas concretas, ainda que as categorias identitárias a serem abarcadas sejam alvo de contínuo debate. Ou seja, a coerência interna da identidade enquanto categoria não precisa ser uma premissa para a ação política.

No caso dos movimentos feministas, por exemplo, Butler argumenta que há um problema político na suposição de que o termo “mulheres” indique uma identidade comum. O termo, que deveria servir para descrever e representar legitimamente as mulheres, acabou se tornando problemático, alvo de contestação e ansiedade. Isso porque presumir que há uma base universal para o feminismo significa afirmar a idéia de uma opressão singular, que acompanha as mulheres em diferentes culturas e contextos. Significa afirmar, na busca por

fortalecer a representatividade das reivindicações feministas, a existência de uma dominação patriarcal universal. No entanto, Butler observa:

Existe uma região do “especificamente feminino”, diferenciada do masculino como tal e reconhecível em sua diferença por uma universalidade indistinta e conseqüentemente presumida das “mulheres”? [...] A crítica feminista também deve compreender como a categoria ‘mulheres’, o sujeito do feminismo, é produzida e reprimida pelas mesmas estruturas de poder por intermédio das quais busca-se emancipação (BUTLER: 2003, p. 18-19).

A construção da categoria “mulher” põe ainda uma segunda questão para Butler, que diz respeito a quais sujeitos seriam ou não abarcados pelo termo, já que esse processo presume também apagamentos e restrições: “Esses domínios de exclusão revelam as conseqüências coercitivas e reguladoras dessa construção, mesmo quando a construção é elaborada com propósitos emancipatórios” (BUTLER: 2003, p.22). Assim, ainda que “identificar-se como mulher não implique necessariamente desejar um homem, bem como desejar uma mulher não implique necessariamente a presença constitutiva de uma identificação masculina” (BUTLER: 2002, p.76), a autora observa que a matriz heterossexual continuamente exclui corpos lésbicos e travestidos de sua construção do que significa “ser mulher”.

Sem negar a política representacional, Butler sugere uma crítica radical que liberte o feminismo da necessidade de construir uma base única e permanente para suas ações políticas. Assim, a política feminista não deveria partir da identidade do sujeito feminista, mesmo porque esse sujeito é constituído no interior de campos de poder e, somente dentro destes, alcança coerência e estabilidade. Perceber os mecanismos regulatórios que atuam dentro desses campos seria o primeiro passo para conseguir analisá-los criticamente e, em seguida, reinventar-se.

Fornecedor das bases teóricas para Butler pensar a sexualidade enquanto construção e suas implicações nas políticas identitárias, Foucault (1989) compreende o conceito como uma organização historicamente específica de poder, discurso, corpos e afetividade. Em outras palavras, um sistema aberto e complexo que produz o sexo como parte das estratégias para ocultar e assim perpetuar as relações de poder.

Não se deve concebê-la como uma espécie de dado da natureza que o poder é tentado a pôr em xeque [...] A sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não à realidade subterrânea que se apreende com

dificuldade, mas à grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e poder (FOUCAULT: 1989, p.116-117).

Para Foucault, a categoria de sexo é produzida como um construto unívoco com o objetivo de regular e controlar a própria sexualidade que está em sua gênese. Essa construção une artificialmente uma série de funções sexuais não relacionadas e emerge no discurso como essência interior que produz e torna inteligível, como específicos de um sexo, uma variedade de sensações e desejos. Ou seja, a construção faz do sexo uma causa, promovendo a inversão das relações de causa e efeito de modo que esse passa a ser compreendido como causa do desejo.

A noção de “sexo” permitiu agrupar, de acordo com uma unidade artificial, elementos anatômicos, funções biológicas, condutas, sensações e prazeres e permitiu fazer funcionar esta unidade fictícia como princípio causal, sentido onipresente, segredo a descobrir em toda parte: o sexo pôde, portanto, funcionar como significante único e universal (FOUCAULT: 1989, p.168).

É precisamente essa unidade fictícia do sexo e sua emergência como princípio causal que Foucault busca desconstruir ao argumentar que o sexo deve ser tratado como efeito e não como causa ou significado original. Isso porque é somente por meio dos discursos que os corpos são investidos da idéia de um sexo natural ou essencial e assim ganham significado no contexto das relações de poder. A noção de que existe uma verdade do sexo é resultado da operação de práticas reguladoras que geram identidades coerentes por meio de uma matriz de normas de gênero e sexualidade.

Para o autor, a sexualidade produz o sexo como um conceito artificial que simultaneamente amplia e oculta as relações de poder que a originaram. Sexualidade e poder são, para ele, coextensivos. Situada no interior das matrizes de poder, a sexualidade é sempre produzida no campo das práticas discursivas e institucionais. E, por estar intimamente ligada aos modos de atuação do poder na sociedade moderna, a sexualidade não poderia agir como forma de resistência a este. Ao falar em poder, Foucault propõe desprender-se de uma representação jurídica e negativa, e também de uma associação direta com a lei e a interdição. Assim, o poder abrangeria as relações diferenciais jurídicas – proibitivas e reguladoras – e as relações produtivas. Por esse motivo, Foucault afirma que não devemos acreditar que dizer sim ao

sexo é dizer não ao poder; pelo contrário, significa seguir a linha do dispositivo geral da sexualidade.

Se, por uma inversão tática dos diversos mecanismos da sexualidade, quisermos opor os corpos, os prazeres, os saberes, em sua multiplicidade e sua possibilidade de resistência às captações do poder, será com relação à instância do sexo que deveremos liberar-nos. Contra o dispositivo de sexualidade, o ponto de apoio do contra-ataque não deve ser o sexo-desejo, mas os corpos e os prazeres (FOUCAULT: 1989, p. 171).

Assim, a concepção de sexualidade sobre a qual pretendemos trabalhar não se atém somente ao ato sexual propriamente dito. Vai além de abordagens redutoras, biologizantes ou naturalizadas, que pensam a sexualidade somente em termos de práticas e comportamentos sexuais (LOYOLA, 1998). Apropriando-se das idéias de Foucault, interessa aqui a sexualidade como algo que extrapola o ato sexual propriamente dito, abrangendo uma série de crenças, comportamentos e identidades socialmente construídas e historicamente moldadas por relações de poder.

Ao afirmar, portanto, que analisaremos os textos publicados nas revistas femininas adolescentes que trazem a sexualidade como tema, não nos restringiremos simplesmente a reportagens ou seções que falam de práticas sexuais, órgãos genitais ou experiências ligadas diretamente ao ato sexual. Nossa abordagem sobre a sexualidade, bem como encontramos em Foucault, extrapola o ato em si para percorrer muitas outras questões que dizem respeito a corpos, prazeres, desejos, discursos e poder.

2.3 GÊNEROS: QUE DEBATES E PROBLEMAS ESSA CONCEPÇÃO TRAZ

Nessa parte do capítulo discutiremos os múltiplos significados e usos do conceito de gênero, bem como a ligação deste com o movimento feminista. Ao revisitar a trajetória percorrida pelo conceito desde seu surgimento, discutiremos suas constantes reelaborações, as práticas reguladoras que o governam, e as concepções binárias que por muito tempo marcaram o campo, bem como a necessidade de desestabilizá-las. Por fim, problematizaremos a construção da categoria “mulheres” e da suposta coerência entre sexo-gênero-sexualidade, apresentando ao fim o conceito de performatividade de gênero.

A apropriação da noção de gênero pelos “estudos das mulheres” é bastante recente no campo das Ciências Sociais. Desde o final da década de 1960 até hoje, o conceito tem sido utilizado por vertentes e teóricos bastante diversos, assumindo no interior desses contextos diferentes sentidos e significados. Por isso, ao falar de gênero, é preciso deixar claro o significado que atribuímos ao conceito e de que modo este é utilizado na pesquisa. Tradicionalmente, a concepção de gênero - seu surgimento, trajetória e transformação ao longo dos anos – é apontada como tendo uma relação direta com o nascimento do movimento feminista.

No entanto, antes de falar dessa relação é preciso apontar a existência de posições contrárias à perspectiva de que o conceito de gênero é uma criação do movimento feminista. Preciado (2008) argumenta que, longe de ser uma produção da agenda feminista dos anos 60, a categoria de gênero pertence ao discurso biotecnológico do final dos anos 40. Segundo a autora, o conceito constitui-se em uma criação de John Money, psicólogo infantil que, na época, era encarregado de tratar casos de bebês intersexos.

Utilizado pela primeira vez em 1947, o conceito de gênero mostrava-se útil para falar da “possibilidade de modificar hormonal e cirurgicamente o sexo dos bebês nascidos com órgãos genitais e/ou cromossomos que a medicina, com seus critérios visuais e discursivos, não pode classificar somente como femininos ou masculinos” (PRECIADO: 2008, p.81). Para Preciado, ao utilizar o conceito de gênero para nomear o “sexo psicológico”, Money chama a atenção para a possibilidade de utilização da tecnologia para modificar os corpos de acordo com ideais regulatórios que prescrevem como devem ser os corpos masculinos e femininos.

O gênero aparece agora como sintético, maleável, variável, suscetível de ser transferido, imitado, produzido e reproduzido tecnicamente. É curioso que quando o feminismo dos anos setenta retoma a noção de gênero para fazer dela um instrumento de análise crítica da opressão das mulheres, esta dimensão de produção técnica se perderá em benefício de um construtivismo cultural *light* (PRECIADO: 2008, p. 82).

Mesmo para perspectivas como a de Preciado, que discorda da afirmação que o conceito de gênero é uma criação do movimento feminista, existe entre ambos – gênero e feminismo - uma estreita relação que não pode ser menosprezada. Embora ações isoladas ou coletivas, voltadas contra a opressão das mulheres, possam ser observadas em diversos momentos da história, ao falar do feminismo enquanto movimento social organizado, geralmente remete-se, no Ocidente, ao século XIX. Nesse período, as manifestações contra a discriminação feminina

adquiriram maior visibilidade devido ao “sufragismo”, isto é, ao movimento em prol da extensão do direito de voto às mulheres.

Ainda que com expressividade e resultados desiguais, o sufragismo difundiu-se por vários países ocidentais, passando a ficar conhecido como a “primeira onda” do feminismo. Além do direito ao voto, estavam entre os propósitos do movimento a busca por oportunidades de estudo e acesso a certas profissões. Essas reivindicações, no entanto, estavam intimamente ligadas apenas ao interesse das mulheres brancas e de classe média.

A corrente do movimento feminista internacional identificada como sufragista caracterizou-se por sua moderação e reformismo, apesar de algumas vezes assumir táticas mais violentas, como foi o caso do sufragismo inglês. Em geral, porém, essa corrente limitava-se a reivindicar uma série de reformas jurídicas quanto ao status da mulher, com base na noção de que a igualdade nas leis bastaria para solucionar todos os problemas de caráter discriminatório que as mulheres sofriam (COSTA; SARDENBERG: 2007, p. 26).

A “segunda onda do feminismo”, que teve início no fim da década de 60 com as primeiras construções teóricas sobre o tema, trouxe a valorização da afirmação política das diferenças e da diversidade, em contraponto à defesa da igualdade e do igualitarismo, que foram a tônica da primeira geração do feminismo. Esse novo momento ficou conhecido pelas marchas e protestos públicos, mas também por livros, jornais e revistas, entre elas obras hoje consideradas clássicas, como “A mítica feminina”, de Betty Friedman (1963), e “Sexual politics”, de Kate Millett (1969). Foi nessa época, marcada por um contexto de contestação e efervescência social, que o feminismo passou a se preocupar não apenas com questões sociais e políticas, mas também com discussões teóricas e, dentro desse âmbito, surgiram as primeiras problematizações do conceito de gênero.

Entre as discussões teóricas mais marcantes do período estão aquelas levantadas por Simone de Beauvoir em *O segundo sexo* (1949) sobre os condicionamentos sociais que operam na construção da categoria “mulher” e que seriam a base da opressão feminina. Na obra, a autora analisa a condição da mulher na sociedade, evidenciando a colocação desta em segundo plano por aquele que seria o primeiro sexo, o masculino. Nomeadas como o “negativo” dos homens, as mulheres constituiriam a falta em confronto com a qual a identidade masculina é diferenciada. Em outras palavras, o sujeito é sempre masculino e distingue-se de um “outro”,

o feminino, situado fora das normas universalizantes que compõem a própria condição de sujeito.

Se a função da fêmea não basta para definir a mulher, se nos recusamos também a explicá-la pelo “eterno feminino” e, se, no entanto, admitimos, ainda que provisoriamente, que há mulheres na Terra, teremos de formular a pergunta: que é uma mulher? [...] É significativo que eu enuncie esse problema. Um homem não teria a idéia de escrever um livro sobre a situação singular que ocupam os machos na humanidade. Se quero definir-me, sou obrigada inicialmente a declarar: “Sou uma mulher”. Essa verdade constitui o fundo sobre o qual se erguerá qualquer outra afirmação (BEAUVOIR: 2008, p. 11).

Em busca de respostas para essa questão, Beauvoir escreve aquela que ficou marcada como a frase mais famosa do livro - “a gente não nasce mulher, torna-se mulher” - na qual sugere que ninguém nasce com um gênero, pois este seria sempre adquirido culturalmente. Enquanto o sexo seria um fato imutável, o gênero surgiria como uma construção variável deste: “todo o ser humano do sexo feminino não é, portanto, necessariamente mulher; cumpre-lhe participar dessa realidade misteriosa e ameaçada que é a feminilidade” (BEAUVOIR: 2008, p. 10).

Para Beauvoir, a figura feminina e as posições que lhes são atribuídas são construções sociais produzidas ao longo da história. O conceito de “mulher” é compreendido assim como um processo, um construir constante que não possui origem nem fim, estando sujeito a significações e re-significações contínuas. Com base nisso, o corpo feminino deveria ser a situação e o instrumento da liberdade da mulher, e não uma essência definidora desta.

Eles [os homens] aceitam, em grande medida, que a mulher seja um semelhante, uma igual: e, no entanto, continuam a exigir que ela permaneça não essencial; para ela, esses dois destinos não são conciliáveis; ela hesita entre um e outro sem se adaptar exatamente a nenhum e daí a sua falta de equilíbrio. No homem não há qualquer hiato entre a vida pública e a vida privada: quanto mais ele afirma o seu domínio de mundo pela ação e pelo trabalho, mais se revela viril; nele, os valores humanos e os valores vitais confundem-se, ao passo que os êxitos autônomos da mulher estão em contradição com a sua feminilidade, porquanto se exige da “verdadeira mulher” que se torne objeto, que seja o Outro (BEAUVOIR: 2008, p. 365).

Ainda no contexto da segunda onda, a associação de intelectuais e pesquisadoras com militantes feministas provocou a aproximação entre o fazer político e o fazer intelectual. Dessa maneira, a política invadiu a vida acadêmica, fazendo surgir o que hoje conhecemos por “estudos da mulher”. A consolidação desse campo de estudos se dá, principalmente, a

partir de 1968, com a união do movimento feminista com outros grupos organizados e, também, a partir do desenvolvimento de uma produção teórica construída por militantes feministas no interior das universidades.

O feminismo constitui-se no movimento social que se torna signo do século 20. O movimento social das mulheres, com sua heterogeneidade, cria espaços/efeitos de consciência, onde se dá a ressignificação das subjetividades e das inter-relações sociais, onde se negociam e renegociam as necessidades práticas e os interesses estratégicos das mulheres. Por outro lado, a presença das mulheres – especialmente das acadêmicas feministas – nas universidades contribuiu para a percepção das mulheres como sujeito e objeto de pesquisa e, simultaneamente, para a transformação da ciência androcêntrica (YANNOULAS; VALLEJOS; LENARDUZZI: 2000, p. 426).

A distinção entre os conceitos de sexo e gênero foi o centro dos debates das acadêmicas feministas nos anos 80. O debate acerca dessas categorias ganhou força a partir da teorização sobre o conteúdo das relações de gênero, concebidas de forma mais complexa “quando se opera o entrecruzamento com a trama das classes sociais e com as categorias de raça/etnia, geração e idade, religião, nacionalidade, (in)capacidades ou (d)eficiências e identidades múltiplas” (YANNOULAS; VALLEJOS; LENARDUZZI: 2000, p. 427).

No Brasil, os primeiros passos feministas datam, segundo Figueiredo (2008), da década de 1970 e são marcados pela ambigüidade, principalmente após o ano de 78, com a pós-anistia e a volta de exilados. Nessa época, as feministas brasileiras não chegaram a constituir um movimento bem definido, como ocorreu nos Estados Unidos e em países europeus. Existiam apenas pequenos grupos voltados para reflexão e análise, principalmente no âmbito universitário.

Nesses grupos limitados e fechados, é que as mulheres começam a aprender como a simetria biológica entre os gêneros não é a causa determinante da subordinação de um grupo sexual pelo outro. Nesses grupos de conscientização, questionam-se desde as relações autoritárias até as práticas opressoras, revendo a dicotomia entre a esfera pública e privada, o lar da mulher e a rua do homem. Essa primeira etapa de conscientização leva as mulheres a um processo de identificação de grupos para em seguida passar a uma etapa de questionamento sócio-cultural e de reivindicações coletivas de caráter político (FIGUEIREDO: 2008, p. 62).

Com a chegada dos anos 80, surgem novos dilemas no movimento feminista brasileiro. As conquistas das feministas transformaram o eleitorado feminino em foco de interesse de partidos políticos, que começaram a incorporar as demandas das mulheres aos seus programas

eleitorais e a criar departamentos femininos dentro de suas próprias estruturas. No final da década de 1980, o “gênero” é incorporado ao discurso das feministas brasileiras, passando a ser objeto de teorização e análise.

De acordo com Costa (2005), o início da década de 1990 é marcado pela fragilidade dos organismos governamentais para mulheres, com os conselhos existentes funcionando em condições precárias, isolados do movimento e desprestigiados no âmbito institucional. Como resposta ao problema, são criadas organizações não governamentais, as chamadas “Ongs feministas”, que assumem de forma especializada a função de pressionar o Estado e influenciar as políticas públicas. Segundo Costa, “multiplicaram-se as várias modalidades de organizações e identidades feministas” nessa época (2005, p. 7).

A autora retrata que, por volta desse período, mulheres das mais diferentes origens e histórias de vida – operárias ligadas aos departamentos femininos de seus sindicatos, trabalhadoras rurais organizadas, mulheres pobres articuladas a associações de moradores - começaram a se auto-identificar com o feminismo, fortalecendo a corrente que ficou conhecida como feminismo popular. Para Costa e Sardenberg, esse crescimento do feminismo popular trouxe como consequência fundamental a diluição das barreiras ideológicas em relação ao feminismo e a abertura de novos caminhos para o movimento no país.

O feminismo no Brasil vem assumindo várias formas de luta, diversas bandeiras e diferentes facetas. Já foi sufragista, anarquista, socialista, comunista, burguês e reformista. Já lutou no parlamento, nas ruas e nas casas para conquistar e garantir o acesso da mulher à educação formal. E vem lutando pela igualdade de salários e condições dignas de trabalho, pela valorização do trabalho doméstico, pelo direito inalienável de todas ao controle sobre o próprio corpo e gozo de nossa sexualidade, enfim, pela construção de uma sociedade mais justa e igualitária, onde a mulher possa realizar-se plenamente enquanto ser humano e cidadã (COSTA: SARDENBERG: 2008, p. 32).

Matos (2008) aponta que parte do movimento feminista, inclusive no Brasil, via com cautela a apropriação do conceito de gênero para questionar as causas das desigualdades às quais as mulheres estavam submetidas – fossem elas de ordem econômica, política, social, cultural, histórica ou psicológica. As críticas giravam em torno do potencial politicamente desmobilizador do conceito, que poderia provocar a fragmentação e o “desempoderamento” feminino. Nesse sentido, o medo era enfraquecer a categoria “mulheres” e o “nós” feminista em torno do qual o movimento está organizado e, ainda, “perder de vista a situação política de

opressão vivida pelas mulheres, em prol de uma multiplicação das diferenças de gênero, o que poderia comprometer uma agenda tida como propriamente feminista” (MATOS: 2008, p. 337).

No entanto, a desconstrução dessa perspectiva de gênero - comumente acionada de forma binária para se referir à lógica das diferenças entre feminino e masculino, homens e mulheres - é uma das tarefas empreendidas pelas teóricas feministas contemporâneas, especialmente aquelas influenciadas pela teoria pós-estruturalista francesa e pelas perspectivas psicanalíticas. Para essas teóricas, a multiplicidade de gêneros e identidades não se constitui em uma ameaça ao fazer político e nem ao movimento feminista.

Mesmo porque o “nós” da política feminista, que seria responsável por reunir as mulheres enquanto categoria a ser representada, não passa de uma construção fictícia. Um construto que, ao mesmo tempo em que representa, também exclui. Segundo Butler (2003), as categorias de identidade de gênero consideradas necessárias para a mobilização política do feminino acabam, paradoxalmente, por limitar e restringir as possibilidades culturais que a própria ação política deveria suscitar.

O “nós” feminista é sempre e somente uma construção fantasística, que tem seus propósitos, mas que nega a complexidade e a indeterminação internas do termo, e só se constitui por meio da exclusão de parte da clientela, que simultaneamente busca representar (BUTLER: 2003, p. 205).

Para teóricas como Butler, é preciso desestabilizar os binarismos que permitem a determinação de lugares fixos e naturalizados para os gêneros. Assim, o conceito que proporcionou espaço analítico para questionamento das categorias mulher/homem e cuja adoção “como instrumento analítico e empírico se encontra consolidada em áreas imprevisíveis tais como a física, a teologia, a economia, a educação física, o direito, a política” (MATOS: 2008, p. 339) passa a ser alvo de intenso processo de desconstrução.

Ao rememorar a trajetória do movimento feminista, Louro (1997) observa que as análises sobre as vidas femininas, tanto no contexto brasileiro, quanto internacional, foram ancoradas em diferentes perspectivas - marxismo, psicanálise ou mesmo a construção de novos quadros teóricos propriamente feministas. São diferentes filiações teóricas e perspectivas analíticas que, entretanto, possuem motivações e interesses comuns.

Entre eles está a oposição a aqueles que justificam - seja no âmbito do senso comum ou do discurso científico - as desigualdades sociais entre homens e mulheres com base em suas características biológicas. O argumento é que estes são biologicamente distintos e a relação desigual decorre justamente dessa distinção, na qual cada um deve desempenhar um papel determinado secularmente. Louro defende que é preciso contrapor esse tipo de compreensão:

é necessário demonstrar que não são propriamente as características sexuais, mas é a forma como essas características são representadas ou valorizadas, aquilo que se diz ou se pensa sobre elas que vai constituir, efetivamente, o que é feminino ou masculino em uma dada sociedade e em um dado momento histórico. Para que se compreenda o lugar e as relações de homens e mulheres numa sociedade importa observar não exatamente seus sexos, mas sim tudo o que socialmente se construiu sobre os sexos. O debate vai se constituir, então, através de uma nova linguagem, na qual gênero será um conceito fundamental (LOURO: 1997, p.21).

Ainda segundo Louro, com o intuito de rejeitar o determinismo biológico implícito no uso dos termos “sexo” ou “diferença sexual”, as feministas anglo-saxãs forjaram a distinção entre sexo e gênero, fortalecendo o conceito como importante ferramenta analítica e política. Essa distinção, concebida com o propósito de questionar a biologia enquanto destino inevitável e recolocar o debate no campo do social, prevê o sexo pensado em termos biológicos e o gênero construído culturalmente.

O gênero não seria o resultado causal do sexo, mas sim, os significados culturais assumidos pelo corpo sexuado, sua interpretação cultural. Em decorrência disso, as causas para as desigualdades precisariam “ser entendidas não em termos de diferenças biológicas - mesmo porque essas não podem ser compreendidas fora de sua constituição social - mas nos arranjos sociais, na história, nas condições de acesso aos recursos da sociedade, nas formas de representação” (LOURO: 1997, p. 22).

Com o apelo ao aspecto relacional, os estudos feministas passam a considerar também os homens em suas análises e a evitar concepções essencialistas sobre homens e mulheres, levando em conta os distintos contextos históricos e sociais para falar de gênero. O conceito passa a ser pensado enquanto construção e não algo que existe *a priori*, obrigando-nos a pensar de modo plural e a reconhecer que tanto as representações sobre mulheres e homens,

quanto as concepções de gênero, são diferentes não apenas entre sociedades ou contextos históricos, mas também no interior destes.

Louro (2001) afirma que não podemos mais supor uma estabilidade do sexo binário, do qual decorreria um sistema também binário de gênero, em que a construção de “mulheres” e “homens” se aplicaria de forma exclusiva a corpos femininos e masculinos, respectivamente. Em vez de binarismos, temos então uma multiplicidade de gêneros e também de sexos. De acordo com a autora, o grande desafio na atualidade não é apenas admitir que as posições de gênero se multiplicaram e por isso não é mais possível tratá-las em termos binários, mas também assumir que as fronteiras que as demarcavam vêm sendo constantemente atravessadas e, ainda, que essas próprias fronteiras surgem como lugar social de moradia para alguns sujeitos.

Louro, seguindo várias teóricas, critica a concepção binária de sexo e argumenta que pensar o termo enquanto “dado” que independe do contexto cultural impõe limites à concepção de gênero e torna a homossexualidade um destino irremediável, a forma compulsória de sexualidade. Pensar sexo e gênero como categorias binárias significa, pois, excluir uma série de descontinuidades e transgressões que escapam dos pares homem/mulher e feminino/masculino, classificando esses sexos, gêneros e formas de viver a sexualidade como impróprios que, por isso, devem ser silenciados. Assim, tudo aquilo que subverte os esquemas binários é levado ao campo do incompreensível, ou seja, está fora do que é considerado normal e inteligível socialmente.

A coerência e a continuidade supostas entre sexo-gênero-sexualidade servem para sustentar a normatização da vida dos indivíduos e das sociedades. A forma “normal” de viver os gêneros aponta para a constituição da forma “normal” de família, a qual, por sua vez, se sustenta sobre a reprodução sexual e, conseqüentemente, sobre a homossexualidade (LOURO: 2004, p.88).

Para Louro, a noção de gênero é definida por uma multiplicidade de sinais, códigos e atitudes que produzem referências e fazem sentido somente dentro da cultura. Em outras palavras, definir alguém como homem ou mulher, sujeito identitário de gênero e sexualidade, significa nomeá-lo segundo as marcas distintivas de uma cultura específica com todas as conseqüências que esse gesto traz – a atribuição de direitos, deveres, sanções e privilégios.

Ao discutir o uso dos conceitos de sexo e gênero, Saffioti (1992), em texto no qual analisa as questões de gênero e classe social, argumenta que o sexo não se inscreve unicamente no terreno biológico, mas é fruto também de uma elaboração social, que não pode ser negligenciada sob pena de naturalizar processos de caráter histórico. Sobre as relações de gênero, afirma que estas não derivam de características inerentes ao “macho” e à “fêmea”, mas são organicamente construídas e se inter-relacionam dialeticamente.

Como o gênero é relacional, quer enquanto categoria analítica, quer enquanto processo social, o conceito de relações de gênero deve ser capaz de captar a trama das relações sociais, bem como as transformações historicamente por ela sofridas através dos mais distintos processos sociais, trama esta na qual as relações de gênero têm lugar. As relações de gênero não resultam da existência de dois sexos, macho e fêmea [...] O vetor direciona-se, ao contrário, do social para os indivíduos que nascem. Tais indivíduos são transformados, através das relações de gênero, em homens e mulheres, cada uma destas categorias-identidades excluindo a outra (SAFFIOTI: 1992, p. 187).

Para tratar da construção do gênero, Saffioti recorre às idéias de Scott e a quatro elementos descritos pela historiadora: os símbolos culturais e as múltiplas representações disponíveis às pessoas, geralmente apresentadas através de dicotomias; os conceitos normativos, isto é, as regras que restringem as interpretações dadas a tais símbolos; as organizações e instituições sociais, responsáveis pelo reforço dos conceitos normativos; e, por fim, a identidade subjetiva, pensada com base na psicanálise e com ênfase na investigação das situações em que o gênero é “substantivamente” construído.

Para esta historiadora, o núcleo da definição do gênero reside em uma conexão integral entre duas proposições: gênero é um elemento constitutivo das relações sociais, baseado em diferenças percebidas entre os sexos, e gênero é a maneira primordial de significar relações de poder (SAFFIOTI: 1992, p. 187).

Saffioti defende a concepção relacional de sexo e gênero como estratégia de negação de uma postura essencialista e explica que a lógica norteadora dessas relações é contraditória, pois elas se dão de acordo com as concepções internalizadas por homens e mulheres. Afirma que “nós próprios escolhemos o nosso gênero, mas, antes de mais nada, com premissas e em condições muito determinadas” (SAFFIOTI: 1992, p. 188). Ou seja, cada indivíduo escolheria seu gênero lançando mão de termos sociais disponíveis. Essa escolha, entretanto, não apresenta necessariamente conformidade com o gênero atribuído a ele/ela pelos outros, fato

que não pode ser desconsiderado já que todos os indivíduos são permanentemente constituídos também por outros.

A escolha de assumir uma certa espécie de corpo, de viver e usar o corpo de uma certa maneira implica um mundo de estilos corporais já estabelecidos. Escolher um gênero consiste em interpretar recebidas normas de gênero de forma a reproduzi-las e organizá-las de novo (SAFFIOTI: 1992, p.189).

Butler (2002), entretanto, argumenta que pensar o gênero enquanto escolha é um equívoco, pois ao fazer isso estamos assumindo que existiria um “alguém” que precede o gênero, um alguém que iria ao guarda-roupa a cada manhã decidir que gênero gostaria de ter nesse dia. Para ela, “esta é uma explicação voluntarista do gênero sexual que pressupõe um sujeito intacto prévio à assunção do gênero” (BUTLER: 2002, p. 64). Assim, não existe sujeito livre das normas sociais ou capaz de examiná-las à distância, já que o sujeito é precisamente o efeito da repetição dessas normas. O que comumente é chamado de capacidade de liberdade ou atuação é sempre uma prerrogativa política produzida pelas brechas que surgem nas próprias normas, no processo de interpelação dessas normas e de sua auto-repetição.

Para Butler (2001), a noção de gênero é sempre culturalmente construída, expressando valores culturais ostentados pelo corpo sexuado. É preciso deixar claro que defender o gênero como um construto cultural não significa afirmar sua ilusão ou artificialidade. Por outro lado, é preciso ter cuidado para não recair na idéia de uma lei cultural inexorável, que habitaria apenas corpos passivos, preenchendo-os de significados. A esse respeito, a autora adverte que, quando a cultura constitutiva do gênero passa a ser compreendida em termos de lei, o gênero se mostra tão determinado e fixo quanto nas formulações em que a biologia aparece como destino.

O corpo não pode ser pensado como uma superfície à espera de significação ou um instrumento passivo sobre o qual significados culturais são inscritos. O corpo é, em si mesmo, uma construção. Assim, o modo como o concebemos e, a partir de sua materialidade, deduzimos identidades de sexo e gênero, não pode ser generalizado para qualquer cultura, lugar ou tempo.

A construção não apenas ocorre no tempo, mas é, ela própria, um processo temporal que atua através da reiteração de normas; o sexo é produzido e, ao mesmo tempo, desestabilizado no curso dessa reiteração. Como um efeito

sedimentado de uma prática reiterativa ou ritual, o sexo adquire seu efeito naturalizado e, contudo, é também em virtude dessa reiteração, que fossos e fissuras são abertos, fossos e fissuras que podem ser vistos como as instabilidades constitutivas dessas construções (BUTLER: 2001, p. 163-164).

Esses “fossos e fissuras” representam aquilo que excede a norma, aquilo que não pôde ser completamente definido ou fixado pelo trabalho repetitivo. Aquele que escapa a essa linearidade é considerado incoerente ou desviante. Ao chamar a atenção para aqueles que extrapolam as normas sociais, Butler nos lembra que a ordem de ser de determinado gênero produz uma série de fracassos necessários, uma variedade de configurações incoerentes que, em sua pluralidade, desafiam a ordem pela qual foram produzidas. Assim, a questão não é mais como o gênero é constituído através de certa interpretação do sexo e sim através de que normas regulatórias o sexo é materializado.

Para a autora, o gênero é performativo: resultado de um regime regulador das diferenças, que se dividem e hierarquizam de maneira coercitiva. Assim, o gênero é pensado como uma espécie de imitação persistente, que acaba ganhando status de verdade e passa a ser naturalizado. Essa naturalização ocorre por meio da repetição das normas, muitas vezes feita de forma ritualizada, que acaba por criar sujeitos que são o resultado das próprias repetições.

O fato de a realidade de gênero ser criada mediante performances sociais contínuas significa que as próprias noções de sexo essencial e de masculinidade e feminilidade verdadeiras ou permanentes também são constituídas, como parte da estratégia que oculta o caráter performativo do gênero e as possibilidades performativas de proliferação das configurações de gênero fora das estruturas restritivas da dominação masculinista e da heterossexualidade compulsória (BUTLER: 2003, p.201).

Para explicar e, em seguida, criticar esse modelo substancial do gênero, Butler recorre à idéia de “metafísica da substância”, expressão associada a Nietzsche na crítica contemporânea do discurso filosófico e pensada por ela para se referir à aparente coerência e substancialidade apresentadas pelas categorias de sexo e gênero. A “metafísica da substância” seria a responsável pela naturalização dessas categorias e pela percepção do gênero enquanto um atributo substantivo da pessoa, pressupondo uma unidade metafísica de experiência de sexo, gênero e desejo.

Entretanto, com o conceito de performatividade de Butler, a idéia de gênero enquanto uma substância permanente é desconstruída e seu efeito substantivo revela-se performativamente produzido por práticas reguladoras da coerência de gênero. Nesse sentido, as diferenças sexuais são sempre marcadas e formadas por práticas discursivas. Essas práticas impõem limites às possibilidades de configurações imagináveis e realizáveis do gênero na cultura, impossibilitando outras tantas. A experiência discursiva está, assim, condicionada aos termos do discurso cultural hegemônico. Da mesma maneira, aquilo que é constituído pela linguagem como domínio imaginável do gênero está sujeito a uma série de constrangimentos.

Dessa forma, a aparência de substância do gênero pode ser entendida como uma realização performativa, cuja base encontra-se na repetição estilizada de atos ao longo do tempo. Enquanto construção que oculta sua própria gênese, o gênero requer uma reencenação constante que permita sua legitimação e perpetue sua estrutura binária. Ao conceber o gênero como performativo, Butler problematiza as categorias que sustentam a hierarquia de gêneros e a heterossexualidade compulsória, evidenciando a impossibilidade de separar o conceito das diversas intersecções sociais, políticas, culturais e raciais nas quais é produzido e sustentado.

Há de se notar que as mesmas práticas reguladoras que governam o gênero também governam as noções culturalmente inteligíveis de identidade. Para instituir a norma de gênero da inteligibilidade cultural e garantir a sua permanência, os sujeitos precisam realizar investimentos continuados, reiterativos e repetidos. Com a identidade assegurada por conceitos estabilizadores de sexo e gênero, a noção de “pessoa” é questionada pela emergência de indivíduos cujo gênero é tomado como incoerente ou descontínuo. Esses homens e mulheres que, de algum modo, escapam ou perturbam a norma, são chamados por Butler de “abjetos”:

O abjeto designa aqui precisamente aquelas zonas inóspitas e inabitáveis da vida social, que são, não obstante, densamente povoadas por aqueles que não gozam do status de sujeito [...] O sujeito é constituído através da força da exclusão e da abjeção, uma força que produz um exterior constitutivo relativamente ao sujeito, um exterior abjeto que está, afinal, “dentro” do sujeito, como seu próprio e fundante repúdio (BUTLER: 2001, p. 155-156).

Esses indivíduos desafiam as normas sociais por não estarem de acordo com os gêneros considerados inteligíveis, ou seja, aqueles que instituem relações de continuidade e coerência entre sexo, gênero, desejo e prática sexual. Ao romper com a matriz cultural heterossexual,

esses seres abjetos têm que lidar com altos custos morais, políticos, materiais, sociais e econômicos. Butler adverte, no entanto, que o conceito de abjeto não se restringe à heteronormatividade; está relacionado “a todo tipo de corpos cujas vidas não são consideradas ‘vidas’ e cuja materialidade é entendida como ‘não importante’” (PRINS; MEIJER: 2002, p.161).

Para Tadeu da Silva (2000), a noção de abjeto abarca tudo aquilo que ameaça o conforto da sensação de identidade e identificação. De acordo com o autor, o termo - definido pelo dicionário como imundo, vil ou desprezível – foi recuperado pela teórica Julia Kristeva para referir-se àquilo que pertence ao corpo, mas é também dele expelível, como o sangue, as lágrimas e outras secreções. Segundo essa perspectiva, o abjeto está situado numa zona intermediária entre o limpo e o sujo, o fora e o dentro do corpo. Sua relação com o “eu” é ambígua: atração e repulsão simultâneas.

Na teorização de Kristeva, o abjeto ocupa um lugar central no processo de subjetivação e identificação, na medida em que faz parte do “eu” mas é, ao mesmo tempo, aquilo que o “eu” expele: o abjeto é simultaneamente “eu” e “não-eu”. O abjeto separa o “eu” daquilo que o ameaça. Sua natureza ambígua perturba a ordem e a identidade (TADEU DA SILVA: 2000, p. 13).

No campo da sexualidade, o abjeto está circunscrito àqueles que fogem à norma heterossexual. No entanto, não podemos perder de vista que “heterossexualidade” e “homossexualidade”, vistas como categorias naturais e universais pela sociedade ocidental contemporânea, foram noções inventadas, construídas e institucionalizadas ao longo do tempo. Forjados pelo escritor austríaco Karl Kertbeny, os dois termos tornaram-se públicos pela primeira vez no ano de 1869 e, segundo palavras de Weeks (2001), a invenção deles marca um estágio crucial na delimitação e definição modernas da sexualidade.

Originalmente, o conceito de homossexualidade foi criado para descrever uma variante benigna da normalidade sexual, no entanto, acabou se tornando uma descrição médico-moral. Enquanto isso, o conceito de heterossexualidade como norma passou a ser utilizado, ainda que lentamente, ao longo de século XX, impulsionado pela tentativa de definir a homossexualidade, ou seja, a forma “anormal” da sexualidade.

Até esse período, as relações sexuais entre pessoas de mesmo sexo eram tratadas sob a categoria genérica de sodomia. A sodomia era vista não como uma atividade de um tipo

específico de pessoa, mas como uma força potencial em toda natureza pecadora. Enquanto o sodomita era visto como uma aberração temporária, o homossexual pertencia a uma espécie distinta. Com a concepção dos novos termos, “heterossexualidade” e “homossexualidade” passam a significar uma divisão real entre as pessoas e é nesse momento que começam a se formar as noções de identidades heterossexuais e homossexuais.

Não estou argumentando, obviamente, que o que conhecemos hoje como atividade heterossexual ou homossexual não existisse antes do século XIX [...] embora a homossexualidade tenha existido em todos os tipos de sociedade, em todos os tempos, e tenha sido, sob diversas formas, aceita ou rejeitada, como parte dos costumes e dos hábitos sociais dessas sociedades, somente a partir do século XIX e nas sociedades industrializadas ocidentais, é que se desenvolveu uma categoria homossexual distintiva e uma identidade a ela associada (WEEKS: 2001, p.65).

A heterossexualidade como norma é então naturalizada, inscreve-se em nossos corpos, tornando-se parte de nós mesmos. A legitimação do comportamento heterossexual constitui a heteronormatividade, ou seja, a tendência no sistema ocidental contemporâneo em considerar as relações heterossexuais como norma e, como consequência, todas as outras formas de conduta como desvios dessa norma. Estes padrões estão ligados a determinados ideais de masculinidade e feminilidade, relacionados diretamente à união heterossexual.

No espaço social, como no coração de cada moradia, um único lugar de sexualidade reconhecida, mas utilitário e fecundo: o quarto dos pais. Ao que sobra só resta encobrir-se; o decoro das atitudes esconde os corpos, a decência das palavras limpa os discursos. E se o estéril insiste, e se mostra demasiadamente, vira anormal: receberá este status e deverá pagar as sanções (FOUCAULT: 1983, p.10).

Exemplos da força dessas normas não faltam. Ao empreender amplo estudo sobre a imprensa feminina, Buitoni afirma a existência de temas que seriam adequados às mulheres. Apesar de questionar a conceituação de assuntos especializados para o público feminino, a autora acredita que existem temas que interessam às mulheres e que gozam de certa unanimidade. Cita principalmente assuntos do “coração”, moda, culinária, decoração e beleza:

Sua área de abrangência parece infinita: embora frequentemente ligados ao âmbito doméstico, seus assuntos podem ir da dor de dente no filho de sete anos à discussão da política de controle da natalidade, passando pelos quase inevitáveis modelos de roupa e pelas receitas que prometem delícias (BUITONI: 1990, p.8).

No entanto, não podemos deixar de considerar que receitas de bolo ou moldes de roupas não têm nada de intrinsecamente femininos. Fazem parte de uma série de atributos e ideais que se convencionou chamar de femininos. Estão atrelados a uma percepção do “ser mulher” que implica vivenciar o gênero de uma forma bem determinada, incluindo desejos e interesses heterossexuais quase sempre submetidos a esquemas binários de homem/mulher. A produção dessas oposições assimétricas entre “feminino” e “masculino” é instituída por uma matriz cultural que requer a heterossexualização do desejo e a coerência entre sexo e gênero.

O conceito de gênero utilizado nesse trabalho problematiza essa matriz e sua coerência ao pensá-lo, segundo a concepção de Butler, como performatividade. De acordo com a autora, dizer que o gênero é performativo não significa defender que existe a possibilidade do sujeito escolher o seu gênero a cada dia, mas sim destaca a reiteração das normas regulatórias sexuais por meio das quais nos constituímos.

Em outras palavras, afirmar que o gênero é performativo significa dizer que este é o efeito de um regime que regula as diferenças, um regime no qual as diferenças se dividem e hierarquizam de forma coercitiva. As regras sociais, tabus e punições atuam através da repetição ritualizada das normas; essa repetição, por sua vez, configura-se como o cenário temporal da construção e desestabilização do gênero. Assim, a performatividade, para a autora, é

uma repetição obrigatória de normas anteriores que constituem o sujeito, normas que não se pode descartar por vontade própria. São normas que configuram, animam e delimitam o sujeito e que são também os recursos a partir dos quais se forja a resistência, a subversão e o deslocamento. O procedimento mediante o qual se atualizam as regras e se atribui a um corpo um gênero ou outro é um procedimento obrigatório, uma produção forçada (BUTLER: 2002, p. 65).

A teoria da performatividade de Butler prevê que o discurso possui uma história que não apenas precede como, principalmente, condiciona seus usos contemporâneos. Essa história, por sua vez, descentraliza a idéia do sujeito enquanto origem e proprietário do que diz. Considerar a inexistência de um sujeito que preceda ou realize a reiteração das normas sexuais possibilita reconhecer o conjunto de coerções que agem sobre nosso passado e futuro, delimitando tanto a capacidade de atuação como as condições que a possibilitam.

A idéia de pensar o gênero como performativo é fundamental para desnaturalizar processos, práticas e comportamentos considerados normais na sociedade ocidental contemporânea, entre eles a heterossexualidade. Problematizar a instituição da heterossexualidade como algo natural é um dos objetivos centrais da Teoria *Queer*, que será apresentada e discutida no ponto seguinte desse capítulo.

2.4 A TEORIA QUEER E A HETERONORMATIVIDADE EM XEQUE

A Teoria *Queer* começou a ser desenvolvida no final dos anos 80 por uma série de pesquisadores e ativistas, principalmente norte-americanos. A idéia dos teóricos foi positivar a expressão “*queer*”, conhecida forma pejorativa para designar e insultar os homossexuais. A proposta é resignificar o termo, que pode ser traduzido por estranho, ridículo, excêntrico ou extraordinário, passando a entendê-lo enquanto prática de vida que se estabelece em conflito com as normas socialmente aceitas.

A teoria pode ser vinculada às vertentes do pensamento ocidental contemporâneo que, ao longo do século XX, problematizaram noções clássicas de sujeito, agência, identidade e identificação. Em confronto com a imposição social da heterossexualidade enquanto norma universal compulsória, os teóricos *queers* criticam a heteronormatividade, buscando desconstruir o modelo e seu principal argumento - o de que a sexualidade seguiria um curso natural, no qual sexo, gênero, desejo e práticas sexuais formam uma linha contínua e supostamente coerente (BUTLER: 2003).

Por heteronormatividade entende-se a legitimação do modelo heterossexual como norma regulatória das relações sexuais e de gênero na sociedade ocidental contemporânea. A base para sua legitimação está na idéia de que a sexualidade é orientada por aspectos biológicos e, como consequência disso, a associação entre heterossexualidade e reprodução é concebida como natural e irremediável. Segundo Miskolci (2009), a heteronormatividade expressa expectativas, obrigações e demandas sociais resultantes do pressuposto de uma heterossexualidade natural e compulsória.

Como um conjunto de prescrições que fundamenta processos sociais de regulação e controle, a heteronormatividade marca até mesmo aqueles que não se relacionam com pessoas do “sexo” oposto. As formas de definir a si mesmo de várias culturas sexuais não-hegemônicas seguem a

heteronormatividade, o que é patente na díade ativo/passivo dos gays, a qual toma como referência a visão hegemônica sobre uma relação sexual reprodutiva para definir papéis/posições sexuais (MISKOLCI: 2009, p. 156-157).

A heterossexualidade é concebida como o modelo supostamente coerente, superior e natural, segundo o qual os indivíduos devem organizar as suas vidas. De acordo com Berlant e Warner (2002), esse modelo engloba instituições, estruturas de compreensão e orientações práticas que fazem não só com que a heterossexualidade pareça coerente, como também privilegiada. Entretanto, sua coerência é sempre provisional e seu caráter privilegiado pode adotar várias formas, muitas delas contraditórias. Percebida como um estado natural e também um ideal moral, a heterossexualidade passa despercebida enquanto linguagem básica que impera sobre os aspectos sociais e individuais do discurso.

A heteronormatividade é um conceito diferente de heterossexualidade. Uma das diferenças mais notáveis entre os dois termos é que a heteronormatividade não tem um conceito paralelo como ocorre com a heterossexualidade, a qual organiza a homossexualidade como seu oposto. Dado que a homossexualidade não pode jamais usufruir da correção tácita e invisível para a formação social da qual a heterossexualidade usufrui, não seria possível falar de “homonormatividade” no mesmo sentido (BERLANT; WARNER: 2002, p. 230).

Portanto, a heteronormatividade “não consiste tanto em normas que poderiam ser resumidas em um corpo doutrinal, mas em uma sensação de correção que se cria com manifestações contraditórias – inconsistentes, mas inseparáveis nas práticas e nas instituições” (BERLANT; WARNER: 2002, p. 230). Em contraposição a esse modelo, o *queer* assume uma perspectiva de contestação e transgressão da normalidade, representando a diferença que não quer ser assimilada, que insiste em manter-se à margem.

Nesse sentido, opõe-se à tradicional política de identidade praticada pelos grupos homossexuais ainda hoje - em grande parte caracterizada por seu aspecto unificador e assimilacionista, e pela busca por aceitação e integração de gays e lésbicas na sociedade – e também às pesquisas sobre as chamadas “minorias” sexuais realizadas no período, que costumavam (e ainda costumam) reforçar as crenças hegemônicas. De acordo com Miskolci (2009), a denominação “teoria *queer*” foi empregada pela primeira vez por Teresa de Lauretis, em fevereiro de 1990, com o objetivo de

contrastar o empreendimento analítico que um conjunto de pesquisadores desenvolvia em oposição crítica aos estudos sociológicos sobre minorias sexuais e de gênero. A escolha do termo *queer* para se autodenominar, ou seja, um xingamento que denotava anormalidade, perversão e desvio, destacava o compromisso em desenvolver uma analítica da normalização focada na sexualidade (MISKOLCI: 2009, p. 152).

Entretanto, ainda que a expressão “teoria *queer*” possa suscitar a idéia de um alinhamento teórico entre os intelectuais, há entre eles uma grande diversidade de pensamentos e posições, expressa por divergências e debates internos significativos. O conceito diz respeito tanto à corrente teórica propriamente dita, quanto aos movimentos sociais contemporâneos que defendem culturas sexuais marginalizadas.

Longe de haver unidade entre eles, pode-se dizer que existe uma coalizão em diálogo constante. Entre os pontos comuns compartilhados pelos teóricos *queers* estão a influência da teoria pós-estruturalista francesa, a crença na desconstrução como um método de crítica social, a crítica à oposição binária heterossexual/homossexual, o recurso às revisadas perspectivas psicanalíticas e a predileção por estratégias políticas descentradoras.

O que caracteriza os estudos queer é a apoio na história para evidenciar e desconstruir pressupostos que embasam práticas sociais e, principalmente, conceitos e teorias arraigados nas ciências. Teóricos queer provaram o caráter compulsório da heterossexualidade e a forma como ela embasa saberes e práticas sociais. O objetivo não é a defesa da homossexualidade, antes a crítica do sistema único formado pelo par heterossexualidade-homossexualidade, o qual esconde e refuta a diversidade por meio de apenas duas categorias naturalizadas (MISKOLCI: 2005, p.33).

Entre os pontos comuns está a influência de Foucault (1989). A obra do autor, sobre a história da sexualidade, especialmente sua teorização sobre a construção discursiva desta, é apontada por muitos como imprescindível para a formulação da teoria *queer*. Para Halperin (2007), por sua simpatia a todos aqueles que a sociedade majoritária considerava “anormais” – os loucos, os enfermos, os delinqüentes – Foucault seria *queer* mesmo antes de a palavra tomar esse significado.

Halperin acredita que o tratamento político dado por Foucault ao discurso, especialmente sua análise daquilo que poderíamos chamar de “economia política do discurso sexual”, permite desenvolver estratégias efetivas para confrontar e resistir às operações discursivas da homofobia. E, ainda, que seria essa noção de discurso, mais preocupada com os efeitos de

poder do que com o conteúdo propriamente, a principal responsável pela grande apropriação de seu pensamento pelos teóricos *queers*.

Aliado à análise estratégica do discurso, Halperin cita ainda como pontos importantes em Foucault, para a formulação da teoria *queer*: a concepção da sexualidade enquanto dispositivo histórico de poder que opera através de um conjunto heterogêneo de discursos e práticas sociais, e a própria noção de poder – relacional, disciplinador e produtivo. Halperin explica que, para Foucault,

o poder não é intrínseca nem exclusivamente negativo: não é só o poder de negar, suprimir ou constringer, de dizer “não, não pode”. É também positivo e produtivo. Produz possibilidades de ação, de escolha, e finalmente produz as condições para o exercício da liberdade (assim como a liberdade constitui uma condição para o exercício do poder). O poder, então, não é o oposto da liberdade. E a liberdade não está livre do poder – não é uma zona privilegiada situada fora deste (HALPERIN: 2007, p. 35).

Ainda que muitos críticos, principalmente intelectuais da esquerda tradicional, acreditassem que a noção de poder em Foucault tornaria a ação política impossível, Halperin argumenta que o autor nunca negou a realidade da dominação, nem a possibilidade de resistência individual ou coletiva. O seu desejo ao afirmar que o poder está em todas as partes e que este não se resume à realidade da dominação era “tornar impossível a política para fazer possível uma nova política, uma política até esse momento impensável e que englobaria aqueles cuja exclusão havia fundado a definição de política sobre a qual vivia a esquerda tradicional” (HALPERIN: 2007, p. 13).

Outra grande influência para os teóricos *queers*, principalmente no que diz respeito aos procedimentos metodológicos, é a operação de desconstrução, proposta por Derrida. Segundo o autor, a lógica ocidental opera por meio de binarismos, ou seja, uma idéia ou sujeito é eleito como fundante e, a partir dele, é traçado o lugar do 'outro'. O termo inicial é sempre entendido como superior, enquanto o outro é visto como seu oposto subordinado e inferiorizado.

Para Derrida (2004), essa lógica binária poderia ser abalada por uma desconstrução estratégica que desestabilizasse e desordenasse os pares tradicionais. A desconstrução como procedimento metodológico não implica uma destruição de discursos, mas sua perturbação e

subversão. Uma forma, portanto, de questionar e desestabilizar oposições binárias, revelando sua fragmentação e a condição de dependência que marca a relação entre os pólos, já que cada um carrega um pouco do outro e depende dele para adquirir sentido.

Dessa forma, como alternativa para evidenciar a posição central da sexualidade na vida social, os teóricos recorreram à análise desconstrutivista de produtos culturais, investigando as estratégias sociais normalizadoras das práticas e comportamentos sexuais em filmes, romances e programas de televisão, sem deixar de lado, entretanto, os discursos científicos, legais e religiosos. Para Lopes (2002), essa análise estaria investida de um grande peso político, envolvendo não só a crítica literária, cinematográfica ou a história cultural, mas também as ciências sociais.

Segundo o autor, por meio da análise dos produtos da cultura seria possível pensar estratégias que respeitassem “as diferenças étnicas, de classe e de gênero como valor, sem, contudo, reificá-las num identitarismo isolacionista, nem homogeneizá-las”. Além disso, seria possível ainda refletir sobre os novos olhares e leituras que confrontassem “uma repronarratividade e uma reproideologia, bases de uma heteronormatividade homofóbica” (LOPES: 2002, p.24).

A posição *queer* positiva uma ofensa, busca maior fluidez sem despolitização de sujeitos cada vez mais marcados por hibridismos culturais, evitando leituras monumentalizadoras e não raramente desmobilizadoras do ponto de vista social que, com a justificativa de buscar ambigüidades do sujeito contemporâneo, só reafirmam discursos individualistas e/ou eurocêtricos (LOPES: 2002, p. 23).

Lopes, entretanto, problematiza a aplicação da teoria ao contexto brasileiro - onde os processos de produção da subjetividade e da identidade são diferentes do norte-americano - questionando se haveria, de fato, correspondência intelectual e política em nosso ambiente acadêmico: “a falta de tradução lingüística bem pode ser um indício da falta de tradução intelectual” (2002, p.28). Para o autor, os teóricos *queers* fogem de uma discussão que ele acredita ser fundamental para o nosso contexto, que é pensar a pertinência do termo “estudos gays e lésbicos” e até que ponto sua institucionalização seria desejável; bem como a necessidade de criar uma categoria que incluísse também bissexuais, transexuais e heterossexuais anti-homofóbicos.

Nomear é sempre um perigo, mas se não nos nomeamos, outros o farão. Dar um nome não significa simplesmente classificar, mas explorar, problematizar [...] Os debochados e coloquiais ‘bicha’, ‘viado’ ou a construção transnacional de uma homocultura ou do gay? A saída não está em apontar para um nome único, mas estratégias diferenciadas em função de realidades culturais e regionais distintas (LOPES: 2002, p. 27-28).

Preciado (2007) reconhece que a utilização do insulto “queer” como lugar de identificação produz o risco de uma “contaminação” dos sujeitos pela linguagem dominante. Entretanto, defende que a teoria *queer* não deve ser concebida enquanto modelo paradigmático da cultura norte-americana e sim como exemplo de um intenso questionamento dos discursos hegemônicos na cultura ocidental: uma resposta à globalização dos modelos norte-americanos de identidade heterossexual, aos movimentos feministas liberais e à cultura gay integracionista.

Para a autora, “em vez de continuarmos considerando a teoria *queer* como uma ‘infiltração’ norte-americana, ganharíamos ao entendê-la como uma forma de resistência à americanização branca, hetero-gay e colonial do mundo” (PRECIADO: 2007, p. 400). Uma resistência que não ignora as diferenças culturais, as histórias de colonização específicas e o entrecruzamento de opressões “micro-identitárias”:

Quando falo da necessidade de combinar estratégias hiper-identitárias e críticas pós-identitárias, refiro-me à necessidade de certo momento de “molarização” da identidade, essa identidade molar que tanto temia Deleuze. A molarização é uma condição para a ação política coletiva e para a produção de uma certa “puissance” (potência, mais que poder) para agir (PRECIADO: 2007, p. 400-401).

Em obra mais recente¹⁹, entretanto, Preciado (2008) tece críticas à política e teoria *queer*, principalmente ao processo que chama de institucionalização da teoria. De acordo com a autora, a palavra *queer*, que durante anos foi útil para nomear, por meio de um exercício de tradução cultural, as múltiplas lutas de resistência à norma, está agora submetida a um processo crescente de reificação e mercantilização. Imerso nesse processo, o *queer* correria o

¹⁹ Segundo Preciado, o livro chamado “Testo yonqui” é uma espécie de diário no qual conta suas experiências na administração de doses regulares de testosterona em gel durante oito meses. Mas não se trata somente de um relato pessoal sobre seus experimentos corporais e sexualidade transgênero porque, como afirma a própria autora em seu website, “em nossas sociedades fortemente estruturadas em termos de gênero (ou se é homem ou se é mulher e são as instituições médicas, psicológicas e jurídicas que trabalham com noções de identidade sexual oriundas da psicopatologia do século XIX que decidem isso) administrar-se testosterona ou habitar uma condição transgênero são processos inevitavelmente políticos e culturais” (PRECIADO: 2009).

risco de tornar-se uma identidade geradora de novas exclusões, além de eclipsar as condições específicas de opressão dos corpos deficientes, negros, transexuais e transgêneros.

Preciado explica que isso não significa dizer que “não possamos utilizar a palavra *queer*, mas sim, que esta tem perdido boa parte de seu potencial subversivo e não pode, hoje, servir como denominador comum para nomear os processos de proliferação de estratégias de resistência à normatização” (PRECIADO: 2008, p.239). Ela sugere que poderíamos entender a enunciação *queer*, hoje, como um momento crítico em um processo mais amplo de produção de subjetividades dissidentes na nossa sociedade. Por pensar o *queer* como um momento específico dentro de um processo muito mais extenso, Preciado acredita que as inovações teórico-políticas geradas nos últimos anos tanto pela teoria *queer*, como também pelos movimentos negro e feminista, não devem ser pensadas como aquisições consolidadas ou perenes. E, para evitar que esse conjunto de saberes e práticas se percam, a autora defende que:

é preciso transformar esse saber minoritário em experimentação coletiva, prática corporal, em modo de vida, em forma de co-habitação, antes que todos e cada um dos frágeis e escassos arquivos existentes do feminismo e da cultura *queer* tenham sido completamente reduzidos a sombras radioativas (PRECIADO: 2008, p. 243).

Sem deixar de reconhecer o papel da teoria *queer* na análise crítica dos processos culturais e políticos através dos quais as identidades sexuais e de gênero são construídas, Preciado propõe pôr esses atos performativos em prática como meio de cumprir o papel de resistência à normatização e re-significação das normas. Mas não somente isso, pois a autora vai além ao lançar a possibilidade de que esses atos se convertam em campo de experimentação e lugar de produção de novas subjetividades, constituindo uma verdadeira alternativa às tradicionais formas de fazer política que escapa de binarismos rasos e identidades cristalizadas.

Por conta das críticas às categorias de identidade e também pela defesa da construção permanente destas em vez de sua afirmação, a política proposta pelos teóricos *queers* é definida por alguns como pós-identitária. Entretanto, eles não estão preocupados apenas em confrontar as tradicionais fronteiras de sexo e gênero - problematizando dicotomias como masculino/feminino, homem/mulher e heterossexual/homossexual - como também em atravessar essas fronteiras ou viver em sua ambigüidade. Assim, as linhas e interstícios das fronteiras não são apenas locais de chegadas e partidas, mas de trânsito e cruzamentos. Esse

movimento entre fronteiras, que marca o pensamento *queer*, evidencia a instabilidade e a precariedade do conceito de identidade:

A possibilidade de “cruzar fronteiras” e de “estar na fronteira”, de ter uma identidade ambígua, indefinida, é uma demonstração do caráter “artificialmente” imposto das identidades fixas. O “cruzamento de fronteiras” e o cultivo propositado de identidades ambíguas é, entretanto, ao mesmo tempo uma poderosa estratégia política de questionamento das operações de fixação da identidade (TADEU DA SILVA: 2007, p.89).

Tadeu da Silva (2007) argumenta que a fixação de determinadas identidades como norma é uma das formas privilegiadas de hierarquizar identidades e diferenças. Essa normalização implica na eleição arbitrária de uma identidade como parâmetro em relação ao qual as demais serão avaliadas, o que significa atribuir a essa identidade todas as características positivas possíveis. A identidade considerada normal é a única desejável e serve de parâmetro para que todas as outras identidades sejam classificadas, sempre numa posição inferior. O *queer* não apenas questiona essas categorias identitárias, sua fixidez e limites, como também propõe estratégias para desestabilizá-las e subvertê-las no interior dos discursos.

Na medida em que *queer* sinaliza para o estranho, para a contestação, para o que está fora-do-centro, seria incoerente supor que a teoria se reduzisse a uma 'aplicação' ou a uma extensão de idéias fundadoras. Os teóricos e teóricas *queers* fazem um uso próprio e transgressivo das proposições das quais se utilizam, geralmente para desarranjar e subverter noções e expectativas (LOURO: 2001, p. 548).

Ao tentar aliar a utilidade política da desconstrução das categorias coletivas com a lógica de defendê-las, a teoria se mostra útil não apenas para pensar questões de identidades sexuais e de gênero, como também permite discutir outras maneiras de pensar noções como cultura, poder e conhecimento. Esse método desconstrutivo é colocado em prática para problematizar a oposição binária heterossexual/homossexual, presente não apenas nos discursos homofóbicos, como também em muitos discursos considerados favoráveis à homossexualidade. Como esses discursos não escapam da referência à heterossexualidade como norma hegemônica, torna-se impossível desestabilizar o regime vigente sem romper, de fato, com o binarismo e suas conseqüências: a produção de uma classificação hierárquica, que funciona como justificativa para a dominação, que por sua vez produz a exclusão.

Uma abordagem desconstrutiva permitiria compreender a heterossexualidade e a homossexualidade como interdependentes, como mutuamente necessárias e como integrantes de um mesmo quadro de referências. A

afirmação da identidade implica sempre a demarcação e a negação do seu oposto, que é constituído como sua diferença. Esse 'outro' permanece, contudo, indispensável. A identidade negada é constitutiva do sujeito, fornece-lhe o limite e a coerência e, ao mesmo tempo, assombra-o com a instabilidade. Numa ótica desconstrutiva, seria demonstrada a mútua implicação/constituição dos opostos e se passaria a questionar os processos pelos quais uma forma de sexualidade (a heterossexualidade) acabou por se tornar a norma, ou, mais do que isso, passou a ser concebida como 'natural' (LOURO: 2001, p. 549).

Ao criticar a oposição heterossexual/homossexual enquanto categoria central que ordena as práticas sociais, a teoria *queer* chama a atenção para o risco de uma política de identidade tornar-se cúmplice do sistema contra o qual pretende se rebelar. A esse respeito, Gamson (2002) aponta o caráter instável e artificial da identidade e argumenta que é preciso repensar as políticas identitárias, pois já não é mais viável promover a singularidade ou a desconstrução das identidades coletivas utilizando os tradicionais modos de ação política.

Essa discussão não estaria circunscrita apenas ao “conteúdo” das identidades coletivas (o que se entende por “gay” ou “mulher”, por exemplo), mas deveria abarcar principalmente a viabilidade cotidiana e a utilidade pública dessas categorias sexuais, ou seja, questionar se seria mesmo necessário existir algo chamado “lésbica”, “homem” ou “travesti”.

Ao assumir que as categorias fixas de identidade são tanto a base da opressão quanto do poder político, Gamson sugere uma articulação de duas formas de se fazer política, aliando a lógica de desconstrução das categorias coletivas à de defesa das identidades. Para o autor, é preciso reconhecer os paradoxos que marcam esse dilema de lidar, por um lado, com a aparente exigência de identidades coletivas sólidas sobre as quais se baseariam a luta por direitos e, por outro, a necessidade de desconstruir e desestabilizar essas mesmas categorias identitárias. Sobre isso, diz: “tão libertador e sensato é destruir uma identidade coletiva, quanto estabelecê-la” (GAMSON: 2002, p. 164). Ainda de acordo com Gamson, a teoria *queer* nos mostra que as fronteiras seguras e as identidades estáveis não são necessárias no geral, mas apenas de forma específica.

Os movimentos *queer* representam o desafio de uma forma de organização onde, longe de inibir ganhos, a desestabilização da identidade coletiva em si mesma é um objetivo e uma conquista da ação coletiva. Quando se tem em conta esta dinâmica, surgem novos questionamentos [...] Esses questionamentos podem apontar para novas interpretações de movimentos sociais onde a identidade coletiva seja tanto desmantelada, quanto utilizada (GAMSON: 2002, p. 166-167).

Enquanto Gamson considera válida a lógica das identidades coletivas, Preciado (2003) argumenta que, ao lutar por igualdade de direitos – ao matrimônio e à adoção de crianças, por exemplo - tendo como base concepções fixas de identidade sexual, os movimentos gays e lésbicos tradicionais contribuem para reforçar a normatização e a integração destes na cultura heterossexual dominante. Para reagir a esse essencialismo e normalização da identidade homossexual, questionando a identidade como fundamento único para a ação política, seria preciso atuar em busca de uma definição política e estratégica das “identidades *queer*”, propondo a proliferação das diferenças, sejam elas de “raça”, classe, idade ou práticas sexuais.

Assim, em oposição à noção de “diferença sexual”, Preciado propõe a idéia de uma “multidão *queer*”, isto é, uma multidão de diferenças e uma diversidade de potências de vida: “As minorias sexuais se convertem em multidões. O monstro sexual que tem por nome multidão se torna *queer*” (PRECIADO: 2003, p. 3). Apropriando-se de uma expressão de Deleuze e Guattari, a autora explica que o corpo da multidão *queer* surge no centro de um trabalho de “desterritorialização” da heterossexualidade que tem impacto nos espaços urbano e corporal. Esse processo de desterritorialização do corpo pressupõe uma resistência em ser “normal”.

À diferença das políticas feministas ou homossexuais, a política da multidão *queer* não se baseia em uma identidade natural (homem/mulher), nem em uma definição baseada nas práticas (heterossexuais/homossexuais), mas em uma multiplicidade de corpos que se levantam contra os regimes que os constroem como “normais” ou “anormais”: são as drag-kings, as bolachas lobas, as mulheres barbudas, os trans-bichas sem pênis, os deficientes-ciborg... O que está em jogo é como resistir ou como reconverter as formas de subjetivação sexopolíticas (PRECIADO: 2003, p.3).

Entre as estratégias políticas da multidão *queer* propostas pela autora estão a desidentificação, que surge “das bolachas que não são mulheres, das bichas que não são homens, dos trans que não são homens nem mulheres” (2003, p. 4); as identificações estratégicas, que permitem a conversão de identidades negativas em locais de produção de identidades que resistem à normatização; a reconversão das tecnologias do corpo, com as reapropriações de discursos que construíram o corpo hétero e o corpo desviante modernos; e, por fim, a desontologização do sujeito da política sexual, ocorrida a partir dos anos 90 com uma nova geração de movimentos identitários que confrontaram e redefiniram os limites dos sujeitos políticos “feminista” e “homossexual”.

Dessa forma, reflexões e proposições como essas nos chamam a atenção para o fato de que as identidades sexuais e de gênero escaparam dos esquemas binários e se multiplicaram, desafiando as tradicionais fronteiras estabelecidas. E, ainda, nos colocam a importante questão de como pensar políticas de identidade que dêem conta dessa nova dinâmica de pluralidades e garantam, em última instância, a conquista de direitos efetivos para as chamadas “minorias”. Essas e outras reflexões suscitadas pelos teóricos *queers* fornecerão subsídios fundamentais para a discussão que será feita a seguir, sobre como gêneros, identidades e sexualidades são tratados nas páginas das revistas adolescentes.

3.0 REVISTAS ADOLESCENTES E HETERONORMATIVIDADE: ENTRE O “SER MENINA” E OS ESPAÇOS DE FUGA

3.1 O CORPUS DE ANÁLISE, A ABORDAGEM METODOLÓGICA E SUAS LIMITAÇÕES

As revistas adolescentes femininas selecionadas para análise nesse trabalho – *Atrevida e Capricho* – foram acompanhadas durante o ano de 2008, período escolhido tendo em vista o desejo de obter uma visão atual do fenômeno estudado e também levando em consideração as dificuldades encontradas para a aquisição de edições anteriores das publicações, especialmente no caso de *Capricho*²⁰. Assim, ao escolher o ano de 2008 para ser analisado, foi possível adquirir as edições mensalmente nas bancas, sem que fosse necessário recorrer ao sistema de arquivamento ou venda de edições anteriores das editoras em questão.

Se, por um lado, esse recorte temporal foi fundamental para tornar a pesquisa viável, além de permitir uma percepção atual das questões investigadas, por outro restringiu as possibilidades de análises comparativas ao longo dos anos. Entretanto, essa limitação circunstancial não constitui um impedimento para que futuras investigações comparativas sejam feitas com base nos resultados obtidos a partir desse trabalho, seja por parte dessa autora ou de quaisquer outros.

Dessa forma, foram adquiridas em bancas de jornal da cidade de Salvador/Bahia 12 edições mensais de *Atrevida* e 24 edições quinzenais de *Capricho*, totalizando 36 edições a serem analisadas. Com o intuito de selecionar os materiais pertinentes aos objetivos da pesquisa, as revistas foram lidas e consultadas página por página, incluindo capa, reportagens, artigos, entrevistas, colunas, cartas de leitoras, testes e anúncios. Essa primeira leitura mostrou-se fundamental para a escolha de um método de pesquisa que possuísse relações estreitas com as particularidades do objeto e as perspectivas da análise, não se restringindo a abstrações teóricas ou conjuntos de regras universalmente aplicáveis.

²⁰ De acordo com informações obtidas através do setor de Atendimento ao Leitor da revista *Capricho*, a Editora Abril comercializa apenas as edições dos últimos seis meses da revista e a venda está sujeita à disponibilidade no estoque. Além disso, não há a possibilidade de acesso às edições anteriores da revista por meio de arquivamento online. Em contato mantido por e-mail, o funcionário Carlos Santos informou que “todo o arquivo da *Capricho* está encadernado na redação. A única forma de consultá-lo seria vir até aqui”.

A metodologia aqui utilizada procura respeitar e contemplar as características específicas do objeto e a perspectiva escolhida para a análise dos temas abordados, como também o marco teórico adotado. Esse marco teórico não deve atuar como um modelo fechado e aprisionador no qual a pesquisa precisa situar-se a qualquer custo, mas sim como um referencial a partir do qual será possível fazer reflexões, comparações e interpretações.

Dentro dessa perspectiva, podemos afirmar que o corpus da pesquisa é composto por textos extraídos de 36 exemplares das revistas *Atrevida* e *Capricho*, publicadas no período de janeiro a dezembro de 2008. A opção por analisar os textos das revistas como um todo em vez de nos ater à seleção de seções, colunas ou artigos específicos mostrou-se fundamental por dois pontos: em primeiro lugar, porque torna possível uma visão global do fenômeno estudado nas revistas e não somente uma perspectiva fragmentada composta por partes delas; em segundo lugar porque, ao não privilegiar apenas os espaços dedicados aos temas relacionados à sexualidade, tem-se a oportunidade de observar o fenômeno em todas as suas intersecções e não simplesmente de forma isolada.

Ao afirmar que analisaremos os textos das duas revistas, entretanto, é preciso esclarecer que a concepção de texto aqui nesse trabalho não se restringe exclusivamente a conteúdos escritos. Os textos, nessa perspectiva, constituem um meio de realização da prática analítica e podem abarcar materiais escritos, ilustrações, fotografias, bem como a interação de todos eles no espaço da revista.

O “texto” não é mais estudado por ele próprio, nem pelos efeitos sociais que se pensa que ele produz, mas, em vez disso, pelas formas subjetivas ou culturais que ele efetiva e torna disponíveis. O texto é apenas um *meio*; estritamente, talvez, trata-se de um material bruto a partir do qual certas formas (por exemplo, da narrativa, da problemática ideológica, do modo de endereçamento, da posição de sujeito etc.) podem ser abstraídas. Ele também pode fazer *parte* de um campo discursivo mais amplo ou ser uma *combinação* de formas que ocorrem em outros espaços sociais com alguma regularidade (JOHNSON: 2004, p.75).

Assim, o primeiro passo para a seleção de materiais para a análise consistiu na leitura geral dos textos publicados nesse período, em busca da identificação dos temas eleitos para a pesquisa e sua reiteração ao longo das 36 edições. A partir das características em comum apresentadas por esses textos e da reiteração de determinados temas, foram definidos quatro

eixos de investigação por meio dos quais acreditamos ser possível buscar respostas para as questões levantadas nesse trabalho.

Os quatro eixos em torno dos quais a análise foi organizada são: 1) a concepção das revistas sobre o que é sexo, gênero, desejo e prática sexual, bem como a existência ou não de continuidade entre eles; 2) a trajetória de vida ideal construída para as adolescentes pelas publicações; 3) a construção do casal heterossexual e sua legitimação nas páginas das revistas; 4) os ideais de corpo, aparência e vestuário presentes nas publicações. Por fim, de forma transversal aos quatro eixos anteriores, buscaremos identificar o surgimento de espaços de fuga da norma existentes nas publicações.

Antes de expor com detalhes os quatro eixos de investigação, apresentaremos as duas revistas que serão analisadas em seguida – *Atrevida* e *Capricho* – fornecendo uma breve descrição de ambas que inclui história, tiragem, linha editorial, modo de organização dos conteúdos e seções principais. Após essa apresentação, passaremos à análise propriamente dita das revistas com base no referencial teórico exposto anteriormente, buscando compreender e problematizar as formas como normas sexuais, identidades e gêneros são construídos nas páginas das publicações.

3.1.1 ATREVIDA

A *Atrevida* é uma publicação mensal da Editora Escala, lançada no mercado editorial brasileiro em setembro de 1994²¹. Dando ênfase às matérias de comportamento, o periódico apostou em uma mistura de assuntos que já havia consagrado revistas adolescentes lançadas anteriormente como *Capricho* e *Carícia*: moda, beleza, ídolos e comportamento. Segundo informações do website da revista (www.atrevida.com.br) e da editora (www.escala.com.br), o público-alvo da *Atrevida* é formado por mulheres, das classes ABC, com idade entre 15 e 19 anos²². No site, a *Atrevida* é definida como a revista que fala a linguagem da adolescente,

²¹ Na ocasião de seu lançamento (1994), a *Atrevida* pertencia à Editora Símbolo. Em julho de 2007, a revista passou a integrar o portfólio da Editora Escala, fato que, entretanto, não implicou em alterações em seu projeto editorial.

²² Para atingir as leitoras de faixa etária entre 10 e 14 anos, a Editora Escala lançou a *Atrevidinha*, revista mensal com tiragem de 56 mil exemplares descrita no site da editora como “feita sob medida para a leitora pré-adolescente. Cabe direitinho na mochila e tem tudo o que ela quer ler e ver: quadrinhos, testes, moda, beleza, jogos, horóscopo, ídolos e muito mais coisas legais para ela se divertir e se informar. A pré-adolescente se sente importante e valorizada com as matérias pensadas e apresentadas para sua idade” (Escala: 2009).

trazendo assuntos como amor, relacionamento, sexualidade, beleza, moda, música, ídolos e atualidade.

É uma revista completa, a preferida das garotas brasileiras. Sua leitora é a adolescente que procura informações sobre as mudanças que estão ocorrendo na sua vida. Interativa, atendida e atualizada, a leitora de *Atrevida* está sempre aberta a novidades e faz questão de ser líder do seu grupo (Escala: 2008).

Ainda no site da editora Escala, a revista mostra-se preocupada em conscientizar as adolescentes sobre questões relacionadas ao meio ambiente e responsabilidade social, utilizando linguagem clara e direta, mas sem perder de vista temas como a vida das celebridades, moda e comportamento: “Para deixar a leitora ainda mais atendida, a revista vem, todo mês, com um especial sobre um assunto quente do momento [...] E, além desse brinde pra lá de informativo, todos os meses, a revista traz pôsteres dos artistas mais pedidos pelas garotas” (Escala: 2008).

De acordo com levantamento do Instituto Ipsos Marplan – empresa privada que periodicamente desenvolve pesquisas de opinião entre os leitores de publicações impressas com circulação em território brasileiro – a *Atrevida* apresenta tiragem mensal de 163 mil exemplares, sendo 39 mil em formato de bolso²³. Segundo estimativas da Editora Escala - baseadas no Instituto Verificador de Circulação (IVC), Instituto Ipsos Marplan, vendas pela internet e em pontos de conveniência - a *Atrevida* possui um total de 1.400.000 leitores em território brasileiro.

Um levantamento do Instituto Ipsos Marplan, realizado no ano de 2008, indica que as mulheres representam 95% dos leitores da revista. Aponta também que a maioria desses leitores pertence à classe B (40%) e classe C (46%); e que, de acordo com a faixa etária, estão distribuídos da seguinte forma: 10 a 14 anos (28%), 15 a 19 anos (38%), 20 a 29 anos (22%), 30 a 39 anos (7%) e 40 a 49 anos (4%).

Em sua edição de estréia, a *Atrevida* exibia na capa a foto de uma jovem modelo (Regiane Alves, hoje uma famosa atriz da Rede Globo de Televisão) e trazia o slogan que a acompanharia por dezesseis anos, mantendo-se até os dias atuais: “Descolada, divertida,

²³ Desde o mês de abril de 2008, a *Atrevida* passou a circular em dois formatos – o convencional e o *pocket*. O formato *pocket* traz o mesmo conteúdo da versão tradicional, porém em tamanho reduzido.

diferente”. Ainda na capa, chamadas para matérias que falavam sobre comportamento, beleza, sexo e celebridades. Entre elas: “Meninos, meninos – Táticas infalíveis para ele te dar a maior bola”, “Carinha de anjo – Tudo para se livrar dos cravos e espinhas” e “Sexo sem encanação: um tira-dúvidas que explica tudo, tintim por tintim”.

Ao longo do tempo, a política editorial de *Atrevida* passou por várias transformações, que englobaram conteúdo, linguagem gráfica e até mesmo o público para o qual se direciona. Ampliando ou restringindo a faixa etária de suas leitoras, alterando a forma de relacionar-se com elas – ora de forma mais didática, ora mais íntima – a revista foi constituindo seu público ao longo dos anos. Pode-se dizer que um dos ingredientes principais do modelo editorial da revista, que sempre esteve presente ao longo dos anos, é a publicação de notícias e reportagens sobre ídolos do universo da música, do cinema e da televisão.

Mas é importante notar que esse tipo de revista não fala às meninas diretamente sobre música, cinema ou televisão. Fala, sobretudo, da vida pessoal e sentimental dos artistas. Transforma-as em narrativas extraídas da vida real que seguem muitas vezes as regras dos gêneros (MIRA: 2003, p.35).

No ano de 2008, período analisado nesse trabalho, a revista *Atrevida* chegava às bancas mensalmente com um número médio de 115 páginas. As capas, que no início exibiam fotos de modelos adolescentes desconhecidas, passaram a trazer celebridades do universo *teen*, principalmente bandas, atores e atrizes internacionais, e personalidades da televisão (ANEXO A). Em alguns meses, as revistas circularam com duas opções de capa diferentes, mas com o mesmo conteúdo.

O conteúdo de *Atrevida*, composto por seções fixas e reportagens que abordam diferentes temas a cada edição, é dividido em quatro editorias – *Comportamento*, *Moda*, *Gente* e *Beleza*²⁴. A quantidade de conteúdo em cada uma das editorias varia de uma edição para outra, mas é possível notar claramente a predominância da temática comportamento em todos os números analisados.

Entre as principais seções da editoria *Comportamento* estão: *Conta aí*, espaço dedicado à publicação de fotos e mensagens de leitoras; *Na galera*, *Ficadas e rolos* e *Tudo sobre sexo*,

²⁴ Essa divisão é explicitada pela própria revista em seu sumário, chamado de *Ta na pág.*

três seções dedicadas a responder questionamentos de leitoras enviadas por cartas ou e-mails sobre amigos e família, relacionamentos amorosos e sexualidade, respectivamente; *Teste*, que traz um tema diferente a cada edição; *Qual é a dele?*, espaço para a opinião de meninos sobre assuntos que despertam a curiosidade das leitoras; *Na real*, seção que conta histórias enviadas por leitores em forma de depoimentos; *Fala sério* e *Voando alto*, colunas assinadas respectivamente pela escritora Thalita Rebouças e pela jornalista Veridiana Mercatelli, que abordam, a cada edição, diferentes assuntos relacionados ao dia-a-dia das adolescentes.

Ainda na editoria de comportamento há o editorial *Blog da redação*, dicas de conteúdo do site oficial da revista em *www.atrevida*, histórias engraçadas contadas por leitoras em *Que mico*, dicas de sites para visitar em *Link*, dúvidas e curiosidades sobre animais de estimação em *Eu amo meu pet*, informações sobre meio ambiente e responsabilidade social em *Faça diferente*, piadas em *De bobeira*, orientação sobre profissões em *Eu quero ser* e horóscopo em *Meu signo*. Inscrita na editoria de comportamento, a temática da sexualidade é bastante explorada em *Atrevida*:

Desde seu lançamento, a publicação mantém uma seção de cartas de leitoras em que as dúvidas sobre sexo são esclarecidas por uma médica ginecologista. Embora tenha mudado de nome várias vezes, o perfil da coluna permaneceu o mesmo: ali parte-se do enfoque de um problema pessoal para esclarecer todas as adolescentes sobre o tema. Além disso, praticamente todos os meses a revista traz alguma matéria relativa ao assunto, com grande preocupação em relação à importância de disseminar comportamentos seguros, tanto do ponto de vista da saúde física quanto da saúde emocional, dando ênfase ao fato de que a adolescente deve se preparar para iniciar sua vida sexual tanto quanto possível (GONÇALVES; ASSOLINI: 2008, p.5).

Na editoria *Gente*, há a seção *Hot*, com notícias e fofocas do mundo artístico; *Podcast*, espaço dedicado a novidades sobre cantores e bandas nacionais e internacionais; e *Se liga*, que traz dicas e novidades sobre cinema, literatura e televisão. As seções fixas da editoria *Moda* abordam assuntos ligados a roupas, sapatos, acessórios, dicas de como vestir-se e onde fazer compras. São elas: *Se joga!*, *É fashion*, *Tem que ter!*, *Tá combinado*, *Cabe na mesada* e *Agenda*.

As seções fixas que abordam o tema *Beleza* são quatro: *Make it* apresenta sugestões de cosméticos e dicas de maquiagem; *Fio a fio* traz dicas sobre cabelo; *Meu corpo* dá dicas sobre alimentação saudável, exercícios físicos e cuidados com a pele; e *Nécessaire* sugere perfumes,

cosméticos e acessórios para as leitoras. Todas as edições de *Atrevida* trazem também uma entrevista, em geral com o artista da capa, e pôsteres de bandas e cantores como encartes.

Ao longo do período estudado, os anúncios publicitários em *Atrevida* ocuparam, em média, 18 páginas inteiras a cada edição. Os produtos anunciados ocupam páginas inteiras e compreendem, principalmente, linhas de roupas e sapatos, cosméticos (perfumes, maquiagens, cremes para pele e cabelo), refrigerantes, itens de informática, cadernos e agendas. A maioria dos anúncios recorre à imagem como recurso principal, estampando fotografias de modelos adolescentes em poses sorridentes ou sensuais e, em menor escala, trazendo ilustrações coloridas. O texto escrito, quando surge nos anúncios, resume-se a uma ou duas frases, no máximo.

Tal como a *Capricho*, a revista *Atrevida* possui uma linha de produtos que leva a sua assinatura e inclui agendas, material escolar, camisetas e roupas femininas. Esses produtos também aparecem freqüentemente entre os anúncios de cada edição. A publicidade está presente ainda nos editoriais de moda, que trazem indicações das lojas ou grifes que fornecem as peças utilizadas pelos modelos, acompanhadas de seus respectivos preços.

3.1.2 CAPRICO

A *Capricho* foi criada em junho de 1952 pelo fundador da Editora Abril, Victor Civita. Na época de seu surgimento, era uma revista quinzenal e de formato pequeno, que trazia em suas páginas fotonovelas e histórias de amor desenhadas em quadrinhos²⁵. Em novembro do mesmo ano, *Capricho* passa a ser editada mensalmente e num formato maior, agregando temas como moda, beleza, comportamento e variedades. Além da fotonovela, apresentava duas ou três páginas de moda, um conto, consultório sentimental e algumas vezes receitas culinárias.

Apesar da maioria de suas leitoras ser solteira, a revista também era um veículo para mulheres casadas, na faixa dos 30 anos. Segundo Buitoni (1990), nessa época não havia ainda a mística da juventude e, portanto, eram chamadas de jovens as moças de 18 anos e não as garotas de

²⁵ As fotonovelas nasceram na Itália, logo após a Segunda Guerra Mundial. Podem ser definidas como histórias de amor fotografadas, que unem técnicas de cinema e quadrinhos. Nas décadas de 1950 e 1960, as telenovelas foram responsáveis por expressivos números de circulação de revistas brasileiras. O diferencial de *Capricho* na época era a publicação de uma fotonovela completa numa só edição, enquanto as concorrentes publicavam as fotonovelas por capítulos.

13, como na atualidade. Assim, quase todo o conteúdo de *Capricho* tinha um tratamento mais adulto que o atual.

A revista, nos primeiros números, trazia em suas capas a designação “revista quinzenal feminina”, depois passou a ser “revista mensal da Juventude Moderna” e, logo no número 25, em março de 1954, a “revista da mulher moderna”. Tais designações são importantes para expressar o perfil das leitoras, ou seja, o feminino, mais especificamente a moça jovem da classe média, consumidora em potencial, alfabetizada, solteira, e, além dela, a jovem mulher recém-casada (XAVIER FILHA: 2007, p.340).

Em 1956, a publicação ultrapassa a tiragem de 500 mil exemplares, a maior de uma revista na América Latina até aquele momento, marca nunca alcançada por nenhuma outra revista feminina brasileira. Na época, a publicação de fotonovelas românticas, que traziam mocinhas passivas e sofredoras, era uma tendência mundial que tinha na *Capricho* a maior representante brasileira. Essa tendência, entretanto, entrou em declínio em meados da década de 1970, fato que à primeira vista pode ser explicado pelo surgimento das telenovelas, mas que, para alguns autores, tem ligação direta com uma nova visão de si que as mulheres começavam a construir no período, influenciadas diretamente pela difusão do movimento feminista no país (MIRA: 2003). Segundo a autora, essa transformação mostra que

já era possível, ou melhor, necessário, dirigir-se com mais realismo a uma mulher que estava mudando. Foi o que aconteceu com *Capricho*. A pesquisa de Ana Lucia de Castro²⁶ revelou que as leitoras escreviam descontentes para a redação da revista, reclamando das fotonovelas que consideravam “água com açúcar” ou “historinhas do tempo da vovó”. A revista tentou durante mais ou menos dez anos, entender e se comunicar com as mulheres adolescentes, não as únicas, mas as principais leitoras de fotonovela (MIRA: 2003, p.34).

Em maio de 1982, a publicação atravessou uma grande mudança que teve impactos em seu formato, logotipo e linha editorial: a prioridade passou a ser assuntos como moda, beleza e comportamento, direcionados para um público de jovens com idade entre 15 e 29 anos. As fotonovelas deixaram de ser a atração principal e passam a circular como encarte até desaparecerem completamente da revista em maio do mesmo ano.

A *Capricho* sofreu algumas alterações mudando tanto o seu formato, quanto o logotipo. Nesse momento, as fotonovelas saíram do corpo da revista e passaram a ser publicadas na forma de encarte. As prioridades agora são outras: a *Capricho* quer mostrar o que é atual e o que está interessando as suas leitoras. São, por exemplo, as reportagens com atores e atrizes das telenovelas, as matérias sobre comportamento, beleza e moda que passam a ocupar as suas páginas (FIGUEIRA: 2003, p.129).

²⁶ Para mais informações sobre a pesquisa citada, ver CASTRO, Ana Lúcia de. Revistas femininas: aspectos históricos, produção e usos sociais. Dissertação de Mestrado, São Paulo, PUC, 1994.

Firmando sua nova linha editorial, em junho de 1985 o periódico dirige suas atenções às jovens entre 15 e 22 anos. Adota o slogan “A Revista da Gatinha” e acrescenta a expressão “Miau” ao logotipo *Capricho*. Em outubro de 1989, a publicação passa por novas modificações, que englobam projeto gráfico e público alvo – agora as leitoras da revista são as adolescentes com idade entre 12 e 19 anos. Em março de 1996, a revista volta a ser publicada quinzenalmente, com tiragem de 250 mil exemplares.

No ano seguinte, sob nova direção, a revista restringe seu público alvo mais uma vez, passando a direcionar-se a garotas com idade entre 12 e 16 anos. Em 1999, contrariando a tendência das últimas reformulações editoriais, *Capricho* decide ampliar seu público alvo para atingir “meninas que estão vivendo a adolescência, independente da idade” (Capricho: 2007). Ou seja, o que importa para a publicação não é mais estabelecer uma idade fixa para seu público, mas deixar em aberto a possibilidade de que qualquer leitora pode viver a adolescência, desde que se identifique com essa denominação.

Com essa decisão, a *Capricho* finalmente encontrou uma solução para a série de idas e vindas na delimitação da faixa etária de suas leitoras, fato que marcou a trajetória percorrida pela revista em busca da constituição de sua própria identidade e de seu público alvo ao longo dos anos. A proposta de dirigir-se para garotas que estejam vivendo a adolescência, independente da idade que tenham, pode ser entendida como uma tentativa concreta da publicação de adequar-se às transformações no modo de pensar as identidades nos últimos tempos.

Ao deixar de lado uma perspectiva de identidade fixa para adotar um posicionamento dinâmico e fluido, a *Capricho* responde à demanda de um público caracterizado mais pela multiplicidade do que pela rigidez, entrando em sintonia com as discussões empreendidas por autores como Hall (2007), Bauman (2005) e Bondi (1999) sobre as novas formas de pensar o conceito de identidade na atualidade. Após assumir o caráter provisório e mutável de seu público, a revista eliminou as demarcações etárias das reformas realizadas posteriormente, tal como ocorreu em julho de 2006, quando a publicação passou por uma grande reforma gráfica e editorial com o objetivo de torná-la mais moderna, abrindo espaço, por exemplo, para a arte jovem e o trabalho de ilustradores/colaboradores. A idéia era “resgatar alguns valores próprios da plataforma revista, como o prazer tátil e visual, daí a opção por um projeto gráfico com cara de ‘feito à mão’” (Capricho: 2007). O novo projeto previa ainda uma mudança anual da linguagem gráfica da revista.

Atualmente, a *Capricho* tem periodicidade quinzenal, formato de 20,2 x 26,6 cm e média de 105 páginas²⁷ (ANEXO B). Define-se como a revista que entende e respeita as idéias e valores da adolescente, buscando levar com clareza informações que fazem parte de seu universo. Entre esses temas estariam comportamento, moda, intimidade dos famosos, relacionamentos, programação de shows e guia de compras: “A *Capricho* tem como objetivo de mercado continuar sendo a melhor revista para adolescentes. Sua missão é informar, entreter, formar e conectar a maior comunidade de garotas com estilo e atitude do país” (Abril: 2008).

Segundo pesquisa realizada no ano de 2007 pelo Instituto Ipsos Marplan, 88% dos leitores de *Capricho* são mulheres, sendo que 57% do total têm entre 10 e 19 anos, e 75% pertencem às classes B e C. Dados do mesmo instituto, do ano de 2008, apontam um total de 1.588.000 leitores e tiragem de 182.470 exemplares. No período aqui analisado (ano de 2008), as edições de *Capricho* tiveram seu conteúdo organizado de duas diferentes formas. Na primeira delas, utilizada até o mês de agosto, os conteúdos foram divididos em sete editoriais: *Na capa*, *Entrada*, *Ídolos*, *Moda e beleza*, *Corpo*, *Comportamento* e *Saída*.

Na capa reúne reportagens, testes e entrevistas cujas chamadas estampam a capa da edição; o material selecionado aborda temas diversos e constitui o que há de mais importante naquela edição, segundo a própria *Capricho*. Em *Entrada*, encontramos o editorial da revista, chamado *Oi da Editora*, e seções construídas a partir da participação das leitoras: *Diz aí*, com comentários sobre a edição anterior; *Fotolog*, uma compilação de fotos enviadas por leitoras sobre um tema diferente a cada edição; *Fórum*, seleção de respostas a uma questão publicada no site da revista; *Tudo de blog*, traz opiniões de colaboradoras da revista que escrevem em blogs²⁸ na internet.

Na editoria *Ídolos* há cinco seções fixas com notícias e muitas fotos de personalidades do meio artístico nacional e internacional: *Vip Colírio* traz foto e perfil de um artista ou atleta (sempre do sexo masculino) a cada edição; *Vip Bastidores* apresenta notícias, fofocas e curiosidades sobre celebridades; *Vip Moda das Famosas* reúne fotos de cantoras, atrizes e

²⁷ Na época de seu surgimento, a *Capricho* possuía um formato pequeno, próximo ao do gibi (14 x 19 cm), com um número médio de 35 páginas. Uma década depois, a revista já contava com mais de 100 páginas e um tamanho de 19 x 27 cm.

²⁸ Por blog, entende-se o site/serviço da internet que permite ao internauta criar e manter uma página pessoal que pode ser usada como diário, para publicação de notícias, divulgação de idéias ou compartilhamento de experiências, permitindo ainda que outros internautas possam incluir comentários.

modelos acompanhadas por dicas de moda; *Entrevista ou Bate-papo* traz uma personalidade diferente a cada edição respondendo algumas questões sobre sua vida pessoal.

Em *Moda e Beleza* a leitora encontra informações sobre maquiagem, cosméticos, cuidados com o cabelo, tendências em moda e, ainda, dicas de como vestir-se e onde comprar roupas, sapatos e acessórios. Além de notícias e reportagens, há algumas seções fixas com o objetivo principal de mostrar às leitoras as novidades na área e ensiná-las a usar essas novidades no dia-a-dia: *Garimpo*, *Como usar*, *Peça da vez*, *Na rua*, *Mundinho Fashion*, *Testados e Aprovados* e *Look da Quinzena*.

Estabelecendo diálogo com o tema moda e beleza, temos a editoria *Corpo*, que reúne informações e orientações sobre alimentação saudável, prática de exercícios físicos e prevenção de doenças. Em *Corpo*, temática que ocupa o menor espaço na divisão interna de conteúdos da revista, há apenas uma seção fixa chamada *Alguém me explica*, que traz informações baseadas na consultoria de especialistas.

Na editoria *Comportamento* a leitora de *Capricho* encontra reportagens, seções e colunas que falam sobre relacionamentos, sexualidade, namoros, família e amigos. Grande parte das reportagens que possuem chamada na capa pode ser enquadrada dentro dessa temática. Além destas há algumas seções fixas: *Entre eles* ou *Conversa de Banheiro*, traz a opinião de garotos sobre temas diferentes a cada edição, a maioria deles relacionado a paqueras e namoros; *Sexo*, seção que reúne leitoras e repórter para discutir assuntos diferentes a cada edição; *Terapia de grupo*, espaço no qual os questionamentos enviados por leitoras são discutidos por especialistas e adolescentes; *Dicas para...*, seção que está ausente em algumas edições analisadas e reúne conselhos de um garoto para as leitoras.

Reunidos na editoria *Saída*, temos as seções fixas *Alguém me explica (Vestibular)*, que traz questões atuais debatidas por especialistas; *Diversão*, reúne histórias engraçadas contadas por leitoras; *Na rede*, apresenta dicas de websites e recursos oferecidos pela internet; *Favoritos*, espaço dedicado às opiniões de leitoras sobre filmes, livros ou discos; *Horóscopo*; e *(Des)neurando*, coluna assinada por Liliane Prata, que passou a ser publicada no mês abril, em substituição à coluna *Estive pensando*, que era assinada por Antonio Prata.

A partir da edição de setembro de 2008, a *Capricho* sofreu alterações na organização interna de seu conteúdo. A editoria *Ídolos* teve seu nome mudado para *V.i.p.*, mantendo as suas seções que, entretanto, deixaram de estar presentes em todas as edições. *Moda e beleza* foi desmembrada em duas, mas as seções fixas continuaram a ser as mesmas. A editoria de *Comportamento* não passou por alterações, mas seu nome foi modificado para *Você*, numa tentativa de aproximar-se mais das leitoras. A editoria *Saída* passou a chamar-se *Diversão* e ganhou uma nova seção chamada *Micos*. As editorias *Capa* e *Entrada* mantiveram-se sem alterações.

O número de páginas dedicadas a anúncios publicitários em *Capricho* varia de acordo com a quinzena de publicação da revista: as edições da primeira quinzena de cada mês possuem uma média de 32 páginas dedicadas à publicidade, sendo um terço delas composta por anúncios de produtos e ações ligados à própria *Capricho* ou à Editora Abril; as edições veiculadas na segunda quinzena apresentam um número menor de anúncios, em média, 18 páginas inteiras. Entre os produtos anunciados estão cosméticos, roupas, calçados, portais de internet, cursos universitários, shows e refrigerantes. Ainda que também priorize o recurso imagético na publicidade – com a mescla de fotografias e ilustrações bastante coloridas em um mesmo anúncio – a *Capricho* difere da *Atrevida* com relação ao uso do texto escrito, já que nesse caso os anúncios apresentam textos mais longos e não somente frases soltas.

Após essa breve apresentação das revistas *Atrevida* e *Capricho*, passaremos agora à análise propriamente dita das duas publicações, a partir dos quatro eixos – separados por diferentes tópicos – já apresentados anteriormente. O primeiro ponto de análise concentra-se no modo como as revistas tratam as relações entre sexo, gênero, desejo e prática sexual.

3.2 SEXO, GÊNERO, DESEJO E PRÁTICA SEXUAL

Nessa parte da dissertação, analisaremos como as publicações constroem as relações entre sexo, gênero, desejo e prática sexual e se existe ou não a exigência de continuidade entre cada um desses aspectos. Esse eixo de análise tem relação direta com a idéia desenvolvida por Butler (2003) em seu livro *Problemas de gênero*. Nele, a autora argumenta que só existe unidade de experiência entre sexo, gênero, desejo e prática sexual quando parte-se do princípio de que o sexo, em algum sentido, exige um gênero que, por sua vez, exige um

desejo – sendo este o desejo heterossexual - e uma prática que se desenvolve em direção ao gênero considerado oposto.

A coerência ou a unidade internas de qualquer dos gêneros, homem ou mulher, exigem assim uma heterossexualidade estável e oposicional. Essa heterossexualidade institucional exige e produz, a um só tempo, a univocidade de cada um dos termos marcados pelo gênero no interior do sistema de gênero binário oposicional. Essa concepção do gênero não só pressupõe uma relação causal entre sexo, gênero e desejo, mas sugere igualmente que o desejo reflete ou exprime o gênero e que o gênero reflete ou exprime o desejo. Supõe-se que a unidade metafísica dos três seja verdadeiramente conhecida e expressa num desejo diferenciado pelo gênero oposto – isto é, numa forma de heterossexualidade oposicional (BUTLER: 2003, p. 45).

Para compreender de que forma essa linha supostamente contínua e coerente aparece nas duas revistas e relaciona-se com a exigência de uma heterossexualidade estável, buscamos nas publicações conteúdos que trazem a sexualidade como tema. A partir disso, a primeira constatação é de que os assuntos relacionados à sexualidade das adolescentes são constantemente tratados em reportagens, testes, colunas e editoriais. Pode-se dizer que o sexo (para empregar o termo mais comumente utilizado pelas revistas) inunda as páginas de *Atrevida e Capricho*.

A sexualidade é considerada uma questão central na vida dos adolescentes, fato que pode ser percebido nesse trecho de uma reportagem de *Atrevida*: “As relações de amor e sexo possibilitam ao adolescente viver momentos de total entrega, quando ele se dissocia de suas preocupações com o futuro. Por isso, o sexo tem um apelo tão forte na adolescência” (*Atrevida*, nº 171, 2008, p.129). “Sexo” é o termo comumente empregado pelas duas publicações para remeter-se tanto à sexualidade, de forma mais geral, quanto ao ato sexual propriamente dito - “Sou louca para praticar sexo. Mas tenho medo de pedir à minha mãe para abrir uma camisinha e queria poder vê-la na minha mão” (*Atrevida*, nº 166, 2008, p. 18); e ainda, na perspectiva que receberá maior atenção no momento, para designar dois sexos “biológicos” – masculino e feminino. Como veremos mais adiante, tanto a *Atrevida* quanto a *Capricho* sustentam uma posição dicotômica sobre o tema, pois consideram a existência de apenas dois sexos, pensados sob o ponto de vista biológico.

Ao falar sobre sexualidade, os assuntos mais recorrentes nas duas revistas são: a primeira relação sexual e os métodos de contracepção, especialmente a camisinha ou preservativo²⁹. Dúvidas sobre a primeira vez são muito comuns entre as leitoras das revistas - “Estou muito preocupada com a minha primeira transa” (Atrevida, nº 162, 2008, p. 16). A resposta das publicações costuma girar em torno de duas questões centrais – a certeza da adolescente de que chegou a hora certa e a proteção necessária quando essa hora chegar.

A primeira relação sexual gera muitas dúvidas: vai doer? Vai sangrar? Corro o risco de engravidar? É o momento certo? Todas essas questões são importantes e você deve estar bem tranqüila a respeito antes de decidir transar. O medo de engravidar pode ser resolvido se procurar um ginecologista para se informar sobre os métodos contraceptivos e o uso da camisinha, que protege contra a gravidez e também das doenças sexualmente transmissíveis. Uma boa conversa com o médico poderá esclarecer suas dúvidas e acabar com muitos medos sem fundamento (Atrevida, nº 162, 2008, p. 16).

Ao abordar as dúvidas e cuidados que cercam a primeira vez de uma garota, a revista parte do pressuposto de que a primeira transa será (sempre) heterossexual. Ou seja, ter a primeira relação sexual com um garoto ou uma garota não constitui um ponto passível de discussão para as duas publicações. Com a definição prévia de que a primeira transa será compulsoriamente heterossexual, as preocupações das leitoras passam a girar em torno de como saber qual o momento ideal, como reconhecê-lo e agir sem arrependimentos futuros.

Na reportagem *Como você sabe que chegou a hora?*, a revista *Capricho* tenta responder essas perguntas por meio de depoimentos de garotas que contam como decidiram perder a virgindade, em todos os casos, com garotos: “eu falei com meu namorado que queria naquele dia. Uma coisa me dizia que tinha que ser, que era o momento certo. Aí eu o agarrei e aconteceu” (Capricho, 11. mai. 2008, p. 82). Em seguida, uma enquete realizada com 626 meninas no site da revista mostra que 50% das garotas preferem “deixar o amasso fluir até a transa”, enquanto os outros 50% acham melhor “ter uma conversa prévia com o namorado” (Capricho, 11. mai. 2008, p. 82). A figura do “namorado” está presente de forma explícita – e também subentendida - nas respostas previamente definidas pela enquete. Opções que incluam a figura de uma outra garota não estão disponíveis para escolha.

²⁹ Nas duas revistas, os termos “camisinha” e “preservativo” são utilizados com o mesmo significado, no entanto, notamos a preferência pelo primeiro, usado com mais frequência nos textos.

A presunção de uma primeira transa heterossexual também fica clara em outra enquete publicada na seção *Sexo*, de *Capricho*, e respondida por 838 meninas sobre o melhor lugar para a primeira vez acontecer: 91% das garotas afirmaram que o lugar da primeira tem que ser especial, 72% acham que “o lugar certo para transar é confortável e escondido” e 37% pensam que a casa do garoto é o lugar ideal (Capricho, 31. ago. 2008, p. 72). Mais uma vez, as alternativas disponibilizadas pela enquete pressupõem a heterossexualidade das leitoras, já que temos a casa de um garoto como opção para a primeira vez.

À preocupação sobre o momento e o lugar certos para a primeira vez soma-se o receio de ser a única garota da turma a não ter vivido essa experiência. Na seção *Na galera*, uma adolescente identificada por suas iniciais pergunta: “Sou a única garota virgem de minha turma e me sinto pressionada a transar. Porém, acho que ainda não conheci o menino certo para isso. E agora?” (Atrevida, nº 165, 2008, p. 20). Em outra edição, uma menina conta: “Namoro há um ano, mas ainda sou virgem. Meu namorado quer transar, mas não sei se estou preparada” (Atrevida, nº 161, 2008, p. 13).

Em resposta a questionamentos como esse, as publicações costumam aconselhar calma às leitoras ao decidir sobre um fato importante como esse na vida delas. A primeira relação sexual é mostrada com um momento marcante para a vida das adolescentes e, por isso, só deve ocorrer quando a garota tem certeza de que é a hora certa e a pessoa certa. Essa “pessoa” certa é, em todos os casos analisados, um garoto, não tendo sido encontrada em nenhuma das edições analisadas menção a uma primeira vez entre meninas. Ou seja, pelo menos no recorte analisado, as relações homossexuais como primeiro experimento sexual não existem para as revistas. Isso colabora significativamente para a manutenção da heterossexualidade compulsória, já que através desses “ensinamentos” a heterossexualidade é construída não como uma opção para iniciar a vida sexual, mas como o único caminho possível.

É possível perceber uma espécie de idealização da primeira vez das adolescentes, constituída por um momento ideal, um lugar ideal e um garoto também ideal. Como tentativa de romper com essas idealizações – que são encontradas em relatos das próprias adolescentes e reforçadas pelos textos das publicações – as revistas investem ocasionalmente em reportagens que tratam a primeira vez de forma mais descontraída, abordando as principais preocupações das adolescentes com leveza e bom humor. Na seção *Sexo* (ANEXO C), por exemplo, leitoras e editora discutem sobre a primeira transa e seus momentos embaraçosos:

Mônica diz: mico eh estar sem depilar. Máa diz: não ter tomado banho. Naath diz: e se a menstruação desce na hora? Paaty diz: eu não sabia como se coloca a camisinha. Mônica diz: mico eh se surpreender com o tamanho do negócio do garoto [...] Marta diz: meu maior mico eh que eu não consegui fazer oral. Paaty diz: não saber fazer oral e o garoto falar pra não usar os dentes! Nunca mais quero passar por isso!(Capricho, 7. dez. 2008, p. 74).

O trecho acima revela uma característica marcante dessa seção de *Capricho*, a saber, a simulação de uma espécie de bate-papo entre editora e leitoras sobre um tema diferente a cada edição. A conversa entre as leitoras é promovida pela revista em ambiente online, por meio da editora da seção *Sexo*, que tem a função de suscitar o debate e mediá-lo. Os textos da seção preservam características próprias de um bate-papo em ambiente online, o que é perceptível principalmente no vocabulário e modo de escrever peculiares que as leitoras utilizam para se comunicar, como por exemplo, a substituição do acento agudo pela letra h (“eh” em substituição a “é”), contrações de palavras e o uso da língua fora dos padrões da norma considerada culta: “Na minha primeira vez, não conseguia curtir. Tudo o que eu pensava era: Tô grávida! [...] ainda hoje, fico muuuito preocupada se a camisinha vai estourar. Tb fico me perguntando se ele está gostando, se alguém vai chegar” (Capricho, 27. abr. 2008, p.74).

Além da preocupação em saber se chegou a hora certa, as principais inquietações das meninas sobre a primeira vez apontam para o medo de não saber como agir e de ficar grávida. Questionamentos sobre prazer e orgasmo (seja o próprio prazer ou o do garoto) são raros e parecem não constituir uma preocupação entre as garotas, pelo menos no que diz respeito à primeira vez. As principais dúvidas sobre orgasmo giram em torno mais das secreções do que das sensações: “Qual é o cheiro do líquido que as mulheres soltam quanto têm orgasmo?” (Atrevida, nº 161, 2008, p. 14) / “Eu queria saber se quando os rapazes ejaculam é porque atingiram o orgasmo. Ou uma coisa não tem nada a ver com a outra?” (Atrevida, nº 164, 2008, p. 16).

Questões e depoimentos como os mostrados anteriormente estão por toda a parte nas publicações, seja em colunas de conselho, reportagens ou seções temáticas. Ocultas sob pseudônimos e iniciais do próprio nome, as leitoras fazem relatos íntimos sobre suas vidas sexuais: “Perdi minha virgindade com meu namorado, depois de um ano e sete meses junto com ele. Doeu bastante, mas não sangrou” (Atrevida, nº 166, 2008, p. 18) / “Às vezes eu acho que o menino gosta da coisa sem querer saber o lugar. O importante é eles fazerem”

(Capricho, 31. ago. 2008, p. 72) / “Transei duas vezes com meu namorado sem camisinha, fizemos coito interrompido!” (Atrevida, nº 171, 2008, p. 20).

Mas não só a primeira vez das garotas é tematizada pelas publicações. A primeira relação sexual dos garotos, bem como todas as dúvidas que cercam esse momento, é tema de reportagens especiais, como em *A primeira vez... Deles!*: “Conversamos com seis meninos e descobrimos o que se passa na cabeça de cada um deles quando o assunto é a primeira transa” (Atrevida, nº 168, 2008, p. 74). A reportagem busca mostrar que a primeira vez não é um fato especial e inquietante apenas para as garotas, mas que os garotos também se preocupam com esse momento, ainda que de forma diferente.

Toda garota tem milhões de dúvidas e encanações a respeito da primeira transa: será que vai doer? Será que vai ser bom? Ele vai me ligar no dia seguinte? Em relação aos meninos, as coisas mudam de figura. Afinal, a virgindade deles não é tão valorizada quanto a feminina, muito pelo contrário. Eles até são muito mais incentivados a transar do que elas. Desse jeito, tudo parece mais fácil, certo? Errado! Saiba que eles também têm suas inseguranças e medos e também sonham com esse momento tão especial. Descubra já o que se passa na mente dos fofos (Atrevida, nº 168, 2008, p. 74).

Nesse trecho é possível perceber como a primeira vez de garotos e garotas ganha abordagens diferentes nas publicações. Enquanto as garotas são aconselhadas a pensar bastante antes de decidir perder a virgindade – já que “a virgindade deles não é tão valorizada quanto a feminina” – os garotos são incentivados e até mesmo pressionados a perder a virgindade cedo. Como resultado, entre as questões que mais afligem os meninos na primeira vez, segundo depoimentos de cantores, modelos e adolescentes, estão a falta de experiência, a expectativa de que a garota goste e o medo de broxar: “Por incrível que pareça, os garotos também sofrem ao pensar na primeira vez. O motivo número um de preocupação? Broxar! Os caras têm pavor de falhar na hora H” (Atrevida, nº 168, 2008, p. 75).

Aqui percebemos a diferença existente entre os comportamentos que são esperados de meninas e meninos quando o tema é a iniciação sexual. Enquanto as garotas mostradas pelas revistas se preocupam em ter uma primeira relação sexual sem arrependimentos, a preocupação dos garotos entrevistados gira em torno do próprio desempenho: será que a menina vai perceber que ele nunca transou? Será que ela vai gostar, mesmo que ele não seja experiente no assunto? O que ele deve fazer para não falhar? Notamos, assim, uma reiteração

de normas, conselhos e orientações que atuam como práticas reguladoras dos comportamentos das leitoras (e dos garotos também) a favor de uma uniformização da identidade de gênero.

Quando o tema é o chamado “sexo seguro”, percebemos uma grande preocupação das revistas em disseminar informações claras e precisas; essa preocupação também se manifesta de formas diferentes entre meninas e meninos. Os questionamentos das leitoras sobre o assunto vão desde perguntas mais ingênuas - “Eu ouvi falar que por beijar alguém eu posso ficar grávida e queria saber se isso é realmente verdade” (Atrevida, nº 164, 2008, p. 16) – até relatos de situações que apresentam riscos reais para elas - “Fiz sexo oral com meu namorado e ele estava sem camisinha. Existe algum risco de eu pegar uma doença?” (Atrevida, nº 165, 2008, p. 22).

Os métodos contraceptivos e seus usos ocupam boa parte das páginas dedicadas ao tema “sexo” nas revistas, constituindo-se em um dos assuntos que mais geram dúvidas entre as leitoras: “Já perdi as contas de quantas vezes tive de tomar a pílula do dia seguinte. O que pode acontecer comigo? Vou ter complicações para engravidar no futuro? *B.V., São Paulo*” (Atrevida, nº 163, 2008, p.16). Entre os métodos contraceptivos, as pílulas lideram a lista das dúvidas mais freqüentes entre as leitoras, que desejam saber se devem usar, que marca devem escolher e como administrar o medicamento: “Minha amiga me indicou uma pílula anticoncepcional própria para adolescente. Mas ainda estou em dúvida se compro ou não. Será que eu também posso tomar? *C.N., 15 anos*” (Atrevida, nº 162, 2008, p. 16).

Os freqüentes questionamentos sobre o tema levam a crer que as adolescentes sentem-se mais à vontade para fazer esse tipo de pergunta para as revistas do que para os pais, médicos, amigos ou professores. Para corresponder à demanda, as publicações contam com a consultoria de especialistas da área médica e adotam uma postura cautelosa, sempre recomendando às leitoras que procurem um médico, pois ele seria o profissional ideal para esclarecer esse tipo de dúvida.

P.F., por e-mail: Tomo pílula anticoncepcional, mas meu namorado e eu transamos sem camisinha. Tenho dúvidas quanto à época em que posso ter relações sexuais sem correr riscos.

Resposta da revista: O ideal seria você consultar novamente seu médico e tirar todas as dúvidas que tem sobre os métodos contraceptivos (Atrevida, nº 163, 2008, p.16).

Ainda que os questionamentos sobre contraceptivos orais sejam muito freqüentes entre as leitoras, o aliado número um das revistas quando o assunto é relação sexual com segurança é a camisinha. O uso do preservativo parece ser uma espécie de bandeira levantada pelas publicações com o intuito de disseminar comportamentos seguros para a vida sexual das adolescentes. A idéia de comportamento seguro passa pelo ponto de vista emocional e afetivo – quando as garotas são aconselhadas a escolher com cuidado o momento e a pessoa ideal para a primeira vez – mas tem sua marca maior nas constantes campanhas para que as garotas façam da camisinha uma companheira indispensável. Esta surge nas revistas como a melhor alternativa para prevenir-se contra doenças sexualmente transmissíveis e gravidez indesejada, mas sempre em um contexto heterossexual. Ou seja, o comportamento seguro ensinado e estimulado pelas revistas não diz respeito ao sexo, seja ele com quem ou como for, mas sim às práticas estritamente heterossexuais.

Em geral, ao citar a camisinha em seus textos, as revistas se referem ao preservativo masculino. A camisinha para meninas aparece em poucos trechos: a maioria composta por dúvidas das leitoras e, em menor escala, reportagens especiais como a que veremos mais a frente. Na reportagem *Claro que tem que usar!*, adolescentes discutem o uso do preservativo: sua importância na prevenção de doenças e para evitar uma gravidez indesejada, se as meninas devem levar na bolsa e como pedir para o garoto colocar. Nota-se que as garotas são estimuladas a assumir o controle da relação com os garotos quando o assunto é o uso do preservativo. Não basta estar consciente de sua importância, como também é preciso conscientizar o parceiro e, inclusive, negar-se a transar se ele não quiser usar.

A melhor estratégia é não deixar para tocar no assunto apenas na hora do sexo. Se não tiver coragem para falar, não fale! Simplesmente pegue a camisinha e coloque no cara. Caso ele diga não, seja esperta e pense muito bem antes de aceitar correr riscos desnecessários. Acredite: não tem nada melhor do que poder curtir o momento sem encanações (Capricho, 21. dez. 2008, p.72).

Cabe aqui ressaltar a importância dada pelas revistas às relações entre gêneros na negociação do sexo seguro e na partilha de responsabilidades no momento de transar. A maior parte dos textos analisados, entretanto, são bastante taxativos com relação à forma como a garota deve agir com o parceiro quando o assunto é o preservativo: nada de muito diálogo, o conselho é exigir o uso do camisinha e, caso o garoto se negue a fazê-lo, recusar-se a transar. Em todos os casos, os conselhos para as leitoras sobre como negociar o uso da camisinha dizem

respeito, exclusivamente, às relações heterossexuais. Não há menção ao preservativo e seu uso responsável dentro de um contexto que contemple as relações homossexuais.

Na seção *Ringue*, a *Capricho* compara as vantagens e desvantagens dos preservativos masculino e feminino, observando critérios como praticidade, colocação, proteção e conforto. A camisinha feminina é apontada como uma opção para que a garota tenha relativa autonomia no momento de cuidar da sua proteção, não ficando mais sujeita às vontades do garoto. Entre as vantagens dela em relação à masculina está o fato de que no primeiro caso a garota “não precisa perder tempo (ou se arriscar) convencendo o cara a colocar a camisinha”, enquanto que, no segundo caso, a menina “tem que convencer o menino a parar tudo para colocá-la” (Capricho, 16. mar. 2008, p.74).

Notamos que, ao acionar a camisinha feminina como uma alternativa para as adolescentes, a revista mais uma vez reduz seu campo de atuação ao contexto heterossexual. A relação sexual entre duas meninas e outras formas de fazer sexo e obter prazer, como a masturbação, por exemplo, não são levadas em consideração ao abordar o uso do preservativo, seja ele masculino ou feminino. No final da comparação, a camisinha masculina é apontada como a melhor opção, por oferecer alta proteção contra gravidez e doenças sexualmente transmissíveis, além de custar menos e ser mais fácil de encontrar para compra. É o fato de ser um método eficaz não apenas para evitar a gravidez, mas também para prevenir doenças, que faz da camisinha (seja ela masculina ou feminina) o principal instrumento de proteção disseminado pelas publicações. Isso pode ser notado no trecho a seguir, retirado da seção *Tudo sobre sexo*, de *Atrevida*:

J.G., por e-mail: Gostaria de saber se transar só com o preservativo é seguro, mesmo sem usar nenhum outro método?

Resposta da revista: O preservativo tem um índice de sucesso para evitar gravidez ao redor de 94%, se utilizado em todas as relações e do começo ao fim da penetração [...] Para saber mais sobre as possibilidades que existem, procure seu médico. Mas lembre-se: mesmo se adotar um anticoncepcional, não deixe a camisinha de lado, ela é a única que protege contra doenças sexualmente transmissíveis (Atrevida, nº 171, 2008, p. 20).

Como os contraceptivos orais protegem as adolescentes apenas de uma gravidez indesejada, as revistas investem na camisinha por seu potencial de prevenir doenças sexualmente transmissíveis, enfatizando que esse tipo de doença está muito mais próximo das adolescentes do que elas podem imaginar. A reportagem *Tudo o que você precisa saber sobre DST's*

explica como as doenças são transmitidas, quais os sintomas e os tratamentos, além de focar na prevenção: “Pode até não ser a coisa mais divertida do mundo se informar sobre as doenças sexualmente transmissíveis. Mas é a única maneira de ficar longe delas” (Atrevida, nº 163, 2008, p.54).

Em *Alguém me explica*, o tema também é DST's, com explicações sobre o que são, os tipos, como prevenir e tratar: “Para não pegar nenhuma delas, o negócio é transar com proteção. E isso vale para todo tipo de sexo: com ou sem penetração, oral, anal e até troca de carícias com as mãos” (Capricho, 11. mai. 2008, p. 79). Esse trecho da revista *Capricho* é um dos raros exemplos de textos que mencionam a importância do uso do preservativo em todo tipo de relação sexual - não apenas na penetração pênis/vagina – citando inclusive o sexo anal. Isso porque a grande maioria das orientações faz referência a relações heterossexuais com penetração, excluindo outras possibilidades de práticas sexuais. Ainda que o exemplo mencione o sexo anal dentro de um contexto heterossexual, é importante por abrir o leque de práticas que não podem prescindir do uso da camisinha.

Outro ponto de sustentação para a obrigatoriedade do uso de métodos contraceptivos sempre presente nos textos voltados para comportamentos e práticas de sexo seguro é a possibilidade de uma gravidez indesejada na adolescência. Na seção *Sexo* da edição nº 1049 de *Capricho*, uma editora da revista e quatro garotas, identificadas por apelido e idade, discutem o tema “Gravidez: qual a melhor forma de evitar?”. Luise, a editora, inicia a conversa perguntando se as meninas têm medo de engravidar:

“Laís diz: sim. Por isso, não tem o que discutir: tem que usar camisinha sempre! E ela ainda evita as DSTs. Juliana diz: eu não confio muito soh na camisinha. Ela pode estourar! Déia diz: por isso, eh bom juntar um método com o outro. Eu também tomo pílula anticoncepcional. Cris diz: o bom eh que assim você não fica tão encanada na hora da transa. Não rola aquele peso na consciência depois. Laís diz: eu não posso tomar pílula. Minha mãe não sabe que jah transei! [...] Já pensou se engravidado e o cara some? Juliana diz: a responsabilidade eh sempre dos dois, mas eu acho que a menina tem mais formas de se cuidar. E tem que fazer isso mesmo! Déia diz: por isso, eu não começo nada se não estivermos muito bem protegidos. Laís diz: concordo. Se não tem camisinha, não tem sexo. Arrumo outra forma de me divertir. Não tô nem um pouco preparada para cuidar de bebê!” (Capricho, 20. jul. 2008, p.71).

Ao longo da conversa, notamos como o uso do preservativo está associado a uma atitude responsável das garotas em relação ao próprio corpo e, ainda, como elas se colocam enquanto

principais prejudicadas em caso de gravidez ou contaminação por doenças. As adolescentes aparentam compreender a importância do uso de métodos contraceptivos para uma relação sexual segura, mostrando-se até mesmo dispostas a recusar-se a transar, caso o parceiro – mais uma vez, o garoto - não concorde com a idéia.

Para algumas meninas, entretanto, a recusa à relação sexual tem outro motivo: elas acreditam que o sexo só deve acontecer após o casamento. É o caso de uma adolescente de 17 anos entrevistada para a reportagem *Meu mundo é mais...*, que apresenta histórias consideradas peculiares, como a da garota que adotou o budismo como religião pelos ensinamentos de respeito à diferença, e outra que faz o estilo roqueira, com muito preto e piercings, e não curte bebidas, cigarros ou drogas.

Sexo, para mim, representa a valorização do meu corpo e de quem eu sou. É uma relação muito íntima, que precisa acontecer no tempo certo. Já conversei sobre isso com os meninos da escola. Eles se surpreenderam e, é claro, perguntaram por que quero esperar tanto tempo, já que é tão comum transar na nossa idade. Discordei. Não preciso provar para saber se é bom! Não sou contra ficar ou namorar, mas, se um namorado me pressionasse por sexo, daria o fora na hora. Prefiro me preservar e não mudo meus conceitos para agradar a um cara. Casar virgem será ótimo porque será uma novidade para mim. Vou ter a oportunidade de ter a minha primeira vez com o cara com quem vou viver o resto da minha vida (Capricho, 28. set. 2008, p.41).

O depoimento da garota, que declara a decisão de casar-se virgem, relaciona-se com a importância que é dada à virgindade feminina em nossa sociedade, ao fato de ela estar sempre relacionada a uma única forma de fazer sexo – a heterossexual – e, ainda, aos tradicionais ideais de casamento romântico, nos quais a mulher “entrega-se” para aquele que será seu por toda a vida. Por outro lado, o depoimento apresenta afinidades com o discurso que é disseminado pelas revistas no que diz respeito à valorização do próprio corpo, à prevalência da vontade feminina em caso de pressão do garoto para transar e, especialmente, à relação sexual “hétero” como a possibilidade única. A discussão sobre transar ou não antes do casamento, que muitos julgariam conservadora e ultrapassada, também é tema da seção *Tribunal Atrevida*, na qual duas leitoras defendem seus pontos de vista sobre um assunto considerado polêmico a cada edição. Sobre ser a favor ou contra sexo antes do casamento, as garotas opinam:

Contra: Muitas adolescentes dizem que é careta a mulher se casar virgem e, por isso, acaba rolando um certo preconceito. Mas eu acho muito legal a

mulher se preservar para seu marido. Acredito que a garota só deveria ter relações sexuais com uma pessoa muito especial e confiável. Muitas vezes, ela tem um namorado e já acha que é com ele que vai se casar, mas nem sempre é assim. Então ninguém mais especial do que o homem que você escolheu para passar o resto da sua vida, não? (Atrevida, nº 166, 2008, p. 68).

A favor: Sexo é um verdadeiro tabu. Hoje em dia, as coisas estão bem diferentes. Não concordo com essas pegações em baladas, com sexo sem compromisso, com a idéia de transar apenas por transar. Mas, na minha opinião, se há um relacionamento sério, um amor verdadeiro e o casal pretende ficar junto, qual seria o problema em transar antes de colocar a aliança? Isso não passa de uma visão conservadora. Pior do que quem não se casa virgem, é quem casa sem amor (Atrevida, nº 166, 2008, p. 68).

O mesmo ideal de relação heterossexual monogâmica do exemplo anterior está presente na fala da garota que defende a posição contrária ao sexo antes do casamento. Ela também acredita que é preciso se preservar para o homem com quem viverá o resto de sua vida. Interessante, porém, é a argumentação da garota que se declara a favor do sexo antes do casamento. Ela chama de conservadora a posição das pessoas que se dizem contra e afirma ser a favor do sexo antes do casamento, contanto que haja um relacionamento sério e um amor verdadeiro. Ao posicionar-se contra “pegações em baladas” e à idéia de “transar por transar”, a garota utiliza argumentos muito próximos da sua opositora na seção, sem contestar em momento algum o casamento como vivência necessária. Assim, o sexo casual é condenado, pois a relação sexual deve estar atrelada à estabilidade de uma relação heterossexual e, principalmente, ao amor. O amor surge relacionado às construções femininas de sexualidade como uma peça constitutiva de sua identidade.

Nesse ponto é importante ressaltar o papel das duas revistas na edição dos textos publicados, sejam eles reportagens escritas por jornalistas, editoriais, seções com consultoria de especialistas ou depoimentos de garotas e garotos. As revistas são responsáveis pela seleção dos textos que serão publicados, bem como pela adequação destes ao espaço disponível, às normas ortográficas e gramaticais, e à linha editorial das publicações. Assim, qualquer texto impresso nas páginas de *Atrevida* e *Capricho*, mesmo quando não escrito por sua equipe de repórteres, traz consigo os valores e as idéias nas quais as revistas acreditam e pretendem disseminar. Portanto, o próprio ato de escolher o tema a ser debatido e o modo de selecionar os depoimentos das garotas para publicação revelam ideais, argumentos e posicionamentos que a *Atrevida* julga adequados para uma revista voltada para meninas. Nesse caso, a

discussão sobre o momento correto para transar pela primeira vez, o qual passa, necessariamente, pela heterossexualidade e pela possibilidade do casamento.

Nos trechos analisados até então, vemos os conceitos de sexo e gênero sob uma visão dicotômica. Entretanto, de acordo com o pensamento de Butler (2003) adotado nesse trabalho, ambos não podem ser encerrados em um sistema binário e nem pensados em termos de uma relação mimética. Ao contestar a distinção entre sexo como fato biológico e gênero como construção cultural, ela argumenta que pensar o gênero enquanto “significados culturais assumidos pelo corpo sexuado” implica aceitar a idéia da estabilidade do sexo binário, na qual há a construção da categoria “mulheres” a partir de corpos femininos e de “homens” a partir de corpos masculinos.

Para a autora, os gêneros não podem ser aprisionados nesse binarismo, pois estes são múltiplos e relacionais. E o mesmo acontece com o sexo, no qual o binarismo muitas vezes não parece problemático sob o ponto de vista de sua morfologia e constituição. As distinções anatômicas entre os corpos masculinos e femininos são reconhecidas por autores como Weeks (2001) que, entretanto, alerta para o fato de que os corpos não têm sentido extrínseco e, portanto, devem ser compreendidos enquanto construtos históricos. Em outras palavras, poderíamos dizer que as genitálias externas – partes anatômicas que funcionam como elementos essenciais para simbolizar a sexualidade reprodutiva – não são determinantes do sexo ou do gênero de uma pessoa e nem orientam, como conseqüência, para onde os vetores do desejo irão direcionar-se.

Exemplo útil para essa discussão está na seção *Na real*, da edição nº 163 de *Atrevida*. A seção, que sempre traz relatos de garotas que enviam seus depoimentos para publicação na revista, nos apresenta Vanessa Salvado, de 20 anos, com o tema “Tenho namorada”. A seção tem o tom de um grande depoimento, com o texto todo escrito entre aspas. No entanto, os relatos enviados pelas garotas são editados antes da publicação, o que pode ser percebido pela assinatura da repórter no topo da página (ANEXO D). No início do texto, Vanessa conta:

Até os 16 anos eu achava que era uma menina como as outras. Saía, me divertia e até namorava garotos [...] levou um tempo até admitir para mim mesma que estava apaixonada por uma garota. Essa paixão durou pouco tempo, mas foi suficiente para que eu mudasse de lado (*Atrevida*, nº 163, 2008, p.56).

Nesse trecho é possível detectar a existência de um padrão de normalidade, que marca os iguais (no caso, os heterossexuais) e os diferentes (aqueles que não se encaixam no padrão heterossexual) e, ainda, a noção de que existem dois lados (e somente dois) nos quais podemos estar – a experiência de apaixonar-se por alguém do mesmo “sexo biológico” fez com que Vanessa “mudasse de lado”. A afirmação de que Vanessa acreditava ser “uma menina como as outras” até se descobrir apaixonada por uma garota nos remete, como argumentou Tadeu da Silva (2007), ao fato de que o estabelecimento de uma identidade implica também a marcação de uma diferença e coloca em jogo operações de inclusão e exclusão, separação e distinção. Por assumir-se homossexual, a garota “muda de lado” e percebe-se diferente em relação às outras meninas.

O depoimento continua com a garota contando que resolveu assumir-se lésbica, pois “não queria ter uma identidade falsa pro resto da vida” (Atrevida, nº 163, 2008, p.56). Segundo essa percepção, existiria apenas uma identidade verdadeira a ser descoberta e/ou assumida pelo sujeito, uma espécie de essência definidora deste. Essa perspectiva de identidade fixa e essencializada é problematizada por autores como Bauman (2005), para quem a construção identitária atua de acordo com a dinâmica do transitório, constituindo-se em uma experimentação infundável onde não existem vínculos sólidos, núcleos estáveis ou coerência interna. Assim, poderíamos questionar que a identidade que Vanessa relata ter descoberto e assumido está longe de ser estável e unificada: é, pelo contrário, múltipla e fragmentada, composta não apenas por uma identidade única, mas por identidades diversas.

O texto segue com Vanessa contando como sua vida mudou depois disso: “Na hora de sair, procuro os lugares segmentados e os barzinhos alternativos” (Atrevida, nº 163, 2008, p.56). Nesse trecho surge a idéia dos guetos gays, lugares voltados para o público homossexual onde haveria mais liberdade de comportamento e expressão de afetos. O final do texto é particularmente interessante: “Casar? Siiiiim. Sonho com um casamento bem careta. E, inclusive, quero ter filhos” (Atrevida, nº 163, 2008, p.56). Ou seja, ainda que a garota se assuma lésbica, o que significa um desvio da norma sexual, continua submetida ao binômio casamento/maternidade, ao qual as mulheres estão historicamente ligadas.

Não fica claro o que se quer dizer exatamente com “casamento bem careta”. Poderíamos pensar que está em jogo aqui o casamento heterossexual ou ainda a união lésbica, porém nos mesmos moldes do casamento heterossexual, o que implicaria nos dois casos na produção de

filhos e na vivência da maternidade. Compreende-se daí que estar situada fora da matriz heterossexual não significa estar livre da heteronormatividade. A homossexualidade está inserida no sistema de heterossexualidade compulsória, ainda que sua posição seja caracterizada por subversão e re-significação das normas que o compõe.

Na matriz heterossexual, o casamento e o “instinto materno” são conceitos pelos quais a construção da identidade feminina passa obrigatoriamente, resultando em uma percepção cristalizada do gênero feminino que acaba por ignorar as descontinuidades existentes em seu próprio processo de produção. Como observou Beauvoir, em 1949, esse processo de produção pode ser caracterizado como uma construção constante, sem origem nem fim, que implica significações e ressignificações contínuas. Entretanto, segundo Butler (2003), a produção disciplinar do gênero:

leva a efeito uma falsa estabilização do gênero, no interesse da construção e regulação heterossexuais da sexualidade no domínio reprodutor. A construção da coerência oculta as descontinuidades do gênero, que grassam nos contextos heterossexuais, bissexuais, gays e lésbicos, nos quais o gênero não decorre necessariamente do sexo, e o desejo, ou a sexualidade em geral, não parece decorrer do gênero – nos quais, a rigor, nenhuma dessas dimensões de corporeidade significativa expressa ou reflete outra (BUTLER: 2003, p. 194).

De acordo com a perspectiva de Butler, o sexo não causa o gênero e este não é uma expressão do sexo. Da mesma forma, o sexo não é um fato imutável, enquanto o gênero é uma construção variável deste. Poderíamos pensar, por exemplo, que a personagem do exemplo anterior teve seu sexo “biológico” definido antes mesmo de seu nascimento, quando um exame de ultra-som realizado por sua mãe apontou que o bebê se tratava de uma menina. A partir desse momento, este seria o sexo do bebê, que ganharia mais tarde o nome de Vanessa e, junto com ele, uma série de expectativas e significados acerca das implicações de “ser menina”.

Entretanto, o fato de Vanessa ser menina sob o ponto de vista biológico - ou seja, ter nascido com uma vagina e não um pênis – não é um fato inquestionável (conforme veremos mais à frente), não garante uma identidade de gênero feminina à garota, como também não garante interesse afetivo e desejo sexual por garotos ou práticas sexuais decorrentes desse desejo. De acordo com o pensamento de Butler, ao afirmarmos que Vanessa é menina e seu gênero é o feminino estaríamos impondo uma unidade artificial a uma série de atributos descontínuos.

A heterossexualidade compulsória, entretanto, nos diz que os bebês nascidos com vagina devem portar-se como meninas, desejar garotos e ter relações sexuais exclusivamente com eles. Meninas e meninos, sexos opostos, teriam nascido um para o outro. O interesse e o desejo sexual entre eles seriam inevitáveis, como podemos ver em uma reportagem de *Capricho* na qual três garotos opinam sobre a amizade entre meninas e meninos:

Eu já vivi o papel de melhor amigo e tinha, sim, interesse na garota. Acho que não existe esse papinho de que homem pode ser amigo de mulher. Isso só acontece se o cara for gay. [...] É muito difícil de acreditar nesse tipo de amizade [...] Querendo ou não, rola contato físico. Mesmo se a garota for ingênua e não perceber, é óbvio que em algum momento o amigo vai querer ficar com ela (Capricho, 28. set. 2008, p.84).

Para os entrevistados da reportagem, a única possibilidade de um menino e uma menina serem amigos sem que haja, por parte do primeiro, algum interesse sexual é de que o menino em questão seja gay. Em outros termos, o garoto heterossexual sempre desejará sexualmente a garota, ainda que ela seja, a princípio, apenas sua amiga. Não apenas desejará como também tentará ficar com ela – resta saber se porque, para os entrevistados, a atração entre garotas e garotos é inevitável ou essa tentativa seria inerente ao “instinto masculino”.

Entretanto, se a unidade e a continuidade propagadas pela matriz heterossexual reinassem, de fato, absolutas no mundo, dúvidas quanto aos desejos afetivo e sexual dos adolescentes não seriam relatadas com tanta frequência nas revistas. Na seção *Ficadas e rolos*, uma leitora pergunta: “Estou a fim de um garoto. Mas um amigo meu, que é gay, também está. Além disso, o garoto demonstra interesse por uma amiga minha, porque ela é magra e eu não” (Atrevida, nº 165, 2008, p. 21). Em outra seção, intitulada *Terapia de grupo*, da revista *Capricho*, uma leitora conta a situação que está passando e pede conselhos de como agir. Ela diz: “O cara dos meus sonhos é gay!” (ANEXO E). Entre as pessoas convidadas a opinar estão uma leitora, um gay, um psiquiatra e o próprio garoto por quem a leitora se apaixonou. Paulo Basile, descrito na seção como alguém que “sabe o que quer”, diz:

Sinceramente, você deve esquecê-lo, por mais difícil que seja. Como ele gosta de meninos, mesmo que você goste dele e ele de você, os objetivos de ambos com esse afeto são diferentes. Ele sempre a verá como uma amiga, e não como uma namorada ou ficante. Além disso, é legal respeitar a opção dele. Com certeza, o garoto não deve ter escolhido gostar de meninos, pois esse não é o caminho mais fácil. Então, tentar ‘convertê-lo’ é uma furada.

Eu, por exemplo, sou gay e já tentei me apaixonar por meninas, mas não dá: para mim, elas são apenas amigas! Talvez ele pense da mesma forma que eu. Então, invista na amizade de vocês dois. Não há melhor coisa que ter um gay como amigo, pode acreditar! (Capricho, 7. dez. 2008, p.75).

Entre os conselhos bem-intencionados do garoto (editados pela revista) notamos a presença de uma noção de identidade gay estável e cristalizada, já que, uma vez tendo se assumido gay, o garoto não teria a possibilidade de sentir desejo sexual por garotas. A homossexualidade é primeiramente chamada de “opção” para depois ser afirmada como algo que não se escolhe por tratar-se de um caminho difícil de ser trilhado. Tem-se assim uma visão determinista da homossexualidade, como se esta fosse um destino irremediável que ninguém gostaria de cumprir. A idéia de “converter” um gay em hétero é levada em conta, mas apontada como uma alternativa difícil de ser executada - uma “furada” – já que ninguém escolheria, por livre e espontânea vontade, ser gay. Por fim, temos uma idéia comumente associada aos gays, a de que eles são bons amigos para as mulheres, muitas vezes os melhores amigos delas. Essa associação também está presente na fala do especialista consultado pela revista, o psiquiatra Alexandre Saadeh:

Você não foi a primeira, a única e nem será a última a se apaixonar por um garoto homossexual. Até porque, na maioria das vezes, os gays são espirituosos, bem-humorados, sabem se colocar, falar de forma clara e especial com as mulheres. Isso tudo pode fazer com que você se apaixone mesmo (Capricho, 7. dez. 2008, p.75).

A fala do especialista cria uma visão simpática, porém estereotipada, do que seria característico no comportamento dos gays: bom humor e um jeito todo especial para lidar com as garotas. A resposta do pivô da discussão, logo em seguida, apenas reafirma essa visão cristalizada da identidade gay: “Também gosto muito de você e não quero perder sua amizade. Mas, infelizmente, é impossível ficarmos juntos como namorados. Gosto de meninos desde que me conheço por gente e vai ser assim para sempre” (Capricho, 7. dez. 2008, p.75). Ou seja, de forma habilidosa e espirituosa (como rezaria a cartilha do comportamento gay), o garoto afirma que ser gay, para ele, é um fato imutável e, por isso, a garota apaixonada deve conformar-se e contentar-se com a amizade dele, mesmo porque ter um amigo gay seria sempre uma grande vantagem.

Se por um lado temos exemplos de identidades contínuas e cristalizadas, por outro há indícios de rupturas e descontinuidades. A região do ânus enquanto zona erógena aparece com

frequência entre as perguntas das leitoras que buscam entender se a prática sexual anal é prazerosa para os homens e se definiria a identidade sexual deles: “Gostaria de saber se homem que gosta de fazer sexo anal é gay. Meu amigo parece gostar da namorada, mas adora esse tipo de relação com ela. Até hoje nunca se soube se ele saiu com outro cara. K., São Paulo, SP” (Atrevida, nº 171, 2008, p.20). Em resposta, a revista adota uma postura cautelosa:

A preferência por relações sexuais do tipo anal, por si só, não define a sexualidade de ninguém. Porém, sua amiga parece estar desconfiada do namorado. Sendo assim, para a tranquilidade dela, seria melhor que tentasse esclarecer suas dúvidas até porque qualquer relacionamento deve se basear, antes de tudo, em confiança mútua. Ela também poderia procurar ajuda com um profissional, como um psicólogo, que a orientasse melhor nessa questão, principalmente em como conduzir uma conversa (se for o caso) com o menino (Atrevida, nº 171, 2008, p.20).

Ao afirmar que a preferência por relação anal não determina a orientação sexual do garoto, a revista desconstrói a idéia de que esse tipo de prática definiria alguém enquanto gay e, ainda, que o ânus seria uma fonte de prazer exclusiva dos homossexuais. Implícita nessa concepção está uma série de normas regulatórias que incidem sobre os orifícios corporais, governando possibilidades eróticas e posições sexuais. Contrariando tal noção, Butler desnaturaliza a lógica segundo a qual partes do corpo são eleitas como erógenas e relacionadas a práticas sexuais legitimadas (ou não) ao afirmar que “todo discurso que estabelece as fronteiras do corpo serve ao propósito de instaurar e naturalizar certos tabus concernentes aos limites, posturas e formas de troca apropriados, que definem o que constitui o corpo” (BUTLER: 2003, p. 188).

A construção de contornos corporais estáveis repousa sobre lugares fixos de permeabilidade e impermeabilidade corporais. As práticas sexuais que abrem ou fecham superfícies ou orifícios à significação erótica em ambos os contextos, homossexual e heterossexual, reinscrevem efetivamente as fronteiras do corpo em conformidade com novas linhas culturais (BUTLER: 2003, p. 190).

A mesma discussão está presente no exemplo seguinte, em que uma adolescente questiona se pode o homem sentir prazer na região anal. Outras três questões muito similares a essa foram encontradas nas edições analisadas e, como as respostas das revistas possuem conteúdos muito próximos, escolhemos o trecho seguinte como ilustrativo dos questionamentos que ligam ânus e prazer sexual masculino.

B.T., por e-mail: É verdade que o homem sente prazer na região que fica entre o ânus e o saco escrotal?

Resposta da revista: Sim. Essa região, chamada de períneo, é muito erógena, tanto para homens quanto para mulheres. Carinhos nessa região costumam ser muito agradáveis. Mas sempre é bom perguntar antes ao seu parceiro se pode tocá-lo ali, para que ele não se assuste ou se sinta incomodado com a atitude (Atrevida, nº 171, 2008, p.20).

Enquanto pênis e vagina são legitimados como órgãos ou partes sexuais, o ânus e os prazeres que a região pode suscitar são mais uma vez motivo de desconfiança por parte das adolescentes. A esse respeito, Butler nos diz que “o fato de o pênis, de a vagina, de os seios e assim por diante serem *denominados* partes sexuais corresponde tanto a uma restrição do corpo erógeno a essas partes quanto a uma fragmentação do corpo como um todo” (BUTLER: 2003, p. 167). Em outros termos, a idéia de um corpo natural é um construto, pois os corpos e suas formas, partes, moldes, zonas erógenas e princípio unificador são construídos por uma linguagem impregnada de interesses, os mais diversos possíveis.

Diz-se que os prazeres residem no pênis, na vagina e nos seios, ou que emanam deles, mas tais descrições correspondem a um corpo que já foi construído ou naturalizado como portador de traços específicos de gênero. Em outras palavras, algumas partes do corpo tornam-se focos concebíveis de prazer precisamente porque correspondem a um ideal normativo de um corpo já portador de um gênero específico (BUTLER: 2003, p. 108).

A fragmentação do corpo é perceptível nas revistas quando o assunto é o prazer sexual; este parece ter origem sempre em um ponto específico – seja ele clitóris, ânus ou seios – e nunca no corpo em sua totalidade. A resposta da publicação reitera essa fragmentação do corpo, mas trata o prazer na região anal como algo “normal” e desvinculado do desejo ou prática homossexuais.

Assim, a prática sexual³⁰ aparece desvinculada da identidade sexual, não a define. A resposta da revista é dada com base na consultoria de uma profissional que aparece credenciada da seguinte maneira: “ginecologista e coordenadora do Projeto Afrodite de sexualidade feminina da UNIFESP”. As duas revistas comumente recorrem à voz de especialistas, enquanto detentores de um conhecimento específico, para evocar legitimidade à informação ou conferir um tom científico ao texto. Vale ressaltar o conselho dado ao final do trecho para que a menina tenha cuidado e não assuste o garoto com suas carícias.

³⁰ Por prática sexual, entendemos aqui todo tipo de ação realizada para obtenção de prazer sexual, seja ela o ato sexual pênis/vagina, o sexo oral, anal, a masturbação, entre outras.

Na seção *Tudo sobre sexo*, a leitora pergunta: “Minha amiga tem uma voz grave e gosta de usar cabelo curto. Alguns acham que ela é lésbica, mas não acredito. Ela é uma pessoa carinhosa e gosto muito dela. Como posso saber se é verdade o que falam sobre a menina?” (Atrevida, nº 167, 2008, p. 18). A resposta desmistifica a noção de que as características físicas de uma pessoa teriam relação direta com sua identidade sexual:

Voz grossa e cabelo curtinho são características físicas que não têm nada a ver com a opção sexual da menina. Pode ser que todo mundo comente sobre a sexualidade dela baseando-se num estereótipo, que é uma imagem pré-estabelecida de algo ou de alguém. Porém, essa imagem é apenas um símbolo. Tem muito menino de cabelão que nem por isso é homossexual. Agora, sua amiga está certa em não ficar se abrindo sobre esses assuntos com quem não confia. O fato de uma pessoa se sentir atraída por outra do mesmo sexo é uma questão particular, que só diz respeito a ela e a mais ninguém (Atrevida, nº 167, 2008, p. 18).

O texto da revista afirma que o fato da garota ter características físicas consideradas tipicamente masculinas – voz grossa e cabelo curto – não indica sua “opção sexual” (para usar o termo empregado pela revista). A resposta não acaba com a aflição da leitora, que escreve preocupada em descobrir se a amiga é lésbica ou não, na medida em que não estabelece vínculos entre as características relatadas e uma possível orientação homossexual.

Um ponto a ser destacado nesse exemplo é que, no caso da lésbica, a sexualidade é definida como algo que pertence ao âmbito do íntimo e do privado. No entanto, outras sexualidades são incitadas a falar, a se mostrar e a se revelar o todo tempo nas páginas das publicações. Prova disso são as seções voltadas exclusivamente para temáticas sexuais e a presença constante destas nas revistas como um todo. Não podemos perder de vista que a colocação do sexo em discurso nas publicações possui fins normatizadores, na medida em que estas incitam o sexo a falar, ao mesmo tempo em que restringem as sexualidades tidas como desviantes ao âmbito privado, “afastando da realidade as formas de sexualidade insubmissas à economia restrita da reprodução” (FOUCAULT: 1989, p.43).

De um extremo ao outro o sexo se tornou, de todo modo, algo que se deve dizer, e dizer exhaustivamente, segundo dispositivos discursivos diversos, mas todos constrangedores, cada um à sua maneira. Confidência sutil ou interrogatório autoritário, o sexo, refinado ou rústico, deve ser dito (FOUCAULT: 1989, p.39).

É possível notar nas revistas que quando a sexualidade que foge às normas heterossexuais diz respeito a uma celebridade, aí sim esta ganha espaço para falar e abandona o âmbito do privado. Em uma reportagem sobre o grupo musical mexicano RBD (muito popular entre crianças e adolescentes), que fala sobre a turnê de despedida da banda, a repórter cita o fato de o integrante Chris Chávez ter assumido a sua homossexualidade publicamente:

Em março de 2007, o rebelde Christian Chávez saiu do armário. “Não quero mais mentir e mentir pra mim mesmo por medo”, disse o músico. E os fãs, claro, apoiaram a decisão! [...] Para Chris Chávez, a última turnê foi a oportunidade de agradecer aos fãs que o apoiaram quando ele se assumiu gay: “Não importa a orientação sexual, a raça ou a cor, todos somos um”, disse (Capricho, 7.dez.2008, p. 28-29).

A revista utiliza a expressão “sair do armário” para referir-se ao fato de o músico ter assumido a sua homossexualidade. Para a pesquisadora norte-americana Sedgwick (2007), ainda que não seja um elemento presente exclusivamente na vida dos homossexuais, o “armário” seria uma característica constitutiva e fundamental da vida social de grande parte deles: “há poucas pessoas gays, por mais corajosas e sinceras que sejam de hábito, por mais afortunadas pelo apoio de suas comunidades imediatas, em cujas vidas o armário não seja ainda uma presença formadora” (Sedgwick: 2007, p.22). De acordo com a autora, o “armário” pode ser pensado enquanto um dispositivo de regulação da vida de gays e lésbicas - que se aplica também aos heterossexuais - regido por normas que ditam o que deve ser público ou privado, guardado em segredo ou revelado, sabido ou ignorado.

Grande parte da energia de atenção e demarcação que girou em torno de questões relativas à homossexualidade desde o final do século XIX, na Europa e nos EUA, foi impulsionada pela relação distintivamente indicativa entre homossexualidade e mapeamentos mais amplos do segredo e da revelação, do privado e do público, que eram e são criticamente problemáticos para as estruturas econômicas, sexuais e de gênero da cultura heterossexista como um todo; mapeamentos cuja incoerência capacitadora, mas perigosa, foi condensada de maneira opressiva e duradoura em certas figuras da homossexualidade. “O armário” e “a saída do armário” [...] têm sido as mais magnéticas e ameaçadoras dessas figuras. O armário é a estrutura definidora da opressão gay no século XX (SEDGWICK: 2007, p.26).

Sair do armário ou permanecer neste, entretanto, não se trata de uma escolha ou decisão definitiva, pois, como argumenta Sedgwick, mesmo aqueles que se assumem abertamente homossexuais - como o músico do grupo RBD - entram em contato diariamente com interlocutores que podem conhecer ou não o fato, bem como considerá-lo importante ou não.

Assim, cada novo encontro ou situação exige novos levantamentos, ponderações, planos e dúvidas entre o sigilo e a revelação da homossexualidade.

Em outra edição também de *Capricho*, uma entrevista com a cantora/atriz Lindsay Lohan traz a homossexualidade feminina à tona ao noticiar o suposto romance de Lindsay com a DJ Samantha Ronson, não confirmado ao longo da entrevista: “Longe da noite e das bebedeiras, a estrela cuida da carreira no cinema e de sua nova namorada. Sim, mesmo mais calminha, ela ainda nos surpreende: está pegando uma garota!” (Capricho, 31. ago. 2008, p. 25). Mais adiante, a reportagem mostra duas fotos da atriz ao lado de sua suposta namorada (ANEXO F) e dá alguns detalhes da história:

A DJ Samantha Ronson vira uma companhia constante da atriz. Lindsay não confirma o namoro, mas parece feliz. Os boatos sobre o relacionamento se intensificam quando a estrela teen e a DJ são flagradas aos beijos numa balada em Tóquio [...] A atriz comemora seu aniversário, no dia 2, ao lado de Samantha, que teria lhe dado um anel de brilhantes no valor de 20 mil dólares (Capricho, 31. ago. 2008, p. 27).

No primeiro exemplo, o músico da banda adolescente RBD assume sua homossexualidade em público e fala abertamente sobre o assunto. Chris explica que, ao assumir-se gay, deixou para trás o medo e as mentiras em que vivia, e aproveita o espaço para agradecer o apoio que recebeu dos fãs ao tomar essa decisão. A história de Chris parece ter um típico final feliz, no entanto, não há garantias de que a vida “fora do armário” seja, de fato, melhor.

Já no segundo exemplo vemos Lindsay Lohan sendo empurrada para fora do armário. Ainda que ao longo da entrevista de três páginas o tema não seja abordado pela repórter, nem comentado pela cantora, a reportagem afirma que Lindsay está se relacionando com outra garota e enumera fatos que comprovariam a história – beijos numa balada e anel de brilhantes como presente de aniversário. Entretanto, em nenhum momento a repórter usa os termos “lésbica” ou “homossexual” para se referir à cantora ou ao suposto romance, o que pode ser percebido como indícios de que, para a revista, o fato de relacionar-se com uma garota não define Lindsay enquanto não-heterossexual.

Em algumas passagens das revistas, podemos notar que as experiências homossexuais – ou a curiosidade a respeito – são consideradas como fatos “normais” na vida das adolescentes, não definindo compulsoriamente a sua identidade sexual. O mesmo não acontece no caso de gays

e lésbicas, já que para eles há a construção de uma identidade mais fixa, mas talvez passível de experimentações. Um exemplo desse fato está na seção *Entre elas*, em uma discussão sobre o que fazer se a namorada quiser viajar com as amigas:

André: a melhor solução para isso é ir junto com a namorada. Vou para Porto Seguro com a minha em breve. Nunca deixaria que ela fosse sozinha!
 Aruã: ainda mais para um lugar desses! Outro problema é se for homem na viagem.
 Carlos: nossa, que chato isso! Duvido que algum namorado fique feliz com uma situação dessas. Só rola se o cara for gay.
 André: nem assim! Não levo muita fé nessa história. Gay também tem curiosidade! (Capricho, 7. dez. 2008, p. 70).

A noção de que a adolescência seria a fase da vida de formação da identidade, experimentação e descoberta contribui para uma visão menos cristalizada acerca da orientação sexual dos adolescentes. Segundo Soares e Meyer (2003), a construção da identidade sexual e a socialização do gênero na adolescência envolvem uma combinação de expectativas socialmente constituídas, alterações biológicas e ajustamentos individuais. Os adolescentes viveriam num contínuo movimento de formulação e reformulação das suas vidas sexuais, de modo a perceber e responder suas próprias necessidades e também as expectativas alimentadas pela sociedade. Nesse processo, o corpo ocuparia um lugar central:

Tornar-se hétero ou homossexual, ou homem e mulher, envolve aprendizagens profundamente inscritas no corpo, aprendizagens essas que são invisibilizadas e apresentadas como comportamentos normais, “naturalmente” decorrentes de uma dada anatomia sexual e/ou de uma dada configuração hormonal que marcaria estes corpos com determinadas identidades sexuais e de gênero desde o nascimento. Como operador e como território, o corpo está, pois, centralmente envolvido tanto nos processos de classificação e hierarquização social e cultural das diferenças quanto nos processos que buscam definir e fixar identidades de gênero e sexual (SOARES; MEYER: 2003, p. 138).

Assim, encontramos nas revistas muitos exemplos que reiteram a continuidade entre sexo, gênero, desejo e práticas sexuais, mas também espaços nos quais as rupturas são possíveis. O termo “sexo” é compreendido, em geral, dentro de uma lógica binária (homem e mulher) e em termos biológicos – pessoa “do mesmo sexo” - ligado diretamente às características corporais. Essa concepção, ancorada no questionável pressuposto de que o sexo estaria inscrito no domínio universal e estável da natureza, vai de encontro ao pensamento de Butler (2001), que entende o sexo também como uma categoria cultural, que não pode ser entendida fora do domínio discursivo. Para a autora, as noções de sexo e sexualidade não existem fora da

cultura e nem pertencem ao domínio exclusivo do natural/biológico, mesmo porque não há um acesso a este domínio que não passe pela cultura e pela linguagem.

Por sua vez, as relações de gênero nas publicações parecem derivar de características inerentes ao “menino” e à “menina”, sendo construídas e se inter-relacionando dialeticamente. Não parece haver dúvidas de que o sexo “biológico” leva a uma identidade de gênero específica, ainda que essa determinação ignore uma série de intersecções que o gênero estabelece com aspectos sociais, raciais, étnicos, religiosos, entre outros. No âmbito do desejo e das práticas sexuais, contudo, encontramos possibilidades para experimentações e rupturas. Estes espaços são importantes na medida em que oferecem a oportunidade de construção de identidades mais fluidas e plurais.

3.3 TRAJETÓRIA DE VIDA IDEAL PARA UMA GAROTA

Nesse eixo da análise discutiremos a construção feita pelas publicações de uma trajetória de vida supostamente ideal para as adolescentes. Nesse percurso, enfrentaremos questões sobre como o gênero feminino é vivenciado, de que forma a norma heterossexual incide sobre a construção do “ser menina” e, ainda, quais atributos, desejos e interesses estão ligados à trajetória traçada para as leitoras pelas publicações.

Em *Problemas de gênero*, Butler (2003) questiona se “ser mulher” constituiria um fato “natural” ou uma performance cultural e, ainda, se essa aparente naturalidade não seria construída por “atos performativos discursivamente compelidos, que produzem o corpo no interior das categorias de sexo e por meio delas” (BUTLER: 2003, p. 9). Em outras palavras, por trás de um “ser menina” naturalizado existe uma série de produções que trabalham incansavelmente para criar o efeito do natural ou inevitável. Assim, “ser menina” é uma construção processual e incessante, aberta a intervenções e re-significações, na qual não é possível delimitar uma origem ou um fim.

Ao longo das páginas de *Atrevida* e *Capricho* é possível perceber uma série de características e atitudes que as leitoras compartilham ou, pelo menos em tese, deveriam compartilhar. Por ser “menina” e leitora das revistas, é esperado que a adolescente olhe a si própria, bem como compreenda o mundo e atue nele de determinada maneira. Muitos desses atributos e expectativas foram reunidos na campanha “Deixe o Mundo mais Pink”, lançada pela revista

Capricho na edição nº 1054, que estimula a “atitude pink” entre as adolescentes. Por “atitude pink” entende-se algo como “deixar o mundo melhor de um monte de jeitos, sem bancar a chata” (*Capricho*, 28. set. 2008, p.8). As atitudes estimuladas pela campanha vão desde o respeito à individualidade até a preocupação com o meio ambiente e foram reunidas sob o nome de “Manifesto Pink”:

Uma garota Pink ama a si mesma; respeita as diferenças; acredita na paz; é, antes de tudo, otimista; protege o meio ambiente; não compra só por comprar; é plugada, mas sabe viver offline; está fora de qualquer forma de bullying; gosta de zoar, mas sem detonar; passa longe das drogas; cuida do corpo e da alimentação, mas sem neurar; adora beijar, mas não qualquer um; só transa com camisinha (e com muito amor, claro); corre atrás do seu sonho (*Capricho*, 28. set. 2008, p.8).

Ao descrever aquelas que seriam atitudes e comportamento de uma “garota pink”, a revista faz referência a muitos atributos tradicionalmente ligados ao feminino - a cor rosa que dá nome à campanha e inunda a página (em oposição ao azul, comumente associado aos homens), o apelo consumista (que seria uma característica marcante das mulheres) e a vinculação entre sexo e amor. Um exemplo da tal “atitude pink” pode ser encontrado ao longo da entrevista com Avril Lavigne, intitulada *Rock combina com rosa?*, que conta a trajetória da cantora canadense: “Da mistura da garota rebelde que estourou em 2002 com a noiva arrumada que casou em 2006, nasceu Avril Lavigne que toca uma guitarra pink na nova turnê e vai lançar uma grife só dela. Porque, se rock já é bom, fica melhor quando feito com muito estilo!” (*Capricho*, 16. mar. 2008, p.29)

O sucesso da cantora aparece intimamente ligado à sua atitude dentro e fora dos palcos e também ao seu estilo de vestir-se. Isso pode ser percebido pela quantidade de fotos exibidas na reportagem que mostram Avril em diferentes momentos de sua carreira, mas sempre maquiada, vestida principalmente de preto e rosa, e com muitos acessórios. No texto que antecede a entrevista, Avril é mostrada como uma roqueira moleca e revoltada que ficou mais madura e feminina depois do casamento: “Junte a menina revoltada com a patricinha casada e, voilà, você tem a roqueira arrumada” (*Capricho*, 16.mar. 2008, p.31). Em um trecho da entrevista, o repórter questiona o que motivou a mudança de estilo da cantora, que explica: “Eu estou mais velha, me casei, tenho vontade de sair mais bem arrumada. Eu gosto de usar meus vestidos e sou feliz assim” (*Capricho*, 16.mar. 2008, p.30).

Ao longo da reportagem, a trajetória de Avril é contada com uma história de amadurecimento de alguém que deixou a rebeldia para trás sem perder a personalidade e a “atitude rock and roll”. A maturidade parece ter deixado a cantora mais “feminina”, o que é visto com bons olhos pela revista. A feminilidade, nesse caso, está atrelada principalmente ao modo de vestir-se da garota - que passou a usar vestidos e sapatos de salto – e tem ligação direta com o casamento dela. O casamento, de modo geral, faz parte da trajetória de vida ideal das adolescentes construída pelas revistas, mas não como um acontecimento imediato ou desejável no presente.

No contexto das publicações, podemos afirmar que o casamento deve fazer parte dos planos das leitoras para o futuro. Até lá, no entanto, algumas experiências são colocadas como centrais para a sua vida afetiva: paqueras, ficadas, namoros, primeiro beijo, primeiro fora, decepções e paixões. As primeiras experiências amorosas - e todos os rituais que as cercam - são construídas pelas revistas como momentos imprescindíveis para o amadurecimento das adolescentes, ainda que muitos deles sejam dolorosos ou constrangedores.

Para ajudar as meninas a enfrentar cada uma dessas situações, as revistas investem em truques e receitas supostamente infalíveis. Se o problema foi ter levado um “fora” do garoto que estava a fim a opção é o “Manual de sobrevivência ao pé na bunda: dicas e truques infalíveis para você superar até o pior dos foras” (Capricho, 21. dez. 2008, p.68). Se a garota não sabe como encarar o garoto depois do primeiro amasso, a seção *Sexo* reúne depoimentos de outras adolescentes para ajudar: “é superchato você não conhecer e já deixar o cara passar a mão. Isso sim é ser vulgar e não pensar no depois, ficar malfalada e se arrepender” (Capricho, 8. jun.2008, p.90).

Já quando o assunto é o primeiro beijo, a promessa é ensinar truques para as leitoras não fazerem feio, como nas reportagens “Na hora H: Dicas básicas para quem vai beijar pela primeira vez” (Atrevida, nº 163, 2008, p. 39) ou “Um guia para você beijar cada vez melhor. Tudo o que você precisa saber” (Capricho, 7. dez. 2008, p.80). Seguindo a mesma tendência, a reportagem intitulada *Meu primeiro beijo* traz diversos depoimentos de garotas contando como o primeiro beijo delas aconteceu e o que elas acharam do momento. Em todos os relatos o beijo ocorreu com um garoto:

Meu primeiro beijo foi um desastre! Fiquei muito nervosa, comecei a sentir até dor de barriga. Mas não dava pra evitar, o garoto estava bem na minha frente [...] Minha primeira vez foi bem romântica! Eu conheci um menino do colégio e começamos a falar no MSN. [...] Eu beijei de repente, um garoto que conheci na balada (Atrevida, nº 163, 2008, p.41).

Nas duas publicações o beijo é considerado um ato de afeto “natural” na vida das adolescentes. Beijar (garotos) é mostrado como algo saudável e sem contra-indicações. No entanto, ao mesmo tempo em que é concebido como natural e até necessário na vida afetiva das garotas, o ato de beijar é cercado por muitos receituários: não lambuzar o garoto, tentar relaxar, não exagerar no *gloss*, ter cuidado com o excesso de saliva, não morder. A “naturalidade” do ato de beijar, portanto, pode ser questionada pela quantidade de reportagens em formato de manuais de conduta que prescrevem maneiras de agir antes, durante e depois para ter um beijo considerado bom. Na reportagem *Beijo à vista*, por exemplo, encontramos dicas para deixar os lábios prontos para beijar:

Dicas, truques e tendências que vão deixar sua boca simplesmente irresistível! Mas depois não vale reclamar se o seu celular não parar de tocar, hein? Se você é do tipo que não sai de casa sem batom, separe já as suas cores preferidas e prepare-se para uma aulinha de maquiagem. Agora, se é do tipo que não curte nem um gloss básico, a dica é aprender a manter a boca sempre hidratada e macia. Porque, na hora da ficada, isso faz toda a diferença (Atrevida, nº 165, 2008, p. 97).

Assim como acontece com o beijo, a paquera é tratada pelas duas publicações como um fato “natural” na fase da adolescência: os jogos de sedução são estimulados entre as leitoras como algo divertido e benéfico, já que através deles as garotas exercitam seu charme e ensaiam as primeiras experiências amorosas. Mais uma vez, entretanto, o assunto é cercado por muitas prescrições sobre a melhor forma de agir. A reportagem *Curso rápido de paquera*, por exemplo, ensina como se comportar no momento do flerte, dando dicas de livros que podem ajudar a leitora a transformar o menino paquerado em um “ficante” ou namorado.

No tempo da sua avó (ou mesmo da sua mãe), não era legal a menina tomar a frente da conquista. Porém, hoje em dia, a situação é bem outra! “Mas não vamos nos esquecer que os meninos continuam gostando de conquistar”, lembra a escritora Cláudia Felício, do livro *Tudo sobre meninos*. [...] Seja você! Essa dica vem da Bárbara Semerene, autora de *Quer namorar comigo?* (Editora Matrix) Vamos ver como é isso na prática: você descobre que o cara gosta de cabelo liso e corre para fazer escova progressiva. Lê numa revista que eles detestam brincos compridos e joga fora os seus. Quer dizer, faz de tudo para conquistar e impressionar os meninos e assim acha que vai se dar bem (Atrevida, nº 164, 2008, p.43).

Ter cautela no momento da paquera e não passar por cima da própria personalidade para conquistar o garoto são posturas recomendadas pelas revistas, que recorrem a escritoras de livros adolescentes para formular conselhos para as leitoras. Se a paquera der bons frutos, a leitora conta com dicas sobre como agir diante do garoto no dia seguinte: “Rolou a tão esperada ficada – e foi incrível! Agora, você vai ter que encarar o garoto. Quer demonstrar que está a fim, mas sem ser direta? Aí vão algumas dicas!”(Atrevida, nº 164, 2008, p. 46).

A reportagem monta um passo-a-passo de como a garota deve agir em três situações diferentes - quando o garoto pertence à mesma turma que ela e eles irão se encontrar na casa dos amigos; quando o garoto é um colega de classe; e quando é amigo de um amigo e aparece no MSN³¹. Em todas as situações, vale um conselho geral: “Educação e gentileza são sempre bem-vindas. Dar tapinhas no garoto, falar alto com ele ou usar uma linguagem grosseira, para se mostrar íntima, pode não funcionar como você espera” (Atrevida, nº 164, 2008, p. 47).

Aqui a revista adverte as leitoras sobre comportamentos que elas não devem ter no dia seguinte à “ficada” com o garoto: dar tapinhas e falar alto são atitudes não recomendadas, provavelmente por não serem adequadas a garotas educadas e “femininas”. Essa forma de abordar situações consideradas intrínsecas à fase da adolescência – com muitas orientações e prescrições sobre o que fazer ou não – acaba por enfraquecer a percepção que as próprias revistas tentam construir de que esses são fatos naturais na vida das meninas e que devem ser encarados com espontaneidade por elas. Os receituários das revistas contribuem para desnaturalizar fatos supostamente “naturais”, evidenciando a construção da identidade das garotas “como processo, como *performance* e como algo provisional” (BONDI: 1999, p. 263).

A idéia de que a vida das adolescentes é marcada por etapas que se sucedem ao longo da vida de forma supostamente natural pode ser comprovada por um trecho de uma reportagem de *Capricho*, que diz: “existem as mudanças naturais da vida: começar a trabalhar, ingressar na faculdade ou mudar de cidade. Geralmente, nessa hora, pinta a necessidade de mudança no estilo para adequar a nossa imagem a essa nova situação” (Capricho, 16. mar. 2008, p.56). Dessa forma, concluir o colégio, fazer provas de vestibular, ingressar na faculdade e ter uma

³¹ Programa de bate-papo online muito popular entre os adolescentes que permite a troca de mensagens instantâneas, em tempo real.

profissão parecem constituir eventos naturais na vida de uma adolescente e, ao mesmo tempo, algo que se espera delas. Mais do que importantes na vida das garotas, esses eventos marcam uma espécie de ritual de passagem. A importância desses momentos fica clara em uma reportagem especial tendo a formatura como tema:

Agora é hora de pensar na nova etapa. Quem está se formando no ensino fundamental, ao passar pro ensino médio terá mais cobrança. Por causa do vestibular, serão mais matérias pra estudar. [...] Já a responsa de se formar no colegial é um pouco maior. No entanto, caso ainda esteja em dúvida com relação à profissão que quer seguir, não precisa se desesperar, você pode passar o ano seguinte estudando em um cursinho pré-vestibular (Atrevida, nº 171, 2008, p.97).

A formatura, enquanto ritual que marca a conclusão do ensino médio e a saída da escola, é construída pelas revistas como um dos momentos marcantes na vida das adolescentes, fato que pode ser percebido no trecho: “Assistir aula todos os dias, fazer provas, estudar para não ficar de mal com o boletim...Depois de tanta dedicação à escola, tudo que os formandos querem é festa! E a comemoração tem que ser completa e com o estilo da turma!” (Atrevida, nº 171, 2008, p. 110) Apesar de remeter ao clima festivo de fechamento de um ciclo, a idéia da formatura está sempre associada a um momento encarado com apreensão pelos adolescentes – o vestibular.

Essa preocupação fica clara no depoimento de uma menina, identificada como “Fernanda Rodrigues, 17 anos, São Paulo” sobre as sensações e dificuldades em deixar o colégio e tentar o vestibular. É importante observar que, ao contrário do que acontece com falas e relatos que têm a sexualidade como tema, quando o assunto é a vida profissional das garotas os depoimentos são sempre identificados por nome completo, idade, cidade onde mora e, em alguns casos, fotos.

Sempre imaginei como seria quando eu chegasse ao 3º ano do ensino médio. Mas nada do que eu imaginava se compara ao que vivi este ano. Muitas horas de estudo e esforço, que se traduzem em bons resultados nos vestibulares, principalmente no maior do Brasil, a FUVEST. Agora, que chega a hora de se despedir, o coração fica apertado de emoção e o pensamento viaja por todos os fatos que marcaram esses três anos. É triste pensar que estamos deixando muita coisa pra trás. Mas todo fim é um início e, daqui para a frente, eu levo a idéia de que o que é bom nunca acaba, apenas se transforma: os anos de ensino médio se transformaram num pedaço do meu coração, em forma de lembranças, aprendizados, amizades verdadeiras e a certeza de que tudo valeu muuuito a pena! (Capricho, 7.dez.2008, p. 8).

O depoimento da garota sintetiza boa parte das idéias e sensações associadas ao momento de transição entre a escola e o vestibular: a ansiedade e a insegurança geradas pela nova situação, o medo do fracasso nas provas do vestibular, a saudade do colégio e a expectativa de como será esse novo momento na vida da menina. Nesse momento de apreensão, as revistas acompanham as leitoras com conselhos, orientações e mensagens de estímulo. O vestibular remete a outra questão que costuma afligir as adolescentes nessa trajetória: a escolha da profissão.

Como “escolher uma profissão é quase como definir a trilha sonora que vai embalar o resto da sua vida” (Capricho, 31. ago. 2008, p. 4), as publicações empenham-se em munir as adolescentes de todas as informações necessárias para que a escolha seja feita de forma responsável e com sucesso. Para isso, a *Capricho* conta com a seção *Alguém me explica (Vestibular)* e a *Atrevida* com a seção *Eu quero ser*, sendo esta última mais completa do ponto de vista do conteúdo. A cada mês as seções disponibilizam informações sobre uma profissão ou curso universitário a seguir, que podem incluir explicações sobre o curso, salário médio inicial, situação do mercado, características necessárias para se dar bem na carreira, testes para saber se o curso tem a ver com a leitora e depoimento de uma profissional da área.

A preocupação com o tema extrapola as seções específicas e sua abordagem está presente por toda a revista, em reportagens, testes e colunas de conselho. Como as colunas constituem um espaço onde as leitoras ganham voz para expressar suas incertezas e aflições, são freqüentes os relatos das adolescentes sobre o dilema da escolha de uma carreira profissional. Na seção *Terapia de grupo*, por exemplo, uma garota de 17 anos relata a dificuldade que está enfrentando diante do vestibular e suas dúvidas sobre qual curso universitário deve escolher:

Já faz um ano que minhas amigas escolheram o que vão fazer no vestibular. Mas isso não rolou comigo. Além de não ter decidido ainda, tenho que agüentar a pressão dos parentes e dos amigos. Eles ficam o tempo todo falando que devo escolher logo, perguntando quando vou me decidir e acabam me deixando muito mal. As inscrições para as provas já estão rolando, mas continuo confusa (Capricho, 28. set. 2008, p.90).

Para responder às inquietações da leitora, a *Capricho* recorre a um especialista em orientação vocacional. De acordo com a pesquisa da Andi (2009), é uma característica das revistas voltadas para adolescentes apresentar um grande número de depoimentos de especialistas: nos

anos de 2005 e 2006 mais de 20% dos textos analisados no estudo abriram espaço para a fala desses profissionais. Segundo a Andi, “é notória a vontade de equilibrar os depoimentos de garotos e garotas com opiniões mais técnicas, qualificando assim a informação veiculada” (ANDI: 2009, p.45). Nesse caso, a dica do especialista consultado pela *Capricho*, Silvio Bock, é pesquisar as opções de carreira e buscar autoconhecimento:

Para escolher, você deve conhecer bem as opções que tem. Assim, pode ir afunilando as possibilidades e conseguindo informações cada vez mais aprofundadas sobre os cursos. Você pode buscar essas informações sobre as profissões em vários lugares: revistas, feiras de faculdades e de profissões e internet. Também é necessário investir no autoconhecimento. Para quê? Para te ajudar a pensar no que quer ser no futuro, como vai conquistar a sobrevivência e como pretende intervir na sociedade e no mundo, até para modificá-lo (Capricho, 28. set. 2008, p.90).

A resposta do especialista está de acordo com o posicionamento adotado pelas revistas no tratamento da questão. As publicações não indicam às garotas quais profissões devem seguir e, contrariando a postura adotada quando o assunto é sexualidade, evitam receitas ou fórmulas prontas para ensinar o que fazer. A aposta das revistas, nesse caso, é na difusão de informações sobre as carreiras profissionais e no estímulo ao autoconhecimento. Mesmo os testes sobre o tema, presentes em algumas edições, evitam respostas rápidas e investem no conhecimento das leitoras sobre suas habilidades e preferências.

A seleção de profissões mostradas pelas revistas a cada edição é variada – jornalismo, fisioterapia, direito, educação física etc. No entanto, é possível perceber uma inclinação por carreiras relacionadas às ciências humanas e da saúde e, ainda, a quase ausência de profissões ligadas às ciências exatas. Entre todas as edições analisadas, em apenas uma delas há referência a um curso universitário na área. Cursos - sejam eles de nível técnico ou universitário - como engenharia, matemática, física, mecânica ou eletrônica parecem não fazer parte do leque de opções das garotas.

Em uma enquete no site de *Capricho*, as leitoras da revista escolheram dez profissões e cursos universitários que consideram mais interessantes: Moda, Medicina, Farmácia, Direito, Arquitetura, Jornalismo, Psicologia, Administração, Veterinária e Publicidade. A partir da seleção das leitoras, foi elaborada a reportagem *Qual é a sua* com informações acerca do perfil profissional, salário inicial, situação do mercado e depoimentos de estudantes, recém-formados e profissionais experientes de cada área. Segundo a reportagem: “Escutar a si

mesma é o primeiro passo, mas não o único antes de decidir que carreira seguir. Conhecer bem as profissões também é importante e, para isso, nada como ouvir o que têm a dizer as pessoas que convivem com elas diariamente” (Capricho, 31.ago. 2008, p. 74).

Não é possível afirmar, somente com base na lista acima, que essas seriam as dez profissões mais desejadas pelas adolescentes, mas a votação não deixa de revelar algumas preferências. De modo geral, as revistas tentam não interferir diretamente nessa escolha, ainda que opção de publicar ou não informações sobre determinadas profissões possa sugerir algum tipo de direcionamento. Exemplo disso são as carreiras ligadas à moda, cinema, música e teatro, que aparecem com frequência em seções e reportagens sobre o assunto, o que poderia indicar algum tipo de fascínio ou preferência por parte das adolescentes (ou mesmo das revistas). Na reportagem *Vida de top* encontramos dicas para as leitoras que sonham em seguir a carreira de modelo. Esta surge nos relatos de muitas adolescentes como “a profissão dos sonhos” e “cheia de glamour”, porém logo no início do texto a repórter alerta:

Se tem certeza que é isso mesmo o que quer e acha que tem jeito pra coisa, corra atrás de uma agência bacana. Agora, se você nem pensa na idéia de morar longe dos seus pais, conciliar estudos com horas de trabalho duro e trocar uma ida ao cinema com os amigos por uma seção de fotos, pode esquecer. O primeiro passo antes de abraçar a carreira é parar e pensar: estou preparada para assumir essas responsabilidades?(Atrevida, nº 167, 2008, p.56).

Desmistificando a idéia de glamour que cerca a carreira, a reportagem traz depoimentos de modelos brasileiras de sucesso e dicas importantes como os cuidados na escolha da agência, os primeiros passos a serem seguidos para ingressar na carreira, os cuidados com o próprio corpo, a dedicação e perseverança necessárias para se dar bem na profissão: “Se você não se der bem na primeira agência ou cliente que visitar, não desista. Acreditar no seu sonho, ser responsável e se dedicar à profissão também são itens imprescindíveis para quem quer ser uma modelo de sucesso” (Atrevida, nº 167, 2008, p.58).

Ter sucesso na carreira – seja ela de modelo, médica ou arquiteta – é um objetivo a ser alcançado pelas garotas e também a ser levado em conta no momento da escolha da profissão. É possível perceber nas revistas uma preocupação em formar garotas de sucesso que, no futuro, serão mulheres independentes e realizadas com a vida que construíram para si. Essa idéia está presente na reportagem *Atrás dos sonhos*, na qual a repórter ensina como alcançar o

sucesso, seja na vida profissional ou afetiva: “Por isso, anote aí no seu caderninho: o segredo de inúmeras modelos, artistas, cantoras, pesquisadoras, cientistas de sucesso ou qualquer outra coisa que seja está basicamente em duas palavras: talento pra coisa e persistência” (Atrevida, nº 167, 2008, p.33) Entre as dicas para conquistar os sonhos almejados estão:

Criar um objetivo, não importa qual seja o seu [...] Quem não consegue focar a atenção em apenas uma coisa por vez, desiste mais fácil, em geral, no primeiro obstáculo. Por isso, aprenda a focar sua atenção no que deseja. [...] Assumir que a primeira – ou a décima quarta – tentativa não deu certo, mais do que natural, é uma forma de incentivo. Em vez de se sentir derrotada e abandonar seu grande sonho, tente descobrir o que pode ser melhorado até chegar no objetivo final (Atrevida, nº 167, 2008, p.34).

Alguns obstáculos, contudo, podem ser enfrentados pelas garotas nesse caminho rumo ao sucesso. Estes são retratados nas páginas das revistas, que lançam mão de conselhos e advertências com o objetivo de auxiliá-las em suas trajetórias. O envolvimento com drogas, álcool ou cigarro é apontado como prejudicial à vida das adolescentes, podendo trazer conseqüências negativas que vão desde as mais banais - ficar com um garoto e não lembrar no dia seguinte - até as mais graves, como dependência química e acidentes de carro fatais. As leitoras de *Atrevida* e *Capricho* são aconselhadas a ficar longe dessas substâncias como forma de evitar transtornos tanto para a saúde física, quanto para a vida social e afetiva.

Em “*Guia da balada perfeita. Saiba como aproveitar a festa sem perder a noção...E nem um minuto de diversão*” (Capricho, 20. jul. 2008, p.76), dicas sobre como “compor o look certo para a balada” e paquerar na pista são acompanhadas de advertências quanto aos riscos causados pela ingestão de álcool e uso de drogas nas festas. A reportagem argumenta que é comum a presença dessas substâncias nas baladas, mas a adolescente deve estar preparada “para dizer não” e assim evitar “se meter em uma grande roubada”.

Outro fato que pode causar interrupções na trajetória de vida das meninas, segundo as publicações, é o mau desempenho na escola. Espera-se que as adolescentes sejam aplicadas nos estudos, tirem boas notas e tenham um bom desempenho no decorrer de cada ano letivo. E, para garantir isso, são comuns reportagens com dicas sobre o melhor horário para estudar, o ambiente adequado, como lidar com os professores ou fixar os conteúdos das aulas. Uma reportagem de *Atrevida*, por exemplo, apresenta à leitora “sete mandamentos que vão ajudá-la

a se prevenir de problemas neste ano letivo. Para memorizá-los, repita dez vezes cada um, como se rezasse um mantra” (Atrevida, nº 162, 2008, p.47).

Muitas reportagens em formato de manual fornecem receitas e passo-a-passo com o intuito de ajudar as leitoras a se darem bem nos estudos. Elas também alertam que é preciso preparar-se para o vestibular e não repetir o ano, já que um ano letivo perdido pode prejudicar o futuro da garota, atrasando sua entrada na faculdade e inserção no mercado de trabalho. Nessa perspectiva, ir mal nos estudos significa colocar um futuro desejável em risco.

Um importante fator de rompimento daquele que seria o curso natural da vida de uma menina parece ser a gravidez na adolescência. Sob o ponto de vista da linha traçada pelas revistas como a ideal a ser seguida pelas garotas, a gravidez na fase da adolescência é certamente indesejável. O fato, entretanto, não é incomum. Na seção *Tudo sobre sexo*, uma leitora anônima conta, por e-mail: “Estou grávida de cinco meses, mas minha família ainda não sabe. Meu namorado não quis assumir, embora tivesse jurado que iria ficar comigo se isso acontecesse. Nem sei o que pode acontecer quando meus pais descobrirem” (Atrevida, nº 162, 2008, p. 16). A pergunta, que ganhou o título de “Grávida antes da hora”, recebe a seguinte resposta:

Você não é a única nessa situação. Cerca de 1 milhão de adolescentes engravidam todos os anos no Brasil. E, nesse momento, o melhor a fazer é criar coragem e conversar com seus pais o mais rápido possível. Você precisa ter apoio emocional para levar a gestação adiante com tranquilidade. Outra coisa: é necessário começar a fazer um acompanhamento médico o quanto antes (além dos exames do pré-natal) para garantir a sua saúde e a do seu bebê (Atrevida, nº 162, 2008, p. 16).

Ao tentar lidar com o fato de maneira prática e sem sermões, a publicação aconselha a leitora a enfrentar a situação, assumir a gravidez e conversar a respeito com os pais. A interrupção da gravidez na adolescência não é cogitada em momento algum pelas revistas. Frequentemente elas aconselham as garotas a conversar com os pais, seja para desabafar, tirar dúvidas ou pedir apoio. Essa inserção dos pais no contexto das publicações, contudo, é feita com cautela. Na reportagem *Assunto de meninas...*, por exemplo, a *Capricho* dá dicas para as leitoras sobre como conversar com o pai sobre assuntos ligados a absorventes, consultas com ginecologista, sexo e namorados:

Aproveite ganchos da novela para tirar dúvidas ou use a namorada dele como aliada. Ela pode, por exemplo, mostrar que você cresceu e puxar assuntos para serem discutidos na mesa do jantar. Assim, aos poucos, o tema vai se tornar supernatural (Capricho, 16.mar.2008, p.89).

A *Atrevida*, por sua vez, preparou um manual intitulado *Guia do universo teen* voltado para os pais das leitoras com o objetivo de aproximá-los do universo adolescente. A reportagem – com um total de cinco páginas coloridas, que podem inclusive ser recortadas - apresenta definições, orientações, conselhos e explicações sobre a adolescência. Ao dirigir-se aos pais no início do guia, a repórter diz: “O propósito deste guia é estimular a reflexão e proporcionar algumas orientações a vocês, dadas por médicos e psicólogos que nos ajudaram nessa empreitada” (Atrevida, nº 171, 2008, p.127). Além de estimular o diálogo entre pais e filhos de uma forma mais geral, as revistas aconselham as garotas a procurá-los sempre que a situação mostra-se mais grave, como no caso de envolvimento com álcool ou suspeita de gravidez.

A importância do apoio dos pais no caso de uma gravidez é citada também na seção *Na real*, que conta a história de Bruna Tosato, leitora que aos 19 anos tem uma filha de dois. O relato de Bruna sobre sua gravidez evidencia ainda o que se espera das vivências de uma adolescente típica - estudar, namorar, curtir a vida com as amigas, fazer uma faculdade, casar e, por fim, ter filhos:

Eu parei de fazer balada e, na minha formatura, estava com um barrigão enorme, não dava nem pra dançar. Chorei sozinha num canto. Meus sonhos estavam desabando![...] Parei de sair, adiei a faculdade e hoje sinto falta de curtir com as amigas, de viajar, de todas essas coisas que as minhas amigas adolescentes ainda fazem. Para mim, é como se tivesse pulado uma fase da vida (Atrevida, nº 165, 2008, p.68).

A gravidez precoce provoca uma ruptura no curso “natural” dos fatos e experiências que Bruna, enquanto uma adolescente comum, deveria ter vivido. A antecipação de uma vivência própria da idade adulta obriga a garota a distanciar-se do universo adolescente e de muitos dos símbolos que caracterizam a adolescência nas revistas – ela agora precisa trabalhar, é responsável por um bebê, não tem tempo para paqueras, nem para baladas. Por outro lado, ainda que Bruna pareça ter atropelado etapas da vida de uma adolescente comum, a chegada da filha e o sentimento da maternidade surgem, no fim de tudo, como uma espécie de redenção: “Quando a Ana Clara nasceu, ficamos muito felizes, claro” (Atrevida, nº 165, 2008,

p.68). A felicidade pode ser comprovada pela foto que ilustra a seção (ANEXO G), trazendo Bruna e sua filha com sorrisos estampados nos rostos.

Ainda que seja indesejável na adolescência, a maternidade não deixa de fazer parte dos símbolos que caracterizam o “ser menina” em *Atrevida* e *Capricho*. Em nossa sociedade, a maternidade surge como algo intrínseco ao feminino, que deve ser assumido como parte da essência de “ser mulher”, entretanto, Butler (2003) argumenta que “o que é aceito como instinto materno pode bem ser um desejo culturalmente construído, interpretado por via de um vocabulário naturalista” (BUTLER: 2003, p. 136).

Se a maternidade e, por conseqüência, o instinto materno são pontos centrais para a constituição do feminino e dos padrões de reprodução biológica e social em nossa sociedade, como pensar então a questão do aborto, especialmente entre as adolescentes? Questão polêmica, o aborto vem à tona quando a gravidez na adolescência é retratada nas revistas, mas nunca como uma alternativa possível para lidar com a situação. Uma vez grávida, parece restar à garota ter o filho. O tema é discutido na seção *Tribunal Atrevida*, na qual duas leitoras se posicionam a favor ou contra o aborto e defendem seus pontos de vista:

Contra: acho que o aborto é um ato cruel e inadmissível, além de perigoso para a vida da mãe também. Será que vale a pena tirar o direito de viver de uma criança inocente? Ela não tem culpa da inconseqüência dos pais. Nunca foram tão divulgados os métodos para evitar a gravidez, então, não há desculpa para não se prevenir. Sem contar que o aborto no Brasil é considerado ilegal (menos para a gravidez resultante de estupro e para salvar a vida da gestante, caso necessário). Aborto não! Viver é o que há de melhor (*Atrevida*, nº 161, 2008, p. 66).

A favor: Não é pelo fato de o aborto ser ilegal que as pessoas deixam de fazê-lo. O que eu penso é que, se fosse legalizado, evitaria uma série de riscos que as mulheres correm ao entrar em uma clínica clandestina e ao tomar remédios ilegais. Fora isso, as pessoas têm seus motivos para optar pelo aborto: falta de condições, vaidade, medo da família, entre muitos outros. E não adianta dizer que não pode, se a mulher realmente quiser abortar, ela vai. Penso que é uma decisão que só cabe à própria mãe e ninguém tem o direito de julgar o que é certo ou errado para ela (*Atrevida*, nº 161, 2008, p. 66).

A argumentação das duas adolescentes remete a valores consolidados e amplamente difundidos socialmente – o principal deles o direito à vida – e a questões polêmicas, como a legalização da prática, o direito da garota/mulher de decidir sobre o próprio corpo, a realização de procedimentos ilegais para abortamento e mesmo a discussão se esta seria uma

questão de saúde pública e/ou ética privada. Ainda que a intenção não seja aprofundar o debate nesse espaço, a discussão sobre o aborto e os argumentos nela implicados evidencia que tanto a maternidade e a gravidez, quanto a própria interrupção desta, participam da constituição do feminino em nossa sociedade.

Por trás da idéia de um “instinto maternal” intrínseco às mulheres, entretanto, esconde-se um sistema de heterossexualidade compulsória que atua em função de interesses reprodutivos. Esse sistema, que presume desejos, práticas e relacionamentos heterossexuais, também guia a trajetória das adolescentes construída pelas revistas. Podemos afirmar que grande parte dessa trajetória é construída em função do “outro” - o garoto - e marcada pela necessidade de agradá-lo, o que remete, também, à misoginia. O tema está presente desde as reportagens que falam sobre o ambiente escolar e incentivam as garotas a serem alunas aplicadas – a escola também é lugar para despertar paixões - até aquelas que ensinam como cuidar do corpo e ter uma vida saudável – garotos preferem as meninas preocupadas com a aparência e o bem-estar.

É preciso pensar no menino até na hora de escolher o batom e a dica serve tanto para as meninas que estão à procura de alguém - “No Dia dos Namorados, o que a gente quer é beijar. Aí entra o cupido da beleza CAPRICHO, que vai te mostrar as cores mais legais para seus lábios e os truques para que sua boca fique irresistível” (Capricho, 8. jun. 2008, p.64) – como para aquelas que querem agradar o garoto já conquistado - “Se você namora ou paquera algum menino que torce o nariz para batom, tente o laranja, que dá um colorido discreto” (Capricho, 8. jun. 2008, p.68). Com orientações sobre como deixar a boca bonita e sedutora, a revista incita a leitora não somente a saciar as vontades dos garotos, mas também a apresentar-se diante deles como objetos de desejo.

A lista de atributos que uma garota precisa ter para agradar os garotos é extensa, mas as revistas parecem decididas a dar conta dela. Na seção *Qual é a dele*, voltada exclusivamente ao universo masculino, um garoto ensina o que as meninas devem fazer para agradá-los: “A garota tem que ser companheira e curtir as mesmas coisas que eu, como praticar esportes, por exemplo. Tem também que ser espontânea e expressar suas opiniões, para que a gente possa amadurecer o relacionamento” (Atrevida, nº 166, 2008, p. 32). Estruturada a partir de depoimentos de meninos, identificados por nome completo e fotos, a seção orienta as leitoras sobre como satisfazer as expectativas deles, disseminando conselhos que desconsideram totalmente as preferências e experiências femininas diante do ponto de vista dos garotos.

Também alheia às vontades e predileções das garotas, a reportagem *Manual da conquista* classifica os meninos por estilo ou tribos – *geek*, galinha, esportista, líder da banda, metrossexual, sensível, rebelde - e ensina truques para conquistar cada um deles, aproximando-se de seu universo de interesse. O objetivo aqui é tornar a leitora apta para identificar as preferências do garoto desejado, adequar-se a elas e, dessa forma, mostrar-se uma boa companheira.

Conhecer mais sobre o universo do gato é sempre o melhor começo. Quanto mais você souber sobre seus gostos e hábitos, maiores são as chances de puxar um papo interessante e despertar o interesse do fofo. Algumas atitudes também contam pontos, dependendo do perfil do pretendente. Mas atenção: não deixe de lado a sua própria personalidade só para agradar o menino! (Atrevida, nº 171, 2008, p.122).

Aqui a revista ensina às leitoras a importância de conhecer os hábitos e predileções do garoto e, de preferência, compartilhá-los com ele. No entanto, alerta para que, na tentativa de despertar o interesse do pretendente, a garota não esqueça a própria personalidade. Em outra edição da revista, a reportagem *Prontos para voar* garante: “Não tem receita melhor para viver uma linda história de amor do que gostar mais de você” (Atrevida, nº 164, 2008, p. 30). Também explica que, na hora da conquista, a auto-estima é colocada em teste e é comum sentir dúvidas sobre a própria aparência e os sentimentos do garoto: “E é justamente aí que a gente começa a meter os pés pelas mãos, permitindo que o menino faça o que bem entende dos nossos sentimentos” (Atrevida, nº 164, 2008, p. 31).

A reportagem aconselha as leitoras a não se colocarem em segundo plano diante dos garotos e dá dicas de como manter a auto-estima na hora da paquera, da ficada ou do namoro: “Uma maneira de demonstrar que você cuida bem da sua auto-estima é não aceitar correr atrás de migalhas de atenção e afeto. [...] Aliás, considerar-se a eterna vítima de garotos insensíveis é uma característica típica de quem não acredita em si mesma” (Atrevida, nº 164, 2008, p. 31). Reportagens como essa, que estimulam a auto-confiança e o amor próprio entre as leitoras, estão presentes nas revistas com frequência. No trecho abaixo, o depoimento de uma leitora identificada como “Mariana Moreira, 17 anos” serve ao mesmo tempo como estratégia de identificação e exemplo para outras leitoras:

Estávamos juntos há 3 meses e meu namorado não queria saber de me apresentar para ninguém. Nem pra família, nem pros amigos. Nas baladas, ele sempre ia sozinho, eu nunca podia acompanhá-lo. [...] Acho que no fundo o garoto tinha vergonha de mim, mas eu não entendia o porquê. Toda vez que eu tentava conversar com ele sobre o assunto, o garoto mudava o rumo da conversa. Então, cansei de bancar a idiota e dei um basta! Eu gostava dele, porém, já estava com tanta raiva da situação que, quando terminamos, me senti aliviada (Atrevida, nº 164, 2008, p. 32).

O posicionamento das revistas sobre a questão, no entanto, é muitas vezes contraditório. Ao mesmo tempo em que encorajam a leitora a colocar-se em primeiro plano, também valorizam o papel dos garotos para a sua felicidade, reiterando-os como elementos fundamentais na trajetória de vida das meninas. A questão que paira no ar, portanto, é: como conjugar o discurso do agrado aos garotos com o discurso da auto-estima? E, ainda, é possível para as garotas seguir as dicas padronizadas de conquista publicadas pelas revistas sem desprezar seus desejos, gostos e vontades?

Atender às expectativas e preferências dos garotos sem deixar de lado a própria personalidade e auto-estima é um dos grandes desafios enfrentados pelas garotas no momento da conquista. Em alguns momentos as publicações não parecem alheias à questão, mostrando disposição para ajudar as leitoras a lidar com essa ambigüidade, seja alertando-as quanto ao risco de esquecer-se em função do garoto, seja incentivando-as a cultivar sua auto-estima. Em grande parte das vezes, no entanto, a opção das revistas é pelo caminho menos controverso: mostrar às leitoras as vantagens de conhecer o funcionamento do mundo “masculino” e enquadrar-se nele. Assim, temos um elevado número de reportagens que prometem ensiná-las a compreender o universo dos meninos, como em *Tradutor de meninês*, na qual a repórter explica o que significam frases e indiretas comumente proferidas por eles:

Para conviver numa boa com eles, portanto, é preciso adquirir a habilidade de entendê-los muito além das palavras, observando principalmente as atitudes. É uma tarefa difícil e que só se aprende mesmo com a experiência. Mas, como você precisa saber qual é a do garoto de quem está afim, traduzimos algumas frases que a ala masculina mais gosta de usar. Também sugerimos uma resposta, que você pode experimentar se quiser (Atrevida, nº 171, 2008, p.67).

Mais à frente, a repórter esclarece o objetivo da reportagem: “É claro que alguns meninos fogem à regra. Por isso, além de tentar interpretar o que eles dizem, fique atenta também ao comportamento, para perceber qual é a do garoto. A nossa tradução é uma tentativa bem-

humorada de ajudar você a entendê-los melhor” (Atrevida, nº 171, 2008, p.69). Todo o texto da reportagem é construído a partir do princípio de que há um comportamento masculino padrão, como se existissem pensamentos e atitudes comuns a todos os garotos. Entretanto, ainda que não seja necessário abolir os “garotos” enquanto categoria coletiva, é preciso argumentar, conforme observado por Chantal (1999), que não há identidades sociais adquiridas de forma completa e permanente. Em outras palavras, não existe uma essência comum à categoria “meninos” e sua suposta unidade é, na verdade, o resultado da fixação parcial de identidades fragmentadas.

Ainda que a repórter afirme a existência de exceções – exceções essas que colaboram na afirmação de um padrão de comportamento masculino diante das garotas – a reportagem segue apresentando frases supostamente muito proferidas pelos meninos, suas respectivas “traduções” e conselhos sobre como agir diante de cada uma delas: “Eu gosto muito de você, mas não quero te fazer sofrer. Você merece alguém melhor”, significaria “Não estou a fim de você” (Atrevida, nº 171, 2008, p.67) e “Sexta e sábado à noite não rola”, deve ser entendido como “Eu tenho namorada. Mas, posso encontrar um outro horário alternativo pra gente ficar” (Atrevida, nº 171, 2008, p.68).

Também em busca de fórmulas prontas para entender o universo masculino e aprender a lidar com ele, jornalistas de *Atrevida* entrevistaram 100 meninos com o intuito de descobrir o que eles pensam sobre garotas, conquistas e namoros. Como resultado, a reportagem *Decifrando os garotos* reúne conselhos e orientações para as leitoras, indicando atitudes e comportamentos que elas devem assumir para conquistá-los. Entre eles estão: cuidar da aparência, controlar o ciúme, demonstrar interesse pelas coisas que ele gosta, ser discreta e companheira.

Falamos com 100 meninos e descobrimos que a maioria deles gosta de garotas que tomam a iniciativa, detesta meninas que se acham e ficam com frescurinhas. Para namorar, a menina tem que ser companheira, divertida, inteligente e simpática. Nada de ciúme. Futilidade também não agrada! A beleza conta sim, porém o mais importante é que a menina se cuide. Mau hálito, roer unhas e ser desleixada com o visual foram itens citados pelos garotos como defeitos insuportáveis! (Atrevida, nº 167, 2008, p.52).

É possível perceber que as exigências dos garotos aumentam quando o assunto é namoro. Se a garota espera que a relação vá além de uma “ficada” ou alguns encontros casuais, precisa

caprichar nos truques para conquistar o menino. E mais: precisa ter cuidado para não abusar do charme na hora de tomar a iniciativa e parecer muito “fácil”. Na seção *Entre elas*, três meninos dão suas opiniões sobre até que ponto uma garota deve insistir na hora da conquista: “Acho que o papel dela é conquistar. Ser carinhosa, dar indiretas e deixar o resto com a gente! Este é o melhor jeito de tentar ficar com um cara: conversinhas no MSN, mensagens de texto e outras coisas fofas, mas bem discretas” (Capricho, 31. ago. 2008, p. 73). Outras dicas sobre como a garota deve se comportar na hora da paquera estão na reportagem intitulada *Pega-pega!*:

‘Acho que a menina tem que ficar na retaguarda e não ser muito atirada, mas não muito tímida também’, Nelson Neto, 20 anos [...] ‘É legal quando a gente percebe que a menina se preparou para aquele encontro: escolheu um visual bacana, um perfume gostoso’, Lucio Hideo, 18 anos (Atrevida, nº 161, 2008, p. 35-37).

Os exemplos acima parecem presumir que as leitoras estão sempre em busca de um garoto para um compromisso mais sério, como se o desejo de comprometimento em uma relação partisse sempre delas. Enquanto isso, os meninos assumem uma postura defensiva, ditando regras sobre como conquistar o sonhado namorado. É preciso notar, no entanto, que a próprias perguntas feitas pelas revistas aos garotos – “como elas devem agir na hora da conquista?” - pressupõem que seja função das meninas saciar os desejos deles, comportando-se de formas específicas.

Na seção *Qual é a dele*, um menino explica: “uma garota tem que ter um poder de sedução, seja no olhar, no falar, no jeito de se vestir ou de se comportar” (Atrevida, nº 166, 2008, p. 32). Em resumo, o papel das garotas parece ser o de seduzi-los, mas a iniciativa da conquista deve partir dos garotos, como se esta fizesse parte da lista de atributos e comportamentos deles esperados. A ausência de comentários da revista sobre as opiniões emitidas pelos entrevistados sugere que ela concorda com a posição instituída para as meninas de objetos de desejo masculino.

De maneira geral, os textos que falam sobre conquista aconselham a leitora a usar suas armas de sedução com cautela e ter cuidado ao tomar a iniciativa na paquera para não intimidar ou ameaçar o garoto. Para facilitar a árdua tarefa de seduzir na medida certa, a reportagem *O que faz um garoto popular se apaixonar?* entrevista alguns meninos para saber como as leitoras devem se comportar sem avançar o sinal:

A menina não pode ser oferecida, mas também não precisa dar uma de difícil. O lance é chegar como amiga, puxar papo, ser engraçada e carinhosa. [...] Beleza é essencial, mas carinho também [...] O estilo santinha é o que eu mais curto, principalmente se ela não teve muitas histórias amorosas antes de me conhecer [...] A menina não pode ser infantil, moleca, do tipo que só fala bobagem. O mais gostoso é ter que conquistá-la, por isso se ela for muito fácil, perde a graça (Atrevida, nº 167, 2008, p.30).

Aqui o aviso para as leitoras é bastante claro: para fazer o garoto se apaixonar (e assim ganhar um namorado) não basta apenas ser bonita, simpática e carinhosa; é preciso recato, um pouco de passividade e jogo duro diante das investidas dele. Além disso, pelo menos de acordo com o entrevistado acima, é recomendável que a garota não tenha muita experiência afetiva e/ou sexual. Afinal, se cabe aos garotos a tarefa da conquista, como manter o papel de conquistador diante de uma menina “fácil”? E o conselho vale tanto para a vida “real”, quanto para o mundo on-line. Nele também se manifestam as preferências dos garotos por meninas menos ousadas. Em reportagem da revista *Capricho*, três garotos populares na internet - identificados por nome completo, idade e foto - contam o que uma garota deve fazer para ser adicionada por eles em redes de relacionamento on-line:

Luiz: eu estaria mentindo caso não dissesse que o mais importante é a garota ser bonita. Yuri: concordo! É muito fácil usar aquele discurso de que beleza não põe mesa. Beleza abre o apetite sim. Leandro: isso pode até ser importante, mas ser simpática e mostrar que é gente boa também conta muito [...] Yuri: a dica é não ser muito atirada. Quanto mais meiga, melhor! (Capricho, 20. jul. 2008, p.72).

Aos garotos importa a preocupação que a menina tem com a própria aparência, o que é referendado pelas publicações, principalmente nas editorias de moda e beleza. Sempre acompanhado de explicações prévias sobre a importância da simpatia e do bom papo, o discurso sobre beleza e cuidado com o visual está sempre presente na fala dos entrevistados. Em uma reportagem de *Atrevida*, um garoto diz: “Falta de vaidade enfraquece a relação. A mulher tem que se cuidar” (Atrevida, nº 165, 2008, p. 38). Nesses casos, notamos que as revistas optam por não criticar a recorrente preocupação com a aparência ou uma possível superficialidade nela implícita. Em vez disso, procuram desvincular a noção de beleza – item imprescindível para boa parte dos garotos que ganham fala nas publicações – de padrões rígidos de corpo, cabelo ou cor da pele, enfatizando a necessidade do cuidado com a própria aparência, algo que estaria ao alcance de todas as leitoras.

Comportar-se de forma a seduzir e cultivar o afeto dos garotos parece ser um ponto central para as leitoras. Essa “tônica do agrado” acompanha a adolescente ao longo de toda a trajetória de vida traçada nas páginas das publicações; suas expectativas, desejos e realizações estão intimamente ligados ao garoto. Exceção à regra de que a realização das meninas está diretamente relacionada aos meninos, a reportagem intitulada *Procura-se...* tem como tema a busca pela felicidade e o que se deve fazer quando ela parece inatingível. Algumas leitoras contam suas histórias pessoais de como conseguiram ser felizes depois de vencer percalços pelo caminho. Uma delas é Vivian Rossi, 16 anos, que conta como conseguiu ser feliz sem namorado:

Minhas amigas sempre namoraram e eu achava que para ser feliz tinha que namorar. Procurei desesperadamente uma carinha legal, até que encontrei um... Queria muito que ele fosse MEU namorado. E fiz de tudo por ele, mas não rolou... Depois que tomei um fora me toquei que não precisava namorar para ser feliz! Existem milhares de coisas legais que eu posso fazer sem ter um namorado a tiracolo. Sair com as amigas, ir pra balada, por exemplo. Sendo solteira eu sou mais livre, não tenho que dar satisfações e o melhor: não sofro por amor. Ainda quero um namorado, mas minha felicidade não depende de mais ninguém, a não ser de mim mesma (Atrevida, nº 161, 2008, p. 30).

De forma geral, o conteúdo das duas publicações contribui para criar a sensação - muitas vezes certeza - entre as leitoras de que para ser totalmente feliz seria preciso conquistar o garoto dos sonhos e com ele construir uma relação. Talvez por isso, em alguns momentos das reportagens sobre namoros e conquistas, há considerações a respeito das vantagens de ser solteira ou sobre como ter um namorado não é garantia de felicidade. Um exemplo é a reportagem *Quero um namorado!*, que antes de trazer quatro páginas de orientações sobre como agir para engatar um namoro, explica:

Se você está feliz e bem resolvida com sua solteirice, calma: nossa proposta, aqui, não é garantir que a vida de quem tem namorado é muito mais legal e convencê-la a arrumar um garoto para chamar de seu. Afinal, se você está de bem com a vida, não há problema a ser solucionado, certo? (Capricho, 11.mai. 2008, p. 92).

Entretanto, após ler dezenas de conselhos para conseguir um namorado e vários depoimentos de meninas contando as delícias de se ter um, deve ser difícil para a leitora achar convincentes as linhas no início da reportagem que dizem que solteirice não é problema. No final, a sensação é de que não basta a garota tirar boas notas na escola, ter um bom relacionamento

em casa, ser querida pela turma de amigos e escolher a profissão certa se ela não tiver ao seu lado o garoto dos sonhos para compartilhar tudo isso. Concluimos, portanto, que a trajetória de vida construída para as adolescentes, bem como a própria definição do que significa ser uma garota para as publicações, encontra-se firmemente atrelada à heterossexualidade e marcada pela necessidade de agradar ao garoto. Ou seja, aqui a heteronormatividade se alia, também, a manifestações de misoginia.

3.4 MENINAS E MENINOS: O CASAL HETEROSSEXUAL

Como vimos no eixo anterior, a trajetória de vida ideal construída para as garotas pelas revistas é marcada pela heterossexualidade, explícita nas perspectivas e desejos de conquistar o garoto e com ele construir uma relação. Destinados um ao outro, menina e menino unem-se na constituição do casal heterossexual, cada qual com seus próprios interesses, atribuições e expectativas. De acordo com Butler, a “heterossexualização do desejo requer e institui a produção de oposições discriminadas e assimétricas entre ‘feminino’ e ‘masculino’, em que estes são compreendidos como atributos expressivos de ‘macho’ e ‘fêmea’” (BUTLER: 2003, p. 38-39). Assim, a afirmação do casal heterossexual está diretamente ligada a esquemas binários que estabelecem dois pólos opostos: homem/mulher, masculino/ feminino, masculinidade/ feminilidade.

A noção binária de masculino/feminino constitui não só a estrutura exclusiva em que essa especificidade pode ser reconhecida, mas de todo modo a “especificidade” do feminino é mais uma vez totalmente descontextualizada, analítica e politicamente separada da constituição de classe, raça, etnia e outros eixos de relações de poder, os quais tanto constituem a “identidade” como tornam equívoca a noção singular de identidade (BUTLER: 2003, p.21).

Ao examinar os textos das revistas buscaremos compreender de que forma esses esquemas binários manifestam-se nas publicações e, ainda, como estas constroem as identidades de meninas e meninos. Analisar os papéis ocupados por cada um deles dentro desse contexto e compreender como o casal heterossexual é legitimado nas páginas das revistas são os propósitos desse eixo de investigação.

Em primeiro lugar, notamos que a constituição da identidade feminina passa invariavelmente pelos garotos. Ter um namorado parece ser uma espécie de sonho de consumo entre as leitoras; as revistas, por sua vez, fornecem muitas orientações para a menina que busca

encontrar um amor e ter um relacionamento estável com ele. São diversas reportagens que ensinam como agir para que a “ficada” vire namoro, explicam o que os garotos esperam de uma namorada e listam as vantagens de namorar:

Pense como é bom ter alguém [...] que entenda você só de olhar, sem que sejam necessárias muitas explicações. De sua parte, é bom saber que o garoto se sente à vontade e seguro para dividir sonhos, incertezas e inseguranças. Só por isso já vale a pena namorar (Atrevida, nº 166, 2008, p. 48).

Ao incitar a leitora a pensar em “como é bom ter alguém”, a revista não se refere a uma pessoa indeterminada e, sim, a um garoto que se revela logo nas linhas seguintes. É esse garoto que faz o namoro valer a pena, como dito ao final do trecho. Os benefícios citados pelas revistas em reportagens como essa parecem referir-se mais à presença masculina na vida da menina do que propriamente ao relacionamento. Até mesmo as vantagens de ser solteira estão ligadas aos garotos: “Você está livre para conhecer e se divertir com todos os meninos interessantes que pintarem” (Atrevida, nº 166, 2008, p. 48).

Concebida como desejável e mesmo necessária, a relação entre meninas e meninos é construída nas revistas por meio de comportamentos de gênero bem demarcados. No trecho abaixo, por exemplo, notamos no depoimento da garota entrevistada indícios da presença de somente dois gêneros nas revistas – o masculino e o feminino – concebidos de forma relacional a partir de uma noção singular de identidade.

A mulher não é melhor do que o homem. E o homem não é melhor do que a mulher. Os dois não são iguais. E nenhum domina o outro. Pode parecer confuso ou muito radical, mas é realidade. [...] Claro que o homem sempre teve destaque e oportunidade na história e na política. Porém isso não significa que o homem tenha dominado tudo ou que a mulher tenha sido menos importante. A verdade é que um sempre dependeu do outro. Para uma sociedade acontecer, é preciso que homens e mulheres atuem juntos. As pessoas deviam ser valorizadas por sua essência, não pelo cargo que ocupam ou pelo sexo que têm. O mundo não é para o domínio de alguns, mas de todos (Capricho, 11. mai. 2008, p. 22).

O trecho acima afirma a existência de dois sexos/gêneros diferentes e mutuamente dependentes. Para a garota, ainda que homens e mulheres não sejam iguais, eles estariam em um mesmo patamar, onde não há dominantes absolutos e nem dominados. Em sua argumentação, ela toca em pontos interessantes como o apelo à noção de uma essência

definidora do indivíduo (“as pessoas deveriam ser valorizadas por sua essência”) e a idéia, contestada por Butler (2003), de sexo enquanto um atributo o qual os indivíduos seriam portadores (“pelo sexo que têm”). Percebemos que todo o texto é guiado por uma concepção binária de gênero, na qual homens e mulheres ora se opõem, ora se equiparam.

Essa estabilidade do sexo binário, entretanto, é problematizada por autores como Guacira Louro (2001), para quem é preciso desconstruir os binarismos e pensar a questão em termos de uma multiplicidade de gêneros e de sexos. Ou seja, para compreender o lugar e as relações entre homens e mulheres em nossa sociedade é preciso observar não suas características sexuais, mas as construções sociais tecidas em torno delas: o modo como são pensadas, representadas, colocadas em discursos, valorizadas ou não é o que vai constituir o que significa ser menina/mulher ou menino/homem em uma sociedade. Por conta disso, as causas para as desigualdades precisariam ser entendidas, segundo a autora, não em termos de diferenças biológicas, mas nos arranjos sociais, na história e nas formas de representação (LOURO: 1997).

Essa concepção binária, marcada por dois gêneros oposicionais, está presente em outros trechos das revistas. Quando questionado por uma repórter de *Capricho* sobre o que gosta em uma garota, o menino responde: “Feminilidade, meiguice. Menina com jeito de menina” (*Capricho*, 27. abr. 2008, p.75). Já outro garoto, entrevistado para a seção *Qual é a dele*, de *Atrevida*, explica que para namorar uma garota é preciso que ela prove ter conteúdo: “Não pode estar comigo e ficar falando só de coisas fúteis, assunto de menininha” (*Atrevida*, nº 166, 2008, p. 32).

Nos dois casos os garotos remetem a características e interesses que seriam próprios ao universo feminino e ajudariam a defini-lo. Seja no primeiro exemplo, no qual há uma feminilidade desejável - menina tem que ter jeito de menina, ser meiga e feminina – ou no segundo, quando assuntos femininos são tratados com desdém – conversa de menininha não tem conteúdo – há a referência a atributos universais que caracterizariam as garotas. Daí decorre a existência de uma série de coisas aceitáveis e desejáveis no comportamento delas, que se encontram, em grande parte das vezes, ligadas a um rígido ideal de feminilidade.

Essa noção de feminilidade, que abarca uma série de normas e formas previstas de ser “verdadeiramente mulher”, é posta em discurso em muitos momentos nas revistas, seja por

intermédio dos repórteres ou das falas dos adolescentes. De acordo com Butler, entretanto, o “recurso a uma feminilidade original ou genuína é um ideal nostálgico e provinciano que rejeita a demanda contemporânea de formular uma abordagem do gênero como uma construção cultural complexa” (BUTLER: 2003, p. 65). Os modos de vestir-se, maquiar-se e comportar-se de uma adolescente podem aproximá-la ou não do ideal de feminilidade que agrada aos garotos. Na reportagem *Dicas para atrair sem ser vulgar*, os entrevistados ensinam:

Converse sem dizer muita gíria, sem elevar demais a voz. E procure falar sobre assuntos interessantes, claro. Fuja de temas sexuais com quem nem conhece direito. Queima o filme de uma menina quando ela chega fazendo piadinhas sobre sexo numa balada [...] Não seja atirada, mas não vale ser muito tímida e recatada, senão você fica apagada. O meio-termo é a chave. Entregue o que quer com um olhar, seja segura ao falar, ande de um jeito gracioso (sem rebolar muito!). Em suma, tenha auto-estima e não faça de tudo para chamar a atenção (Capricho, 11. mai. 2008, p. 88).

O formato utilizado na reportagem é comum nas duas revistas: meninos são entrevistados para dar dicas de comportamento para as leitoras e as falas publicadas sempre trazem um tom de crítica, controle e delimitação do que é certo ou errado para uma menina. Falar alto, rebolar e conversar sobre sexo parecem estar fora do domínio feminino por não constituírem comportamentos compatíveis com aqueles que se espera de uma garota. A feminilidade, por outro lado, exige graciosidade, discrição e certa timidez.

É interessante notar que, além de criar oportunidade para que as garotas tenham seu comportamento vigiado e criticado, a publicação não usa os depoimentos dos garotos para serem questionados ou contestados, mas para que as meninas aprendam a adaptar-se aos desejos deles. Em nenhum momento a revista problematiza os valores e ideais misóginos que vêm à tona nas falas dos entrevistados: por que não contestar a premissa de que meninas não devem dizer gírias ou fazer piadas sobre sexo? Na reportagem, entretanto, não há indícios de que esses valores são passíveis de críticas ou que podem (e mesmo deveriam) ser subvertidos.

Em outro texto, a *Capricho* adverte as leitoras sobre comportamentos que não combinam com uma garota: “Usar roupas curtas, beber muito e fazer piadinhas sexuais é o melhor jeito para chamar a atenção, certo? Errado. Eles costumam interpretar tanta alegria como vulgaridade” (Capricho, 11. mai. 2008, p.94). Aqui, é a própria repórter quem dita os comportamentos a serem evitados pelas leitoras, com base no que agrada ou não os meninos. Beber muito e fazer

piadas sobre sexo são citadas como atitudes inadequadas para as garotas, mas em contrapartida, são aceitáveis e mesmo estimuladas entre os meninos. Enquanto os depoimentos e atitudes deles não costumam ser passíveis de críticas, elas contam com uma cartilha rigorosa e conservadora a ser seguida.

A mesma reportagem alerta que a “galinhagem” não é um bom comportamento para as meninas que querem arranjar namorado: “Pode chiar, acusar a gente de machista, mas não adianta: de maneira geral, meninos até ficam, mas têm pânico de engatar uma relação com uma menina que consideram, digamos, extrovertidas demais”. E para comprovar a tese há a fala de um garoto explicando que “a fama da garota atrapalha. Preferimos quem é mais seletiva” (Capricho, 11. mai. 2008, p.94). Aqui o recado é bem direto: para arranjar um namorado, é bom se comportar como uma boa moça. A recomendação - que segundo a repórter não tem nada de machista - preza pela boa fama das leitoras, já que a “galinhagem” pode até ser aceita no caso dos meninos, mas é condenada para as garotas.

Enquanto a “galinhagem” não é considerada um comportamento adequado para as meninas, outras atitudes parecem suscitar dúvidas quanto a pertencerem ao campo de atuação masculino ou feminino. Em uma entrevista com os integrantes da banda de *emocore* NX Zero, a repórter pergunta como uma menina deve agir para pedir um garoto em namoro quando ele não toma a atitude. Entre as respostas, dois dos músicos afirmam que gostariam de ser “pedidos em namoro” por uma garota – “Acho da hora uma mina que toma atitude” – outros dois acham que é papel do homem fazer isso – “Acho que o homem é quem tem que pedir, nesse caso” (Atrevida, nº 166, 2008, p. 42).

O ato da conquista, tradicionalmente um papel atribuído aos homens, aos poucos começa a ser permitido para as meninas. Enquanto alguns garotos mostram-se aliviados em compartilhar a tarefa com elas, outros reivindicam o papel de conquistador e parecem assustados com o fato de as garotas estarem assumindo essa função. Em todo o caso, o conselho das revistas é que as leitoras tenham cautela para não assustar os meninos com muita ousadia. O tema é discutido na seção *Entre eles* por três garotos, com idades entre 17 e 19 anos, identificados por nome e foto:

Rafael: acho que é uma obrigação do cara ter atitude e chegar junto. Danilo: concordo. Sem dúvida, prefiro xavecar a menina. É bem melhor saber que

você conseguiu conquistar alguém do que ser conquistado. Renato: que papo de velho é esse? Eu gosto muito mais de ser xavecado! A menina tem que ter atitude e escolher em vez de ser escolhida. Danilo: mas isso ela pode fazer só com gestos e olhares, mostrando que está a fim do cara. Rafael: também acho, mesmo porque, se ela chegar no menino, não vai ser ousada, vai ser oferecida mesmo. Renato: discordo. Não acho que ela precise ficar só se insinuando. A garota pode, sim, se aproximar e dizer que está a fim. Danilo: não é bem assim. A primeira impressão é a que fica. Se ela for muito direta, por mais que vocês conversem depois, sempre vai existir a dúvida se ela não chega em todos os caras (Capricho, 16. mar. 2008, p. 81).

Na conversa, Renato é minoria ao defender que as meninas não precisam limitar-se a distribuir olhares e sorrisos enquanto esperam a iniciativa deles. Os outros entrevistados concordam que a conquista é uma obrigação masculina e o papel das garotas é tentar atraí-los com gestos e olhares insinuantes, porém discretos, para não parecerem oferecidas. Aparentemente, ousadia e atitude não combinam com o comportamento que se espera das garotas. A fala de Renato ao final do texto, contudo, traz alento para quem não acha nada emocionante esperar impassível os galanteios masculinos: “É puro machismo julgar a garota! Se nós podemos, elas também têm todo o direito de ir atrás do que querem” (Capricho, 16. mar. 2008, p. 81).

Se tomar a iniciativa é temerário, paquerar vários garotos é aceitável desde que a garota não seja comprometida. Beijar ou “ficar” com mais de um numa mesma noite, contudo, deve ser evitado. Para elas, preza-se o envolvimento afetivo com um garoto de cada vez. Beijijos, “ficadas” e namoros devem vir, preferencialmente, acompanhados por algum tipo de sentimento pelo menino. Quando o assunto é sexo, a exigência de um envolvimento amoroso com o parceiro é maior ainda. No universo feminino, amor e sexo surgem sempre associados de forma direta. Isso pode ser percebido na seção *Sexo*, de *Capricho*, onde adolescentes, identificadas por apelidos, discutem se transar é uma prova de amor:

Gambita diz: o meu namorado sempre quis transar e nunca falou nada disso. No dia em que me senti pronta e vi q ele não me queria só pra transar, eu fui. Por isso, eu acho que é prova de amor sim. Gabie diz: vc acha?? Gambita diz: quando vc se sente preparada para transar com o cara, é pq ama ele (Capricho, 16 mar. 2008, p. 78).

Aqui verificamos uma ligação direta entre amor e sexo no pensamento das adolescentes. A garota acredita que sentir-se preparada para o ato sexual é sinal de que há amor na relação, como se para transar com o garoto fosse preciso, necessariamente, amá-lo. As publicações

contribuem para reiterar essa associação na medida em que estimulam as garotas a só transarem se estiverem afetivamente envolvidas com o parceiro, o que não inclui interesse, desejo ou paixão, mas sim o amor. O amor romântico, descrito como “aquele que torna a vida mais colorida” ou “deixa a cabeça no mundo da lua”, está presente no universo feminino construído pelas revistas como uma vivência desejável e um sentimento típico das mulheres.

Se no caso das meninas o amor romântico é considerado um sentimento “natural”, entre os garotos é motivo de dúvidas e desconfianças: será que eles também amam? Na seção *Ficadas e rolos* a repórter escreve: “Meninas reclamam que os garotos não são capazes de falar: Eu te amo. Mas eles falam. Não com as palavras, com ações. E isso acontece não só com o seu namorado, pode acreditar. O motivo é simples: homens acham que ações valem mais que palavras” (Atrevida, nº 167, 2008, p.19).

No texto, as leitoras queixam-se que os meninos, diferente delas, não costumam expressar seus sentimentos, o que causa dúvidas quanto ao que eles verdadeiramente sentem. De acordo com a revista, homens não costumam falar sobre seus sentimentos - este seria um hábito das mulheres – mas demonstram seu amor de outras formas. Ou seja, às mulheres caberiam as palavras e aos homens a ação. A explicação para tal diferença comportamental é dada logo em seguida:

Desde os tempos das cavernas, os homens aprenderam a calar sobre suas dores físicas e sentimentos porque, se abrissem o bico, a caça fugia ou avançava. Por isso, descobriram que, em vez de ficar falando, era melhor levar um mamute pra casa. Então, para os homens a melhor maneira de demonstrar amor é cuidando de quem gosta. Hoje, os mais românticos dão flores, fazem declarações. Mas a maioria ainda prefere passar frio e emprestar sua blusa à namorada. Não há nada de errado com uma ou outra maneira de ser. Elas são apenas diferentes (Atrevida, nº 167, 2008, p.19).

A revista faz uma referência, no mínimo, curiosa aos “tempos das cavernas” para tentar esclarecer às leitoras o porquê da dificuldade masculina em falar sobre seus sentimentos. Os homens, machos, não teriam habilidade com as palavras desde a época em que saíam para caçar, já que seu papel era o de garantir o alimento, enquanto a preocupação com sentimentalismos ficava a cargo das mulheres. Por isso, atualmente, os homens preferem demonstrar seu amor com atos muito “másculos”, como passar frio para emprestar a camisa à amada.

A diferenciação entre símbolos de masculinidade e feminilidade é evidente nas duas revistas. Assim como o amor romântico é “coisa de menina”, futebol é esporte de macho. A reportagem *Gooooool!!!*, por exemplo, usa termos futebolísticos para ensinar as leitoras como vencer uma disputa por um pretendente: “Tá na maior disputa pelo coração do gato? Aí vão algumas dicas para despistar a marcação, roubar a bola e marcar aquele golaço” (Atrevida, nº 162, 2008, p. 48). O texto segue utilizando expressões próprias do futebol, esporte tradicionalmente considerado masculino, como firula, impedimento, catimba, finta, retranca e gol contra. Para cada termo há uma explicação didática e, ao fim, um “dicionário futebolístico” reúne os principais verbetes. Ou seja, como as meninas não estariam familiarizadas com o mundo tipicamente masculino do futebol, é preciso um dicionário para esclarecer os termos, jogadas e técnicas do esporte citados na reportagem.

Na seção *V.i.p Colírio*, em que a cada edição um modelo, ator ou cantor admirado por sua beleza responde uma ficha com o próprio punho, há duas perguntas que merecem destaque: O que não pode faltar em uma mulher e o que ele faria ou seria se fosse mulher. As respostas revelam alguns símbolos e idéias comumente relacionados ao feminino e à feminilidade: o ator Guilherme Gorsky responde que se fosse mulher “gostaria de ser mãe” (Capricho, 16 mar. 2008, p. 15) e André Rebusini, também ator, diz que “daria à luz” (Capricho, 20. jul. 2008, p.16). Enquanto os dois atores fazem referência à maternidade enquanto símbolo feminino, o vocalista da banda Catch Side, Kaká, parece querer reafirmar a sua heterossexualidade ao responder que “se fosse mulher seria lésbica” (Capricho, 31. ago. 2008, p.11).

Se por um lado as garotas são associadas ao amor romântico, meiguice, feminilidade e maternidade, por outro lado os garotos também contam com uma série de atributos e valores que pertenceriam, originalmente, ao domínio masculino. As publicações, por sua vez, não parecem preocupadas em promover a reapropriação ou o deslocamento subversivo destes. Nas páginas das revistas, notamos um padrão de comportamento claramente identificável a ser seguido pelos garotos. Em *As nossas maiores dúvidas sobre os meninos*, a revista questiona o porquê de uma série de atitudes consideradas estritamente masculinas. A lista inclui dúvidas sobre:

Por que...eles não ligam quando prometem? Nunca dizem que nos amam?
Têm medo de pensar em compromisso sério? Detestam falar sobre o que

sentem? Nos adoram, mas não deixam de olhar uma menina bonita? Curtem ficar com várias meninas ao mesmo tempo? Deliram com futebol? (Atrevida, nº 166, 2008, p. 17).

Após enumerar comportamentos supostamente masculinos, a repórter encerra a lista com um pedido, feito em caixa alta: “Se você souber as respostas, envie pra gente! As garotas da redação agradecem” (Atrevida, nº 166, 2008, p. 17). A afirmação de que nem mesmo a revista e suas repórteres entendem completamente o que se passa na cabeça dos garotos - ainda que seja possível elencar uma série de comportamentos atribuídos genuinamente a eles – pode ser analisada como uma estratégia para criar laços de intimidade entre a revista e as leitoras, aproximando-as pelo fato em comum de não conseguirem entender o universo masculino.

Com construções como essa, as revistas fixam dois universos – o feminino e o masculino – enquanto pólos diferentes, porém dependentes. O grande desafio, assim, seria tentar entender como funciona o universo do outro. A reportagem *Preciso falar!* ensina como escolher o ombro certo para desabafar e, entre as vantagens de escolher o namorado para conversar, estaria o jeito diferente que os meninos têm de olhar o mundo: “Aproveite a intimidade que vocês têm e abuse do olhar masculino dele. Vale falar de problemas com amigas, de autoestima e até de família. Tenha certeza de que receberá uma resposta sob um ponto de vista totalmente inusitado” (Capricho, 8. jun. 2008, p.100).

O “olhar masculino diferenciado” se manifesta na maneira de lidar com a questão da traição. Na introdução da reportagem *Por que eles traem?*, a repórter diz: “Que os homens são mais infiéis do que as mulheres, todo mundo sabe! Há até quem acredite que não existe um fiel sequer. Os meninos explicam porque esse lance de infidelidade rola tanto com eles” (Atrevida, nº 170, 2008, p.60). Ao longo da reportagem, quatro garotos identificados pelo primeiro nome e foto discutem a questão. Um deles explica: “homem trai por instinto. Mesmo que ele goste da namorada, se já está com ela há um bom tempo, acaba sentindo vontade de mudar um pouco para conhecer coisas diferentes. Mas essa outra pessoa pode não significar nada para ele” (Atrevida, nº 170, 2008, p.60).

Vista com naturalidade, a traição masculina é atribuída a um instinto incontrolável que, arriscaríamos dizer, faz da poligamia o destino inevitável dos homens. Condescendente com a traição masculina, a reportagem não apenas reitera acriticamente a idéia de que os homens traem mais do que as mulheres, como também busca justificativas para explicar o fato. Além

disso, nenhuma passagem do texto contesta a naturalidade com que o tema é tratado e nem problematiza os argumentos que explicam a traição.

Enquanto em diversos momentos as meninas têm seu comportamento balizado e julgado pelos garotos entrevistados, estes saem “ílesos” da reportagem: as garotas não têm a oportunidade de comentar o assunto, expor seus pontos de vistas ou criticar o posicionamento deles. Nesse sentido, a forma como a revista publica os depoimentos dos garotos sugere que somente a opinião deles é relevante, restando à leitora adequar-se ao pensamento dos meninos sobre o que caberia ao universo feminino ou não. Se, por um lado, a traição é certamente aceitável entre os garotos, o mesmo não se pode afirmar do choro. O assunto vem à tona na seção *Entre eles*, na qual três garotos contam como lidam com o fim de um namoro:

Rodrigo: Quando terminei meu namoro de 3 meses, nem sofri nada. No dia seguinte, já estava na balada procurando outras meninas. Mas, se eu terminar meu atual namoro, que tem 3 anos, vou sofrer demais. Já cheguei a chorar de saudade dela. Julio: acho inadmissível chorar por mulher. É uma coisa que eu não faria jamais. Eu sou do tipo que sofre quando termina, mas sem chorar. Bruno: e como é esse sofrimento? Julio: sinto uma angústia bem grande e não tenho vontade de sair de casa (Capricho, 27. abr. 2008, p.72).

Rodrigo, que namora há três anos, afirma já ter chorado pela namorada, confissão que parece deixar Julio inconformado. Para ele, é inaceitável um homem chorar, principalmente por uma mulher. Sofrimento e angústia são até tolerados, mas chorar jamais. O ato de chorar é visto entre os homens como sinal de fraqueza ou ainda um risco à sua masculinidade. Na continuação do bate-papo vemos que chorar, fazer drama e lamentar são consideradas atitudes tipicamente femininas. As mulheres sim, essas choram, se descabelam e se enchem de chocolate quando o relacionamento chega ao fim:

Bruno: acho que, independentemente de quem termina, os dois sofrem. Julio: a diferença está em como as pessoas enfrentam esse sofrimento. Rodrigo: geralmente, as meninas são mais dramáticas, ligam para as amigas e passam horas se lamentando. Bruno: isso não rola com a gente. Até podemos pedir a opinião de algum amigo mais próximo, mas nada mais do que isso. Julio: meninos também sofrem, mas sem tanto drama ou comilança de chocolate (Capricho, 27. abr. 2008, p.72).

As generalizações na demarcação do comportamento masculino também estão presentes na reportagem *Ele é de lua*, que reúne quatro situações relatadas por leitoras sobre as mudanças de comportamento dos garotos e dá dicas de como lidar com elas: “Não que a gente tenha

descolado soluções mágicas para salvar sua pele de um garoto que muda de humor como quem muda de roupa (e olha que a maioria deles tem essa péssima mania!). Na verdade, não existem fórmulas para esses e outros perrengues” (Atrevida, nº 164, 2008, p. 57).

Garotos, dos 8 aos 80, costumam agir exatamente assim [...] se for só pra ficar e dar uns amassos numa menina na frente da turma, eles não pensam duas vezes. Porém, se o rolo estiver caminhando para um namoro, digamos assim, daí complica. Isso porque os meninos, em geral, são criados para acreditar que demonstrações de interesse sexual (como bancar o mão-boba) são coisas de macho. Já colocar pra fora os sentimentos (leia-se amor) é coisa de mulher. Agora que você já sabe dessas diferenças entre os sexos, será que vale a pena continuar sofrendo por essas pequenas indelicadezas? (Atrevida, nº 164, 2008, p. 57).

Ao referir-se ao fato do menino tornar-se frio e distante quando está na frente dos amigos, mesmo quando é carinhoso a sós, a repórter pergunta às leitoras se vale a pena sofrer por esse tipo de comportamento, considerando que os homens, independente da idade, agem da mesma forma diante das garotas. A dica, portanto, é relevar a atitude dele porque esse é um comportamento “normal” entre os meninos. Mais uma vez a revista orienta a leitora a adaptar-se ao comportamento e atitudes misóginos dos garotos, sem enfrentá-los ou contestá-los. Ao recomendar a passividade diante dessas situações, a revista compactua com a misoginia e oferece ferramentas para as meninas se adequarem a ela. Outro trecho da mesma reportagem reitera a distinção de comportamentos por sexo:

Parece óbvio dizer que homens e mulheres pensam e agem diferentes na maioria das situações, mas nem sempre nos lembramos disso. [...] Na frente da turma, o cara precisa mostrar que quem canta de galo é ele. No departamento masculino, é comum confundir afirmação de masculinidade com grosseria (Atrevida, nº 164, 2008, p. 58).

O trecho não apenas reitera a demarcação de comportamentos por sexo/gênero, como justifica atitudes potencialmente misóginas dos garotos por meio da diferenciação entre os papéis de gênero feminino e masculino determinados socialmente. Se no âmbito masculino a afirmação da identidade se confunde com a falta de bons modos, qual seria então o conselho para as leitoras nas situações em que o menino age com grosseria na frente da galera? Nada de discussões ou cobranças. A receita é diálogo e paciência, que podem ser traduzidos por passividade. Muita passividade:

Converse com ele a respeito do assunto, mas sem fazer cobranças ou ameaças. Conte apenas como se sente e escute com atenção o que ele tem a

dizer. O mais importante é deixar bem claro que não está mais a fim de ser humilhada, por maior que seja se amor por ele (Atrevida, nº 164, 2008, p. 58).

O conselho - que parece ter sido retirado de um exemplar de alguma revista voltada para o público feminino do século passado - diz às leitoras para não contestarem ou reagirem com firmeza contra a misoginia de seus parceiros. Ao recomendar às meninas a passividade diante da grosseria e do desrespeito, a reportagem naturaliza esse tipo de comportamento como algo tipicamente masculino, compactuando com as normas que reiteram a submissão feminina em nossa sociedade. E mais: a revista perde a oportunidade de questionar e contrapor esse tipo de atitude, bem como de encorajar suas leitoras a subverterem as normas que sobre elas incidem.

Por outro lado, para provar que masculinidade e romantismo também podem andar de mãos dadas, a reportagem *Surpresas de amor* apresenta relatos de leitoras que contam como foram surpreendidas por atos românticos de seus namorados ou “ficantes”: “Quem disse que os garotos só sabem ser durões? Nossas leitoras contam as surpresas fofas que seus namorados prepararam. Pra suspirar...e inspirar seu amorzinho!” (Capricho, 27. abr. 2008, p.87). A mensagem aqui, portanto, é de que nem só de indelicadezas sobrevive o repertório masculino.

A diferenciação de comportamentos por sexo aparece novamente na seção *Qual é a dele*, que pergunta “Por que eles vão ao banheiro sozinhos”? (ANEXO H). Segundo a opinião dos entrevistados, o banheiro é, para as meninas, uma oportunidade para fofocar; como elas adoram um mexerico vão em grupo para não perderem a oportunidade de falar da vida alheia. Já para os garotos, que prezariam pela praticidade e não curtiriam bisbilhotices, o banheiro seria apenas um lugar para “tirar água do joelho” (expressão utilizada pelos próprios entrevistados):

Vamos fazer somente as necessidades e, pra isso, não precisamos que ninguém nos acompanhe. Diferente das meninas, que usam o banheiro como desculpa pra ir fofocar [...] Percebo que há um clima bem sério, tipicamente machista, nos banheiros masculinos. Chega a ser engraçado, pois é exatamente o contrário do que imagino nos femininos. Acho que elas ficam um bom tempo conferindo o cabelo, a maquiagem, a roupa e fofocando, é lógico (Atrevida, nº 171, 2008, p. 62).

Aqui fica claro mais uma vez que os comportamentos de meninas e meninos são marcadamente diferentes e essa diferença é evidenciada constantemente pela revista. Para Butler, é a prática repetida de nomear a diferença sexual a responsável por criar essa

aparência de divisão natural: A “nomeação” do sexo é um ato de dominação e coerção, um ato *performativo* institucionalizado que cria e legisla a realidade social pela exigência de uma construção discursiva/perceptiva dos corpos, segundo os princípios da diferença sexual” (BUTLER: 2003, p. 168).

Nessa perspectiva, a diferenciação de comportamentos por sexo/gênero que aparece nas revistas como algo “natural” e inevitável é, na verdade, fruto da reiteração de práticas de nomeação e coerção. Essa divisão não surge nas publicações como algo a ser contestado ou combatido, mas como um fato irremediável com o qual as leitoras precisam aprender a lidar. Contrariando a perspectiva de identidades cada vez mais fragmentadas, fraturadas e multiplamente constituídas (HALL: 2007), as revistas constroem meninas e meninos por meio de posições rigidamente demarcadas e opostas, das quais decorrem a constituição do casal heterossexual e a manutenção da misoginia nas páginas de *Atrevida* e *Capricho*.

Reportagens, fotos, ilustrações e depoimentos presentes nas revistas remetem explícita ou implicitamente a casais heterossexuais. A própria definição do termo “casal” nas publicações implica a união entre um garoto e uma garota. Seja nos conselhos para paquerar - “Dez meninos dão todas as dicas para você acelerar a paquera nas férias e descolar aquele gato” (*Atrevida*, nº 161, 2008, p.34) – ou nas dicas de conquista - “Você já teve vontade de conversar com aquele gatinho que joga no time de basquete da escola, mas achou que na hora H não teria assunto? Com alguns truques simples é possível partir para a conquista mesmo sem ser da turma do garoto” (*Atrevida*, nº 171, 2008, p. 122) – a dobradinha menina/menino reina absoluta nas páginas das revistas.

Na reportagem intitulada *Minha segunda vez*, por exemplo, todos os depoimentos são de casais heterossexuais e a virgindade feminina aparece estritamente ligada ao ato sexual envolvendo o garoto e seu pênis: “Minha primeira vez rolou e foi horrível! Eu sofri muito com a dor e ainda sangrou um pouco. Fui embora me sentindo muito estranha. Não sabia o que fazer já que o cara não era meu namorado” (*Capricho*, 27 abr. 2008, p.81).

Na edição especial de Dia dos Namorados, a *Capricho* traz uma reportagem intitulada *Amores possíveis* sobre histórias que provam que “mesmo quando o mundo parece torcer contra, o amor, quando existe, dá um jeito de acontecer” (*Capricho*, 8. jun. 2008, p. 94). Essa seria uma boa oportunidade para retratar o relacionamento entre meninas, mas as histórias giram em

torno de namoros à distância, de pessoas com idades bem diferentes e de religiões distintas. Em todos os casos, somente casais heterossexuais. A pergunta que fica no ar é se o amor entre duas meninas não estaria entre os amores considerados possíveis pela revista *Capricho*.

Com o ideal de relação heterossexual devidamente estabelecido e reiterado pelas publicações, sobram poucos espaços para abordar os relacionamentos que acusam desvios do padrão heteronormativo. Em um deles a regulamentação do casamento civil entre pessoas do mesmo “sexo biológico” é discutido na seção *Tribunal Atrevida*. Como de costume, duas garotas defendem opiniões divergentes:

Contra: Não tenho preconceito nem nada do tipo, só acho que Deus criou o homem e a mulher para viverem juntos. Amo os homossexuais, mas condeno. É uma atitude contrária à natureza e à vontade de Deus. O homem tem seu papel e a mulher, o dela. A regra é homem e mulher, tudo o que for dito e feito ao contrário não está de acordo com a natureza. União até pode ser, mas casamento, com papel passado e tudo, não. Acho que as pessoas ainda não estão preparadas (*Atrevida*, nº 164, 2008, p.72).

A favor: É um direito dos gays serem felizes como qualquer outro par. Preconceitos sempre vão existir. Mas não estamos mais na Idade Média, quando isso era um crime. Estamos no século XXI e devemos perceber que homossexuais são pessoas normais, que têm amor, amizade e carinho pelo parceiro ou parceira e não prejudicam ninguém. As pessoas deveriam se colocar nessa situação. Tenho muita admiração por pessoas que assumem o que são (*Atrevida*, nº 164, 2008, p.72).

Entre os principais pontos levantados por quem se declara contra o casamento entre homossexuais está a legitimação do modelo heterossexual com base na natureza e nos aspectos biológicos (“é uma atitude contrária à natureza”) e, ainda, o apelo ao discurso religioso (“e à vontade de Deus) para justificar o casal heterossexual como o único correto. Há também traços marcantes das inúmeras normas regulatórias sociais as quais estamos submetidos (“a regra é homem e mulher”) e da demarcação de papéis de gênero bem definidos (“o homem tem seu papel e a mulher o dela”).

Na argumentação da garota que fala a favor do casamento homossexual, notamos uma tentativa de normalização ou enquadramento dos homossexuais às normas (“homossexuais são pessoas normais”), um certo conformismo com a situação de discriminação e homofobia vivida por eles (“preconceitos sempre vão existir”) e ainda um apelo à noção de identidade enquanto essência (“pessoas que assumem o que são”). Os dois depoimentos fazem

referência, ainda que de formas distintas, aos direitos e deveres, sanções e privilégios acarretados pela normatização (aos homossexuais seria permitido a união, mas não o casamento ou, por outro lado, este seria “um direito dos gays”). Por fim, notamos algumas das conseqüências sofridas por aqueles que transgridem a norma, comportando-se fora dos padrões estritos de masculinidade e feminilidade ligados à união heterossexual (o preconceito e a necessidade de lutar para ter seus direitos reconhecidos).

Sobre as possibilidades de resistência a essa normatização que marca a construção das identidades sexuais e de gênero, Preciado (2008) propõe uma alternativa às tradicionais formas de fazer política baseadas em binarismos e identidades cristalizadas. Segundo a autora, para enfrentar as questões apresentadas no exemplo acima – homofobia e luta pelo reconhecimento de direitos, por exemplo – é preciso colocar em prática uma série de experiências, saberes e atos performativos que possam promover a re-significação das normas e a produção de novas subjetividades. Essa seria uma alternativa para contestar e subverter a naturalização da heterossexualidade como norma e da homossexualidade como desvio desta.

Com o casal heterossexual consolidado como modelo aceitável e desejável de relacionamento, os mecanismos de produção da heterossexualidade enquanto norma permanecem ocultos, vindo à tona somente nos espaços em que a sexualidade considerada desviante ganha visibilidade. Aí sim, em momentos como esse, os argumentos que sustentam e legitimam as normas podem ser notados e a leitora adolescente pode até mesmo questionar porque os garotos parecem fazer parte, necessariamente, de sua existência.

Norma, desvio e risco de tornar-se desviante – noções correntes quando se trata de discutir sexualidade e gênero – são fortemente marcadas por relações de poder que envolvem, basicamente, sistemas de classificação e formas de inserção social, envolvem processos discursivos, simbólicos e sociais, os quais nomeiam, descrevem, classificam e/ou hierarquizam práticas e sujeitos. Envolvem, portanto, os meios pelos quais damos sentidos a tais práticas e sujeitos sociais, definindo, por exemplo, quem é normal e quem é desviante [...] homem ou mulher e, concomitantemente, os modos pelos quais cada uma destas situações é, ou pode ser, vivida nas relações sociais (SOARES; MEYER: 2003, p. 138).

Dessa forma, ainda que a heterossexualidade, bem como a demarcação de comportamentos a partir da diferença sexual, sejam construídos como fatos imutáveis e inevitáveis em grande parte das edições analisadas, não podemos perder de vista que a aparente naturalidade dessas

construções oculta e dissimula um processo incessante de reiteração de normas regulatórias sexuais por meio das quais as meninas se constituem e são constituídas.

3.5 IDEAIS DE CORPO, APARÊNCIA E VESTUÁRIO

Como vimos anteriormente, as revistas femininas voltadas para adolescentes participam da construção dos conceitos de feminilidade e masculinidade entre as suas leitoras, estimulando-as a constituir suas identidades de formas específicas, a partir de generalizações quanto ao que é conveniente em termos de comportamento, aparência, vestuário, atitude diante dos garotos, entre outras prescrições. Segundo Freire Filho, as revistas

quinzenal ou mensalmente, proporcionam versões da feminilidade e modelos de auto-estima e empoderamento a partir dos quais as leitoras podem construir o que significa ser – neste exato momento – uma jovem “popular”, “cool”, “fashion”, “moderna”, “bela” e, por mais paradoxal que possa parecer, “diferente”, “autêntica” (FREIRE FILHO: 2006, p.4).

Nesse eixo da análise observaremos os ideais de comportamento construídos pelas revistas no que diz respeito ao corpo, aparência e vestuário, buscando compreender quais as prescrições feitas pelas publicações e como estas incidem nas construções acerca do gênero feminino entre suas leitoras, considerando que o efeito do gênero se produz “pela estilização do corpo e deve ser entendido, conseqüentemente, como a forma corriqueira pela qual os gestos, movimentos e estilos corporais de vários tipos constituem a ilusão de um eu permanente marcado pelo gênero” (BUTLER: 2003, p. 200).

As adolescentes encontram nas revistas um grande número de descrições textuais, muitas vezes acompanhadas de recursos imagéticos, sobre como ficar mais bonita, vestir-se bem, estar na moda e cuidar do corpo. São conselhos, dicas e truques, alguns deles compartilhados como segredos, que visam não apenas o bem-estar e a auto-estima das leitoras, mas também a preparação para o momento da conquista. Ou seja, estar bonita e comportar-se de certa forma podem significar uma posição privilegiada na disputa com outras meninas pelo coração dos garotos.

Os textos de *Atrevida* e *Capricho* seguem a linha de guia ou manual, fornecendo receitas e dicas sobre como agir para cuidar da própria aparência - “Dez mandamentos para uma pele perfeita” (Capricho, 11. mai. 2008, p.72) – para ser popular na turma - “Não economize

sorrisos [...] Nada de fazer joguinhos tentando parecer quem não é [...] Não exagere ao falar de você” (Atrevida, nº 163, 2008, p. 15) – ou ainda para conquistar algo e, principalmente, alguém - “A garota precisa ser autêntica, tem que ganhar o menino no papo, falar coisas inteligentes e engraçadas” (Atrevida, nº 162, 2008, p. 39).

O caráter normativo pode ser notado na linguagem imperativa utilizada pelas revistas ao dirigir-se a suas leitoras: “Mãos lindas são o tem-que-ter de qualquer verão. Então, depois de uma boa hidratação e de uma passada na manicure, abuse dos tons metalizados e pinks” (Atrevida, nº 161, 2008, p. 91). É possível perceber que a revista não assume uma postura dialógica. O que está escrito em suas páginas deve ser seguido à risca: “Duas peças que não podem faltar no seu guarda-roupa de inverno: a meia colorida e com textura e a *ankle boot*” (Atrevida, nº 163, 2008, p.68).

Por meio de reportagens, seções, colunas e testes, as publicações orientam as leitoras sobre os cuidados necessários para conquistar um visual bonito e que agrade aos garotos. São dicas de maquiagem, moda, alimentação, cuidados com cabelo e pele cercadas de modos de fazer, tutoriais e truques infalíveis. Na reportagem *Beleza: modo de usar*, a repórter recorre à consultoria de maquiadores, esteticistas e cabeleireiros para elaborar dicas sobre produtos de maquiagem (pincéis, corretivos, delineadores), escovas de cabelo, pinças e cremes para deixar as leitoras mais bonitas: “Alguns acessórios e produtos de beleza mais parecem um bicho-de-sete-cabeças. Pois a gente resolveu ensinar, só pra ver você ficar ainda mais linda” (Atrevida, nº 171, 2008, p.77). Na seção *Make it*, de *Atrevida*, é possível encontrar uma profusão de orientações sobre como cuidar da aparência:

Aprenda a fazer uma maquiagem linda em apenas cinco minutos! [...] Você sabe que cores combinam com o tom da sua pele? [...] O brilho não vai estar muito em alta. O ideal é usar batons com textura cremosa e transparente, de preferência cor de boca. [...] Quer saber quais são as tendências de cortes e cores para a temporada outono/inverno? (Atrevida, nº 163, 2008, p.62-63).

A maquiagem está entre os assuntos que as leitoras das revistas precisam dominar, afinal “blush, sombra, gloss e máscara para cílios são essenciais” (Atrevida, nº 166, 2008, p. 72). Quando usados com destreza, os cosméticos podem ajudar a garota a ficar sexy - “Se quer parecer mais sexy, carregue na make nos olhos” (Capricho, 11. mai. 2008, p. 53) – e até mesmo a parecer mais velha - “É infalível. Escureça os lábios e ninguém dirá que você tem menos que 18” (Capricho, 11. mai. 2008, p. 51). A boca merece toda uma atenção especial

por parte das publicações e são muitos os textos que ensinam como fazer dela uma poderosa arma de sedução:

Aprenda alguns truques pra deixar a sua boca perfeita: Passe um batom claro e cintilante e evite tons muito escuros, como vinho ou marrom profundo. Para boca grande: Abuse de batons de cores escuras e dispense o brilho, o gloss e o lápis. Para boca fina: Com um lápis de boca, contorne os lábios bem acima do risco natural. Passe o batom na mesma tonalidade. De preferência, use cores claras e cintilantes. No centro dos lábios, aplique gloss clarinho (Atrevida, nº 161, 2008, p. 68).

Ao ensinar diferentes dicas para cada tipo de boca, a revista mostra como os produtos de maquiagem podem ser bons aliados das leitoras para corrigir pequenas imperfeições e realçar seus pontos fortes. Na medida em que os lábios grandes precisam ser disfarçados e os lábios finos podem parecer maiores, notamos a existência de um tamanho ou formato de boca que seria o ideal. Nos textos sobre maquiagem sempre há um padrão a ser seguido, seja o tamanho da boca, o desenho das sobrancelhas ou a luminosidade da pele. Esse padrão costuma ignorar a diversidade de cores, peles, contornos e formatos presente entre as leitoras.

Em geral, as dicas de maquiagem das seções voltadas para esse fim não são direcionadas, por exemplo, para meninas negras, com traços indígenas ou orientais. Em reportagens especiais, contudo, é possível notar um esforço para dar conta dessa diversidade característica das meninas brasileiras, como no trecho: “Se você é oriental ou tem uma amiga mestiça que vive brigando com o espelho na hora de maquiar os olhos anote as dicas da maquiadora e esteticista do salão Red Door, Márcia Brito” (Atrevida, nº 167, 2008, p.74). Interessante observar aqui que a menina “mestiça” é citada como amiga e não propriamente a leitora da revista.

Quando o assunto é cabelo os padrões mais rígidos saem de cena para dar lugar ao conceito de “cuidado”. A maior preocupação das revistas, nesse caso, não é mostrar qual o tipo de cabelo ideal, mas ensinar as meninas a terem madeixas bem tratadas, independente do estilo – liso, crespo, ruivo, encaracolado, afro, loiro etc. No editorial da edição de abril da revista *Capricho*, ao comentar uma reportagem que ensina como alisar os cabelos, a editora se apressa em explicar:

Não poderia deixar de falar da matéria que a Manu Aquino, nossa editora de beleza, preparou pra você: um guia para ter o liso mais incrível da sua vida

[...] Aí, você vem dizer: quer dizer que só o cabelo liso é bonito? Nada disso! Na *CAPRICHÔ*, a gente acredita muito em beleza de todo tipo. E isso vale para a gente também. Ninguém, aqui, corre atrás de estereótipos (Capricho, 27. abr. 2008, p.6).

De fato, as seções e reportagens que abordam o tema indicam os cuidados, produtos e penteados ideais para diversos tipos de cabelos, de forma a atender o maior número de leitoras possível, visto que este parece ser prioridade entre elas quando o assunto é a preocupação com o visual. Uma pesquisa divulgada pela *Atrevida* indica que 95% das garotas brasileiras acreditam que o cabelo é fundamental para a aparência de uma pessoa e 87% afirmaram sentir-se mais confiantes e abertas a oportunidades quando acham que o cabelo está mais bonito (Atrevida, nº 166, 2008, p. 73).

Se as revistas buscam a diversidade para falar dos cabelos das meninas, no caso do vestuário é o conceito de “moda” que dá a tônica aos textos. Em *Atrevida*, as leitoras são bombardeadas, a cada edição, com notícias sobre as últimas tendências: “Aproveite o que resta do verão para desfilar por aí com um look colorido, que mistura estampas e grafismos” (Atrevida, nº 162, 2008, p. 72); “No verão, os tons de rosa são o tudo de bom! Se você quiser ousar um pouquinho, que tal um vermelho meio transparente? Experimenta, vai!” (Atrevida, nº 161, 2008, p. 89); “Grafismos, listras e xadrez são tudo de bom nesse inverno. Por isso, aprenda a combinar essas tendências” (Atrevida, nº 167, 2008, p.84).

Já em *Capricho*, as informações sobre tendências são acompanhadas por uma preocupação em parecer feminina: “Laços deixam qualquer roupa mais feminina. Confira maneiras legais de usá-lo” (Capricho, 27. abr. 2008, p.52); “Superfemininos, os vestidos com a cintura bem marcada são os preferidos” (Capricho, 7. dez. 2008, p. 66); “Presilhas e tiaras de flores deixarão você ainda mais feminina” (Capricho, 21. dez. 2008, p. 59). Além de se preocuparem com a feminilidade das roupas, as leitoras devem estar atentas ao lançar mão da sensualidade: “Cuidado com decote em excesso. Lembre-se que a linha entre o sensual e o vulgar é superfininha” (Capricho, 27. abr.2008, p.53).

Mas não apenas de tendências vivem as reportagens sobre vestuário. Encontramos entre elas orientações sobre como adequar a moda à personalidade ou características físicas das adolescentes. A reportagem *A roupa certa para o seu corpo* apresenta oito páginas repleta de fotos com dicas sobre como as garotas devem vestir-se a partir de suas características físicas:

se a perna é fina, “sandálias com tiras no tornozelo valorizam seu tipo; se é baixinha, “ganhe alguns centímetros com peças curtíssimas”; para quadris largos, “peças evasê acompanham a forma do corpo”; e, se o problema for muito peito, “invista em um bom sutiã e decotes na medida certa” (Capricho, 28. set. 2008, p.77-80).

Em um editorial especial de moda tendo como tema vestidos para serem usados em formatura, a *Atrevida* elenca seis estilos diferentes de garotas e a roupa adequada para um deles: *glam*, clássica, romântica, rock, *fashion* e retrô. O texto sugere, nas entrelinhas, que qualquer leitora pode reconhecer-se e ser encaixada em um desses estilos e, ainda, que para cada um deles há um jeito correto de vestir. “Quer ficar com um *look* show na sua balada de formatura? Confira as nossas sugestões pra todos os estilos” (Atrevida, nº 171, 2008, p. 98). Além do vestido, são indicados a maquiagem e o penteado adequados: “O romantismo aparece no cabelo ondulado com acessórios presos apenas de um lado da cabeça. Já a maquiagem romântica fica ótima com tons de rosa cintilante” (Atrevida, nº 171, 2008, p. 102).

O clima de romantismo é figurinha fácil entre as orientações de vestuário para as leitoras de *Capricho*: “Monte um look romântico com camiseta sobre camisa de alfaiataria e a parka por cima. Finalize com sapatilha e tiarinha” (Capricho, 8. jun. 2008, p.58); “Tiara: romântica e estilosa, ela é o acessório de cabelo mais pop desta temporada!” (Capricho, 27.abr.2008, p.42); “Com uma tira que atravessa o peito do pé, este salto é mega romântico” (Capricho, 27.abr.2008, p.59); “Estampas florais, que mais parecem pintura, estão presentes em peças, acessórios e até em sapatos. Românticas, elas vão florear o seu guarda-roupa” (Capricho, 31.ago. 2008, p. 34).

Ao contrário do que encontramos em *Atrevida*, os textos sobre vestuário em *Capricho* revelam uma preocupação acentuada em compor um estilo romântico para suas leitoras. A feminilidade delas deve ser garantida pelo uso de peças delicadas, meigas e fofas, como caberia a qualquer garota “feminina”: “Monte um look bem fofinho, usando a jardineira com uma pólo. Complete com acessórios românticos, de tons bem delicados” (Capricho, 31.ago. 2008, p. 36); “O cachecol colorido esquento e deixa a produção superfofa” (Capricho, 20. jul. 2008, p.36); “Acessórios bem femininos para deixar suas produções ainda mais românticas” (Capricho, 20. jul. 2008, p.49).

Os vestidos são uma peça-chave para compor o look romântico das leitoras de *Capricho*: “Justo e mais sensual ou soltinho e mais romântico. Os minivestidos são ultrafemininos e prometem continuar em alta ainda por muitas temporadas” (Capricho, 20. jul. 2008, p.54). As composições delicadas e românticas de vestuário sugeridas pela revista contribuem para criar a imagem de “menina fofa”, que está entre as preferidas dos garotos. Quando perguntado sobre o que adora numa menina, o garoto diz: “A garota perfeita é meiga e fofa” (Capricho, 16. mar. 2008, p.82). Em outra edição da revista, um entrevistado concorda: “Eu gosto bastante de meninas tímidas. Elas são fofas!” (Capricho, 11. mai. 2008, p. 86).

O estilo romântico, que associa a identidade feminina a conceitos como delicadeza e meiguice, é o mais propagado pela revista *Capricho*. Em *As 10 garotas mais estilosas do Brasil*, a revista mostra dez adolescentes escolhidas por leitoras e pela equipe da editoria de moda como “as garotas comuns mais cheias de estilo do país” (Capricho, 16. mar. 2008, p.62). A reportagem diz:

Estilo não é algo muito fácil de definir. Mas a verdade é que, quando uma garota é realmente estilosa, a ponto de conseguir transmitir um bocado da sua personalidade no jeito de vestir, a gente percebe na hora [...] Elas estão aqui [as garotas apresentadas na reportagem] para mostrar que estilo não tem nada a ver com estar na moda [...] O que elas provam, nas próximas páginas, é que o nosso país é diverso, cheio de cores, cortes de cabelo e – o mais importante! – gostos diferentes. E é isso que deixa estas meninas tão irresistíveis. Inspire-se! (Capricho, 16.mar.2008, p.62).

O texto acima, escrito pela editora de moda da revista, bem como as fotos das garotas escolhidas, aponta uma preocupação com a diversidade de estilos representados na reportagem. Contudo, é possível notar na fala de grande parte das selecionadas que parecer feminina é um dos requisitos observados no momento de escolher as peças que irão usar:

Acho a Audrey Hepburn a mulher mais chique e cheia de estilo que já existiu. Me inspiro nela sempre. Não vivo sem meia-calça e blush. Jamais usaria uma jaqueta jeans. Acho uma peça nada feminina [...] Não vivo sem vestidos! Além de fresquinhos, eles me deixam superfeminina (Capricho, 16. mar. 2008, p.65-66).

O uso do conceito de estilo é recorrente em *Capricho*. Apesar das dificuldades em definir a noção de forma precisa, podemos afirmar que, na publicação, esta se encontra mais associada à personalidade na escolha do vestuário do que às tendências ditadas pela moda. Conjugas as peças da moda com a própria personalidade parece ser o ponto chave para vestir-se bem,

segundo a revista. Na seção *Tudo de blog*, três adolescentes que possuem blogs na internet discutem se é preciso estar na moda para ser chique. Uma menina diz: “A personalidade de alguém não pode ser vendida numa estampa ou numa etiqueta. A identidade não vem escrita numa logomarca e nem todos seguem à risca a trilha da passarela. O último grito da moda nem sempre expressa a nossa real beleza” (Capricho, 27. abr.2008, p.12).

Ao mesmo tempo em que enche suas páginas de orientações sobre como vestir-se de forma romântica e feminina, a *Capricho* investe no conceito de estilo para estimular as leitoras a não seguirem cegamente as tendências da moda. A seção *Na rua*, por exemplo, traz depoimentos e fotos de adolescentes de várias partes do mundo falando sobre o próprio estilo: uma garota de Berlim declara adorar “o estilo Lolita, do Japão”, enquanto outra de Santiago de Compostela conta que “quando começa o calor, não tiro a minissaia” (Capricho, 7. dez. 2008, p. 60).

Na reportagem *Qual é o seu estilo?* a *Capricho* conta com a consultoria de especialistas em moda para discutir dúvidas das leitoras. Ao debater a possibilidade de uma pessoa mudar seu estilo, o texto defende a idéia de liberdade de escolha das adolescentes, apoiada no fato de que todos nós seríamos múltiplos e em oposição à noção de uma identidade singular ou essencializada, presente em outros momentos da revista. O exemplo abaixo mostra afinidades com a perspectiva de identidade adotada nesse trabalho: um conceito estratégico e posicional constituído pela intersecção de pontos de apego temporários a posições de sujeitos construídas pelo discurso (HALL: 2007).

Posso mudar de estilo? Sim! Liberdade é uma palavra-chave nesse território. Afinal, todo tempo conhecemos coisas novas. Ainda mais no caso de uma garota como você, que está numa fase de formação. [...] Estilo tem a ver com sua personalidade, certo? E personalidade é algo complexo. Ninguém é uma coisa só, todo mundo é múltiplo e o estilo de cada um tem que refletir isso. Por exemplo, uma menina super-romântica pode querer ir para balada mais sexy, ser mais clássica no trabalho e, no fim de semana, ficar mais casual. E uma menina pode ter um estilo bem sexy, mas usar detalhes mais românticos ou mais elegantes em algumas situações. Se ela fosse sexy o tempo todo, certamente seria vulgar (Capricho, 16. mar. 2008, p.56).

Se por um lado, ao afirmar a multiplicidade, a revista opõe-se à perspectiva fixa de identidade e abre espaços para construções plurais e fragmentadas de si, por outro, ao considerar que a leitora “está numa fase de formação”, parece pressupor que em algum momento essa construção cessa e a identidade da garota é fixada. De qualquer forma, podemos perceber que essas múltiplas construções não ocorrem fora do campo de atuação das normas, pois a menina

pode ter um estilo mais romântico em algumas ocasiões e outro mais sexy em outras, mas deve ter cuidado, mais uma vez, para não parecer vulgar.

Enquanto a *Capricho* faz uso com frequência do conceito de estilo, as reportagens e seções voltadas para o vestuário em *Atrevida* estão mais atentas ao visual que agrada aos garotos. Na seção *Qual é a dele* o tema é “o visual que eles curtem” e quatro meninos contam o que gostam ou não na produção de uma garota. Entre as opiniões, notamos a preferência por peças delicadas e “femininas” e, mais uma vez, o alerta para que as garotas não ultrapassem a tênue linha que parece existir entre sensualidade e vulgaridade.

Gabriel: Não gosto de short muito curto ou minissaia. Decotes exagerados também não rolam. Acho que assim a mulher fica um pouco vulgar. Murilo: É bem legal a menina usar acessórios, como relógio, óculos, bolsa, eles deixam o *look* mais feminino. Mas não pode exagerar! Na hora de escolher os colares e brincos, prefiro um pequeno, delicado. [...] Ocimar: O salto é essencial. Acho que as mulheres devem usar tênis só para praticar esportes. A maquiagem tem que ser leve, só um batom clarinho e uma corzinha nos olhos (*Atrevida*, nº 164, 2008, p. 70).

Os depoimentos dos entrevistados reiteram os conselhos já dados pelas revistas nas seções e reportagens de moda: escolha peças femininas, seja discreta, cuidado com os exageros e não abra mão do salto, uma espécie de símbolo de feminilidade. A vulgaridade, característica indesejável e preocupação constante nos textos sobre vestuário, está associada ao uso de saias e vestidos curtos, roupas apertadas e decotes abundantes. Por fim, o músico Japinha (baterista da banda de *hardcore* CPM22), que possui uma coluna fixa dentro da seção, arremata a discussão:

Qualquer um gosta de olhar para uma garota assim, que veste calças justas, minissaia e salto alto, com a barriguinha de fora. Por outro, em algumas situações a gente assume uma postura mais conservadora e passa a valorizar a mulher certinha, que se veste de um jeito elegante, sem exageros, estilo secretária, executiva ou universitária discreta. É com essas que a gente diz que quer se casar ou namorar. Portanto, gostamos das meninas que usam roupas minúsculas, mas também fazemos certos julgamentos sobre elas. [...] Para mim, a dica mais importante é tomar cuidado para não passar dos limites. Sensualidade é até legal e nós apreciamos. Mas tem que tomar cuidado para não ficar muito vulgar (*Atrevida*, nº 164, 2008, p. 70).

O músico, que fala de forma generalista em nome dos garotos, reitera a preferência por garotas que se vestem de forma delicada e sem exageros, mas faz uma distinção entre meninas para casar ou namorar e meninas para admirar ou “ficar” sem compromisso. Apesar de todas

as advertências quanto ao risco de parecer vulgar, como se este fosse o principal erro que uma garota pudesse cometer ao escolher sua produção, os meninos gostam, sim, de roupas sensuais. Calça justa, saia curta e barriga de fora agradam e chamam a atenção dos garotos, mas não são peças adequadas para uma menina bem comportada, com quem namorariam e sairiam de mãos dadas. Como o intuito das revistas é ensinar as leitoras a conquistar os garotos, a sensualidade precisa ser contida. A mensagem, aqui implícita, é que a leitora esperta não deve correr o risco de ser confundida com certas moças por aí que, por não lerem as revistas, vestem-se de maneira vulgar e podem encontrar dificuldades para arranjar um namorado.

Mais do que um ato de escolher peças da moda e combiná-las de forma harmoniosa, vestir-se bem, segundo *Atrevida* e *Capricho*, é uma equação complexa que envolve uma série de normas que incidem sobre o corpo da adolescente. Usar ou não roupas curtas, mostrar ou não as pernas, cobrir ou não a barriga são escolhas que vão muito além do guarda-roupa, dizem respeito ao modo como a garota lida com o próprio corpo e às normas que guiam essa relação. Escolher um biquíni, por exemplo, envolve não apenas estampas e tamanhos, mas um tipo de relação que a garota tem com seu corpo e a imagem que gostaria de passar por meio dele. Em *Biquíni: qual é o seu?*, a *Atrevida* lista dez “tipos de garotas” e, a partir deles, ensina qual o biquíni que mais combina com cada uma delas: Garota “Fim de tarde”, “Não largo meu guarda-sol”, Garota Caminhada, Garota Aventura, Sereia, 2 em 1, 40°C, Popular, Esportista e Econômica (*Atrevida*, nº 161, 2008, p. 70).

Cada um dos tipos é acompanhado por uma descrição, que inclui hábitos e características psicológicas, e a indicação de modelos de biquíni adequados. Logo, ao escolher um biquíni de laço com estampas florais, a leitora estaria reconhecendo uma série de características - que ela possuiria ou com as quais gostaria que fosse associada. O teste sugere que o biquíni deve, portanto, combinar em primeiro lugar com a personalidade da garota e não com suas características físicas; e, ainda, que o seu corpo é o meio de revelar essa personalidade. Essa escolha, no entanto, é datada por um contexto específico, já que

Pensar o corpo assim é pensá-lo como um constructo cultural é, enfim, compreendê-lo situado no tempo onde vive. É percebê-lo não apenas vinculado a sua natureza biológica, mas construído na e pela cultura. É perceber sua provisoriedade e as infinitas possibilidades de modificá-lo, aperfeiçoá-lo, significá-lo e ressignificá-lo (FIGUEIRA: 2003, p. 124).

Sobre os corpos das adolescentes incidem uma série de regras. São normas que repreendem a leitora por usar saias muito curtas e passar a imagem de “fácil”; advertem quanto ao risco de exagerar no rebolado e parecer vulgar; aconselham a fazer atividades físicas para deixar o corpo saudável e, principalmente, em forma; orientam a ter cuidado com a alimentação para não ganhar quilos extras; e sugerem tipos e estilos ideais de corpos que devem ser buscados pelas adolescentes.

A busca pelo corpo considerado perfeito está presente nas revistas como um modelo que constitui, ao mesmo tempo, um desejo da própria adolescente e algo que se espera dela. As publicações estimulam a leitora a cuidar do próprio corpo através de exercícios físicos e alimentação saudável. Os cuidados visam a saúde da garota, mas também a conquista de um corpo magro. As revistas evitam propagar explicitamente o corpo magro como padrão a ser alcançado e, em muitos momentos, estimulam as leitoras a se aceitarem e serem felizes com o corpo que têm. No entanto, reportagens e seções falam em dietas para perder quilos extras, exercícios para enrijecer a barriga e atividades que ajudam a perder calorias. Além disso, as fotos publicadas - sejam elas de celebridades, modelos ou leitoras - costumam exibir corpos magros e sarados.

Assim, fotos de corpos magros e dicas para entrar em forma dividem espaço com mensagens sobre auto-estima e a importância de sentir-se bem com o próprio corpo. Como resultado, temos adolescentes que tentam equilibrar saúde e amor-próprio com o enquadramento aos padrões. Em *A incrível história da menina que quase morreu tentando emagrecer* conhecemos o relato de Paula, adolescente de 15 anos que, em busca do corpo que considerava perfeito, chegou a comer apenas uma laranja durante uma semana:

O sofrimento de Paula era maior na hora do intervalo no colégio, quando as amigas comiam doces e salgadinhos e ela tinha que se contentar com bolachas água e sal. “Até consegui emagrecer. Mas, cinco anos depois, me revoltei e decidi comer tudo que tivesse vontade. Eram sete sacos de batatinha por dia, seis sanduíches de uma vez e muito, muito chocolate. Cheguei a pesar 76 kg. Estava pesada demais até para andar”, diz. [...] Paula procurou na internet dietas que prometiam resultados milagrosos e resolveu cortar para sempre os carboidratos. Além disso, passava cerca de seis horas por dia malhando. [...] Mas, naquela época, a única coisa que a garota enxergava era a popularidade que ganhou sendo magra. O menino que antes sentia vergonha de assumi-la resolveu pedi-la em namoro e as amigas passaram a chamá-la muito mais para sair. [...] oito meses depois, Paula desmaiou de fraqueza após voltar de uma balada. Em toda semana anterior, ela tinha comido apenas uma laranja. A garota foi levada ao hospital, onde

ficou sabendo que tinha bulimia e estava a um passo da anorexia (Capricho, 7. dez. 2008, p.90).

A história de Paula é usada como exemplo pela revista dos prejuízos que a busca descontrolada por um corpo perfeito pode trazer à saúde. O recado dado pela reportagem é que o bem-estar físico e emocional das adolescentes deve vir em primeiro lugar: as leitoras devem cuidar do próprio corpo e tentar emagrecer se acharem necessário, mas com orientação profissional e sem radicalismos. No final do texto, uma citação da menina, que na época da reportagem estava se recuperando da bulimia, sintetiza o conselho da revista para as leitoras: “Agora, percebo que sou muito mais que um peso na balança. Sei que as pessoas não me julgarão pelo meu corpo. Gordas ou magras, terão que gostar de mim pelo que sou” (Capricho, 7. dez. 2008, p.90).

Seja quando o assunto é o corpo ideal, a conquista do garoto ou a forma certa de se vestir, notamos que, se por um lado, as revistas estão repletas de orientações sobre agir, por outro também investem em reportagens que estimulam o amor próprio e a auto-estima das leitoras. No artigo *Seja você mesma!*, da coluna *Voando alto*, a jornalista escreve sobre o que significa “ser você mesma”, frase comumente utilizada pelas duas revistas:

Ultimamente tenho pensado o que significa ser 100% você mesma. Seria arrotar na frente do menino com quem saiu pela primeira vez só porque você adora libertar a ogridinha que existe aí dentro? Ou, então, fazer um milhão de perguntas para o garoto, tipo interrogatório mesmo, logo no encontro de estréia, afinal, esse é o seu jeitinho delegado de ser? Nem pensar! [...] Acredito que ser a gente mesma tenha muito a ver com uma questão de sinceridade, inclusive consigo. É assumir pra você e para o mundo tudo o que gosta de fazer – e o que não gosta – numa boa. É não precisar se transformar em outra pessoa, incorporar uma personalidade que não é a sua, como se tivesse feito uma lavagem cerebral (Atrevida, nº 162, 2008, p. 91).

O artigo defende a idéia de que “ser você mesma” significa ser sincera consigo e assumir a própria personalidade. Para justificar a idéia, é possível notar a recorrência ao conceito de autenticidade, como se dentro de cada menina existisse uma essência definidora que não deveria ser ocultada e, sim, assumida. Assumir para si e para os outros a própria personalidade seria o primeiro passo para melhorar a auto-estima. Mensagem parecida encontramos em *Você pode tudo!*, na qual a repórter dá dicas para as leitoras sobre como descobrir o seu lado mais bonito, aceitar o seu jeito de ser, esquecer as comparações e fazer o que gosta:

Aqui na *Atrê*, a gente vive falando sobre essa tal auto-estima que, no fundo, tem muito a ver com a imagem que fazemos de nós mesmas. Quando conseguimos ver no espelho uma garota cheia de qualidade é sinal de que nosso amor-próprio vai muito bem. Porém, basta enxergar mil problemas e está feita a confusão: nesse caso, a auto-estima precisa de uma injeção de ânimo. Infelizmente, a maioria das meninas faz parte da turma das não muito contentes assim (*Atrevida*, nº 171, 2008, p.119).

No entanto, devemos questionar como uma garota que leu em páginas anteriores (e continuará lendo nas seguintes) que os tons rosados são a última tendência em maquiagem, que as baixinhas devem evitar vestidos longos, e que os garotos não gostam de meninas que falam alto e usam saia curta pode, ainda assim, ter auto-estima elevada sem desrespeitar suas próprias características e gostos. Parece restar às leitoras descobrir como resolver a equação entre seguir as normas propagadas pela revista e, ao mesmo tempo, respeitar suas preferências e personalidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho analisou os textos publicados por duas revistas brasileiras dirigidas a meninas – *Atrevida* e *Capricho* – durante o ano de 2008, com o objetivo de compreender de que forma as publicações tratam temas relacionados a gênero e sexualidade em suas páginas e, ainda, até que ponto essa abordagem encontra-se inscrita em uma perspectiva heteronormativa. A partir de reflexões fundamentais na Teoria Queer e de trabalhos inscritos nos chamados Estudos Gays e Lésbicos, buscou-se identificar quais normas regulatórias estão presentes nessas publicações e também refletir sobre como a heterossexualidade atua como norma pela qual passa a própria construção do “ser menina”.

Para problematizar essas questões, reportagens, editoriais, artigos, seções, colunas e testes das duas revistas foram analisados a partir de quatro aspectos principais: as concepções de sexo, gênero, desejo e prática sexual; a trajetória de vida construída para as adolescentes; a construção e a legitimação do casal heterossexual em suas páginas; e os ideais de corpo, aparência e vestuário.

Os resultados da análise apontam, em primeiro lugar, que as revistas constroem relações entre sexo, gênero, desejo e prática sexual que exigem continuidade entre esses aspectos, deixando poucos espaços para possíveis rupturas. O termo “sexo” é compreendido dentro de uma lógica binária (homem / mulher) e em termos biológicos, ligado diretamente às características corporais. Logo, notamos a existência de apenas dois sexos para as revistas, o que reforça a eterna dicotomia que contribui para reiterar a heteronormatividade.

As relações de gênero nas publicações, por sua vez, derivam de características supostamente inerentes ao “menino” e à “menina”, sendo construídas e se inter-relacionando dialeticamente. Não parece haver dúvidas de que o sexo “biológico” leva a uma identidade de gênero específica, ainda que essa determinação ignore uma série de intersecções que o gênero estabelece com aspectos sociais, raciais, étnicos e religiosos, entre outros.

“Ser menina” para as publicações implica, portanto, vivenciar o gênero de uma forma bem determinada, que inclui atributos e desejos heterossexuais, em grande parte submetidos a esquemas binários de homem/mulher e feminino/masculino. Esses esquemas presumem a continuidade entre sexo e gênero, instituindo uma lógica binária na qual um sexo –

caracterizado em termos biológicos – determina um dos dois gêneros possíveis (masculino ou feminino) e ainda uma única forma de desejo - direcionado ao sexo/gênero oposto. Temos, assim, a reiteração do tradicional padrão dicotômico de sexo e gênero – que engloba a valorização da heterossexualidade, de relacionamentos monogâmicos e do amor romântico - já apontado por outros trabalhos que tiveram esse tipo de publicação como tema.

Alguns novos operadores, contudo, contribuem para afirmarmos a determinação do gênero pelo sexo em *Atrevida* e *Capricho*. A heterossexualidade é apresentada não como uma opção para a garota iniciar a vida sexual, mas como o único caminho possível. Da mesma forma, a virgindade feminina está estritamente ligada a uma única forma de fazer sexo – a penetração pênis/vagina. Ou seja, pelo menos no recorte analisado, a relação homossexual enquanto primeira experiência sexual é invisível para as revistas, fato que colabora para a manutenção da heterossexualidade compulsória.

Outro ponto importante é o tratamento dado à camisinha, eleita como grande aliada das revistas na disseminação de comportamentos sexuais seguros entre suas leitoras. Ela é apontada como a melhor alternativa para prevenir-se contra doenças sexualmente transmissíveis e gravidez indesejada, mas sempre em um contexto heterossexual. Ainda que não apareça ligado estritamente à contracepção, o preservativo e seu uso responsável não são tematizados dentro de um contexto que contemple as experiências homossexuais, ignorando assim a possibilidade de relações sexuais entre duas meninas e outras formas de fazer sexo e obter prazer que vão além da penetração pênis/vagina.

Por um lado, ao estimular o uso responsável da camisinha, as revistas falam abertamente sobre sexo – desde que o sexo em questão seja heterossexual – por outro, entretanto, ainda discutem questões que para muitos estariam ultrapassadas, como transar ou não antes do casamento. Esse tipo de conservadorismo aparece mesmo em falas que se pretendem não conservadoras como, por exemplo, quando ao retratar a história de uma adolescente lésbica a publicação encerra o texto com uma menção ao desejo da garota de ter um casamento “bem careta”. Esse exemplo é sintomático do fato de que estar situado fora da matriz heterossexual não significa estar livre da heteronormatividade.

A continuidade existente entre sexo e gênero nas publicações é perceptível também na reiteração de quais partes do corpo são erógenas e quais, portanto, não são. Enquanto pênis e

vagina são legitimados como órgãos sexuais, o ânus e os prazeres que a região pode suscitar inspiram desconfianças por parte dos adolescentes em colunas de conselho. Em resposta às suas dúvidas, as publicações afirmam o ânus como zona de prazer, sem associá-lo a desejos ou práticas homossexuais.

No âmbito do desejo e das práticas sexuais encontramos possibilidades para experimentações e rupturas nas revistas, ainda que estas sejam passageiras: as práticas sexuais aparecem desvinculadas da noção de identidade, não a definindo, e a noção de que as características físicas de uma pessoa teriam relação direta com sua orientação sexual é desmistificada. Assim, as publicações questionam algumas das normas vigentes ao romper a continuidade entre características físicas, práticas sexuais e identidade, e defender que as duas primeiras não são definidoras da identidade sexual de uma pessoa.

A homossexualidade não é totalmente silenciada em *Atrevida* e *Capricho*, mas sua abordagem é tímida e limitada. Enquanto a sexualidade “hétero” é construída no âmbito do público, a orientação sexual “homo” é definida como algo que pertence ao âmbito do íntimo e do privado. Além disso, as experiências homossexuais – ou a curiosidade a respeito – de adolescentes que se intitulam heterossexuais são consideradas fatos passageiros na vida deles, não definindo compulsoriamente a sua identidade sexual, mas as experiências homossexuais daqueles que se intitulam gays ou lésbicas seriam estáveis e imutáveis. Ou seja, se por um lado a noção de que a adolescência seria a fase da vida de experimentação contribui para uma visão menos cristalizada acerca da orientação sexual dos adolescentes, por outro, temos a construção da identidade homossexual como algo fixo, cristalizado e irreversível.

No entanto, não apenas as identidades homossexuais são construídas de forma estável nas revistas. Suas leitoras heterossexuais não escapam da construção de um ideal de feminilidade bastante rígido, que abrange uma série de atitudes e comportamentos aceitáveis e desejáveis para uma garota. Estes ideais estão explícitos na trajetória de vida construída para elas, a qual concluímos que se encontra firmemente atrelada à heterossexualidade e marcada pela necessidade de agradar ao garoto. Em uma conjunção entre heteronormatividade e misoginia, as adolescentes são definidas tendo o garoto como contraponto: é em relação a ele que a menina aprende o que ser e também o que não ser.

A análise mostra que o estabelecimento de uma trajetória ideal para as garotas nas revistas baseia-se na idéia de que a vida das adolescentes é marcada por etapas e vivências que se sucedem ao longo do tempo de forma supostamente natural: estudar, namorar, curtir a vida com as amigas, cursar uma faculdade, casar e, por fim, ter filhos. O casamento e a maternidade, no entanto, surgem nessa trajetória não como acontecimentos imediatos ou desejáveis no presente.

A gravidez na adolescência é apontada como um risco de ruptura no encadeamento “natural” dos fatos, entretanto, nesse caso, o final da história parece ser sempre feliz. Isto é, ainda que seja indesejável na adolescência, a maternidade não deixa de fazer parte dos símbolos que caracterizam o “ser menina” nas publicações; prova disso é que, assim como a maternidade e o “instinto materno” surgem como atributos intrinsecamente femininos, a interrupção da gravidez na adolescência não é cogitada em momento algum pelas revistas.

Com conselhos e orientações sobre como tirar boas notas na escola, enfrentar o vestibular, escolher uma profissão e conquistar o garoto dos sonhos, as revistas guiam as meninas por aquela que seria a trajetória ideal para elas. Não se pode negar a preocupação das publicações em preparar as garotas para um futuro de sucesso e realização profissional, contudo, nada parece inspirar mais cuidados nesse percurso do que o relacionamento com os garotos.

Comportar-se de forma a conquistar e cultivar o afeto deles é o ponto central para as leitoras, segundo as publicações, constituindo aquilo que chamamos de “tônica do agrado”. É nesse ponto que o discurso das revistas mostra-se mais contraditório. Ao mesmo tempo em que encorajam a leitora a confiar em si mesma e investir em sua auto-estima, também valorizam o papel dos garotos para a sua felicidade, reiterando-os como elementos fundamentais em sua trajetória de vida.

Ao tentar conjugar o discurso do agrado aos garotos com o discurso da auto-estima das garotas, as revistas não são capazes de esclarecer como elas podem seguir as dicas padronizadas de conduta sem desconsiderar seus próprios gostos e desejos. Na maioria das vezes, as publicações estão mais preocupadas em ensinar à leitora os mistérios que cercam o universo masculino e os benefícios que pode desfrutar ao aprender a lidar com ele, ainda que isso implique a submissão de suas próprias vontades e a passividade diante da misoginia.

Inscritas na heteronormatividade, as experiências amorosas das adolescentes - paqueras, ficadas, paixões, namoros, primeiro beijo, primeiro fora – recebem atenção especial das revistas, que investem em truques e receitas supostamente infalíveis. O primeiro beijo é sempre pensado dentro do contexto heterossexual e, apesar de ser considerado um ato natural na vida das meninas, encontra-se cercado por orientações, dicas e truques. O mesmo acontece com o ato de paquerar (garotos), que também pode ter a sua “naturalidade” contestada pelo grande número de textos em forma de manuais de conduta que prescrevem maneiras de agir em cada situação. Em outras palavras, mesmo aquilo que é considerado “natural” precisa ser ensinado.

Por isso, beijos, paquera e conquista contam com regras de comportamento baseadas nas preferências dos garotos: evitar tomar a iniciativa, não lambuzá-lo, não falar alto, cuidar da aparência, não rebolar, não fazer piadinhas sobre sexo, ter cuidado com os decotes etc. O excesso de receituários para abordar situações consideradas típicas da adolescência acaba desconstruindo a idéia que as próprias revistas se esforçam para construir de que esses são fatos naturais na vida das meninas. Questões como essa apontam a intenção das revistas de ensinar a heteronormatividade “tintim por tintim” para suas leitoras.

Meninos e meninas são construídos pelas revistas dentro de um esquema binário, no qual os papéis e comportamentos de gênero são constantemente demarcados de forma oposicional: enquanto meninos podem beber muito, fazer piadas sobre sexo, ficar com várias meninas em uma mesma noite e até trair, as meninas não podem fazer sexo sem amor, falar alto e nem usar roupas curtas.

Ao analisar as normas de vestuário, corpo e aparência presentes nas revistas, constatamos um grande número de textos em tom de guia ou manual e escritos em linguagem imperativa, que fornecem receitas, dicas e truques sobre o que é conveniente em termos de comportamento e atitude diante dos garotos. São dicas de maquiagem, moda, alimentação, cuidados com cabelo e pele cercadas de modos de fazer, tutoriais e truques infalíveis. Os ensinamentos sobre maquiagem exibem sempre um padrão a ser seguido que, em geral, não leva em conta a diversidade das leitoras. Já nos textos sobre cabelo, os padrões se afrouxam para dar lugar ao conceito de “cuidado”.

Quando o assunto é vestuário as revistas se dividem: enquanto *Atrevida* mostra-se atenta às últimas tendências da moda e ao visual que agrada os garotos, *Capricho* investe no conceito de estilo para ensinar às meninas a conjugar as peças da moda com a própria personalidade. Em comum, a preocupação acentuada em compor um estilo feminino e romântico para suas leitoras. Dessa forma, sobre o corpo das garotas incidem normas que ditam que partes podem ser reveladas ou devem ser escondidas, o quanto ela deve pesar e, ainda, o que satisfaz ou não as preferências dos garotos.

A constituição da identidade das meninas, nas duas publicações, passa invariavelmente por eles. Os garotos têm espaço nas revistas para ditar regras de conquista e opinar sobre o que acham aceitável ou não nelas. Seus pontos de vista nunca são criticados: devem ser usados pelas leitoras para adaptar-se às expectativas e desejos masculinos e, ainda, são levados em conta para compor as normas e formas previstas de “ser menina” ensinadas pelas revistas. Estas compactuam com a misoginia ao desconsiderar as experiências e preferências das meninas diante dos garotos, incentivando-as muitas vezes a aceitar passivamente os comportamentos misóginos deles, sem críticas ou contestações.

Em um pólo, as publicações associam a identidade feminina ao amor romântico, meiguice, feminilidade, romantismo e maternidade; já em outro, reiteram uma série de atributos e valores que pertenceriam, originalmente, ao domínio masculino, sem preocupações em promover a reapropriação ou o deslocamento subversivo destes. Nas páginas das revistas, notamos um padrão de comportamento claramente identificável a ser seguido pelos garotos, que inclui a reafirmação de antigos estereótipos de que homens não sabem expressar seus sentimentos e não devem chorar.

Essa diferenciação de comportamentos por gênero é construída nas revistas como “natural” e irremediável, e não como fruto da reiteração de práticas de nomeação e coerção que precisam ser questionadas. Assim, com garotos e garotas ocupando posições demarcadas e opostas, a revista constrói o casal heterossexual - aquele que ocupa quase todas as reportagens, fotos, ilustrações e depoimentos publicados em suas páginas. Legitimado por aspectos biológicos, por esquemas binários ou pela naturalização da heterossexualidade como norma, o casal heterossexual consolida-se como modelo aceitável e desejável de relacionamento, ocultando assim os mecanismos de produção da heterossexualidade compulsória.

Por fim, voltando à pergunta feita no início desse trabalho - que questiona se seria possível para as revistas voltadas para meninas tratar sexualidade e gênero fora de uma perspectiva heteronormativa – concluímos que sim, é possível falar sobre esses temas para as adolescentes sem submeter-se totalmente à heteronormatividade. Mas isso não significa dizer que esta seja uma tarefa fácil. De fato, não é. Exige, em primeiro lugar, o desejo e a capacidade crítica para reagir às normas regulatórias, buscando desconstruí-las com base em reflexões fundamentadas no campo teórico.

Isso pode parecer impossível se pensarmos em termos de ações individuais e isoladas, mas acreditamos que iniciativas articuladas coletivamente podem promover importantes mudanças. Uma delas seria colocar em evidência temas, identidades e comportamentos que, por escaparem às normas vigentes, não fazem parte do repertório das revistas. Isso significaria romper as dicotomias de sexo e gênero; abrir espaço para discutir relações e práticas sexuais além das heterossexuais; desconstruir a heterossexualidade e o casal heterossexual como o único possível a partir da inserção de outros arranjos de relacionamentos; criticar os rígidos padrões de feminino e feminilidade que aprisionam as meninas; ou ainda ampliar o leque de formas de fazer sexo e obter prazer que são tematizadas nas revistas.

Acreditamos que somente a promoção de profundas transformações nesse repertório possibilitará o questionamento das práticas reguladoras dos gêneros e identidades, abrindo brechas para deslocamentos ou subversão das normas. Um caminho viável é oferecido pela própria construção múltipla e fragmentada das categorias de identidade, sexo e gênero discutidas nesse trabalho. O ato de desnaturalizar essas categorias, apontando seu caráter artificial de construção, abre espaços para buscar possibilidades de subversão entre os múltiplos significados que emergem a partir da desconstrução de categorias aparentemente naturais e coesas.

Não observamos nas duas revistas analisadas esforços nesse sentido. Iniciativas que podem ser consideradas animadoras caminham mais em direção ao combate ao preconceito e à discriminação, do que propriamente à desconstrução das normas regulatórias. Exemplo disso é a reportagem *Livre pra ser feliz*, publicada em *Atrevida*, que traz como tema o preconceito - seja ele de raça, religião ou orientação sexual - e fala particularmente da homofobia. No texto, a repórter pergunta: “Já percebeu que o menino que todo mundo comenta que é gay é educado, inteligente e muito legal? Então, por que não se aproximar e tentar conhecê-lo mais

de perto?” (Atrevida, nº 162, 2008, p. 32). A reportagem defende o respeito à diversidade e o combate à discriminação, estimulando a aceitação daqueles que são considerados, por diversos motivos, “diferentes”.

Ao mostrar como atitudes preconceituosas interferem de forma negativa na vida do outro, a matéria encoraja as leitoras a lutar contra qualquer tipo de discriminação. Ao defender o respeito ao diferente, as revistas podem contribuir para transformar atitudes e pensamentos de suas leitoras, mesmo compactuando com as normas regulatórias que materializam as diferenças sexuais e não tendo o objetivo de subvertê-las. De qualquer forma, ainda é um passo muito tímido para refletir porque nas páginas dessas publicações a vida de algumas pessoas recebe mais importância e respeito que a vida de outras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDI - Agência de Notícias dos Direitos da Infância. *Relatório A Mídia dos Jovens*. Ano 9, n. 12, novembro de 2007. Disponível em: http://www.andi.org.br/_pdfs/midia_jovens_10anos.pdf. Acesso em 27 de junho de 2009.
- BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2005.
- BEAUVOIR, Simone. *O Segundo Sexo: os fatos e os mitos*. Lisboa: Quetzal Editores, 2008.
- BEIRAS, Adriano et al . *Sexo e gênero em revistas: uma análise preliminar de discurso*. *Psicol. estud.*, Maringá, v. 13, n.1, Mar. 2008. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722008000100012&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 26 ago. 2009.
- BERETTA, Maria Isabel Ruiz; DENARI, Fátima Elisabeth; PEDRAZZANI, João Carlos. Estudo sobre a incidência de partos na adolescência em um município do Estado de São Paulo. *Rev. Latino-Am. Enfermagem*, Ribeirão Preto, v. 3, n. 2, Jul.1995. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11691995000200013&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 01 Abril 2009.
- BERLANT, Lauren; WARNER, Michael. Sexo em público. In: JIMÉNEZ, Rafael M. Mérida. *Sexualidades transgresoras. Una antología de estudios queer*. Barcelona: Icária editorial, 2002, p.229-257.
- BHABHA, Homi K. Interrogando a diferença. In: *O local da cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998, p. 70-104.
- BONDI, Liz. Localizar as políticas de identidade. In: *Debate Feminista*. Ed. Especial Cidadania e Feminismo, México / São Paulo: 1999, p.245 - 265.
- BRANDÃO, Julia Christo. *CAPRICHOS: um espaço de socialização dos adolescentes brasileiros*. Monografia de conclusão de curso apresentada ao Departamento de Comunicação Social da UFMG. Belo Horizonte, Minas Gerais, Universidade Federal de Minas Gerais, 1996.
- BRONSTEIN, Michelle Muniz. *Consumo e adolescência: um estudo sobre as revistas femininas brasileiras*. Dissertação de Mestrado em Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.
- BUITONI, D. H. S. *Mulher de papel: a representação da mulher na imprensa feminina brasileira*. São Paulo: Loyola, 1981.
- _____. *Imprensa feminina*. São Paulo: Editora Ática, 1990.
- BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In: LOURO, Guacira Lopes (org). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- _____. Críticamente subversiva. In: JIMÉNEZ, Rafael M. Mérida. *Sexualidades transgresoras. Una antología de estudios queer*. Barcelona: Icária editorial, 2002, p. 55-79.

_____. *Problemas de gênero. Feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CARRILLO, Jesús. Entrevista com Beatriz Preciado. *Cad. Pagu*, Campinas, n. 28, Jun. 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332007000100016&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 26 Jan. 2009.

COLLING, Leandro. Teoria Queer. In: *Mais definições em trânsito*. Maria Cândida Ferreira de Almeida (org.). Salvador, 2007. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/maisdefinicoes/TEORIAQUEER.pdf>. Acesso em: 20 Jun.2008.

COSTA, Ana Alice Alcântara. O movimento feminista no Brasil: dinâmicas de uma intervenção política. *Estudos feministas*, jan. / jul. 2005. Disponível em: [//www.unb.br/ih/his/gefem](http://www.unb.br/ih/his/gefem). Acesso em: 18 de novembro de 2008.

COSTA, Ana Alice A.; SARDENBERG, Cecília Maria B. O feminismo no Brasil: uma (breve) retrospectiva. In: COSTA, Ana Alice A. e SARDENBERG, Cecília Maria B. (Org.). *O feminismo no Brasil: reflexões teóricas e perspectivas*. Salvador: UFBA, 2008.

COUTO, W. G. dos S.; MEANDRO, P. R. M. Imagens da adolescência feminina na Revista Capricho. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, São Paulo, v. 13, n. 1, 2003, p. 63-78.

CUNHA, Eduardo Leal. Uma leitura freudiana da categoria de identidade em Anthony Giddens. In: *Ágora*, v.x, n.2. Rio de Janeiro, jul/dez 2007, p.171-186.

CURRIE, DAWN H. *Girl Talk: Adolescent Magazines and Their Readers*. Toronto: University of Toronto Press, 1999.

FERGUSON, Marjorie. *Forever feminine: Women's magazines and the cult of femininity*. London: Heinemann, 1983.

FIGUEIRA, Márcia Luiza Machado. A revista Capricho e a produção de corpos adolescentes femininos. In: LOURO, Guacira L. et al. *Corpo, Gênero e Sexualidade: Um debate contemporâneo na Educação*. Petrópolis: Editora Vozes, 2003, p. 124-135.

_____. *A Revista Capricho e a construção de representações de feminilidade adolescente*. In: Congresso Iberoamericano de Historia de la Educación Latinoamericana, 6, 2003, San Luis Potosí. Actas San Luis Potosí: El Colegio de San Luis, 2003, p. 123-137.

FIGUEIRA, M. L. M; GOELLNER, S. V. A promoção do estilo atlético na Revista Capricho e a produção de uma representação de corpo adolescente feminino contemporâneo. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v. 26, n.2, jan. 2005, p. 87-99.

FIGUEIREDO, Marizade Athayde. A evolução do feminismo. In: COSTA; Ana Alice A.; SARDENBERG, Cecília Maria B (Org.). *O feminismo no Brasil: reflexões teóricas e perspectivas*. Salvador: UFBA, 2008.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade. A vontade de saber*. 18ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1989.

_____. *História da sexualidade. O uso dos prazeres*. 8ª edição. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

_____. *História da sexualidade. O cuidado de si*. 9ª edição. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1985.

FREIRE FILHO, João. *Poder de compra: Pós-feminismo e consumismo nas páginas da revista Capricho*. In: 15º Encontro Anual da CAMPÓS – Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2006. UNESP-Bauru, 6 a 9 de junho de 2006.

GAMSON, Joshua. *Deben autodestruirse los movimientos identitarios? Um extraño dilema*. In: JIMÉNEZ, Rafael M. Mérida. *Sexualidades transgresoras. Una antología de estudios queer*. Barcelona: Icária editorial, 2002, p.141-172.

GAUNTLETT, David. *Media, Gender and Identity: An introduction*. London: Routledge, 2002.

GIDDENS, Anthony. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

GONÇALVES, Elizabeth M; ASSOLINI, Rita T. *Revistas femininas segmentadas: produtos rentáveis e com função social*. In: GALINDO, Daniel (org.). *Comunicação Mercadológica - Uma visão Multidisciplinar*. São Bernardo do Campo: Editora Metodista, 2008.

HALL, S. *Cultural identity and diaspora*. In RUTHERFORD, J. (ed.). *Identity, community, culture, difference*. London: Lawrence and Wishart, 1990.

_____. *Fantasy, identity, politics* In: CURTI, L. & CHAMBERS, I. (orgs.) *The Post-Colonial in Question*. Londres: Routledge, 1996.

_____. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP & A, 2003.

_____. *Quem precisa da identidade?* In: TADEU DA SILVA, Tomaz (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. 7ª ed. Petrópolis: Ed. Vozes, 2007.

HALPERIN, David. *San Foucault*. Para una hagiografía gay. Buenos Aires: El Cuenco de Plata, 2007.

HEILBORN, M.L. (org) *Sexualidade: o olhar das ciências sociais*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

HOLLEBACH, Gabriela Boemler. *Sexualidade em revista: as posições de sujeito em Nova e TPM*. Dissertação de Mestrado em Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Resultados da amostra do Censo Demográfico 2000*. Disponível em

<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2000/default.shtm>. Acesso em 03 de Abril de 2008.

JOHNSON, Richard. O que é, afinal, Estudos Culturais? In: TADEU DA SILVA, Tomaz (org.). *O que é, afinal, Estudos Culturais?* Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2004.

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. *Juventude e sexualidade*. ABRAMOVAY, Miriam; CASTRO Mary Garcia; SILVA, Lorena Bernadete da. Brasília: UNESCO Brasil, 2004.

LIMA, Luísa Guimarães. *Você, mulher em revista*: Estudo sobre uma modernização do discurso de gênero, na década de 70. Trabalho apresentado no Núcleo de Comunicação e Cultura das Minorias, XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte/MG, 02 a 06 de setembro de 2003.

LOPES, Denilson. *O homem que amava rapazes e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Areoplane, 2002.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 1997.

_____. *O corpo estranho*. Ensaios sobre a sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

_____. Teoria queer – uma política pós-identitária para a educação. *Revista Estudos Feministas*, 2/2001, p. 541-553.

LOYOLA, M.A. (org). *A sexualidade nas ciências humanas*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

MARINHO, Lilian F. B.; AQUINO, Estela M. L.; ALMEIDA, Maria da Conceição C. de. Práticas contraceptivas e iniciação sexual entre jovens de três capitais brasileiras. *Cad. Saúde Pública* [online], 2009, vol.25, supl.2, p. 227-239.

MATOS, Marlise. Teorias de gênero ou teorias e gênero? Se e como os estudos de gênero e feministas se transformaram em um campo novo para as ciências. *Revista Estudos Feministas*, 16(2), 2008, p.333-357.

MCCRACKEN, E. *Decoding women's magazines: From Mademoiselle to Ms. Houndmills*, MacMillan, 1993.

MIGUEL, Raquel de Barros Pinto. *Narrativas e memórias de leitoras da revista Capricho (décadas de 1950-1960)*. In: IV Encontro Regional Sul de História Oral culturas, identidades e memórias, 2007, Florianópolis. Anais do IV Encontro Regional Sul de História Oral culturas, identidades e memórias, 2007.

MIRANDA, Cássio Eduardo Soares. *Mídia e identidade: a construção do discurso amoroso em revistas femininas*. Letras & Letras, Uberlândia 22 (2) 65-84, jul./dez. 2006.

MIRANDA-RIBEIRO, Paula; Ann MOORE. Já nas bancas: a saúde reprodutiva das adolescentes vista através das revistas Querida e Capricho. *Revista Brasileira de Estudos de População*, 19, 2002, p. 263-276.

_____. *Papéis de gênero e gênero no papel: uma análise de conteúdo da revista Capricho, 2001-2002*. Belo Horizonte: UFMG/Cedeplar, 2003.

MISKOLCI, Richard. Do desvio às diferenças. *Teoria & pesquisa*. São Carlos: Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais/Departamento de Ciências Sociais, n. 47, julho/dezembro de 2005, p.9-41.

_____. A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. In: *Sociologias*, n. 21, Porto Alegre: PPGS-UFRGS, 2009, p.150-182.

MOUFFE, Chantal. Feminismo, cidadania e política democrática radical. In: *Debate Feminista*. Ed. Especial Cidadania e Feminismo. México / São Paulo: 1999, p. 29 a 47.

MOURA, Milton. Identidades. In: RUBIM, Antonio Albino Canelas (org.). *Cultura e atualidade*. Salvador: EDUFBA, 2005, p.77-91.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. *El embarazo y el aborto en la adolescencia*. Informe de uma Reunión de la OMS. Série de Informes Técnicos n. 583. Genebra: OMS, 1975.

OSTERMANN, Ana Cristina. *Bonita de doer: Análise crítica do discurso em revistas para meninas adolescentes*. The Specialist 15, (1/2), 1995, p. 151-162.

OSTERMANN, Ana Cristina; KELLER-COHEN, Deborah. *Good girls go to heaven; bad girls... learn to be good: quizzes in American and Brazilian teenage girls magazines*. Discourse and Society 9 (4), 1998, p. 531-558.

PRECIADO, Beatriz. Multitudes queer: notes pour une politique des "anormaux". Trad. Ricardo Rosas. Multitudes, nº 12, Printemps, 2003.

_____. *Testo yonqui*. Madrid: Espasa Calpe, 2008.

PRINS, Baukje; MEIJER, Irene Costera. Como os corpos se tornam matéria: entrevista com Judith Butler. In: *Revista Estudos Feministas*. Volume 10, número 1, Florianópolis, janeiro de 2002. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026. Acesso em 14 de agosto de 2008.

PROJETO JUVENTUDE. *Perfil da Juventude Brasileira*. Instituto Cidadania/ Fundação Perseu Abramo: São Paulo, 2004. Disponível em http://devel.fpabramo.org.br/uploads/perfil_juventude_brasileira.pdf. Acesso em 10 de junho de 2009.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. Rearticulando gênero e classe social. In: Bruschini, Cristina; Costa, Albertina de Oliveira (org). *Uma questão de gênero*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.

SANTOS, Daniela Barsotti; SILVA, Rosalina Carvalho. Sexualidade e normas de gênero em revistas para adolescentes brasileiros. *Saúde e Sociedade* [online], vol.17, n.2, 2008, p. 22-34.

SARTI, C. e M. Q. MORAES. Aí a porca torce o rabo. In BRUSCHINI, M. C. e ROSEMBERG, F. (eds.). *Vivência: História, sexualidade e imagens femininas*. São Paulo, Brasiliense, 1980, p. 19-57.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. A Epistemologia do Armário. In: *Cadernos Pagu*. Tradução de Plínio Dentzien. Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero Pagu, 2007, p. 19-54.

SERRA, Giane Moliari Amaral. *Saúde e nutrição na adolescência: o discurso sobre dietas na revista Capricho*. Escola Nacional de Saúde Pública/Fiocruz, Rio de Janeiro, 2001.

SERRA, Giane Moliari Amaral; SANTOS, Elizabeth Moreira dos. Saúde e mídia na construção da obesidade e do corpo perfeito. *Ciência e Saúde Coletiva* [online], 2003, vol.8, n.3, p. 691-701.

SIMON, W; GAGNON, J.H. A sexual scripts approach. In GEER, J. and O'DONAHUE, W. (eds.). *Theories of human sexuality*. New York: Plenum, 1987, p. 363-383.

SOARES, Rosângela de F. R.; MEYER, Dagmar E. Estermann. O que se pode aprender com a "MTV de papel"? Sobre juventude e sexualidade contemporâneas. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 23, Ago. 2003. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782003000200010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 27 de abril de 2009.

STEINBERG, L. *Adolescence*. Boston: McGraw-Hill, 1999.

STELLE, Jeanne R. and Jane D. BROWN. Adolescent Room Culture: Studying Media in the Context of Everyday Life. *Journal of Youth and Adolescence* 25, (5), 1995, p. 551-576.

SWAIN, Tania Navarro. *Feminismo e recortes do tempo presente: mulheres em revistas "femininas"*. São Paulo Perspec., São Paulo, v. 15, n. 3, Jul. 2001 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392001000300010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 26 de agosto de 2009.

TADEU DA SILVA, Tomaz. *Teoria cultural e educação: um vocabulário crítico*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

ULIANA, Márcia Bortoli. *Páginas de revista: a construção de uma "nova" mulher*. Cascavel: Espaço Plural, v. 7, n.15, 2006, p. 32-35.

UNICEF – Fundo das Nações Unidas para a Infância. *A voz dos adolescentes*. Relatório 2002. Disponível em: <http://www.unicef.org/brazil/pesquisa.pdf>. Acesso em 30 de maio de 2009.

_____. Relatório *Situação da Adolescência Brasileira 2002*. Disponível em <http://www.unicef.org/brazil>. Acesso em 20 de dezembro de 2009.

_____. *O direito de aprender: potencializar avanços e reduzir desigualdades*. Relatório Situação da Infância e da Adolescência Brasileira 2009. Disponível em <http://unicef.org.br>. Acesso em 30 de maio de 2009.

VANCE, Carole S. A antropologia redescobre a sexualidade: um comentário teórico. *Revista de Saúde Coletiva*, nº 5, 1989, p.7-31.

WATARAI, Felipe; ROMANELLI, Geraldo. *Trabalho e identidade de adolescentes do sexo masculino de camadas populares*. In: Simpósio Internacional do Adolescente, 2, 2005, São Paulo. Disponível em <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000082005000200089&lng=en&nrm=abn>. Acesso em 01 abril de 2009.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (org). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: TADEU DA SILVA, Tomaz (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. 7ª ed. Petrópolis: Ed. Vozes, 2007.

XAVIER FILHA, Constantina. *Qual destas moças é você? O autoconhecimento produzido pelos testes da imprensa feminina*. *Educação em Revista* [online], Belo Horizonte, n.46, 2007, p. 337-362.

YANNOULAS, Silvia Cristina; VALLEJOS, Adriana Lucila; LENARDUZZI, Zulma Viviana. Feminismo e Academia. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Brasília, v. 81, n. 199, set./dez. 2000, p. 425-451.

ZAGURY, T. *O Adolescente por ele mesmo*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1996.

ANEXOS

ANEXO A – Capa da revista *Atrevida* (2008, edição nº 161).

descolada. divertida. diferente

www.atrevida.com.br

atrevida

beijo bom
Um guia para fugir dos micos mais comuns e se dar bem!

pôster
Os gatos de **Smallville**, **Supernatural**, **Gossip Girls**, **Lost** e muito mais!

ESCALA
0 00000 000000
0161

AGORA
R\$ 4,90

feliz

2008

Mariah Rocha, a Chiara de **Malhação**: "Vivo apaixonada, mas nunca namorei!"

peg-a-peg
Dicas dos garotos para passar as férias acompanhada (eles garantem que funciona mesmo!)

caderno de testes
Amigas, meninos e um quizz sobre cinema e TV

verão das cores
O make da estação é tudo! Acerte no tom e valorize sua pele

strike
Passamos um dia inteirinho com a banda. Imperdível!

felicidade já!
Pare de procurar lá loonge. Ela está mais perto do que você imagina

ANEXO B – Capa da revista *Capricho* (2008, edição nº 1044).

capricho.com.br

SÓ
R\$ 4,99

10
PASSOS
PARA TER
UMA PELE
PERFEITA!

**ANAHI
& DULCE
DO RBD**
Amigas ou
rivais?
Uma não
convidou
a outra
nem pro
aniversário!

VIDA REAL
"Transei só
porque bebi
demais"

SÓ NO TRUQUE!
O make
que deixa
você com
cara de 18

QUERO NAMORAR!
Como fazer os
garotos ficarem
muito a fim

+ Teste: você
está pronta para
algo mais sério?

exclusivo!

JONAS BROTHERS

- Tudo sobre *Camp Rock*, o novo filme dos caras
- E eles revelam: vão ganhar um seriado na tevê

GIRL POWER! Dicas espertas pra vencer a timidez

edição nº 1044 • 11.mai.2008

ISSN 0008-5944 01044

9 770008 594009

gms: capricho para 22745

Abril

ANEXO C – Seção *Sexo*, revista *Capricho* (7. dez. 2008, p. 74).

Sexo Edição: Luise Takashina Ilustração: Megalo

Primeiro mico
A primeira transa é tão estranha que pode render muitos momentos embaraçosos...

44% acham que o maior mico da primeira transa é não ter se depilado
40% dizem que, quando pagam um mico, o melhor a fazer é fingir que nada aconteceu
37% consideram a primeira transa sempre um mico por não saber como agir

Luise, editora
Máa, 17 anos
Paaty, 16 anos
Mônica, 18 anos
Naath, 15 anos
Liliana, 15 anos

Mônica diz: mico eh estar sem depilar **Máa diz:** não ter tomado banho **Naath diz:** e se a menstruação desce na hora? **Paaty diz:** eu não sabia como se coloca uma camisinha **Mônica diz:** mico eh se surpreender com o tamanho do negócio do garoto **Liliana diz:** e também não saber qual a posição certa **Máa diz:** na primeira vez, nunca se sabe a posição certa **Luise diz:** a primeira transa já é um mico? **Mônica diz:** acho que não **Liliana diz:** eh verdade. Eu não sabia nada. Fiquei olhando pra cara do meu namorado, assustada **Paaty diz:** depende de como acontece. Mas, se for meio desastrada como foi a minha, ela por si só já eh um mico enooooorme **Mônica diz:** a minha foi um micão **Liliana diz:** o maior mico, nossaaa! Eu tava sentada no colo do meu namorado, mas eu não sabia que ia menstruar **Mônica diz:** aaah, mas, se você acha que a menstruação vai descer, nem rola **Marta diz:** meu maior mico eh que eu não consegui fazer oral **Paaty diz:** não saber como fazer oral e o garoto falar pra não usar os dentes! Nunca mais quero passar por isso! **Naath diz:** numa hora dessas, disfarçar eh sempre bom **Liliana diz:** eu fico rindo e peço desculpa **Naath diz:** acho q eles nem ligam mto se foi mico ou não **Mônica diz:** meninos são mais experientes. Se ele broxar, é engraçado **Naath diz:** a gente tbm tem q entender.

E daí, o que fazer?
Vai transar e, na hora H, lembrou que não se depilou? Encare a situação com humor. "Tirar sarro de si mesma diminui o tamanho do problema", explica Marcos Ribeiro, autor do livro *Adolescente – Um Bate-Papo sobre Sexo*. Isso ainda deixará o momento menos tenso. Agora, você só terá jogo de cintura para lidar com um mico se estiver segura no momento da transa. "Também ajuda pensar que o menino está com tanta vergonha quanto você", diz Marcos.

AVISO: Esta seção pode conter material inadequado para menores de 14 anos.

* Enquete realizada com 3107 meninas no site www.capricho.com.br.

74 • CAPRICHÓ

ANEXO D – Seção *Na real*, revista *Atrevida* (nº 163, 2008, p.56).

na real

Por Priscila Della Bella



Vanessa Salvado tem 20 anos e assumiu sua homossexualidade na adolescência.

"Tenho namorada"



“Até os 16 anos eu achava que era uma menina como as outras. Saía, me divertia e até namorava garotos. Aí mudei de colégio e fiz amizade com uma menina que estava “se descobrindo” homossexual. Foi então que comecei a pensar no assunto. **Levou um tempo até admitir para mim mesma que estava apaixonada por uma garota.** Essa paixãoite durou pouco tempo, mas foi o suficiente para que eu mudasse de lado. Durante mais de um ano, escondi minha preferência sexual. Mas não durou muito porque eu sempre conversei com meus pais, não agüentava guardar segredo. Minha mãe já estava desconfiada. No dia em que resolvi jogar limpo e contar tudo, ela decidiu me perguntar a respeito, parecia telepatia. **Então assumi, não queria ter uma identidade falsa pro resto da vida. Meus pais aceitaram na boa.** Agora, não escondo de

ninguém minha homossexualidade, mas também não saio por aí gritando: “Sou lésbica”. **Na faculdade onde estudo, não tenho problemas. Mas, na época do colégio,** sofri muito. Quando o pessoal de lá ficou sabendo, não fizeram mais questão de me procurar, conversar, sair comigo. Foi barra! Hoje em dia, se quero andar de mãos dadas com ela na rua, tenho que agüentar as ofensas. **As pessoas ficam**

olhando e às vezes até gritam coisas, como se a gente estivesse fazendo algo errado. Mas não sinto raiva, já passei da fase de ficar mal por causa das piadinhas de mau gosto. Na hora de sair, procuro os lugares segmentados e os barzinhos alternativos. Não adianta ir para uma balada se já sei que não vou me sentir bem lá, não é? **Casar? Siiiiim. Sonho com um casamento bem careta. E, inclusive, quero ter filhos.”**

Falta você!
Gostou da história da Vanessa? Que tal, então, contar a sua pra gente? Envie um e-mail para atrevida@escala.com.br ou mande uma cartinha para Av. Profª Ida Kolb, 551, 1º andar, Casa Verde, São Paulo, SP, CEP 02518-000. Não esqueça de mandar uma foto e de informar seu telefone, OK?

www.atrevida.com.br

ANEXO E – Seção *Terapia de Grupo*, revista *Capricho* (7. dez. 2008, p.75).

Terapia de grupo

Texto: Karolína Pinheiro

Foto: Divulgação



Em *A Razão do Meu Afeto*, Jennifer Aniston também se apaixonou pelo amigo gay, vivido por Paul Rudd

O cara dos meus sonhos é gay!

"Desde o primeiro dia de aula, sou apaixonada por esse garoto. Ele é o mais lindo, mais atencioso e mais fofo entre todas as pessoas que já conheci. Passei dias sonhando acordada, imaginando como seria nosso primeiro beijo, até que decidi me declarar. Aproveitei uma festa do colégio e pedi para a minha amiga falar com ele. A resposta foi inacreditável: ele não queria ficar comigo porque... é gay! Para mim, foi como ter levado um soco. O pior é que, mesmo sabendo disso, não consigo tirá-lo da cabeça. O que eu faço?"

M.J., 15 anos, Sorocaba (SP)

Fale com o garoto

"M., eu já passei por uma situação muito parecida com a sua e sei que não é nada bom. Sobre você não conseguir esquecê-lo, não se preocupe: com o tempo, isso vai passar! É só você se concentrar nos estudos, na família, na galera... Pelo que nos contou sobre o menino de que você gosta, ele parece ser realmente superfofo! Por isso, nada de cortar relações ou ter preconceito. Acho que vale súper a pena tentar ser amiga dele. Foi isso que fiz e foi muito legal. Muitos romances não correspondidos terminam em amizades fortes. O seu também pode ser assim! Se preferir, fale com ele sobre o que está sentindo. Talvez o próprio garoto te ajude a parar de pensar sobre um romance entre vocês."

Ana Luísa de Melo, 15 anos, é da Galera Capricho

Respeite a opção dele

"Sinceramente, você deve esquecê-lo, por mais difícil que seja. Como ele gosta de meninos, mesmo que você goste dele e ele de você, os objetivos de ambos com esse afeto serão diferentes. Ele sempre a verá como uma amiga, e não como uma namorada ou ficante. Além disso, é legal respeitar a opção dele. Com certeza, o garoto não deve ter escolhido gostar de meninos, pois esse não é o caminho mais fácil. Então, tentar 'convertê-lo' é uma furada. Eu, por exemplo, sou gay e já tentei me apaixonar por meninas, mas não dá: para mim, elas são apenas amigas! Talvez ele pense da mesma forma que eu. Então, invista na amizade de vocês dois. Não há melhor coisa do que ter um gay como amigo, pode acreditar!"

Paulo Basile, 21 anos, sabe o que quer!

Não force a barra

"Você não foi a primeira, a única e nem será a última a se apaixonar por um garoto homossexual. Até porque, na maioria das vezes, os gays são espirituosos, bem-humorados, sabem se colocar, falar de forma clara e especial com as mulheres. Isso tudo pode fazer com que você se apaixone mesmo! Mas tenha em mente que, por mais adorável que ele seja e por mais que goste de você, esse garoto não poderá ser seu namorado. Se não consegue vê-lo como amigo, a melhor saída é se distanciar um pouco. Forçar a barra, discutir a relação ou qualquer outra solução desesperada só vai piorar as coisas. Encontrar outros garotos e tentar se interessar por eles pode ser uma boa solução. Tente!"

Alexandre Saadeh, psiquiatra do Hospital das Clínicas (SP)

Parta para a próxima

"Também gosto muito de você e não quero perder sua amizade. Mas, infelizmente, é impossível ficarmos juntos como namorados. Gosto de meninos desde que me conheço por gente e vai ser assim para sempre! Você é linda e muito interessante. Com certeza vai arranjar um cara especial por quem valha a pena se apaixonar. Talvez eu tenha errado por não ter deixado claro desde o começo que era gay, mas pode ter certeza: também aprendi muito com essa história. Farei o possível para que isso nunca mais aconteça! Saiba que estarei ao seu lado, como amigo. Mas, por favor, tente desenganar. Saia com suas amigas e aproveite para conhecer gente nova. Já, já você nem vai lembrar do que aconteceu entre a gente."

L.C., 15 anos, é o cara por quem M.J. se apaixonou.

ANEXO F – Entrevista com Lindsay Lohan, revista *Capricho* (31. ago. 2008, p. 27).

O que você gosta de cozinhar?

Eu sou muito boa com frango: frito ou com parmesão. Faço um penne à la vodka bem bom. Ah, sei fazer frango com mostarda e mel, acompanhado de arroz, também.

Para quem você tem cozinhado ultimamente? (risos) Convidei alguns amigos.

Você acha que vai sossegar ainda aos 20 anos?

Eu imagino como vou ser quando for mais velha. É estranho. Espero que até lá eu faça filmes incríveis e esteja indo às festas do Oscar.

E o que você acha do namoro de Paris Hilton e Benji Madden?

Acho que ela está feliz, está muito bem agora.

Quando é que vocês duas vão trabalhar juntas?

Eu acho que é melhor ser amiga das pessoas e não trabalhar com elas. Quando você trabalha com alguém, passa o tempo todo com ela. E aí fica difícil. Acho que ninguém quer chegar ao ponto de não agüentar mais olhar para a cara da amiga.

Ela ainda é sua melhor amiga?

Ela é uma conhecida. Eu não falo tanto assim com a Paris para te dizer a verdade.

Você prefere a manhã ou a noite?

Sou uma garota da noite.

Qual é a sua junk food favorita?

Doritos ou Crunch.

O que você odeia no dia-a-dia?

Acordar cedo.

Que comida você se recusa a comer?

Escargot. Tive uma experiência péssima uma vez.

Qual foi a pior coisa que seus pais já pegaram você fazendo?

Eu nunca tinha ficado de castigo na minha vida. Mas, da primeira vez que fiquei, fugi com as minhas amigas para a casa do vizinho.

Uma coisa que você nunca fez.

Namorar ou ficar com alguém com quem eu trabalhei.

A última vez que você gastou dinheiro de bobeira.

Eu gasto de bobeira toda hora. Provavelmente, numa pulseira que acabei de comprar.

O que você gosta de ver na TV?

Desperate Housewives e *Grey's Anatomy*.

Amigas são importantes para você?

Ah, sim, lógico. Quem é você sem as suas melhores amigas? Eu gosto de ficar com as meninas. (risos) Sem nenhuma ofensa aos garotos!

Operação cupido

Como o amor salvou Lindsay Lohan



Agosto 2007

Na madrugada do dia 25, ela é presa em Los Angeles. A atriz é acusada de dirigir bêbada e portar cocaína. Esse era o terceiro acidente de carro em que Lindsay se envolvia nos últimos três anos.

Janeiro 2008

Disposta a ficar sóbria, Lindsay gasta cerca de 2 mil dólares por dia para se manter longe de bebidas alcoólicas. Depois de dois tratamentos sem sucesso, ela passa a ser acompanhada por Lori Cerasoli, responsável pela desintoxicação das atrizes Drew Barrymore e Mary-Kate Olsen.



Abril 2008

A DJ Samantha Ronson vira uma companhia constante da atriz. Lindsay não confirma o namoro, mas parece feliz. Os boatos sobre o relacionamento se intensificam, quando a estrela teen e a DJ são flagradas aos beijos numa balada em Tóquio.

Mai 2008

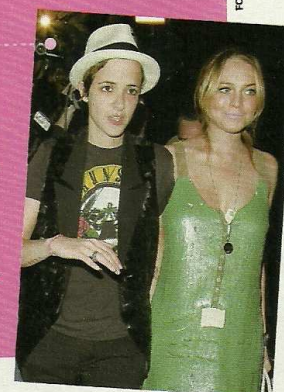
Lindsay volta ativa e grava um episódio de *Ugly Betty*. Ela também começa a rodar um novo longa, *Labor Pains*, em que interpreta uma funcionária que inventa uma gravidez para não ser demitida. O filme deve estrear em 2009.



Julho 2008

A atriz comemora seu aniversário, no dia 2, ao lado de Samantha, que teria lhe dado um anel de brilhantes no valor de 20 mil dólares. Na época, as duas também teriam celebrado o namoro. Segundo a revista *Life & Style*, Lindsay teria enviado uma mensagem a Samantha que dizia: "Eu te amo, querida. Feliz aniversário de quatro meses".

Por *Bárbara dos Anjos*



FOTOS - Greshy Group

na real

Por Priscila Della Bella



“Engravidei com 16 anos e, nos três primeiros meses, menstruava normal. Então, nem desconfie! Eu sentia alguns enjoos, mas como tomava um remédio antidepressivo - e esse era um dos efeitos colaterais do medicamento -, nem me preocupei. Quando comecei a sentir uma dor estranha, minha mãe correu comigo para o hospital, achando que era apendicite. *Chegando lá, me fizeram um ultrassom e descobri, assim, que já carregava um bebezinho de dois meses na barriga!* Eu estava separada do meu namorado na época, mas me lembro bem do dia da recaída, e do vacilo que demos em não usar camisinha! *Eu fiquei atordoada e minha mãe também. Mas, por sorte, ela disse que em qualquer decisão que eu tomasse, me apoiaria.* Dei a notícia ao pai da criança e o garoto foi logo dizendo que o filho não era dele. Eu estava me formando no terceiro ano do ensino médio e tinha uma viagem programada para Porto Seguro. Não queria perdê-la por nada! Resolvi viajar com a turma do colégio e deixei para

“Fui mãe aos dezessete”

Bruna Tosato acabou de fazer 19 anos e tem uma filha de dois. A gravidez não-planejada fez com que ela abrisse mão de boa parte de sua adolescência.

decidir o que fazer quando eu voltasse. Curti em Porto como todas as minhas amigas. *Mas, à noite, quando colocava a cabeça no travesseiro, me sentia mal, porque sabia que já carregava um bebê comigo, alguém que precisava da minha atenção.* Quando retornei à São Paulo, decidi que teria o filho. O pai da criança foi aos poucos amolecendo e se acostumando com a idéia. Mas a vida dele não mudou tanto quanto a minha. *Eu parei de fazer balada e, na minha formatura, estava com um barrigão enorme, não dava nem pra dançar. Chorei sozinha num canto. Meu sonhos estavam desabando!* Sabia que não seria mais possível fazer a faculdade de Publicidade que eu tanto queria cursar logo que saísse do colégio. *Quando a Ana Clara nasceu, ficamos muito felizes, claro. Mas eu precisei começar a trabalhar, para me manter.* Antes de engravidar, nem pensava nisso. Mas, quando a minha filha chegou, mudou tudo! Foi só a Ana completar 1 ano e 6 meses e eu decidi ir à luta. Minha avó deixou o emprego dela para poder cuidar da minha filha enquanto

minha a função de educar a Ana Clara. *Então, tinha que acordar de madrugada quando ela chorava, precisava ajudar a sustentá-la, essas coisas.* Parei de sair, adiei a faculdade e hoje sinto falta de curtir com as amigas, de viajar, de todas essas coisas que as minhas amigas adolescentes ainda fazem. *Para mim, é como se tivesse pulado uma fase da vida.”*



Sinto falta de curtir com as amigas, de viajar, de todas essas coisas que as minhas amigas adolescentes ainda fazem.

eu trabalhava. *No começo, eu pensei que não fosse conseguir dar conta de tanta responsabilidade!* Minha mãe me ajudava, mas não queria fazer a minha parte, sempre deixou claro que era



Falta você!

Gostou da história da Bruna? Que tal, então, contar a sua pra gente? Envie um e-mail para atrevida@escala.com.br ou mande uma cartinha para Av. Profª Ida Kolb, 551, 1º andar, Casa Verde, São Paulo, SP, CEP 02518-000. Não esqueça de mandar uma foto e de informar seu telefone, OK?

qual é a dele

Por que eles vão ao banheiro sozinhos?

Palavra do Japinha

Eu prefiro ir sozinho ao banheiro na balada porque acaba se tornando um momento mais tranquilo, longe do barulho, das conversas gritadas, onde eu posso parar pra pensar. No meio da bagunça, é difícil refletir sobre, por exemplo, a que horas você quer ir embora, o que você quer beber, com quem você quer conversar ou mesmo tentar "algo mais". Tanto no caminho até o banheiro, como lá dentro, ao tirar a água do joelho, são boas situações para me encontrar comigo mesmo. **Eu vejo uma certa diferença em relação às meninas, já que há uma mística de que elas nunca vão sem uma amiga pelo menos.** Talvez seja uma questão de proteção, já que no trajeto elas podem ser abordadas por alguns caras mais alterados, que as puxem pelo braço, forcem um beijo, etc. Acompanhadas, elas têm como se ajudar. Uma vez, li em um livro que o autor gostava de se olhar no espelho, para se arrumar, por vaidade e quando alguém entrava, ele fingia estar espremendo algum cravo do nariz, para não demonstrar que estava se admirando ou ajeitando o cabelo. **Percebo que há um clima bem sério, tipicamente machista nos banheiros masculinos. Chega a ser engraçado, pois é exatamente o contrário do que imagino nos femininos. Acho que elas ficam um bom tempo conferindo o cabelo, a maquiagem, a roupa e fofocando, é lógico.** Estas são as diferenças, penso eu. Estou errado?

Eles vivem dizendo que não entendem porque as meninas sempre vão de bando. Mas e eles?

Por Priscila Della Bella

Lucas Lando: "As meninas vão retocar maquiagem e comentar sobre a festa. Já os meninos, comentam ali mesmo, no meio da galera na festa."

Leonardo: "Às vezes peço companhia de um amigo, mas pra ir zoando no caminho. No banheiro mesmo, eu só vou pra fazer o que preciso. A gente não usa o banheiro para ficar fofocando."

Lucas Papa: "Vamos fazer somente as necessidades e, pra isso, não precisamos que ninguém nos acompanhe. Diferente das meninas, que usam o banheiro como desculpa para ir fofocar."

Tiago: "Na minha opinião, isso acontece porque vivemos numa sociedade machista, onde um garoto não se sente à vontade para chamar um amigo para um momento íntimo."

Foto: Fábio Rodrigues / Imagem / Japinha (banheiro); Polce Andrade / Agency Bravo Model / Restaurante Shimo

62 **atrevida** www.atrevida.com.br